

Clarinda Maria Rocha dos Santos

O académico *Ambicioso*:
D. António Álvares da Cunha
e o aparecimento das academias em Portugal

FLUP- Faculdade de Letras do Porto
Instituto de Estudos Ibéricos
Dezembro | 2012

Dissertação de Doutoramento orientada pelo Professor Doutor Luís Fernando de Sá Fardilha apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do
3º ciclo em Literaturas e Culturas Românicas.

Agradecimentos

Aos funcionários das bibliotecas a que recorremos, pela amabilidade e diligência com que atuaram perante as inúmeras solicitações efetuadas ao longo da nossa pesquisa;

À Dr^a Ana Peixoto e à Dr^a Teresa Queirós, pelo estímulo, pela partilha de algumas tarefas profissionais que aliviaram o peso da responsabilidade da atividade docente, exercida em simultâneo com a realização deste trabalho, e pela ajuda na revisão final da dissertação;

À família, pela compreensão, carinho e incentivo permanentes;

Ao professor doutor José Adriano de Freitas Carvalho, pela sugestão do tema, pelos materiais dispensados, pelas conversas informais recheadas de informações preciosas e pertinentes que derrubaram barreiras julgadas intransponíveis;

Ao professor doutor Luís Fernando de Sá Fardilha, pelo apoio constante, pela disponibilidade atenta, doura e discreta com que durante estes três anos dissipou dúvidas, sugeriu hipóteses, apontou caminhos, corrigiu falhas e acrescentou saberes.

Ao Hernâni
Ao Diogo

*En la ciudad barroca se levantan templos y palacios,
se organizan fiestas y se montan deslumbradores fuegos de artificio.
Los arcos de triunfo, los catafalcos para honras fúnebres,
los cortejos espectaculares,
¿donde se contemplan, sino en la gran ciudad?
En ella existen academias,
se celebran certámenes, circulan hojas volantes,
pasquines, libelos, que se escriben
contra el poder o que el poder inspira.*

José Antonio Maravall – *La cultura del Barroco*

*Nam digo eu aos senhores cortezãos que sejão Platoens, nem Mestres,
mas de ser discípulo quem se pode liurar, se quizer ser sabio?*

Oraçam panegírica na academia dos GENEROSOS DE LISBOA.

non exstinguitur

-Insignia da Academia dos Generosos

ÍNDICE

Preâmbulo.....	8
CAPÍTULO I	
A problemática das academias portuguesas no século XVII.....	12
Memória da <i>Academia dos Generosos</i>	28
A Empresa e os preceitos.....	60
O combate literário	74
CAPÍTULO II	
António Álvares da Cunha – apontamentos biográficos	97
O secretário da <i>Academia dos Generosos</i>	106
O amor às Letras	114
O académico visto pelos seus pares	129
CAPÍTULO III	
Obra de D. António Álvares da Cunha	149
Poesia de assunto académico	155
Anúncio do certame	171
Poesia panegírica.....	182
Batalha do Ameixial	183
Elogios Fúnebres.....	193
Elogio das Letras.....	203
A Carta a D. João Nunes da Cunha.....	206
O Obelisco e o Labirinto.....	215
CAPÍTULO IV	
Transcrição da poesia de D. António Álvares da Cunha	229
Considerações finais.....	306
Bibliografia	322

Abreviaturas

ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo)

BA (Biblioteca da Ajuda)

BACL (Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa)

BFLUP (Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

BGUC (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)

BML (Biblioteca Municipal de Lisboa)

BNP (Biblioteca Nacional de Portugal)

BPE (Biblioteca Pública de Évora)

BPMP (Biblioteca Pública Municipal do Porto)

BULFL (Biblioteca da Universidade de Lisboa Faculdade de Letras)

RSL (The Royal Society of London)

Preâmbulo

As primeiras informações sobre D. António Álvares da Cunha foram-nos comunicadas em conversa informal pelo professor José Adriano de Carvalho, o qual no-lo apresentou como uma figura simpática que merecia ser trazida para a luz dos estudos literários do século vinte e um. No entanto, quando nos propusemos aceitar a sugestão de centrar a nossa dissertação de doutoramento na descoberta desta personalidade influente da sociedade portuguesa seiscentista, escolhemos focar a nossa atenção primordialmente na personagem que se ocultava (e revelava, em simultâneo...) sob o nome académico que usou enquanto membro fundador e trave-mestra da associação cultural dos *Generosos*. Foi esta a perspetiva que orientou os primeiros passos que demos, centrados essencialmente no esforço de recolher um *corpus* literário que fosse suficientemente representativo da obra composta por este distinto académico. Rapidamente, contudo, o impulso gerado pela sugestão do insigne investigador revelou a personalidade histórica e literária de D. António Álvares da Cunha, indissociavelmente ligada aos seus devaneios (e anseios) literários.

Ultrapassado o fascínio inicial, tornava-se indispensável encarar o nosso autor como alguém que viveu um período conturbado da história do país, que se envolveu a seu modo com a realidade política e cultural do seu tempo e que foi o rosto mais marcante da academia que fundou e que, para o bem e para o mal, iria contribuir para desenhar o perfil literário e cultural de Portugal, na segunda metade do século XVII. Nas histórias da literatura elaboradas ao longo dos séculos seguintes, estes escassos factos foram sendo referidos e repetidos pelos estudiosos, acrescentando-lhes pouco mais do que o elenco reduzido de obras impressas que levam o seu nome e que têm resistido nas bibliotecas.

A relação umbilical entre D. António Álvares da Cunha e a *Academia dos Generosos* veio alargar o âmbito dos motivos sobre os quais o nosso trabalho poderia incidir. Porém, verificámos que a investigação feita nesta área em Portugal foi sempre muito genérica e mostra-se quase na sua totalidade tributária de ideias pouco abonatórias a propósito da imagem das academias seiscentistas, sedimentadas já desde o século XVIII. Para responder ao desafio que nos propusemos enfrentar entendemos,

pois, que seria indispensável traçar um plano de investigação que contemplasse três momentos. Em primeiro lugar, evocar o enquadramento da academia de que Álvares da Cunha foi fundador e secretário perpétuo no contexto literário que a emergência do movimento académico seiscentista representou, levando a cabo a recolha e o estudo das informações dispersas que estão hoje disponíveis sobre a sua atividade. Em segundo lugar, encetar uma indagação que pudesse revelar um pouco mais da figura multifacetada de D. António Álvares da Cunha, nas vertentes humana, social e literária, uma vez que de todas elas é possível saber um pouco: homem da corte, trinchante-mor de D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, militar, genealogista, tradutor, editor, guarda-mor da Torre do Tombo e poeta. Finalmente, empreendemos a tarefa de recolher e estudar a sua obra poética, a qual corresponde, pelo que pudemos reunir, a uma poesia académica e encomiástica, pelo que tem sido geralmente considerada sem especial valor literário, mas que nos parece merecer uma atenção mais atenta, pelo menos na medida em que se apresenta como uma amostra suficientemente representativa do que foi a poesia barroca culta em Portugal.

Escusado será dizer que estes três momentos se entrelaçaram com muita frequência, pois, se a *Academia dos Generosos* tem um historial que não se pode limitar ao período em que D. António foi seu secretário perpétuo, a verdade é que sem a sua personalidade, provavelmente, a academia não atingiria o estatuto, nem a durabilidade que a coloca, a par da *Academia dos Singulares*, como uma das academias mais significativas do século XVII em Portugal.

A parca existência de estudos portugueses que contemplem este domínio académico do século XVII obrigou-nos com frequência a recorrer ao conhecimento de que esta área beneficia na vizinha Espanha, onde encontramos narrativas picarescas e românticas que recriam o ambiente das academias e ensaios diversificados sobre o tema. É certo que a realidade cultural dos dois países era, então, muito díspar; contudo, a aplicação dos modelos de organização destas agremiações não deveria ser muito diferente nos dois países. Além desta condicionante, outras se colocaram, nomeadamente a exiguidade do tempo – três anos – de que dispusemos para a elaboração deste trabalho, o que impediu uma inquirição mais detalhada dos arquivos consultados para a recolha de fontes e o recurso a outros arquivos – nomeadamente no estrangeiro – que pudessem, porventura, contribuir para torná-lo mais substancial e consistente, limitação a que se juntou o facto de a investigação ter sido realizada em

paralelo com o exercício da atividade profissional, que só por si é muito absorvente tanto em exigências de tempo quanto de disponibilidade mental.

Nas circunstâncias evocadas, temos de reconhecer que este foi o trabalho possível, construído com a curiosidade intelectual, mas também com a humildade, que devem presidir à investigação literária. E se alguma ambição despontar da sua leitura, não seja outra que a de responder ao desafio inicial que aceitámos, contribuindo para ajudar a iluminar uma época da nossa literatura e um homem que significativamente tomou para si próprio o título académico de *Ambicioso*.

CAPÍTULO I

A problemática das academias portuguesas no século XVII

Quando José Antonio Maravall¹ destacou o papel fundamental que a cidade assumiu no século XVII, referiu o palácio e o templo, a par do arco triunfal e do catafalco, como os elementos mais significativos da cidade barroca e do aparato visual que confirmavam o poder absoluto e o vigor da nobreza e do clero, ameaçados, entre muitos outros fatores, pela imparável migração das gentes do campo para a cidade e consequente desequilíbrio da organização classista da sociedade que perdurara até então. O templo e o palácio corresponderam a formas duradouras de ostentação do poder civil e do poder religioso que, em muitos casos, ainda hoje podem ser admiradas, enquanto os arcos triunfais e os catafalcos representavam uma manifestação de arte efémera e passageira, da qual apenas nos ficaram esboços e registos fragmentários.

Para Maravall, a ostentação da cidade do século XVII compreendia ainda as academias em que se celebravam certâmenes inspirados pelo poder. Nas academias louvavam-se as qualidades de reis, príncipes e senhores, exaltava-se a excelência de uma batalha ou ampliavam-se os efeitos de um sucesso marcante para a sociedade, à semelhança do que a arquitetura efémera fazia. Esta perspetiva sobre o movimento académico parece adequar-se particularmente à realidade portuguesa daquele século, mesmo sendo uma visão genérica das academias de seiscentos e esbatendo os múltiplos aspetos que estão por detrás da palavra “academia”.

Na realidade, este termo comporta aceções diversas. Else Maria Henny Vonk Matias aponta-lhe uma *pluralidade de significados*². Para além de designar uma instituição com preceitos ou estatutos, uma academia poderia ser, também, um curso – *Academia Ortográfica Filosófica* –, uma aula – *na primeira hora da academia da tarde*³ –, um título de obra literária, uma reunião, assembleia ou sessão – *Academia em honra de...* –, e mesmo uma instituição “fingida” – *Academia dos Sapateiros* –, o que deixa entrever a “popularidade” da palavra e a facilidade com que era utilizada,

¹ MARAVALL, José António - **La Cultura del Barroco**, Barcelona, Ariel Letras, 2008, p. 267.

² MATIAS, Else Maria Henny Vonk - **As Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII**, Lisboa, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 1988, p.9.

³Idem, p.5.

condizente, aliás, com uma época de grande produção escrita e com o aparecimento de novos públicos. Na sua obra, a investigadora identifica e subdivide as academias portuguesas dos séculos XVII e XVIII de que há alguma espécie de memória nos arquivos e bibliotecas. Encontrou, não só em Lisboa mas também em outras cidades e vilas do país, como Santarém e Porto, ou Torre de Moncorvo e Ponte de Lima, academias que podiam ser literárias, religiosas, escolares, de louvor, filológicas ou outras não claramente identificadas quanto aos seus objetivos e finalidades, e ainda as intituladas academias ‘fingidas’.

Reportando-nos a esta subdivisão e à dispersão de academias pelo reino, poderemos constatar que a importância do movimento académico ultrapassa a visão que dele retiveram os séculos seguintes e remete-nos para modalidades de transmissão da cultura e do saber que importa considerar para um conhecimento mais aprofundado desse fenómeno social e cultural de seiscentos. As academias estavam submetidas à influência dos governantes e ao controle das autoridades eclesiásticas e, no seu conjunto, procuraram encontrar o melhor método para um desenvolvimento espiritual que evitasse os conflitos numa sociedade que passava por um momento conturbado da vida nacional com a Restauração, em que os Jesuítas e a Inquisição eram dominantes e condicionantes, enquanto os avanços científicos, filosóficos e tecnológicos iam moldando a face da Europa culta mais a norte.

Considerando o termo enquanto reunião de letrados, mais ou menos regulada por preceitos ou estatutos e com objetivos determinados, também não resulta claro para o leitor do século XXI o género de instituição que aponta a palavra ‘academia’. Tomemos por ponto de partida a breve definição que deu Teófilo Braga para o aparecimento da *Academia dos Generosos* em Portugal:

*Dava-se na Itália o nome de Academia a uma simples reunião de poetas e cantores; assim começou também em Portugal a Academia dos Generosos, porventura como efeito do grande desenvolvimento que a música teve na corte de D. João IV.*⁴

Esta definição de academia explicaria as agremiações que um pouco por toda a Europa vicejavam dentro de um contexto aristocrático e de proximidade com os centros

⁴BRAGA, Teófilo - **História da Literatura Portuguesa III, Os Seiscentistas**, Porto, Livraria Chardron, 1916. p.596.

de poder, em que a cultura clássica servia de suporte a uma forma de estar simultaneamente erudita e lúdica, e que poderia ser interpretada como um prolongamento ou uma imitação, talvez mais normalizada, das festas e reuniões literárias realizadas na corte, como bem lembra Alexandre De Crais - a propósito de um ensaio de Alain Viala sobre a galanteria - quando, referindo-se às festas galantes da corte francesa, diz que «*ces fêtes allient les arts et les mondanités. Le plaisir est au centre de toutes les réjouissances, l'esprit y doit briller plus qu'ailleurs mais la politique n'y est pas absente: on loue le roi sous le masque d'Apollon*»⁵. No entanto, estas dimensões não chegam para justificar a importância literária e científica que alcançaram as academias mais conhecidas como a *Accademia della Crusca* (1583), a *Accademia del Cimento* (1657), a *Accademia dei Lincei* (1603), em Itália, ou ainda *The Royal Society of London* (1660), ou a *Académie des Sciences*, de Paris (1666).

De facto, a criação de academias num reino cujo atraso cultural se opunha à opulência e esplendor de outros estados europeus revela não só a diferença qualitativa e quantitativa da produção literária, por exemplo, entre Portugal e Espanha, onde existiam *autênticos grémios literários*⁶, mas também anuncia a ascensão de uma fidalguia leal a D. João IV que desejava acompanhar os ares do tempo e reproduzir modelos vindos do exterior, encontrando aí um caminho de afirmação e de identidade própria que se conjugava com o esforço militar exigido pela Restauração. É bom lembrar as condições sociais e políticas que enquadraram o aparecimento das academias portuguesas no século XVII, que Teófilo Braga também apodou de *insensatas*⁷. A consolidação da corte de D. João IV implicou uma reorganização na estratificação social em virtude de grande parte da alta nobreza do reino se ter colocado ao lado da causa filipina, o que significou a elevação ao mais alto nível da escala social de uma fidalguia mediana que apoiava o duque de Bragança, contribuindo para a coesão interna e a consolidação da nova ordem instituída a 1 de Dezembro⁸.

⁵ DE CRAIS, Alexandre - « Compte rendu de Viala (Alain), **La France galante. Essai historique sur une catégorie culturelle, de ses origines jusqu'à la révolution**, Paris, PUF, coll. « Les Littéraires », 2008, 541 p. », *COntEXTES* [En ligne], Notes de lecture, mis en ligne le 13 août 2009, consulté le 10 décembre 2012. URL : <http://contextes.revues.org/4355>

⁶ MATIAS, Else Maria Henny Vonk- op. cit. *Considerações Preliminares*.

⁷ BRAGA, Teófilo – **Arcádia Lusitana**, Porto, Livraria Chardron, 1899, p.17. *A Arcádia Lusitana, organizada sobre as ruínas das insensatas Academias portuguesas da primeira metade do século.*

⁸ COSTA, Leonor Freire, CUNHA, Mafalda Soares, **D. João IV**, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2006, p. 29: *O golpe de Dezembro foi promovido por um grupo de fidalgos...com estatuto mediano dentro do grupo nobiliárquico, apoiados por gentes de outros estratos sociais.[...] e cujo sucesso teria sido determinado pela ausência em Madrid das figuras mais graduadas e com mais autoridade no reino de Portugal.*

Num reino periférico, preocupado com a restauração da sua própria independência, não seria de todo irrelevante que uma fidalguia diretamente empenhada na luta independentista criasse, pois, associações, para satisfazer o desejo de requinte e elegância adequado ao seu estatuto de proximidade à casa real, em cujas sessões se abordassem temáticas fúteis ou se procedesse ao elogio exagerado de heróis momentâneos, a par do louvor do saber humanista herdado dos séculos anteriores. Nem seria também insignificante para a época o ressoar académico do desejo de afirmação de uma nova realidade política. Se atentarmos nos certames realizados pelos *Académicos Generosos* em ocasiões solenes como o nascimento de D. Pedro ou o casamento de D. Afonso VI, é possível perceber o papel desta academia, a par da literatura de propaganda, da diplomacia e do sermonário, na legitimação da causa brigantina, mesmo supondo que a sua influência se restringisse aos próprios académicos.

A comparação com as academias estrangeiras coloca o movimento académico português de seiscentos numa posição muito inferiorizada e, no contexto da literatura portuguesa, atira grande parte do que se produziu naqueles ambientes para o sótão bafiento das coisas datadas e inúteis. Com efeito, o brilho académico da cultura francesa, italiana e espanhola, onde pontificavam figuras prestigiosas da literatura e da ciência modernas, reduziu a cisco, já desde o século XVIII, o produto das academias seiscentistas. Estamos – recorde-se – perante juízos de valor que têm como núcleo o termo romântico *Belas-Letras*, ancorados na crítica ao excesso de utilização de uma linguagem rebuscada e oca, à repetição exaustiva de modelos e aos constantes encómios que os próprios académicos seiscentistas pedantemente se ofereciam quando se autointitulavam herdeiros de Apolo.

As academias competiam também com a universidade. Cabe-nos perguntar se o saber nelas desenvolvido poderia ser complementar ou antagónico a esta instituição pública. Na realidade, a universidade portuguesa de seiscentos vivia ainda muito distante dos mais recentes avanços culturais, filosóficos e científicos. Se pensarmos que aquele foi o século de Shakespeare, Cervantes, Corneille, Racine, Molière, Descartes, Leibniz, Pascal, Locke, Hobbes, Lope de Vega, para citar apenas alguns dos nomes mais conhecidos, e olharmos para o cenário português, verificamos que em Portugal se vivia uma autêntica época de trevas e isolamento, época prisioneira mental de uma linha de desenvolvimento dos preceitos religiosos de Trento, de grande influência jesuítica,

que só o século seguinte veria mitigado pela reforma da universidade levada a cabo pelo Marquês de Pombal.

Um sucinto estudo diacrónico destas academias, ditas literárias, poderá elucidar-nos quanto ao juízo e entendimento a que foram sujeitas. No século XVIII, uma figura tão proeminente da cultura portuguesa como Luís António Verney – ainda que sem se referir diretamente às academias do século anterior – afirmaria o seu desdém pela poesia de seiscentos na *Carta Sétima*⁹ sobre retórica e poética, da sua conhecida obra *Verdadeiro Método de Estudar*, salientando a má poesia que então se produziu:

*Digo, pois, que o estilo dos poetas deste (...) reino e desta (...) língua pouquíssimo me agrada, porque é totalmente contrário ao que fizeram os melhores modelos da Antiguidade e ao que ensina a boa razão. A razão disto é porque os que se metem a compor não sabem que coisa é compor, onde, quando muito são versificadores, mas não poetas. (...) Geralmente entendem que o compor bem consiste em dizer bem subtilezas e inventar coisas que a ninguém ocorressem; e com esta ideia produzem partos verdadeiramente monstruosos, e que eles mesmos quando os examinam sem calor, desaprovam*¹⁰.

Segundo Verney, os homens de seiscentos desconheciam a *Arte Poética* e não sabiam diferenciar a poesia do ato de versejar:

Onde concluo que ainda não vi um livro português que ensinasse um homem a inventar e julgar bem, e formar um poema como deve ser. De que nasce que os que querem poetar o fazem segundo a força da sua imaginação, e não produzem escrevem dez versos, lhe chamam Décima; e quando unem catorze, chamam-lhe Soneto, e assim das mais composições. De sorte que compõem antes de saberem o que devem dizer, e como o devem dizer; e, quando tem formado uma caraminhola em trajes de poesia, ficam mui satisfeitos e começam a dizer mal de tudo o que não entendem. Destes se acham, não dúzias, mas centos.¹¹ coisa digna de se ver. Com efeito, verá (...) muitos que quando

⁹ VERNEY, Luís António – **Verdadeiro Método de Estudar**, Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 124 a 178: “Que fizessem isto nos dois últimos séculos, paciência, mas agora, que o mundo abriu os olhos e todos procuram explicar-se bem, não se pode sofrer, e vale o mesmo que mostrar que não entendem em que consiste a elegância da língua e a força da eloquência. [...] Nem entenda[...] que os defeitos que aqui aponto são de um ou dois autores. Não senhor; são gerais”.

¹⁰ Idem - pp. 125, 126.

¹¹ Idem, p. 126.

No século XIX, outra influente personalidade da literatura e do pensamento em Portugal, Antero de Quental, no seu discurso *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*,¹² proferido na primeira sessão das célebres *Conferências Democráticas*, em 1871, questionava a qualidade artística e científica das academias:

A uma geração de filósofos, de sábios e de artistas criadores, sucede a tribo vulgar dos eruditos sem crítica, dos académicos, dos imitadores. Saímos duma sociedade de homens vivos, movendo-se ao ar livre: entrámos num recinto acanhado e quase sepulcral, com uma atmosfera turva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores. A poesia, depois da exaltação estéril, falsa, e artificialmente provocada do gongorismo, depois da afectação dos conceitos (que ainda mais revelava a nulidade do pensamento), cai na imitação servil e ininteligente da poesia latina, naquela escola clássica, pesada e fradesca, que é a antítese de toda a inspiração e de todo o sentimento. Um poema compõe-se doutoralmente, como uma dissertação teológica. Traduzir é o ideal: inventar considera-se um perigo e uma inferioridade: uma obra poética é tanto mais perfeita quanto maior número de versos contiver traduzidos de Horácio, de Ovídio. Florescem a tragédia, a ode pindárica, e o poema herói-cómico, isto é, a afectação e a degradação da poesia.

Já para outro investigador do século XIX, Costa e Silva, a preocupação em preservar o espólio literário de seiscentos decorre da necessidade de documentar um período da história da literatura portuguesa que, de acordo com os temas e formas característicos da época, teria tido alguns bons representantes. É assim que Costa e Silva¹³ pensa quando, ao referir-se a D. António Álvares da Cunha, menciona que este não soube preservar o que era seu, por não ter coligido e dado à imprensa as obras que produziu. Esta preocupação com a proteção do que fora produzido no século XVII tem eco também em José Ribeiro Silvestre, no capítulo que dedica às academias na *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal*¹⁴ onde reforça a necessidade de um estudo atento sobre esta época, uma vez que a produção das

¹² QUENTAL, Antero de - **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares**, 5ª ed. Lisboa, Ulmeiro, 1987, pp. 24 e 25.

¹³ SILVA, José Maria da Costa - **Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes**, Volume 9-10, Lisboa, Imprensa Silviana, 1855, pp.190 a 198.

¹⁴ RIBEIRO, José Silvestre – **Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal**, 1887, vol.1. pp.150 a168.

academias não pode ser simplesmente ignorada com base na depreciação da qualidade literária e temática dos textos. E Teófilo Braga, na obra já referida, apesar das palavras positivas em relação a António da Fonseca Soares/Frei António das Chagas, não esconde a hostilização aos poetas barrocos, repetida desde o século XVIII¹⁵.

Também Edgar Prestage deprecia os trabalhos produzidos na *Academia dos Generosos*. Ao avaliar as obras de D. Francisco Manuel de Melo, considera:

(...) os seus poemas académicos, quer morais, laudatórios e satíricos, quer humorísticos e os discursos que pronunciou nas cinco ocasiões em que presidiu [às sessões académicas] não são dignos dos seus talentos¹⁶.

E sobre a *Academia dos Generosos*, nas suas palavras a mais importante pelo número, estado social e capacidade intelectual dos seus membros, é categórico:

(...) se a Academia incitava à leitura de bons autores e provia à cultura, é verdade que também era um foco de gongorismo. A sua prosa era pedante, porque os seus membros contentavam-se em ser usualmente copistas, ou quando pensavam ser originais raras vezes passavam da mediocridade¹⁷.

Foram, pois, os modelos reproduzidos pelo academismo de seiscentos, correspondentes, por grosso, à repetição e banalização de temas e formas, o que determinou o desfavor subscrito por críticos literários dos séculos subsequentes, e que contribuiu, em grande parte, para que o academismo do século XVII português, alheado da literatura maior, fosse sendo ignorado. Os poetas académicos seiscentistas sofreram a acusação de cometerem muitos erros, o maior dos quais terá sido o de desperdiçarem a sua capacidade literária, ocupados que estavam no tratamento de temas sem dignidade artística.

Mas regressemos à explicação fornecida por Teófilo Braga para a origem da *Academia dos Generosos*. Ao estabelecer uma ligação entre a academia portuguesa mais expressiva do século XVII e *uma simples reunião de poetas e cantores*, o famoso

¹⁵BRAGA, Teófilo - op. cit. p.264. Referindo-se a Frei António das Chagas: *Neste tropel de poetas romancistas [porque imitavam os romances castelhanos] se confundiu e ficou por muito tempo esquecido António da Fonseca Soares.*

¹⁶PRESTAGE, Edgar – **D. Francisco Manuel de Melo**, trad. António Álvaro Dória, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, p.68.

¹⁷Idem, p. 69.

investigador remete as nossas academias de seiscentos para uma conceção literária ultrapassada e sem valor acrescentado para a cultura portuguesa, baseada na *Academia Platónica*, de Marsílio Ficino, do século XV¹⁸, enquanto sucessora legítima da *Academia de Platão* da Grécia Antiga, mas também as filia no movimento generalizado de difusão do saber humanístico. Se o século XVII foi palco da consolidação de academias tão significativas como a *Academia del Cimento*, a *Academia de la Crusca*, a *Academia dei Lincei*, expoentes máximos da nova cultura filológica, científica e experimental em Itália, não é menos verdade que também albergou uma vasta variedade de academias literárias dispersas pelas poderosas cidades italianas, como a *Accademia degli Incogniti*, em Veneza (1630-1661). E de tal forma teriam sido relevantes, que Muratori considerou que *une structure de type national s'imposait, afin de remédier à la dispersion des énergies au sein d'académies locales, regroupant et coordonnant l'activité érudite italienne qui serait alors mieux à même de manifester son autonomie vis-à-vis du modèle français*¹⁹.

Em Espanha, para além das academias principais de Madrid, outras existiam na capital castelhana. José Sánchez²⁰ dá-nos conta das academias ocasionais, das academias miscelâneas, e das academias fingidas. E grandes cidades, como Sevilha ou Valência, tiveram as suas academias. O olhar crítico de Lope de Vega, em *La Dorotea*²¹, não pouparia a inutilidade das juntas realizadas por muitas dessas agremiações, mas, na realidade, é também a partir dos registos encontrados de academias menos importantes no panorama literário do *Siglo de Oro* que se desenha a cultura do século XVII.

Para nos aproximarmos destas agremiações desprestigiadas, escolhemos o ângulo ficcional sob o qual alguns autores castelhanos deixaram notícia da sua existência. Com efeito, são as fabulações sobre academias que melhor nos podem elucidar acerca do universo académico seiscentista castelhano, nomeadamente quanto ao seu funcionamento, o espaço e disposição dos sócios, e que poderiam, talvez sem

¹⁸ VIALA, Alain - **Les Modèles Académiques**, in **La France et l'Italie au temps de Mazarin**, Presses universitaires de Grenoble, Actes du 15 e Colloque du C.M.R.17 Grenoble, 1985. Na p.307, lembra que este tipo de academia era uma “forme primitive... de réunions de lettrés, suscitées par l'apparition des savoirs nouveaux qu'apportent les manuscrits bysantins alors introduits dans la péninsule. Les participants sont des humanistes dont l'attitude intellectuelle relève de l'encylopédisme. Même s'ils bénéficient de la bienveillance de Laurent le Magnifique (qui offre un lieu de réunion en mettant une villa à la disposition de Ficin), ils constituent un cercle prive et relativement informel”.

¹⁹ *Apud* WAQUET, Françoise - **Accademie e cultura. Aspetti storici tra Sei e Settecento**, *Journal des savants*, 1979, vol. 4, n° 1. pp. 305-307. url : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jds_0021-8103_1979_num_4_1_1397_t1_0305_0000_1 (Consultado a 30 dezembro 2011).

²⁰ SÁNCHEZ, José – **Academias literárias del Siglo de Oro español**, Madrid, Editorial Gredos, 1961.

²¹ VEGA, Lope de – **La Dorotea**, ed. Morby, IV,2. p. 334.

grande diferença, ser transpostas para o academismo português do mesmo período histórico. José Sánchez descreve o aspeto de uma academia fictícia, a *Academia de los Tenebrosos*²², a partir de uma criação ficcional e satírica do século XIX, retirada da obra de Julio Monreal, *Cuadros viejos, colección de pinceladas, toques y esbozos, representando costumbres españoles del siglo XVII* (1878)²³. Seria esta *la academia sintética que mejor resume todas las características de las asociaciones literarias*:

(...) *metámonos de hoz y coze en una academia...enderezaremos para esto los pasos a la posada de un Martín de Avendaño, caballero de muy aventajadas partes...cultivador de las musas, el cual, para rendirles más constante culto, habia conseguido formar una academia.*

A formação desta academia teria sido complicada. Primeiro, porque Don Martín não tinha casa para acomodar os académicos e foi a cedência de um *desván*, que em tempos tinha sido um *granadero*, feita por um *cierto clerizante, fecundo quando implacable autor de villancicos y loas*, que permitiu a criação desta *mansion de los nueve*, a qual, dada a soturnidade do espaço, foi intitulada *Academia de los Tenebrosos*. Escolhidos os académicos, e como era costume, cada um tomou *un nombre de academia*. O presidente chamou-se *Héspero*, enquanto outros seriam o *Despierto*, o *Pirro*, o *Escipion*, o *Glorioso*:

Seguindo la vereda por otros trazada, dispusieron que para la primera junta, que según era costumbre de otras academias, habia de verificarse de noche, se escribiera una pragmática para gobierno de los académicos tenebrosos, encargándose de ordenar sus preceptos Avendaño como presidente.

A organização do espaço da academia exigia especial cuidado:

Tomó Ureta prestada de unos vecinos hasta obra de una docena de sillas de diferentes formas, supliendo que faltaban con unas tablas que dispuso a manera de bancos,

²² SANCHEZ, José - op. cit. p.167 – *Un desarrollo normal de esta clase de asamblea intelectual (as academias literárias) fué la academia fictícia, organización cuya trama el escritor se inventa y describe, pero fundada en sus propias observaciones hechas en las academias verdadeiras. Estas academias de ficción son, seguramente, la mejor y más fidedigna crónica que poseemos para conocer el funcionamiento, usos y costumbres de las academias reales.*

²³ *Apud SÁNCHEZ, José – op. cit. pp. 359-385.*

tapando su desnudez con un tapiz viejo... Halló tambien una mesa, que tomó de un bodegón, a cuenta de un memorial que había de escribir al bodegonero... Remedióse una pata zamba con un casquillo de teja, y las inveteranas manchas se ocultaron bajo un viejísimo repostero ...que andaba a mal traer por las caballerizas, con achaque de cerrar unas grietas de la ventana que daba al aposentillo del palafrenero. Ureta llevó dos candeleros relegados al olvido e vestidos de telarañas y pábilo en el rincón de un altar sin culto de las once mil vírgenes. LLevó tambien una campanilla de igual procedencia, y, aunque algo tocada de moho, pensaba trocarla más adelante por outra de plata, como en otras academias se usaba. Completaron su ofrenda hasta siete cabos de vela, que la generosidad de un monaguillo le dió, no sin exigirle formal promesa de pagar en consonantes ...porque le habían pedido unos villancicos las monjas de su pueblo.²⁴

O dia da abertura da academia dá matéria para uma narrativa bem curiosa e reveladora no seu tom irónico:

Avendaño esperó la noche más ufano que un triunfador antiguo que presentase en el Capitolio las banderas de los pueblos humillados a la república e, a pesar de su dignidad de presidente, no se desdeñó de empuñar la escoba, como otro dictator Cincinato el arado, y pasar una mano por el desván, y minutos antes que llegase la concurrencia vertió un cántaro de agua en una bacia de afeitar y roció con el mayor esmero para evitar el polvo; y es fama que quando entraran los primeros académicos acababa de enjugarse las manos en la orilla del repostero, por la parte que caía a su asiento²⁵

Seguiu-se a arenga do presidente, na qual expôs a pragmática a que han de sujetarse los académicos Tenebrosos, bajo pena de incurrir en las iras de Apolo y de las Musas.

²⁴ SÁNCHEZ, José – op. cit. p. 171.

²⁵ Idem ibidem. E continua: Acababan de dar las ocho en la torre cercana, y aun resonaba el eco, quando foram presentándose los primeros ingenios, y como ninguno dejaba de llevar algo que leer, no cabían en la piel de deseo de embocárselo a todo el mundo, y ya, com achaque de preguntar su parecer y vários amigos, había el que menos leído su obra siete veces, y se hallaba apercebido para dispararla contra qualquiera que encontrara a tiro de consonante, y muy en especial a la docta academia. A la par dês ingenios, habían entrado algunas damas tapadas com sus mantos, pues las había que gostaván de oír aquellos sabrosos certámenes, y aun de tomar parte en ellos, no solo en persona, sino remetiendo sus versos para que fuesen publicamente leídos. Hubiérase también dicho que debajo del manto ocultaban dos de ellas unos laudes o guitarras, como si a lucir la gala de sus gargantas estuviesen dispuestas, hermanando, según a las veces sucedia en tales juntas, la música y la poesia, inspiración al cabo una y outra de las divinas Euterpe e Clio.

Mas talvez seja possível ir mais longe nesta evocação do modo como funcionavam estas academias, se nos socorrermos da obra de Salas Barbadillo *Casa del placer honesto* (1620), uma miscelânea de contos, poemas e peças dramáticas, onde podemos encontrar uma academia fingida, a *Academia de la Casa del Plazer Honesto*, cuja descrição terá certamente sido inspirada por alguma das academias a que o autor assistia:

Con toda prisa los de la Casa del Plazer de tres piezas bajas que tenían de moderado espacio hicieron una grande, en esta levantaron un teatro en medio, vara y media del suelo, cercaron toda su circunferencia de unas gradas de madera, a la traza de los teatros cómicos; en la parte que estaba enfrente de la puerta, y era como si dijésemos cabecera de aquella sala, pusieron a la mano derecha una cátedra y a la izquierda un trono iguales en altura; buscaron en la corte más colgaduras, de que la adornaron, vistiendo el suelo, por ser verano, de frescas rosas y floridas yerbas. Las ventanas correspondían a un jardín, y enfrente de ellas, se veían dos fuentes de maravilloso artificio y no pequeño golpe de agua. Guardada, pues, por todas partes de los rayos del sol y alentada del fresco que de las fuentes salía, recogiendo de paso el aliento de unos jasmínes, estaba su sitio ameno y apacible. Juntóse a ella a las cuatro de la tarde número de cien personas, y obedeciendo una ordenanza nueva que sobre esto se había hecho, entraron todos sin cuellos y puños en valona y con bueltas y en cuerpo, solamente con jubón y calzones de dos tafetones. Era también ordenanza que todos los que entrasen hubiesen de dar muestra de una de las habilidades que allí se ejercitaban mal o bien, en modo que mejor supiesen; porque en su conversación no se habían de admitir personas ningunas que sirviesen de mirones, gozando entonces de entretenimiento y llevando después murmuración para otras artes.²⁶

Uma descrição que coincide flagrantemente com aquela que Castillo Solórzano nos oferece da sala onde se realizava a academia fictícia de *Las Harpias de Madrid* (1631):

En el tope...estaban tres sillas detrás de un bufete en que había un aderezo de escribir, había ya cerrado la noche y comenzaron a encender luces alrededor de la sala (pues estaba cercada de candeleros plateados), y en medio de ella un

²⁶ Idem, p.185.

candelerero en que se incluían veinte; todos se ocuparon de bugias de cera blanca... En breve tiempo se llenó la sala de poetas, de músicos y de los mayores señores de la corte, no faltando algunas damas que de embozo quisieron gozar de aquel buen rato por acreditarse de buenos gustos. Todos ocuparon sus asientos porque ya sabían los que les tocaban de otras juntas. Comenzó la música a prevenir el silencio, y así, a cuatro coros, cantaron primorosamente tonos en bien escritas letras por los mismos académicos; acabada la música, que duró un buen rato, el presidente de la Academia, que era Belardo, Visorrey del Parnaso, viceprotector de las nueve hermanas y el Fénix de la poesía, asistiendo en el asiento principal de las tres sillas, y a su lado derecho el fiscal, y al izquierdo el secretario ²⁷de aquella junta, mandó comenzar a leer de los asuntos que se habían repartido la academia pasada, que había sido ocho días antes. Tenía todos los papeles de los poetas el secretario, y el primero que dió a que se leyese fué uno del poeta Moncayo, insigne sujeto en la corte y venerado por sus doctos escritos; tomóle su dueño, y en alta voz dijo así.²⁸

Para o academismo português de seiscentos não encontramos nenhuma efabulação que, mesmo em tom jocoso, pudesse aproximar-nos de um cenário possível da realização de uma sessão académica, nem conhecemos nenhum estudo exaustivo acerca de uma academia em particular que nos permita concretizar minimamente um retrato mais ou menos consistente do papel que teria, de facto, no tecido social da época.

Apesar da amplitude que o academismo atingiu no século XVII, as academias literárias portuguesas mais relevantes pela regularidade das reuniões, pelo nome dos sócios e pelos testemunhos que subsistem da sua atividade, foram a *Academia dos Singulares* e a *Academia dos Generosos*. Da primeira, existem dois livros impressos - um editado em 1665, outro em 1668 - que dão conta de algumas sessões realizadas; da segunda, existem, impressos, um opúsculo de versos em louvor do nascimento do

²⁷ Esta posição em que o secretário se deve colocar relativamente ao presidente das sessões surge repetida na *Academia dos Ocultos*, séc. XVIII e pode confirmar que a prática era corrente: "No dia 9 de Abril de sete centos e quarenta e cinco, na científica casa da Livraria do Ilmº e Exmº Sr. Marquês de Alegrete, nos abaixo assinados, unidos convocados e conformes constituímos para aplicação das nossas ideias, devoção das Musas, e divertimento daquelas pessoas a quem a nossa vontade se não negar, um conclave com o mamorável nome de ACADEMIA DOS OCULTOS, para que respeitando este honroso Epíteto, não abusemos nunca dos termos com que se deve discorrer em todos os assuntos, que debaixo deste Apolíneo preceito nos forem dados pelo Presidente que elegermos, e apresentado pelo Secretário, o qual será logo eleito entre nós, e este será obrigado a repetir todas as obras no dia do conclave, e terá assento ao lado esquerdo do Presidente". MATIAS, Elze, op.cit.p.109. Divisa dos Ocultos (composta por 24 eruditos alunos, a divisa é o sol entre nuvens e a epígrafe OCCULTOS INTENSUS FULGET.

²⁸ SÁNCHEZ, José – op.cit. pp.186/7.

príncipe D. Pedro, editado na oficina de Paulo Craesbeek em 1648, uma obra intitulada *Aplauzos Académicos...*, editada em Amsterdam em 1673 - depois já de ter terminado a primeira fase de vida desta academia -, e ainda, um pequeno livro, *Terpsichore musa académica na aula dos Generosos de Lisboa*, editado em Lisboa em 1666, por João da Costa, sendo, estas últimas obras de sócios académicos, a primeira de D. António Álvares da Cunha e a segunda de Joseph de Faria Manuel. Ademais, encontram-se retalhos desta ou daquela academia, um ou outro regimento, notícias esparsas de alguma sessão, cuja escassez e dispersão não nos permitem mais do que tecer um certo número de considerações, sugerindo a necessidade de se averiguar até que ponto a imagem persistente do seu generalizado desmerecimento não terá tornado tão difícil a tarefa do investigador.

Por outro lado, se passarmos os olhos por alguns manuscritos que guardam composições das sessões académicas, não podemos ignorar que estas academias se assemelhavam a locais de produção em série. As sessões estavam subordinadas a um assunto glosado sobre protótipos textuais, sendo os resultados desta produção, por vezes, levados a concurso e avaliados por um júri constituído no seio daquela agremiação académica, pelo que, neste contexto, a crítica de Verney é arrasadoramente certa e pertinente. São inúmeros os manuscritos que recolhem poesia académica de membros destas agremiações, como o manuscrito 295 da BACL²⁹, intitulado *Miscellânea Poética dos quatro irmãos, Marquês de Alegrete, Conde de Tarouca, Nuno da Sylva Telles e António Telles da Sylva*, onde se encontram poemas que respeitam a assuntos académicos diversificados.

O manuscrito continuou a ser um suporte importante para a circulação desta poesia elaborada sob o estímulo do convívio entre confrades literários. É na cópia manuscrita que podemos encontrar o poema de agradecimento ou de saudação entregue ao senhor que concede um favor, a celebração do seu aniversário ou do nascimento de um seu filho, o que torna estes códices o reflexo duma sociedade claramente organizada em torno dos centros de poder. Como refere Pablo Jauralde Pou, a propósito da poesia espanhola do *Siglo de Oro*:

*La poesia de una sociedad cortesana. hecha de
salemas, miramientos, etiquetas, llantos y alegrías, que deriva
de poder, de la posición social que cada poeta mantiene en*

²⁹ Este manuscrito está muito bem preservado, tem índice no final, com separação de tipologias de textos: sonetos, romances, redondilhas, glosas, silvas, peças de teatro, décimas, letras para cantar, endechas, cartas.

*aquella rigurosa sociedad cortesana, en la que cada uno se define por la distancia que le acerca o le aleja de los centros de poder, cuyo eje es el monarca y su cohorte. Epitafios, epitalamios, celebraciones, panegíricos, gestos de admiración poética, encomios, etc. alcanzan una parte sustancial de la tarea de los poetas, de todos, sobre todos los mejores, obligados con su pluma a mantener o aumentar el status de los sistemas de poder de la época*³⁰.

A preservação da memória académica do século XVII português é problemática também porque envolve outros aspetos a ter em conta, como a convivência do texto manuscrito com o livro impresso, a nova relação autor/leitor e os fatores naturais e humanos quanto ao acautelamento e preservação dos textos. Com a difusão do livro impresso, o leitor adquiriu cada vez mais um estatuto diferente, tornou-se leitor anónimo e distanciado do autor. O que é digno ou não de ser publicado passou a ser relevante para os autores, que partilhavam entre si os textos e pediam uns aos outros opiniões de autoridade sobre o que mereceria vir a ser impresso. Os já referidos *Aplauzos academicos e rellação do Felix successo da celebre victoria do Ameixial*, por exemplo, uma obra atribuída a D. António Álvares da Cunha, publicada em 1673, contém alguns poemas de um certame académico de 1663, um *corpus* formado apenas por aqueles que mereceram a publicação impressa.

Desconhecem-se as circunstâncias físicas e espaciais em que eram realizadas as sessões. Alguns breves detalhes do início dessas reuniões académicas como, por exemplo, a da *Academia dos Generosos* que se celebrou a 24 de Outubro de 1660, indicam-nos apenas que a mesma se realizou em casa de Dom António Álvares da Cunha. No entanto, por mais informais que estes encontros fossem, pressupunham uma praxe e uma etiqueta exigidas pela tradição académica, nomeadamente a distribuição de lugares e a organização do espaço.

Embora afirmando-se herdeiras da Grécia e da Itália, estas agremiações literárias refletiriam, sobretudo, o modelo organizativo das academias de salão francesas, onde imperavam os jogos sociais, as festas galantes e mundanas, e onde o espírito devia brilhar a par do elogio do poder? Ou seriam mais aproximadas das academias peripatéticas – talvez academias de jardim – onde predominava o lúdico e o elogio mútuo, como poderiam ter sido as sessões da primeira fase da *Academia dos Generosos*?

³⁰ POU- Pablo Jauralde, Edición de - **Antología de la poesia española del Siglo de Oro**, Madrid, Austral, 2010. p.43.

Para que o investigador atual possa levar a bom termo o seu trabalho, será necessário recolher, organizar e estudar um *corpus* imenso de textos dispersos por bibliotecas e arquivos, o que resta da produção das academias literárias de seiscentos que não se perdeu irremediavelmente por incúria ou por desastres naturais; criar, como diz Else Maria Henny Vonk Matias, um *arquivo académico* que congregue a atividade académica desenvolvida ao longo dos séculos em Portugal; tornar mais acessível e menos árduo um trabalho de investigação que se centre nas academias portuguesas; permitir, enfim, a apropriação dos textos vivos e autênticos de uma forma expedita. Mesmo que seja para confirmar que a qualidade dos trabalhos ali apresentados, de um modo geral, corresponde a uma produção de *versejadores sem pensamento*³¹, *todo o trabalho intelectual deve ser inventariado*³² de modo a *reconstituir a genealogia dessas academias, a sua interdependência cronológica*,³³ identificar os sócios e catalogar a sua obra manuscrita ou impressa.

O academismo no Portugal de seiscentos representa a forma como o homem culto português procurou responder aos avanços do início da Idade Moderna na sociedade ocidental, em cujo seio estas agremiações desempenham um papel de representação essencial, como nos diz o académico Joseph de Faria Manuel:

*Quizera eu (segunda vez o digo) conforme minha limitação pudesse e, mostrarvos, senhores, que este exercício das letras he a esta Corte não so conveniente como necessario. Todas as Cortes do mundo mais assinaladas tiveram e tem este louvável exercício, não em huma, mas em muitas Academias; e que havendo na Corte de Portugal sojeitos que poderão instituir, e ensinar a muitas, apenas (ô pena grande) conhecemos esta! mas â magnífica, e eterna gloria do seu Autor*³⁴.

Revela também hábitos e modas de uma sociedade totalmente consonante com a ideologia barroca, assim como fortalece a preservação de laços de amizade entre os sócios e/ou a sua associação ao poder – veja-se a banalização do discurso encomiástico

³¹ *Apud* MATIAS, Else Maria Henny Vonk, FIGUEIREDO, Fidelino, - História da Literatura Clássica, 2ª época, 1588- 1756, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1922.

— op. cit. Introdução.

³² Idem, *ibidem*.

³³ Idem, *ibidem*.

³⁴ *Terpsichore Musa Academica na Aula dos Generosos de Lisboa - Oraçam panegírica na academia dos GENEROSOS DE LISBOA, em Domingo Dezanove de Março de seiscentos e sessenta e dous*, p.12.

– permitindo a divulgação da cultura e a difusão de textos, dentro de uma relação autor/leitor ainda muito personalizada e que, com a propagação do texto impresso, viria a ser alterada definitivamente. Para o investigador do século XXI, testemunha da atual revolução tecnológica à escala global, o paradigma de disseminação da escrita seiscentista parece paradoxalmente próximo desta nossa época de comunicação virtual, que tenta fazer do mundo uma imensa academia.

Memória da *Academia dos Generosos*

Os estudos sobre as academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII aparecem frequentemente como um conjunto de certo modo uniformizado, não só por tentarem encontrar alguma unidade numa temática especialmente fragmentária, mas também por se centrarem no que pode ser uma certa continuidade no que diz respeito à organização das sessões académicas, à escolha dos temas e, sobretudo, ao estilo e à forma como esses temas eram abordados. O trabalho de João Palma-Ferreira³⁵, ou a história de José Silvestre Ribeiro, para nomear apenas dois deles, esforçam-se por traçar o panorama das academias desses séculos com recurso frequente a generalizações que apenas permitem uma leitura superficial e lacunar de uma realidade que permanece no essencial olvidada em bibliotecas e arquivos. Pelo contrário, a tese ainda não editada de Else Maria Henny Vonk Matias representa uma investigação exaustiva, com a inventariação das academias, a divulgação de textos produzidos no seio dessas mesmas agremiações e a reconstituição documental da forma como as sessões se organizavam.

Entendemos que a inventariação das academias é um passo fundamental para qualquer tentativa de fazer avançar o conhecimento neste domínio. Outros passos terão que ser dados no sentido de aprofundar o seu legado, pois, se as instituições refletem os tempos, naturalmente que, como os tempos, também as academias mudam. Exemplo disto mesmo é a *Academia dos Generosos*. Se aceitarmos a continuidade desta academia³⁶ – ainda que sob designações diferentes – proposta, entre outros, pela investigadora atrás referida, e se observarmos o conteúdo das sessões, verificamos a diversidade de assuntos que eram abordados nas reuniões académicas, fruto da evolução dos gostos, da realidade política, científica e filosófica e dos múltiplos interesses dos próprios sócios. Aliás, enquanto as primeiras sessões desta agremiação são orientadas para o panegírico, a alegre confraternização e o louvor, como o comprovam os textos do manuscrito V. 215 da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa (BACL), outras sessões, para além do louvor e do tratamento de temas considerados fúteis e pueris pelos investigadores, contam com a colaboração de lentes e mestres para lecionarem

³⁵ PALMA-FERREIRA, João da - **Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.

³⁶ MATIAS, Else Maria Henny Vonk - **A Academia dos Generosos. Uma Academia ou uma sequência de Academias?** Separata da Revista da Biblioteca Nacional, nº 4, 1982. p. 223.

conteúdos como a política de Tácito, a poética de Aristóteles, a geografia ou a arquitectura militar³⁷. Se atentarmos na sessão de 1662, aquando da mudança da aula dos *Generosos* para um novo espaço na casa de D. António Álvares da Cunha, veremos que eram abordados temas de ocasião, laudatórios ou triviais; se, por outro lado, virmos a curta descrição que José Silvestre faz de uma relação dos académicos e dos temas desenvolvidos em uma sessão não claramente identificada, mas da fase posterior a António Álvares da Cunha, veremos, por exemplo, que a Francisco de Melo estava entregue o tema *Mulheres Ilustres*, a Francisco Leitão Ferreira a *Arte Simbólica*, ao padre D. Manuel Caetano de Sousa a *Philosophia Moral*, ao visconde de Asseca, os *Paradoxos Académicos*, ou ao Marquez de Alegrete, os *Vícios da Eloquência*³⁸. Estes exemplos, pela sua diversidade temática, não nos permitem, entretanto, definir com rigor um padrão, ou traçar uma linha evolutiva objetiva. Basta para isso lembrar o que já foi referido no capítulo anterior sobre o desconhecimento que temos de livros de assentos das sessões dos académicos *Generosos*, estando o conteúdo parcial das sessões disperso por alguns manuscritos conhecidos e, provavelmente, por muitos outros que ainda não foram identificados, nem serviram de objeto de investigação. Outrossim, Else Maria Henny Vonk Matias confirma no seu artigo³⁹ a ausência de um *corpus* impresso das sessões desta academia, o que poderia, segundo a autora, justificar o desinteresse dos investigadores, em comparação com a *Academia dos Singulares*, de cuja atividade se conhecem, como já afirmamos, dois volumes impressos.

Apesar da dispersão dos documentos e da falta de textos impressos relativos à atividade dos *Generosos*, a investigação levada a cabo por Else Maria Henny Vonk Matias representa um passo importante para um conhecimento mais substancial da que é considerada a academia portuguesa mais significativa do século XVII. Com efeito, a bibliografia cronológica e anotada da *Academia dos Generosos*⁴⁰ dá-nos conta da produção académica durante os quatro períodos da sua existência.

Dada a especificidade deste trabalho, incidimos o nosso estudo nas duas primeiras fases da *Academia dos Generosos*, por corresponderem ao período de intervenção de D. António Álvares da Cunha, seu fundador, secretário perpétuo e patrono. Referiremos as duas últimas de uma forma muito genérica, salientando o papel

³⁷ MATIAS, Else Maria Henny Vonk – op. cit. p.33 – “No ano lectivo de 1660/1661 explicaram: D. João de Albuquerque a política de Tácito; André de Cristo a poética de Aristóteles; doutor Gaspar de Neri a geografia e Luís Serrão Pimentel a arquitectura militar.”

³⁸ RIBEIRO, José Silvestre – op. cit. p.155.

³⁹ MATIAS, Else Maria Henny Vonk – art. cit. p. 223.

⁴⁰ MATIAS, Else Maria Henny Vonk – op. cit. pp. 53 a 69.

que a academia teve na criação da *Academia Real da História Portuguesa* (1720), precursora da *Academia Real das Ciências de Lisboa*, atualmente designada *Academia de Ciências de Lisboa*. Mas detenhamo-nos na pertinente questão da duração desta academia.

O académico Padre Rafael Bluteau, em 1717, no *Preâmbulo Breve das Prosas Académicas*⁴¹, reconhece o lema *Non Extinguetur* como um fio condutor que une as sucessivas fases por que passou a *Academia dos Generosos*:

*Mayor admiração merece, e melhor successo teve a inextinguível Academia dos Generosos, que com a empresa de huma vela acceza, e por mote Non extinguetur, prometteo, e vay conservando huma luz immortal; porque desde a sua instituição no anno de 1647, ha mais de setenta annos que se perpetua, e hoje torna a sahir mais luzida, com o mesmo titulo de Generosos, porque a generosidade portuguesa tambem na discrição se eterniza, e quando parece extinta, com mais vigor resuscita: Non Extinguetur..*⁴²

Este reconhecimento poderá fundamentar a afirmação produzida por Teófilo Braga, dois séculos mais tarde, de que *as academias literárias do século XVIII continuam as mesmas fundações do século XVII, irradiando d' esse velho tronco, a Academia dos Generosos, creada em 1647*⁴³, reforçando assim a ideia de que a *Academia dos Generosos* não só foi a matriz fundadora do academismo setecentista português, mas também continuou a ser uma agremiação viva, apesar das diferentes denominações com que foi sendo rebatizada enquanto durou.

Mas não é só a divisa, nem as afirmações de Rafael Bluteau e Teófilo Braga que fundamentam esta conclusão. A estreita ligação a este grémio literário de duas famílias permite igualmente defender a ideia da sua continuidade: a de D. António Álvares da Cunha e a dos Condes da Ericeira. Se António Álvares da Cunha fundou a *Academia*, assim designada no primeiro ano de existência, e foi seu secretário perpétuo, D. Francisco Xavier de Meneses, o 4º Conde da Ericeira, sócio e mestre nesta agremiação e responsável pela refundação e reabertura das sessões académicas nas fases

⁴¹ BLUTEAU, Rafael - **Prosas Portuguesas Recitadas em Diferentes Congressos Académicos pelo Padre D.Rafael Bluteau**, *Preâmbulo Breve na Renovação da Academia dos Generosos, nas casas do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses*, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, MDCCXXVI <http://purl.pt/79> (consultado em linha, em 10 de dezembro de 2012).

⁴² Idem, p.22.

⁴³ BRAGA, Teófilo – **Arcádia Lusitana**, Porto, Livraria Chardron, 1899, p.17.

em que a academia tomou os nomes de *Conferências Discretas e Eruditas* e *Academia de Portugal*, já no século XVIII, descende de uma linha de académicos *Generosos*. O seu pai, D. Luís de Meneses – autor da obra *Portugal Restaurado* – e os seus familiares, D. Fernando de Meneses e D. Afonso de Meneses, aparecem claramente referenciados nos manuscritos consultados como académicos *Generosos*.

Esta tese não é, no entanto, consensual. O investigador Agostinho Fortes considera que só se pode chamar verdadeiramente *Academia dos Generosos* às duas primeiras fases desta agremiação, embora sustente este argumento com base apenas na mudança do nome da agremiação: *em nossa opinião, apenas as duas primeiras [fases] se devem considerar propriamente Academia dos Generosos – pois que a terceira e a quarta constituem a Academia das Conferências discretas e eruditas...*⁴⁴. Contudo, a discussão indispensável decorre da necessidade de estabelecer um *corpus* da sua atividade, que possa ser objeto de investigação e análise, circunstância a que vem acrescentar-se a dificuldade paralela em determinar a autoria de muitas obras produzidas pelos académicos e lidas nas sessões, aliás, uma circunstância comum e extensível ao contexto literário do século XVII.

O artigo de Else Maria Henny Vonk Matias, apesar de levantar a questão de saber se estamos perante *Uma Academia ou uma sequência de academias*, toma uma posição clara e apresenta a *Academia dos Generosos* repartida por quatro fases, uma posição para a qual apresenta suporte científico, retirado tanto de manuscritos como de textos impressos, nomeadamente os *Aplauzos Académicos*. Consideramos que as razões apontadas anteriormente parecem suficientemente convincentes para aceitarmos a tese de que esta é uma única academia, dividida em quatro fases.

Edgar Prestage informa-nos que teria sido a *Academia dos Singulares*, fundada em 1628⁴⁵ a primeira academia em Portugal, mas *a mais luzida do século, pelo número e qualidade dos socios, foi incontestavelmente a dos Generosos, fundada pelo publicador das Rimas de Camões, D. Antonio Alvares da Cunha, homem culto e altamente aparentado, que ficou seu Secretario perpetuo. Teve as suas sessões (ou academias como se dizia então) no Palacio dos Cunhas, edifício imponente, com pateo*

⁴⁴ *Apud* MATIAS, Elze Maria Henny Vonk - **A Academia dos Generosos. Uma Academia ou uma sequência de academias**. Separata da Revista da Biblioteca Nacional, nº 2, 1982. p. 237: **Academias Seiscentistas**, in *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Direcção de Albino Forjaz de Sampaio, Aillaud e Bertrand, Paris / Lisboa, 1929, 3 vol.

⁴⁵ PRESTAGE, **D. Francisco Manuel de Melo, esboço biográfico**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, p. 300 e Cod.114, da BGUC, fol.139v.

*e jardim, na Rua Direita das Chagas, entre a Travessa da Laranjeira e a Travessa do Sequeiro.*⁴⁶

Sendo importante esta questão cronológica do aparecimento de academias em Portugal de seiscentos, bem como a localização física da academia, para um trabalho desta natureza a tarefa que se impõe é a recolha de documentos que nos permitam estabelecer com rigor o período em que os *Generosos* desenvolveram a sua atividade. A primeira interrogação que se nos levanta prende-se com a data de 1647, adiantada tanto por Rafael Bluteau como por Teófilo Braga, e confirmada por Else Maria Henny Vonk Matias, para o ano da criação desta agremiação. Na biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, folheámos o manuscrito V.215, relativo à fase em que a *Academia dos Generosos* era apenas designada por *Academia*. Trata-se de um manuscrito intitulado: *Poesias do seculo de 1600 Do uso de Fr. Vicente Salgado da congregação da Terc. Ordem*. Possui um índice com os títulos dos poemas e, em alguns casos, o nome dos autores. Parece incluir o conteúdo de três sessões académicas. Nas folhas iniciais, da primeira à décima, encontram-se alguns textos poéticos atribuídos a algumas personalidades que fizeram parte da primeira fase da academia. A fl.1 contém uma décima de João Roiz de Sousa, um desses elementos, na fl. 1v está uma silva intitulada *Que raro amor acabe de siumes que raro amor escape de hua auz^a*. Este poema estende-se até a fl. 4v e está atribuído a Francisco Alvarez de Siqueira. Nas fls. 5 e 6 encontramos umas décimas de Bartholomeu de Vasconcellos, outro académico, e nas fls. 6v. e 7 umas décimas de Leonor da Encarnação que, embora não apareça como membro da academia, a ela deve ter estado ligada. Nas fls 7v., um madrigal de Antonio de Miranda Henriques e um soneto de António Carvalho Pimentel, ambos constantes da lista de académicos. Na fl. 8 um texto com o título *Porque nunca muere amor con zelos o siempre acaba con auzencias*, seguindo-se um soneto de António Corvinel da Gama. Da fl. 8v. até à 10v., temos uma silva de António Barbosa Bacelar, seguindo-se um pequeno texto ilustrativo do que poderia ser um incentivo académico e a proposta à volta da qual os textos deveriam ser produzidos.

Seria esta uma sessão académica do ano de 1647? A verdade é que o conteúdo seguinte do manuscrito nos permite, efetivamente, chegar a esta conclusão. Assim, na fl.14 aparece a referência aos *Verços da academia em que prezedio Dom Affonso de Menezes Cujo assumpto foi hum amante que dormio deante de sua dama*. Esta indicação,

⁴⁶ Continua assim: *A casa foi derrubada na memoria de pessoas ainda vivas, sendo levantada no sitio aquella onde por muitos anos esteve instalada a Sociedade de Geografia.*

com a clara referência a um presidente, confirma já uma estrutura social e mundana, ainda que vaga, que prevê a necessidade de propor os assuntos sobre os quais as composições em verso devem incidir, o que, se revela o âmbito banal e fútil das matérias abordadas, confere, já, a estas sessões um cariz de regularidade e continuidade.

Detenhamo-nos no tipo de textos e autores desta sessão sem data registada. Na fl.15, encontramos um soneto sem menção de autoria, na fl.15v., umas décimas de Manuel de Mello e na fl. 16 um soneto de António Álvares da Cunha. Na fl. 17, uma apologia em quartetos, de Antonio Corvinel da Gama, que vai até à fl.18v. Na fl 18v, uma décima de San Martin; na fl.19, um romance de Dom Antonio de Miranda; na fl. 20, um soneto de Bartholomeu de Vasconcellos; na fl.20v, um soneto de Leonor da Encarnação; na fl. 21 um soneto de João Roiz de Sousa, nas fls.21v e 22, dois sonetos sem indicação de autoria, e na fl.22v dois epigramas também de autor desconhecido.

A data da sessão seguinte, que terá sido realizada no primeiro dia de Janeiro de 1648, conforme é visível na indicação *Verços de Academia em o primeiro de Janeiro de 1648 em que prezide D. Antonio de Menezes*, fl. 23, permite-nos, como deixámos sugerido atrás, inferir que a *Academia dos Generosos*, sendo ainda denominada apenas *Academia*, teria sido inaugurada, talvez informalmente, no ano de 1647. A proposta de tema para os versos desta sessão não destoa das anteriores: *Fabio que achou na estrella q' Amariles q' já mais amaria a quem amasse, senão a quem a aborecesse. Pergunta Fabio se por conseguir a vintura de amado podia usar o meyo de aborrecer Amariles*". Uma relação dos conteúdos das folhas seguintes vai permitindo uma certa familiaridade com os autores. Nas fls. 25 e 25v⁴⁷ encontramos dois sonetos do *Queixoso*; na fl. 26, duas décimas de autor incógnito; na fl. 26v, duas décimas de João Roiz de Sousa; na fl.27, três décimas de Guilherme Conquierg; na fl. 27v, um soneto de Antonio Corvinel da Gama; na fl.28, um soneto sem autoria; na fl.28v, um *romance Conforme el assumpto académico*, de Manuel de Mello, até à fl. 30v, na qual se encontra um soneto do mesmo autor; na fl. 31, uma silva sem nome de autor; na fl. 34, quatro décimas de Bartholomeu Vasconcellos; na fl. 35, um *romance* de Antonio Corvinel da Gama. Do mesmo autor, na fl.36, um outro *romance* que tem o seguinte título: *A licio de Clori levantando le una figura*. Depois surgem dois textos de António Álvares da Cunha, na fl. 39, um epigrama e um soneto de D. Bras Nunes Manhas; na fl.39v, um *romance* de Antonio de

⁴⁷ No topo desta folha está o seguinte: *Un academio leizo est epigrama a Fabio que depues de amar a Amariles in dependente de los astruos, vio que ellos le pronosticavam es imposible de que la aborrescan para conseguir la dicha de que ella ame.*

Miranda Henriques, na fl.40v, umas décimas, *Fabio dormiendo a vista de su dama*, de Bras Nunes Manhas, na fl. 41, um soneto de *O Incuberto*, intitulado *Ao amante mathematico se escreveo este soneto*. No verso desta mesma folha, temos um soneto de autor desconhecido, intitulado *Ao astrólogo amante q'aspirando a entender del sol el oriente el cazo encontro de su fortuna*; na fl. 42, um soneto de Manuel de Mello; na fl. 42v, um soneto de autor desconhecido; na fl. 43, um soneto de Antonio de Mello e Castro. No verso, duas décimas de João Roiz de Sousa.

A proximidade temporal da realização da terceira sessão, *Verços da academia de 19 de Janeiro de 1648 Prezidio Dom Affonso de Menezes*, fl. 44, reforça a confirmação de uma certa frequência das reuniões, que poderia obedecer a regras declaradas ou implícitas no seio das relações interpessoais dos académicos envolvidos, mas o conteúdo desta sessão é mais impreciso quanto a autorias, não estando atribuída nenhuma das obras manuscritas. Ainda assim, é possível apresentar uma síntese das tipologias textuais encontradas: nas fls. 44 a 48, encontra-se uma silva; na fl. 48, *A la propuesta de la Academia, A Lua*, até à fl.50v; nas fl.51 até 55 encontram-se dois sonetos; na fl.55v, temos uma silva; na fl. 58, uma silva: *Aun amante cuya dama se cazo com outro y pide si deve sentir mas el perderla de q el casarse a disgusto*; por último, nas fls. 59v e 60, dois sonetos.

É, pois, este manuscrito de *uso de Fr. Vicente Salgado* – figura relevante para a preservação da cultura literária do século XVIII – o que contém parte das primeiras composições da *Academia dos Generosos*. Se atentarmos na lista de dezassete académicos que surgem no livro impresso *Vários Versos ao Felix Nascimento, do Sereníssimo Infante Dom Pedro Manuel, dos Académicos a que preside Dom Affonso de Meneses*, Paulo Craesbeek Impressor, 1648⁴⁸, verificamos que as sessões constantes deste manuscrito da Academia de Ciências de Lisboa guardam uma ou mais composições de sete deles: duas de António Álvares da Cunha, três de Manuel de Mello, uma de António Carvalho Pimentel, três de Bartolomeu de Vasconcellos, quatro de João Rodrigues de Sousa, uma de António de Mello e Castro e três de António de Miranda Henriques. Por outro lado, se levarmos em conta que os textos deveriam respeitar o assunto dado, podemos também questionar se Bras Nunes Manhas, Antonio Corvinel da Gama e Guilherme Conquiereg, apesar de não serem nomeados no livro impresso, não fariam também parte da novel academia, para não falar em António

⁴⁸ BNP RES. 5700 P./RES. 6454/.
BA 153-I-24, nº 6.

Barbosa Bacelar, que terá feito igualmente parte da academia ou, pelo menos, a frequentou.

Com efeito, o ano de 1648 vinha claramente a existência da *Academia dos Generosos*, a qual se reúne regularmente de acordo com um calendário mais ou menos pré-determinado, explorando temáticas pueris e que Ofélia Paiva Monteiro caracteriza como assembleias *onde reinavam, como senhores absolutos, as agudezas conceituosas, os arrebiques de linguagem e as imagens cheias de ouropéis da arte seiscentista*.⁴⁹ A identidade da academia torna-se pública quando, com o nascimento do príncipe D. Pedro Manoel, em Abril desse ano, os festejos de tão significativo acontecimento são assinalados com a edição dos *Vários versos ao Felix nascimento*, facto que atesta a consolidação deste grémio cultural na cidade de Lisboa e comprova a sua proximidade ao o círculo do poder, como se pode perceber pelo conteúdo do soneto inicial, na fl.2, cuja dedicatória, *A MAGESTADE DA RAYNHA NOSSA S. CONSAGRA ESTE SEU PAPEL NAtalicio do Serenissimo Infante Dom Pedro Manoel, a Academia*, é suficientemente elucidativa:

*Quando em festins, Senhora, esta Cidade
A o quinto penhor vosso nos convida,
Demos o parabém da lux da vida,
Este Museo lhe canta eternidade.*

*Para a presente, & futura idade
A Musa em vario metro dividida,
Vaticínios lhe são da merecida,
A mayor, que se vió, felicidade.*

*Limitado he o papel para o empenho
De assumpto tão grande peregrino,
(A não ser a Academia tão pequena)*

*Ser pudera; mas será o desempenho,
Quando creça, & creça este menino;
Elle no braço invicto; ella na pena.*

Podemos, então, equacionar a pertença dos académicos identificados e as relações que, explícita ou implicitamente mantinham com o poder político. Muitos são

⁴⁹ Apud SILVESTRE, João Paulo, MONTEIRO, Ofélia - *No alvorecer do Iluminismo em Portugal...*, Coimbra, Coimbra Editora, 1963 - **Argumentação no prólogo do Vocabulário Portuguez, e Latino: a defesa da obra e da língua portuguesa**, in Luís Machado de Abreu e António Ribeiro Miranda, *O Discurso em Análise – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001. http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/argumentacao_prologo_vocabulario.pdf (consultado em 10 de dezembro de 2012).

figuras ligadas à corte. O próprio D. António Álvares da Cunha foi trinchante-mor de D. João IV. D. Affonso de Meneses e D. António de Meneses representam uma das famílias mais influentes da sociedade portuguesa de então e, na sua qualidade de membros da alta nobreza, estariam certamente empenhados também na longa guerra da Restauração. Barbosa Machado confirma esta pertença⁵⁰:

*Nesta erudita palestra se juntavaõ os engenhos mais
florescentes da Nobreza do Reyno, em cujas conferências se
explicão os lugares difíceis dos Authores antigos, e se
prescreviaõ regras de perfeição do estilo oratorio, e poetico.*

Poderá o empenhamento na guerra da Restauração dos seus membros mais destacados ajudar a explicar a existência de apenas dois registos das sessões académicas na década de 50, nomeadamente a *Academia em honra do Patriarca S. Caetano* (? – 8 – 1651)⁵¹ e a *Introdução q. Antonio de Souza Macedo fes presidindo na Academia q. celebrou em sua caza Rua F. Aras de Almada em 2 de Fevereiro de 1659 á Victoria do Conde de Cantanhede nas Linhas de Elvas*⁵²?

Não parece ser, realmente, a guerra contra a Espanha dos Áustrias razão sólida para esse apagamento da memória da academia nessa década. A verdade é que as batalhas da Restauração foram acontecendo desde 1644 (Montijo) até 1665 (Montes Claros) e, para além da atividade já referida desenvolvida durante os anos de 47, 48 e 51, iremos encontrar grande vigor académico apenas na década de 60, época em que se passaram os episódios narrados na segunda obra impressa com conteúdo da *Academia dos Generosos*, os *Aplauzos academicos e rellação do Felix successo da celebre victoria do Ameixial*, editados dez anos após se ter dado o confronto do Ameixial (1663) e já depois de terminada a primeira fase desta academia.

O discurso pronunciado por D. Francisco Manuel de Melo, na sessão de 21 de Novembro de 1660, poderá, talvez, conter a explicação para esse silêncio:

*Bem sei eu que ainda nos duram no sentimento os
vergões da mágoa que nos deixou nele impressos aquele ócio
passado. Passado? Oh, queira o céu que assim o possa nomear
sempre. De aquele ócio, digo, de aquele vício que foi, é e será*

⁵⁰ MACHADO, Diogo Barbosa – **Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica**, Lisboa, na Officina de António Isidoro da Fonseca, 1741. tomo. 1, p. 199.

⁵¹ MATIAS, Else Maria Henny Vonk – op. cit. p. 53.

⁵² Ms. 1324, BGUC, fl. 21.

*sempre basilisco das cortes, serpente dos desertos. Aquele que com suave e venenoso dente tem por costume roer a vida do homem até resolvê-lo em mais desaproveitadas cinzas que ele mesmo.*⁵³

O louvor e o incentivo das palavras do poeta *Melodino* aos académicos presentes naquela sessão parecem sugerir um renascimento. Representam eles as *pedras* que fazem crescer aquela *basílica*, aquele *templo da imortalidade*. Através deles, as *afluências da terra* e as *influências do céu* se concertam para revivificar aquela *frondosa árvore* e lamenta-se:

*Valha-me Deus! E quantos utilíssimos trabalhos malogrou este perversíssimo descanso!*⁵⁴

Alguns dados recolhidos dos manuscritos consultados, relativos às sessões da década de sessenta, poderão permitir-nos traçar algumas hipóteses para a consolidação do conhecimento desta academia no que diz respeito a datas, assuntos tratados e organização das sessões.

A Biblioteca Nacional de Portugal guarda, no manuscrito 5864, com o total de 143 fls., as sessões - relativas ao período compreendido entre outubro de 1660 e fevereiro de 1661 - da *Academia dos Generosos* que se começaram a realizar a 24 de outubro de 1660, em casa de D. António Álvares da Cunha e dedicadas ao patrono da academia Santo António. Se ao anúncio da primeira sessão não se segue a oração proemial ou panegírica que parece ser habitual no início das assembleias, surgindo logo a transcrição das obras métricas dos académicos, encontramos as sessões subsequentes bem documentadas. Assim na fl.2 a *segunda academia prezedio o Conde da Torre*. No final da *Introdução académica* surge a data *Lix 31 de Outubro de 1660*. Terceira academia, fl 6, *Introdução académica prezedio Nuno da Cunha de Atayde, data Lix 7 de 9^{bro} de 1660*, já tem assunto académico:

Duvida Fabio vendosse correspondido se fes o amor sendo tyranno mayor acto de justiça se de graça? de justiça

⁵³MELO, Francisco Manuel de – **Obras Métricas**, vol.II, Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Freitas Carvalho, Braga, APPACDM, 2006, *Ostentação encomiástica que à nobilíssima e doctíssima Academia dos Generosos de Lisboa oferece, dedica e consagra o seu menor cliente e mais humilde discípulo Dom Francisco Manuel o dia que nela preside*, p. 786.

⁵⁴ Idem, ibidem.

*remunerando as suas finezas, de graça favorecendo o seu
lemittado merecimento.*

Na quarta academia, fl.9, *prezedio João Nunes da Cunha, Introdução académica*. Na fl. 9v podemos encontrar a confirmação do facto de caber ao presidente a escolha do assunto, ou assuntos académicos abordados na sessão seguinte:

*Obedecendo a Ley q me obriga a dar assumpto para a
futura Academia e não me restringindo a hum, pedirei aos
Poetas Latinos hum epigrama q' oferecido ao nosso glorioso
Patrono desta Academia Stº Antonio.*

Como segundo assunto da academia:

*Aunq escrivi mis querelas
en los celestes zafiros
la causa de mis suspiros
la ignoraram las estrellas.*

E como terceiro assunto:

*Dezeja Lycio acreditar o seu amor em singular fineza, e
assim pergunta se deue ocultalo pª viuer sem aliuio, ou se deue
publicalo pª viuer co' a certeza do desengano supondo q' he
empoçiuvel ser mericida Phenix, ou alcançada.*

Entende-se que a futura academia em que estes assuntos deveriam ser glosados corresponderia à quinta academia. Ora a quinta academia realizada a 21 de Novembro de 1660, cujo excerto transcrevemos anteriormente, foi presidida por D. Francisco Manuel de Melo: *Ostentação encomiástica que a nobelissima, e doctissima Academia dos esplendidos Generozos de Lx offereçe, dedica e consagra o seu Menor cliente, e mais humilde filho Dom Francisco Manuel, o dia q' nella Prezidio, fl 20, e os textos associados a ela são todos em louvor da própria academia*. Por outro lado, se levarmos em conta que as reuniões tinham lugar às quintas-feiras e domingos, podemos supor que se teria realizado uma outra sessão intercalada entre a quarta e a quinta academias, não tendo sido numerada no manuscrito. Com efeito, encontramos nas folhas seguintes à quarta academia uma *Introdução académica* sem menção de autor, dois epigramas a Santo António, primeiro assunto da quarta sessão, fl 12, e na fl 12v temos um soneto ao

3º assunto de Antonio da Fonseca (Soares), cujo primeiro verso é *Pareçe offença, y es merecimiento*. Logo a seguir as obras métricas ao segundo assunto, glosado por João Nunes da Cunha, António Álvares da Cunha, Francisco de Faria Correa, António da Fonseca Soares e o Conde da Torre, fls. 13,13v,14,14v.

Esta ocorrência suscita um outro questionamento relativamente à duração das sessões académicas, ou seja, a que intervalo de tempo corresponderia uma aula ou academia - como então era comum nomear estes encontros de literatos - conduzida pelo mesmo presidente? Poder-se-ia entender que uma academia se passava apenas em um determinado dia, mas também se poderia prolongar para a sessão seguinte, sendo considerada academia x porque se realizava sob a presidência de uma mesma pessoa. Este facto é confirmado neste mesmo manuscrito, havendo presidentes por mais de um dia, devidamente referidos, como se poderá ver a seguir. Também por Else Maria Henny Vonk Matias, na relação detalhada que fez das sessões académicas, dá conta do aparecimento do mesmo presidente em sessões consecutivas.⁵⁵

Continuando, a sexta academia: *Sexta Academia Oração panegírica que A insigne Academia dos Generosos de Lx Offereçe, dedica e consagra o seu Mais humilde Sogeito, o seu mayor deuoto Dom Francisco de Azevedo Prezedindo nella*, fl. 28. Sétima academia, fl. 36, a que *prezidio Antonio de Mello de Casto*. Assunto aos versos: *A hua Dama que indo cheirar hua rosa a mordeo hua Abelha*. Oitava academia, presidida por António de Sousa de Macedo, fl. 44. Na fl. 49 tem a proposta: *Aunq de comum sentencia muerte à la auzencia llama duda Marcia s yen quien ama es tan grande mal la ausencia*. Nona academia fl. 51. É indicada com uma silva: *Nona Academia Silva Dedicada aos Generosos por Francisco Correa de Lacerda no dia em que lhe prezidio*. De notar que o registo desta academia só consta de textos poéticos e tão logo terminada a silva surge um soneto do mesmo autor que é introduzido pela expressão: *Francisco Correa Lacerda no ultimo dia da sua presidencia*, confirmando assim a questão da duração de cada academia, já referida anteriormente. Décima academia, fl. 57, *Silva Proemial ou Introdução Academica no dia em que nella Prezedio D. Francisco de Mello 10ª Academia* fl. 61v, terminada a silva vem a *Pregunta q' remedio podra darse/ a um amor tan singular/ q' esta su vida en calar/ y esta su muerte en callarse. Para se glozar No siento yo lo q' siento/ por el mal q' siento agora/ siento q' piedra algun hora/ faltarme ste sentimiento*. Na fl. 63 a *Undecima Academia Oração Panegírica que*

⁵⁵ MATIAS, Else Maria Henny Vonk - op.cit. pp. 54 a 61.

fes o Sor Conde de Sabugal em o dia que Prezedio. Na fl. 65 encontra-se o Sonnetto q' dedicou a os Academicos Generosos o Sor Conde do Sabugal no segundo dia em q' Prezedio. Não há registo da décima segunda academia e na fl. 76 está exarada a oração de abertura da décima terceira academia Oração Panergírica dedicada a Academia dos Generosos de Lx no dia em que lhes preside Manuel da Cunha. De assumpto sirua este motte, ou pergunta. Sendo deuda la esperança/Sy es delicto el esperar'. Décima quarta academia, fl. 81, Oração de Hieronimo Barreto no dia de sua presidencia na Academia dos Generosos. Décima quinta academia, fl. 90, Oração panegírica que a illustre e sempre celebrada Academia dos Generosos de Lx Padre Severim de Noronha no dia q' nella preside. Depois na fl. 94 vem outra ' Oração académica q' fez o sor Padre Severim de Noronha no dia segundo da sua presidencia'.

No manuscrito 1324 da BGUC, está uma oração do Conde da Torre:

Oração proemial que o Conde da Torre oferece aos sapientissimos Mestres, e scientificos Generozos; no p.ro dia em q outra vês se torna a encorporar o congreso da Academia no seu dignissimo e meretissimo Muzeo da caza do s.or D. Anto Alves da Cunha em Domingo 13 de Novembro anno de 1661.

A proposta ou assunto para esta sessão também está documentada na fl. 2v:

Proposta aos sugeitos académicos pergunta Fabio que trata de amor y dudas tan bien si puede querer una dama que le mata.

Na fl. 17 encontramos outra oração encomiástica:

Oração encomiastica na renovação da Academia noturna dos Generosos prezidindo o Conde da Ericeira em 20 de Novembro de 1661

Na fl. 20:

Introdução a insigne Academia dos Generosos no segundo dia que prezidio o Conde da Ericeira em 24 de Novembro de 1661.

No manuscrito 1350, fl. 50, BGUC, encontramos outra oração que *fes João Nunes da Cunha presidindo na Academia em 27 de Novembro de 1661. Na fl. 53, uma*

oração proemial que fez D. António Álvares da Cunha. E na fl.52 encontramos outra oração de D. Luis de Meneses:

*Oração proemial a insigne Academia dos Generosos
prezidindo o Mestre de Campo D. Luis de Meneses em 4 de
Dezembro de 1661*

Se atentarmos nas datas destas sessões, 13, 20 e 24 de Novembro e 4 de Dezembro, poderemos concluir pela regularidade dos encontros em dias específicos como os domingos, as quartas ou as quintas-feiras, o que poderia corresponder ao período das férias académicas, como afirma Else Maria Henny Vonk Matias, ao referir que *as sessões se realizavam nos feriados do ensino oficial e os assuntos académicos eram temas para exercícios oratórios e poéticos*⁵⁶.

Muitas destas orações aparecem também trasladadas no ms. 114 da BGUC, um tomo contendo maioritariamente orações, discursos e obras métricas da *Academia dos Generosos*, o que será objeto de análise mais à frente, neste trabalho, pelo que poderá acrescentar sobre a guarda dos manuscritos apresentados à academia.

No manuscrito 6374 da BNP, referida a 2 de Fevereiro de 1662, na fl. 1, encontramos a indicação de que contém *orações certâmen e versos que se fizeram à colocação da Aula nova da Academia dos Generosos de Lx^a*. Inclui orações panegíricas e os *Jogos Olímpicos das Musas Lusitanas*, estando indicadas as datas e o motivo que originou as sessões, bem como as leis do certame.

Na fl. 11r encontra-se uma oração epidíctica:

*No dia segundo de Fevereiro de 1662 dia de nossa senhora
das Candeas em que se mudou a aula dos Academicos Generosos do
quarto alto das casas de D. António Alvares da Cunha p^a sua nova
Aula que de preposito se fez e adornou p^a isto junto do seu jardim e
no mesmo dia batizou ele hum filho.*

Relativamente a este dia dois de Fevereiro de 1662, surge outra oração encomiástica na fl. 26r: *Oração encomiástica que se celebrou na nova aula que edificou o senhor Dom António Alvares da Cunha*, e na fl. 33r uma oração panegírica:

*Aos snrs generosos académicos no dia da purificação
da mãe de Deus, em o qual o snr D. António Alvares da Cunha,*

⁵⁶ MATIAS, Else Maria Henny Vonk – op. cit. p.520.

trinchante de sua magestade batizou um filho e transplantou a academia huma' casa espaciosa a fabricou novamente e somente dedicou para exercícios literários.

À falta de um livro de assentos que pudesse elucidar a orgânica das sessões no tempo de D. António Álvares da Cunha, pensamos que o conteúdo do ms. 6374, relativo à *Academia dos Generosos*, dada a regularidade que parece ter presidido à sua organização, poderá servir de exemplificação quanto às partes em que se dividia uma sessão concursal, como se preparava e que resultados deviam ser esperados, pelo que será explorado com mais pormenor mais adiante.

Outro manuscrito da BNP, o ms. 3181, contém na fl. 65 as regras para um certame, sob a indicação: *Certame 1º Da Academia dos Generosos de Lisboa*. No entanto, não está especificada uma data precisa, parecendo corresponder a uma reabertura da atividade académica desta agremiação. O manuscrito 286, da BNP, possui igualmente obras dedicadas à *Academia dos Generosos* e a D. António Álvares da Cunha. Encontramos, nas fls. 340 e 341 deste manuscrito, outro documento de registo da atribuição de prémios, na sessão de 18 de Fevereiro de 1663, o qual termina com a assinatura dos respetivos juízes:

Dirão se os poemas deste certamen pellos juízes delle nomeados pelo claríssimo Rey da poezia e dos poetas Apollo, na carta q escreveo ao sr' conde de Sabugal dada em Domingo 26 de Dezembro dia em que dignam^{te} nos prezidia, os quais forão como Presidente o sr' João Rois de Sousa nosso Academico Prevenido, e como sensor o nosso académico desconfiado o sr' Pº Garcia de Faria como lentes o D^{or} Gaspar de Neri nosso académico esquecido e o R^{do} p e Fr Andre de Cristo nosso académico Candido e por elle foi julgado

que o melhor sonetto o q comessa Devinos olhos q' em sucinta esphera

q he do Sor Estêvão Nunes de Barros, el lhe dão so o corte de seda, e naõ o esclarecido nome de egrégio, porq ainda q' o sonetto está mais ajustado q os outros do certâmen não tem aquellas circunstancias de q necessita para adquirir nome tão sublimado.

O premio das sylvas se julgou a q comessa Aquel q aun oy al mundo cauza espanto q he do Sor Luis de Mir^{da} Henriques nosso académico Philarmonico ao qual se dá também o retenante nome de poeta excellente

O premio das cansões se dá a q comessa Luzente fº do planeta louro q he do Sor Franº Correa de Lacerda nosso académico saudozo, e repetidas vezes scientifico Cathedratico, ao qual se lhe dá também o superior titulo de poeta illustre

O premio dos Romances se dá ao q comessa entre dos sciencias mas grandes q he do Sor Dºr Joseph de Faria nosso académico synaita, el não se lhe dá o ellegantissimo nome de Poeta Famoza porq ainda q o romance he o melhor dos da contenda contudo não se ajusta a tudo aquillo q era necessario pª conseguir tão illustre titulo.

O premio das decimas se dá à q comessa quien es Phenix en amar q he da Srª Antª de S. Caetano religioza no convto de Chellas à qual não se negando a honroza antenomazia de poeta, Donifona(?) a selebramos todos aquela decima muza Luzitana

O premio das glozas se dá à q comessa Leonor enquanto no havia q he do Sor Dºr Joseph de Faria nosso académico Sinaita ao qual se dá também o cellebrado brazão de poeta óptimo

Foi publicada esta sentença na Academia Domingo 18 de Fevereiro de 663 por D. Antº Alvs da Cunha secretario da Academia, e académico Ambicioso, q esta mandou fazer, e sobrescreveo são nossos dignos espellos da ditta Academia e eu Antº Alvares da Cunha assinarei.

No manuscrito 114 da BGUC encontramos, na fl. 146, uma oração exortatória pronunciada por António Álvares da Cunha em Dezembro de 1664: *Oração exortatória que fez Don Antonio Álvares da Cunha secretario da academia dos Generosos e academico ambicioso em 26 de Dezembro a primeira vez que se abriu a Academia no anno de 664.* A oração começa assim:

Agora em que, Ó Generosos Academicos, riguroza estação do tempo poem tregoas ao militar exercício, depondo Pallas da cabeça o ferreo elmo (...)

De notar a preciosidade da informação de que é aquele o primeiro e – acrescentamos nós – último congresso dos académicos generosos do ano de 1664. Esta indicação contrasta com a ausência total de qualquer detalhe temporal, como é o caso da

oração do ms. 3181 da BNP, ou com a referência vaga, como comprova a expressão no manuscrito 642, da BPMP, *Introdução Académica recitada na Academia dos Generosos sendo o A. [Conde de Tarouca] presidente, dise contando de Idade 22 annos.*

Se, relativamente aos textos manuscritos, a pesquisa que levámos a cabo confirma a dispersão e fragmentação da produção escrita da *Academia dos Generosos* da primeira fase, no que diz respeito ao material impresso, às três obras enumeradas no capítulo anterior: *Vários versos*, de 1648; *Aplauzos académicos...*, de 1673, e a *Terpsichore Musa Académica na aula dos Generosos*, de 1666, podemos acrescentar ainda o *Certamen Epithalamico...*, de 1666, de D. António Álvares da Cunha.

Explorada que foi já a primeira destas escassas memórias impressas da academia, atentemos agora na que celebra a vitória do Canal, ou do Ameixial. Organizada por D. António Álvares da Cunha, e contendo uma extensa dedicatória - de seu punho, mas em nome da *Academia dos Generosos* - a D. Manuel Sancho, conde de Villafior, chefe militar na batalha do Ameixial e governador do Alentejo, foi publicada em 1673, em Amsterdam, por Jacob van Velsen. No entanto, apenas parte do conteúdo nos remete para o certame do ano de 1663, cujo anúncio se fez a 8 de setembro de 1663⁵⁷, constando a palestra de onze combates académicos. Esta é uma obra compósita, inclui, para além da justa académica, a narração da *Campanha de Portugal pella provincia do Alemtejo* e poemas vários de António Álvares da Cunha e outros autores.

O terceiro destes livros impressos tem a particularidade de ser uma seleção de textos diversificados, tanto obras métricas subordinadas a assuntos vários como orações académicas, da autoria do académico Joseph de Faria Manuel que as selecionou com um objetivo claro, apresentado na dedicatória, de as oferecer a D. Isabel Francisca da Silva: *Parece que o guardaua para esta boa hora, a Estrella deste liurinho, pois estando para sair há muitos dias, só neste acertou a mostrarse (...) Piquena he a offerta que delle faço a V. S. & improporcionada a tanta grandeza, mas se fora mayor, não luzira tanto sua fidalguia.* Para além da dedicatória, inclui um prólogo e um índice dos primeiros versos. Apesar de a coletânea ser claramente dirigida a uma pessoa bem identificada - D. Isabel Francisca da Sylva era dama da rainha -, o prólogo revela a preocupação do autor com o leitor anónimo que começa a consolidar-se no século XVII, utilizando uma breve alegoria como forma de captar a sua atenção e simpatia - *captatio benevolentiae* -

⁵⁷ MATIAS, Else Maria Henny Vonk – op.cit.p. 59.

com a finalidade de justificar o título da obra e a sua própria arte poética. Por estas particularidades bastante significativas para a época, reproduzimos esse mesmo prólogo:

Leitor amigo, ou curioso Leitor, suponho que o hes, pois les os Pròlogos.

Esta Musa me nasceo na Freguesia (...) Jardim da Academia dos Generosos, nos Palacios de Apolo, na Vniversidade das Sciencias, & foi das momosas da Corte de Parnazo, & estimada do fiho de Latona, & Inuentora DA SUA Cithara, donde lhe chamáram Citharista; veo a meterseme em casa desde minina por não sei que pendencias diz que tivera com as outras, sobre o repartir a agoa da Fonte Cabalina, em hum Verão que houve grande seca de Poetas; outros dizem que sobre guiar huma dança nas festas de Ioue em Helicon vzinho de Parnazo. (valha a verdade) Pareceolhe acerto acolherse a sagrado para fugir arruídos; fizlhe eu o agasalho que pude, não o que ella merecia; & em satisfaçam deste serviço me fez Poeta (tal qual Deos melhore e tu verás nas minhas obras) Deome confianças para ir a Academia com cartas de fauor de Apolo, de quem era o mimo; meteome na cabeça fazer versos & musico era a minha inlinação, foi fácil accomodarme a seu genio, donde a minha Poesia sempre inclinou àquella parte, mas nem por isso (dizia ella) deixasse os altos conceitos, & as ideias subidas (...) que se acertasse com amescla de tecer huma , & outra cousa, acertaria com huma inuentiua agardauel que contem aquelle difícil ponto de ajuntar o útil, & deleitoso. Tanto fui continuando no exercício, que ella obrigada de minha assistência, por me adiantar nas honras, como era valia, & valedora do Secretario illustre da Aula dos Generosos, me fez consultar duas vezes em Presidente da Academia, & me poz naquele lugar por mostrar o que podia.

Isto assim feito, crescendo com o tempo a Musa, tendo já gastado alguns anos em minha companhia, começou a requererme, que se não atreuia a estar encerrada tanto tempo, que a deixasse sair a luz com os partos do engenho que em mim hauia criado; resisti o que pude, & não pude nada, pois contra o meu intento se quis pôr em publico, leuando consigo quantos borroens achou, mal limados, & peor escritos, que escaparão nesta casa da mudança, & da perguiça, dous bichos bem peçonhentos contra papelinhos soltos: nelles acharàs duas Oraçoens Academicas ao principio, & (...) entre ellas alguns Certamens em que assisti, donde me derão alguns prémios, alguns assumptos Academicos em que me achei, outros vários, & hum Baile cantado, que por mostrar a Musa a sua inclinação quis também leualo consigo.

A isto da inclinação da Musa, pôdes pôr hma isnancia (se quiseses) dizendo que he de mais bailes, & musicas, que de

versos, & e obras Academicas. E como he razão que acuda por ella, respondo; que a esta Musa se assina com singularidade toda aquella Poesia que se vincula à musica da voz, & aos compaços, & medidas dos bailes harmoniosos, & que as Oratorias, & os versos também constão de regras, medidas, methodo, & armonia; assim que não foi desacerto valer della, & demais, que o mesmo officio tem todas as outras oito, como introduz Homero na I. p. da sua Iliada, (...) & conforme a adeuertencia de Atheneo, (...) 4 das suas Dipnosophistas, que diz, que ao som da lira de Apolo recreauão aos Deoses com sua musica depois daquela ambiciosa contenda, que os mesmos huião tido por Achilles, 6 despois de Homero o mesmo afirma Hsiodo no principio da sua Theogonia, como quer Luciano, dizendo hauellas elle mesmo visto no Monte Helion, bailando juntas em rodada Ara Iupiter, 6 às margens da fonte Castalia; com que igualmente a todas compete aquella género de musica Poesia, ainda que a cada hua se atribuição diversas espécies Poeticas. Caliope he Musa toda Douta, & não he par todos; Clio he hum Real Musa, & para poucos; Polynmia, he hum Musa moral, & nem todos a quererão ouuir; Melponeme he hum Musa triste, & todos hão de fogir della; Erato he toda amores, & todas será canceira; Thalia não he muito honesta, & não serue; Euterpe he hum trombeteira, & estrugira a gente; Vrania toda he do Ceo, & não quererá andar na terra com as minhas trouas às costas. A nossa Terpsichore, he hum moça na figura elegante. No espirito alentada, no aspecto fermosa, ayrosa nas acçoens, engraçada nos mouimentos com hum cithara nas mãos governando ao mesmo tempo, com o mesmo compaço a doçura da voz, & as mudanças dos passos, cantando, & dançando; & hauendo de escolher, porque não seria esta? De quem diz Plutarco, que a mayor parte da vida nos aliuia, & deleita, cujo nome significa deleitar a coros; que isto quer dizer Terpsichore; ahi a tens fazendote festa, alegrandote, & seruindote. Se ainda assim te não contentas, não sei que te diga, se não: Vale, que em Portuguez quer dizer, tenhas muita saúde, & a Deos que ta dé como desejas. De casa, o anno dos feitos do Cometa, em 5 de Nouembro de 1665.

Como já referimos, na maioria, as composições são extraídas do seu contributo para a *Academia dos Generosos* – ainda que haja um ou outro contributo deste autor para a *Academia dos Singulares*, de que, à semelhança de outros, também foi sócio - com destaque para alguns dos momentos conhecidos, como a casamento de D. Afonso VI, ou a celebração à vitória do Canal. A par das obras poéticas, o autor inclui também algumas orações académicas que proferiu enquanto presidente. É o caso das sessões de

dezanove e vinte e três de março de 62. Uma outra oração de 1665 está reproduzida na p. 161, sem dia especificado, *Ao abrir a Academia e dando por assumpto, o Presidente Francisco Correa de Lacerda, Mestre de S. Alt. Huma Dama que aparando huma pena se ferio em hum dedo*. Encontramos ainda na p. 217, uma outra oração referente a vinte e seis de março de 1665. O assunto da oração foi-lhe dado por D. António a quem o orador se queixava do peso de tal responsabilidade, ao que teria retorquido D. António com a expressão latina: *FINIS CORONAT OPUS*, que lhe serviu de mote, desenvolvido ao longo do texto que então produziu.

A última publicação impressa é o anúncio em verso feito por D. António Álvares da Cunha do *Certamen Epithalamico ao Felicissimo Cazamento de D. Affonso VI com a Princeza D. Maria Francisca Isabel (...) na Officina de Ioam da Costa*, em 1666. O tema deveria ser glosado a partir de dez assuntos - em dez diferentes modalidades métricas - fornecidos pelos deuses, personagens que decidem como se deve processar o concurso. As duas obras da autoria do académico *Ambicioso* serão tratadas em pormenor mais à frente, neste trabalho.

A celebração de uma vitória, o encómio a uma personalidade ilustre do tempo, o versejar sobre um tema fútil (*A hum girasol abrazado de hum rayo*) ou um tema heróico (*Alexandre atando com o diadema as feridas de hum soldado*)⁵⁸, poderia, como já referimos, corresponder à ocupação do tempo de ócio de que dispunham os académicos, homens de Letras e, também, homens de Armas. Assim parece ser, se atentarmos no início da oração académica, proferida por D. António Álvares da Cunha, no dia 26 de Dezembro de 1664, a que já fizemos alusão. E o que diz Barbosa Machado sobre o académico *Ambicioso* é sintomático desta opinião e projeta a discussão para outro horizonte de análise do Portugal de seiscentos na perspetiva do relevo dado ao ideal de compatibilizar o amor pelas Letras com a prática das Armas:

(...) do silêncio das Musas” deixou-se arrebatado pelo
“tumulto das Armas para a Patria invadida pelos castelhanos
onde depois de encher as obrigações de valeroso Soldado, e
prudente Capitão, os cuidados domésticos, e a falta de saúde o
obrigaram a restituir-se à Corte”, e, para ocupar o tempo e
fugir ao “torpe ocio” instituiu em sua Casa huma Academia,
intitulada, dos Generosos.

⁵⁸ Ms. 295 – BACL.

Metrificar na academia poderia corresponder, portanto, a um processo de ficcionalização alegórica da técnica para fazer a guerra real entre exércitos. O espírito competitivo gerado entre os académicos - simbolicamente rivais – instalava-se, obrigando-os a mostrar as capacidades literárias de acordo com os instrumentos retóricos determinados pelas regras do *combate*. A própria sessão académica representava um campo de batalha simulado de onde saíam derrotados ou vencedores, mas, mais significativo ainda, afigurava-se o espaço social onde se aprendia e exercitava uma arte imprescindível para o homem barroco, como o era o domínio de uma arma tão poderosa como a arte da retórica, dos conceitos e das imagens. Esta comparação que pretende enobrecer as letras, colocando-as ao mesmo nível de importância que o manejo das armas tem para a época, é, em si mesma, assunto académico versado frequentes vezes, conforme se pode ver no ms. 6374, fl. 57:

*Segundo assumpto
Seis outavas Portuguesas
A amizade q entre sy deuem guardar
as Letras e as Armas.
Ao sr. D. Antonio Alvz da Cunha*

*Vive em eterno laço sempre unida
aquella tão terníssima amizade
das armas e das letras florecida
nos fundamentos todos da verdade:
Que em vão pertende enveja conhecida
fazer lhe tiro na presente idade;
porq apezar do tempo e da fortuna
sofrasse em castelhano; hade ser una.*

Respeitar o assunto, dominar a Língua e a Métrica, conhecer a História e a Mitologia, eram os pressupostos para participar no combate académico. O poeta *Melodino* declara-o objetivamente na *Isagoge Panegírico por Introdução ao real certâmen que na Academia dos Generosos de Lisboa oferece o conde da Torre, de alvíssaras a Portugal o dia que se celebra o ditoso nascimento da Sereníssima Senhora Infanta D. Caterina agora rainha de Inglaterra que orou D. Francisco Manuel em sua terceira presidência académica*:

*Empunhai, ó Generosos guerreiros, a pena como a lança, o papel como escudo, sem temor de ficar vencidos (...) Se alguma hora descessem (os deuses) do Olimpo à terra, seria hoje, só a ver-vos batalhar neste doutíssimo certâmen, ó doutíssimos justadores*⁵⁹.

A utilização de terminologia bélica superlativava, à luz do código literário da época, o sentido heróico de um acontecimento feliz para a corte, como foi o nascimento da princesa D. Catarina, atribuindo-lhe proporções exageradas que posteriormente haveriam de ser criticadas. Porém, a análise da poesia produzida no contexto académico não pode ser simplesmente reduzida a um mecanismo artificial e oco, como muito bem salienta Else Maria Henny Vonk Matias:

*Os assuntos académicos, tratados na poesia leviana, foram criticados pelos próprios autores e as manifestações de insuficiência dos oradores eram proibidas na Academia dos Ocultos e consideradas supérfluas por outros grémios. A poesia produzida pelos académicos em exercícios sobre temas obrigatórios não pode ser avaliada como sendo composições artísticas características para o nível literário da época. Uma análise de todos os poemas que constam das colectâneas encontradas mostrará a possibilidade de criar uma antologia de teor diferente das amostras fúteis e levianas, consideradas exemplificativas dos trabalhos académicos.*⁶⁰

*As manifestações de insuficiência dos oradores também são avaliadas na Academia dos Generosos, como bem se pode comprovar no registo da atribuição de prémios, na sessão de 18 de Fevereiro de 1663: e não se lhe dá o ellegantissimo nome de Poeta Famoso porq ainda q o romance he o melhor dos da contenda contudo não se ajusta a tudo aquillo q era necessario p^a conseguir tão illustre titulo.*⁶¹

Apesar da dispersão de testemunhos, podemos confirmar alguma regularidade das reuniões, privilegiando o período do ano que vai de outubro a março, como é possível deduzir das datas anteriormente apontadas nos diferentes trechos transcritos e também do conteúdo da fl. 32, *Ao renascer da academia, tendo acabado no princípio do verão*, do manuscrito 286, BNP, correspondendo às férias académicas. Os certames aconteciam aos domingos e quartas, ou quintas-feiras. As assembleias eram convocadas,

⁵⁹ MELO, Francisco Manuel de - Idem, p.791.

⁶⁰ MATIAS, Else Maria Henny Vonk – op. cit. p. 520.

⁶¹ Ms. 286, da BNP, fls. 340 e 341.

ora por razões internas de funcionamento normal da academia, ora por razões externas, como a celebração de um nascimento ou um casamento real, ou a vitória numa batalha.

Pela leitura de algumas orações das sessões académicas, é possível perceber que, à semelhança do que se passava na universidade, a academia portuguesa de seiscentos pretendia manter vivo o conhecimento humanístico nos moldes dos séculos anteriores. Um exemplo retirado de uma sessão académica, não datada, da série de aulas manuscritas *PRIMEIRAS E SEGUNDAS LIÇÕES FEITAS NA ACADEMIA DE D. ANTÓNIO ÁLVARES DA CUNHA*, da biblioteca do Congresso de Washington⁶², poderá confirmá-lo:

*Esta doutrina, (os generosos académicos) não se entende que por meyo dos estudos e de engenho se vão da lei da morte libertando. Vive-os ainda hoje na memória dos homens haõ de viver e celebrar-se perpetuamente as obras de muitos Autores antiquissimos e os conceitos de muitos espíritos elevados. Da mesma maneira estas lições tão doutas que aqui ouvimos Politicas sobre Tacito, Poeticas sobre Camões, Morais sobre Seneca; estes versos tão engenhosos tão discretos tão limados que aqui se nos lem são princípios da vida e ensayos de immortalidade.*⁶³

É possível também, como afirma Else Maria Henny Vonk Matias, confirmar os interesses dos associados pela ciência e conhecimento empírico. O manuscrito anteriormente citado prova-o. A doutrina de Aristóteles *sobre o céu e as coisas celestes* e as teorias da posição da terra e do sol no universo de Ptolomeu, Copérnico e Galileu foram explicadas nessas lições, ainda que a sua abordagem se subordinasse à proteção de Urânia, a musa da astronomia. O valor concedido à ciência moderna é manifestado numa dessas aulas:

É absurda a opinião vulgar que nega aos engenhos modernos a glória de novos inventos, como se os antigos mestres esgotassem toda a ciência e nem deixassem aos vindouros alguma parte, ou para descobrir de novo, ou para explicar com novidade.

Mas não nos é permitido deduzir que os académicos tivessem um conhecimento profundo das implicações da modernidade científica, ou sequer que compreendessem o

⁶² CUNHA, António Álvares da - *Varias cartas e poesias latinas* [Texto policopiado]: *primeiras e segundas liçoens feitas na Academia de D. António Alveres da Cunha*. p. 74. A BNP possui uma cópia destas *LIÇÕES* que se encontra quase ilegível.

⁶³ Idem, p. 74.

seu conteúdo. Basta relembrar as circunstâncias anteriormente referidas em que o mesmo assunto foi abordado sob um prisma fantasioso e alegórico regido pelo superior patrocínio da musa, sem preocupações empíricas e científicas, como as que norteavam as academias mais reconhecidas da Europa cujo labor representou um verdadeiro avanço para a humanidade.

A aproximação da academia à universidade relança a discussão sobre o termo *literário*, usado geralmente para qualificar as academias do século XVII. Com efeito, o adjetivo engloba mais que a interpretação novecentista de *Belas-Letras*, comportando na sua base etimológica o sentido de leitura e de escrita. Portanto, e seguindo o ponto de vista de Else Maria Henny Vonk Matias, *uma academia literária, no sentido coevo, dedicava-se à leitura e à escrita*⁶⁴, sendo um lugar onde se ministrava a instrução e, ao mesmo tempo, uma sociedade de sábios e artistas. Nota curiosa que sustenta este ponto de vista é a existência de um académico que se assina como *Discípulo do mestre de escrever*⁶⁵. Mas esta diversidade de sentido pode estar também implícita na própria introdução da oração encomiástica de 20 de Novembro de 1661, *renovação da Academia noturna dos Generosos*. Com efeito, a utilização do adjetivo *noturna* permite admitir a possibilidade de haver academias, no sentido de aulas ou sessões, que se realizassem a outras horas do dia, mais consentâneas com o ato de ensinar e aprender.

À mulher não estava vedada a atividade académica. Nos documentos encontrados temos dois textos poéticos de Leonarda da Encarnação e um texto, aliás premiado na academia, de Antónia de S. Caetano, religiosa do convento de Chelas⁶⁶.

Para concluir a abordagem da primeira fase, não deixa de ser relevante notar, também na introdução de outra oração do ano de 1662, que a academia passou a ter um lugar exclusivamente dedicado aos *exercícios literários*, na casa de D. António Álvares da Cunha, que Edgar Prestage localiza na Rua Direita das Chagas, entre as calçadas do Sequeiro e das Laranjeiras, num espaço que estaria próximo do jardim – *e adornou isto*

⁶⁴ MATIAS, Elze, Maria Henny – op. cit. *Considerações Preliminares*.

⁶⁵ Ms. 306 AT/L, fl. 113 – BNP.

⁶⁶ De realçar a referência ao academismo no feminino em Portugal, no século XVI. RIBEIRO, José Silvestre – **História dos Estabelecimentos Científicos**, pp. 62/3. Sobre a princesa D. Maria e as Academias: *O avultado dote que el-rei D. Manuel deixou a sua filha, a infanta D. Maria, habilitou-a para viver em separado com a maior grandeza; e assim, em chegando à idade de dezasseis annos, se lhe estabeleceu casa própria e independente do palácio de seu irmão el-rei D. João III, dando-se para seu serviço pessoas nobres de um e outro sexo.*

Desde que a infanta teve casa em separado, ou antes uma verdadeira e luzida côrte, regulou com admirável discricção o emprego do tempo, no sentido de que as suas damas e criadas, sem prejuízo dos cuidados da devoção, e dos lavôres e misteres próprios do sexo feminino, podessem adquirir instrução, e recrear tambem o espírito com agradáveis entretenimentos da musica e da pintura: e d'est'arte estabeleceu nos seus paços uma excellente e recommendavel academia litteraria e de bellas artes.

junto do seu jardim – facto que não será irrelevante considerar, dado que abre a possibilidade de a *Academia dos Generosos*, nesta fase, se ter aproximado de um tipo de academia de jardim, sabendo-se o lugar que o jardim ocupa nos primórdios da academia na Grécia, e que António de Sousa Macedo deixa entrever no discurso que proferiu nessa mesma sessão académica de 1662:

*Que rio tão caudaloso rega este belo jardim!
Clarissimos e generosos Académicos, lustre de Portugal, inveja
às nações mais sabias, aguias ao sol da sciencia; cujos
costumes abonão nosso sangue, cuja vida mostra nossos
estudos, e se faz uiuo exemplar da melhor doutrina (...)*

E continua, estabelecendo comparações com outros grandes rios, estes reais, o Ganges, o Hebro, o Pó, o Tejo. Avança, depois, apoiando-se nos grandes vultos clássicos, para reforçar a excelência da academia:

*Porque se cremos a Plínio, aquele jardim era tão
grande como a grandeza do Mundo (...) Se cremos a
Damasceno naquele jardim so habitaua o homem sem admitir
irracionais; assim nas Academias só uiuem os sábios e não são
admitidos os néscios. Se cremos a Ireneo aquele jardim não se
ve sogeito ao diluuio universal; tão pouco o são as Academias
às tempestades e furores dos tempos; se cremos a Basilio
naquele jardim ve se candeeias dous sois sem ocase, nas
Academias luzem as sciencias sem ...(?⁶⁷). finalmente naquelle
jardim estava plantada a arvore da sciencia q a mostrão plena
estes(?) sua Academia verdadeira⁶⁸.*

Esta localização espacial específica seria, certamente, de grande importância para os académicos ao reforçar toda a atividade desenvolvida desde 1647 e seria inspiradora para as academias do século seguinte, nomeadamente a *Academia dos Ilustrados* (1716-1720).

A documentação da segunda fase da *Academia dos Generosos* (1685/1686) está conservada no manuscrito 306 AT/L que contém, no primeiro volume, um maço de papéis da *Academia dos Generosos* e, no segundo volume, uma mistura de papéis relativos à produção poética desta academia e da *Academia dos Ocultos*⁶⁹. Trata-se de

⁶⁷ Palavra elegível, tem um buraco de queimadura no meio.

⁶⁸ Ms. 6374, BNP, fl.11.

⁶⁹ Há uma nota introdutória a lápis, talvez feita por José Arriaga, que alerta para a mistura de papeis dos Generosos com a dos Ocultos e com uma academia de que ele ignora o nome. Informa ainda que os textos estão dispostos na mesma ordem em que os encontrou.

um manuscrito com elementos mais precisos sobre os académicos e os modos de tratamento dos diferentes assuntos propostos para os certames.

No primeiro maço encontram-se os *Assumptos Poeticos das obras que estão nesse maço sessão 1ª em 1686*. São catorze sessões, cada uma com um índice muito reduzido. Os textos de D. António Álvares da Cunha estão incluídos na primeira e quinta sessões, com os títulos respetivamente: *D. Antonio Alvares da Cunha renovando em sua casa a academia dos anónimos* (sic) e *D. Antonio Alvares da Cunha, Protector da Academia*. Seguem-se os nomes dos académicos daquela renovação. O primeiro é o Marquês de Arronches, também chamado príncipe de Ligne, cuja epígrafe é académico *Peregrino*, o Conde de Alegrete, o Conde de Villar Mayor, os condes da Ericeira (D. Fernando de Meneses e D. Luís de Meneses), D. Francisco de Lullermy, D. Luís da Cunha, com a epígrafe de académico *Togado*, e D. Carlos de Noronha. Seguem-se nomes de académicos sem menção a qualquer título nobiliárquico: o académico indigno: Jullio de Mello e Castro, o *Ermitão* (Francisco Mascarenhas Henriques) e Francisco Leitão e Ferreira. A fl. 12 do segundo maço apresenta uma divisão por assuntos. Assim: *assumpto sacro*; *assumpto moral*; *assumpto heróico* e *assumpto jocoserio*.

Seria desta fase o poema do académico Froilo de Mascarenhas da Cunha que dá conta do longo período de inatividade da academia:

*Erigiendose despues de largo olvido
La Academia de los Generosos*

Soneto

*Oy renasce, oy se ilustra,oy se corona
La siempre generosa Academia
En vano el tiempo contrastar porfia
La immensa Lux, que de immortal blasona.*

*Mas gloriosa en la Fama se pregona
quando triumphs de la suerte ímpia
La misma sombra, a que succede el Dia
La claridade más estimable abona.*

*En las obscuras sombras del Letheo
porque el olvido su esplendor sepulta
más sublimados sus laureles veo.*

*Lustre mayor del dano le hezulta
que perdida la gloria del tropheo,
quando se recupera más avulta.*⁷⁰

Ainda que esta fase corresponda a um curto período de duração, podemos reconhecer uma organização diferente das sessões com a separação dos assuntos de acordo com os modos de apresentação aristotélicos: o trágico, o épico e o cómico. A academia ganha também um ténue reconhecimento régio, patente no anúncio feito por D. António Álvares da Cunha: *CERTAME DE 1686, para celebrar o renascimento da academia e a Sua alteza, protectora da academia.*

Ao longo deste esboço para a consolidação da memória da *Academia dos Generosos* muitos nomes foram surgindo, uns conhecidos e estudados como D. Francisco Manuel de Mello, Frei António das Chagas ou António de Sousa Macedo, outros quase ignorados ou mesmo desconhecidos. Este trabalho permitiu-nos encontrar nomes de académicos que, provavelmente, apenas escreveram para responder aos desafios que eram propostos pelo presidente. Seria, pois, interessante a criação de um dicionário de nomes dos académicos, para clarificar e individualizar o percurso e o contributo que cada um deu para as sessões, permitindo levantar o véu que o tempo fez descer sobre a *Academia dos Generosos* e fomentando, ao mesmo tempo, o estudo da obra produzida.

Se atentarmos na lista de dezassete académicos presente no livro impresso em 1648 com *Vários Versos ao Felix Nascimento, do Sereníssimo Infante Dom Pedro Manuel...*, ficamos a saber quem foram os académicos presentes nas primeiras sessões, mas é um conhecimento insuficiente, considerando a duração temporal da academia, bem como o elevado número de autores a ela associados. Nomeamos, ainda assim, esses primeiros académicos:

António Álvares da Cunha,
António Carvalho Pimentel,
António de Melo de Castro,
António de Miranda Henriques,
Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha,
Francisco de Faria Correia,
Francisco Mascarenhas Henriques,
Gregório de Pina,
João Nunes da Cunha,

⁷⁰ 306 AT/L. fl. 22.

João Rodrigues de Sousa,
Jorge d' Orta de Paiva,
Lourenço Saraiva de Carvalho,
Luis de Cisneros,
Manuel Gomes Serrano,
Manuel de Melo,
Manuel Pires d' Almeida.

Um primeiro passo para este labor de construir apontamentos biográficos relativos aos académicos *Generosos* já foi dado por Edgar Prestage⁷¹ que nos deixou uma lista *provisória* dos sócios, ao tempo em que D. Francisco Manuel de Mello frequentava a academia, fundando-se nas informações recolhidas nos códices consultados e livros impressos, nomeadamente, o *Terpsichore* a que já nos referimos. Como este investigador reconheceu, a existência de pessoas com o mesmo nome dificultou a tarefa e exemplificou: *havia pelo menos quatro homens com o nome de Francisco de Mello – o escriptor, seu primo, o Conde de Assumar e o Conde da Ponte*.⁷² Pensamos, no entanto, que este não será o único obstáculo a vencer para o conhecimento rigoroso dos académicos. Na verdade, desconhecemos o modo como eram aceites neste grémio. Muitos deles em virtude do seu estatuto social teriam a entrada franqueada, outros por amizade ou favor. Ignoramos se havia uma lista de sócios: enquanto uns se mantêm constantes ao longo dos anos, outros aparecem referenciados numa única sessão. Edgar Prestage adianta que *tomavão parte nos certames académicos pessoas estranhas*⁷³. Leonarda da Encarnação, Josefa de Santa Teresa e Antonia de S. Caetano têm textos que aparecem entre os papéis ligados à academia. Podemos interrogar-nos se não poderiam ter tomado parte nos certames, sendo, também elas, consideradas pelos outros académicos como sócias? Notemos que a primeira das três aparece referenciada nos textos de 1648. Será legítimo, a partir destes dados, equacionar a possibilidade de entendermos a *Academia dos Generosos* como um espaço social verdadeiramente aberto e flexível, no contexto duma sociedade que se aplicava claramente na demarcação de nichos de poder?

O elenco dos nomes que a seguir apresentamos teve por base o trabalho de Edgar Prestage que temos vindo a referir e os trabalhos poéticos de que pudemos identificar os autores, bem como as orações proemiais, todas elas atribuídas aos

⁷¹ PRESTAGE, Edgar - op.cit. pp. 319 a 324.

⁷² Idem, p. 318.

⁷³ Idem, p. 314.

sucessivos presidentes das sessões. Trata-se de uma tentativa de congregar um corpo de autores, nomeando-os e, em alguns casos, destacando pormenores biográficos.

Para o ano de 1648, além dos nomes anteriormente referidos, encontrámos ainda os autores Guilherme Conquiery, o *Queixoso*, e D. Bras Nunes Manhães. Os académicos da parte final da primeira fase foram também referenciados por Edgar Prestage e a lista é a que se segue. Em determinados casos destacamos alguns aspetos biográficos que conseguimos recolher e que nos pareceram mais significativos:

Alexandre do Couto;
Alexio Colloto de Jantillet – Secretário de Infante D. Duarte;
André Rodrigues de Mattos – Traduziu a *Jerusalem Libertada*, de Tasso.
Também pertencia à *Academia dos Singulares*;
Antonio Barbosa Bacelar;
Antonio da Fonseca Soares – Frei Antonio das Chagas;
Antonio da Silva*⁷⁴;
Antonio de Mello de Castro, *O Incuberto* - Prestage afirma ter sido Capitão de Sofala e Governador da Índia⁷⁵. O manuscrito 1324, BGUC, contém variados sonetos deste autor, enquanto assunto académico;
Antonio de Sousa Macedo – Escritor, diplomata e Secretário de Estado;
Antonio de Torres da Rocha;
Antonio Lopes Cabral – Capelão e cantor da Capela Real. Também pertencia à *Academia dos Singulares*;
Aurelio Trocci;
Bispo de Targa *;
Carlo Antonio Paggi- Tradutor para a língua italiana de ‘Os Lusíadas’;
Christovão Alão de Moraes – Poeta, magistrado e perito em línguas;
Conde da Torre – D. João de Mascarenhas, 2º conde da Torre e 1º marquês de Fronteira. Foi designado gentil-homem da câmara de D. Pedro II, fazia parte do Conselho de Guerra, foi mestre de campo, general da Corte e da Província da Estremadura. Salientou-se em 1663 na defesa da cidade de Évora. Foi o 1º marquês da Fronteira, tendo mandado construir o Palácio e Parque de Benfica⁷⁶. O manuscrito 1350, BGUC, contém variados sonetos deste autor, enquanto assunto académico;
Conde de Atouguia -D. Jeronimo de Ataide, 6º conde de Atouguia;
Conde de Figueiró;
Conde de Lencastre;
Conde de Sabugal;
Conde de Villar Mayor – Manuel Telles da Silva e Marquez de Alegrete;
Conde dos Arcos – D. Thomas de Noronha.

⁷⁴Tanto para o Bispo de Targa como para Antonio da Silva, Edgar Prestage coloca uma interrogação quanto a terem feito parte da Academia.

⁷⁵Idem, p. 319.

⁷⁶MARTINS, Oliveira – **D. Afonso VI**, Lisboa, Guimarães Editores, 1989.

Condes da Ericeira - D. Luis de Meneses. O manuscrito 1324, BGUC, contém variados sonetos deste autor; D. Fernando de Meneses;

D. Antonio Alvares da Cunha;

D. Duarte da Camara;

D. Fernando Correa Lacerda – Bispo do Porto e fundador da *Academia dos Instantâneos*;

D. Francisco de Azevedo;

D. Francisco de Mello;

D. Francisco de Sousa – Presidente do Senado da Camara e da Mesa da Consciência;

D. Francisco Manuel – (D. Francisco Manuel de Mello) ms. 1324: fl. 3 “ya que es voto de amor morir propicio” – este soneto é antecedido pela seguinte informação:” Respondese a la métrica interrogacion del sor prezidente, mas no se dirige al sertamen con este”;

D. Lourenço de la Rocca;

D. Lucas de Portugal – Filho de D. Francisco de Portugal;

D. Manuel Luiz de Ataide – 7º conde de Atouguia;

D. Sebastião de Figueroa;

D. Sebastião do Campo d’Aguilar;

Diogo Gomes de Figueiredo – Companheiro de D. Francisco Manuel de Mello no naufrágio de 12 de janeiro de 1627. Pertencia também à *Academia dos Instantâneos*;

Diogo Vaz Carrilho – Tradutor para o português de *Imitatio Christi* de Thomás de Kempis;

Dr. Gaspar Meri, *o Académico Esquecido*;

Dr. João de Albuquerque;

Dr. Manuel de Gallegos – Autor da *Gigantomachia* e amigo íntimo de Lope de Vega.

Duarte de Mello;

F. Gonçalves Leite;

Fernão Correa da Silva;

Fradique da Câmara – Tradutor em oitava rima dos seis primeiros livros da *Eneida*;

Francisco Cabral de Almada;

Francisco Correa de Lacerda – Mestre de D. Afonso VI e de D. Pedro II, foi Secretário de Estado; o académico *Saudoso*.

Francisco de Faria Correa;

Francisco Mascarenhas Henriques;

Frei André de Cristo, o *Candido*;

Frei Francisco Macedo;

João de Oliveira;

João de Saldanha;

João de Tilher;

João Francisco Doria;

João Nunes da Cunha – 1º conde de S. Vicente. Explicava o poema de Tasso na Academia;

João Pereira da Silva - Também pertencia à *Academia dos Singulares*;

João Rodrigues de Sousa, *o Académico Prevenido*;

José Carvalho de Sousa;
 Joseph de Faria – Entre outros cargos o de Secretário de Estado de D.
 Pedro II;
 Joseph de Faria Manuel – Confessor da Capella Real, poeta e pregador;
 pertenceu também à *Academia dos Singulares*;
 Luis Correa da Silva;
 Luis da Costa Correa – Também sócio da *Academia dos Singulares*;
 Luis de Miranda Henriques – Também pertencia à *Academia dos Singulares*;
 Luis Serrão Pimentel;
 Manuel Carvalho;
 Manuel da Cunha;⁷⁷
 Marquez de Fontes – D. Francisco de Sá e Meneses, Conde de Penaguião;
 Nuno da Cunha Atayde;
 Pedro Garcia de Faria, o *Académico Desconfiado*;
 Pedro Severim de Noronha;
 Ruy Fernandes de Almeida;
 Simão Correa da Silva;
 Vicente de Gusmão Soares.

Se confrontarmos esta lista de académicos com aquela a que nos referimos antes e que se encontra no livro impresso *Vários Versos ao Felix Nascimento, do Sereníssimo Infante Dom Pedro Manuel, dos Académicos a que preside Dom Affonso de Meneses*, verificamos que alguns nomes permaneceram ativos desde o início da academia, como João Nunes da Cunha ou Antonio de Mello de Castro, enquanto outros participantes nessas primeiras sessões não aparecem referenciados nesta lista, como são os casos de António Carvalho Pimentel, António de Miranda Henriques, Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, Gregório de Pina, Jorge d' Orta de Paiva, Lourenço Saraiva de Carvalho, Luis de Cisneros, Manuel Gomes Serrano ou Manuel Pires d' Almeida.

O uso de nomes académicos, de tradição nas academias italianas e espanholas, parece ter sido muito frequente neste período. Prestage aponta alguns deles. Para além do académico *Ambicioso*, encontramos o *Aonio* (Antonio de Sousa Macedo), o *Felizardo* (Conde da Ericeira), o *Prevenido* (João Rodrigues de Sousa, o *Desconfiado* (Garcia de Faria), o *Esquecido* (Gaspar de Meri), o *Singular* ou *Philarmonico* (Luis de Miranda Henriques), o *Saudoso* (Francisco Correa de Lacerda), o *Synaita* (Joseph de Faria), o *Melodino* (Francisco Manuel de Mello), o *Florido* (Luis da Costa Correa), o *Incognito*, o *Mercenario*, o *Bucolico*, e o *Candido* (Frei André de Cristo).⁷⁸

Na terceira fase, depois da morte de Dom António Álvares da Cunha, orientaram as reuniões os seus dois filhos, D. Pedro e D. Luís da Cunha, e em 1696, já com as

⁷⁷ Edgar Prestage levanta a hipótese de se tratar do tio de D. António Álvares da Cunha.

⁷⁸ PRESTAGE, Edgar - op. cit. p.325.

sessões organizadas por D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira,(1673 – 1743) o nome da academia muda para *Conferências Discretas e Eruditas*, até 1705, altura em que D. Francisco é chamado ao serviço da Coroa. Em 26 de Maio de 1717, sob a direcção do mesmo Conde da Ericeira, reabrem de novo as sessões da *Academia dos Generosos*, numa quarta fase, agora intitulada *Conferências Discretas e Eruditas* ou *Academia Portuguesa*. São nomeados 24 mestres para leccionar sobre os mais variados assuntos nas reuniões académicas que tiveram lugar no palácio Cunhal das Bolas⁷⁹, pertencente aos condes da Ericeira. A figura de Rafael Bluteau, um padre francês da Congregação de S. Caetano, assume grande destaque, nomeadamente com as suas preocupações e propostas filológicas para discussão académica da língua portuguesa, saindo da sua mão o *VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO, Coimbra, no collegio real das artes da Companhia de Jesus*, 1718. Foram publicadas as suas intervenções académicas na obra *Prosas Portuguesas Recitadas em Differentes Congressos Académicos pelo Padre D.Rafael Bluteau, Preâmbulo Breve na Renovação da Academia dos Generosos, nas casas do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses*, na Officina de Joseph Antonio da Sylva,1726. A última referência à Academia Portuguesa é de 23 de Maio de 1722⁸⁰.

D. Francisco Xavier de Meneses e D. António Caetano de Sousa conseguem captar o interesse de D. João V para o estudo da História, o que permitiu que, a 8 de Dezembro de 1720, fosse criada por decreto régio a *Academia Real da História Portuguesa*, composta por cinquenta sócios, dez escolhidos pelo rei e quarenta pertencentes às academias dos *Anónimos* e das *Conferências Discretas e Eruditas*. Ficou instalada no palácio dos Duques de Bragança e foi dotada de uma prestação anual de mil reis. Os académicos tiveram acesso facilitado a todos os documentos dos cartórios e arquivos do reino, abrindo-se, assim, um novo período do academismo em Portugal.

⁷⁹ Atual Hospital de São Luis dos Franceses, onde faleceu o poeta Fernando Pessoa.

⁸⁰ MATIAS, Else Maria Henny Vonk - op. cit. p.47.

A Empresa e os preceitos

Como pudemos verificar no capítulo anterior, apesar de não haver nenhum livro impresso ou qualquer manuscrito que contenha a memória completa da atividade da *Academia dos Generosos*, é possível traçar uma linha de continuidade, ainda que intermitente, de uma agremiação não só duradoura, mas também com significativo relevo no contexto cultural do século XVII português. Os seus associados foram, em grande parte, personalidades muito próximas da corte, a começar pelo próprio D. António Álvares da Cunha. Algumas ocuparam altos cargos na diplomacia, como António de Sousa Macedo, enviado de D. João IV a Inglaterra e embaixador na Holanda, ou na igreja, como Joseph de Faria Manuel, confessor da capela e casa real, ou ainda nas armas, como o conde de Villar Mayor, depois Marquês de Alegrete. Poderíamos igualmente referir o nome literário mais relevante, D. Francisco Manuel de Melo, ou mesmo António Barbosa Bacelar, que comprovam o núcleo de excelência social que a academia representava. Edgar Prestage realçou essa excelência, lembrando os termos registados no códice 5864, fl 76v, da BNP, onde se assinala que os académicos frequentemente referidos na *Catastrophe* e na *Anti-catastrophe* são *todos os que floressem na nossa Corte*.⁸¹

Os certames dedicados ao nascimento do príncipe D. Pedro, à vitória contra os castelhanos no Alentejo ou ao casamento de D. Afonso VI, foram considerados dignos de publicação impressa, correspondendo a sessões especialmente realizadas para glorificar a independência reconquistada no 1º de dezembro de 1640, a soberania da casa de Bragança e os sucessos obtidos pelos exércitos portugueses, mas também confirmam o papel desempenhado pelos próprios académicos enquanto atores de relevo, não só pelo seu contributo para as obras produzidas nos certames, mas, sobretudo, como intervenientes no terreno, fosse este o da diplomacia, da religião ou da milícia, ao serviço da afirmação dessa mesma soberania nacional e dinástica.

Este sentido coletivo não pode ter sido fruto apenas de uma vontade pessoal. Terá antes correspondido ao desejo deliberado de um grupo de letrados dispostos a

⁸¹ PRESTAGE, Edgar – op. cit. p. 325.

saciar a sua ânsia de saber num ambiente descontraído de tertúlia e na ocupação do tempo de ócio. A espontaneidade a que obedeceram estas reuniões poderá ter sido, mesmo, um fator importante para a consolidação da academia, pois a rigidez de um corpo estatutário, considerando o momento político particularmente sensível que então se vivia, poderia ter conduzido simplesmente à sua extinção. A possibilidade que aqui aventamos converge com o sentido da curiosa observação de José Sánchez, a propósito de um esboço da academia espanhola, *fundada* entre 1623 e 1626, *La Academia Peregrina*, que estaria *bien organizada, demasiado organizada tal vez, causa posiblemente de haber muerto en su embrión*⁸².

A informalidade com que os académicos *Generosos* da primeira fase se reuniam, reconhece-a também Teófilo Braga⁸³, ao historiar a génese da academia. Teria sido após o regresso de D. Francisco Manuel de Mello a Lisboa, e nos dois anos em que gozou de liberdade (1642-44), que o reconhecido polígrafo se entregaria à *distracção literária de uma academia que denominou Academia Augusta e que foi o núcleo da Academia dos Generosos*. Esta informalidade poderia ter contribuído para a criação do hábito, e o hábito terá alimentado a necessidade destes encontros, criando-se o que Maria Luísa

⁸² SÁNCHEZ, José – op. cit. pp. 113, 116. Funcionava assim: *La organización e funcionamiento da la dicha academia teórica son curiosos e interesantes. Además del fundador (Sebastián Francisco Medrano) debía haber (...) tres protectores, cuya obligación habia de ser amaparar, defender y assistir en la administración de la academia (...) Por lo menos uno de los tres protectores tenía que estar presente en cada academia, y en caso de ‘faltar todos, no se dé principio a ninguna’. Debia de haber tambien dos asistentes (...) un juez (...) un secretario (...) un bibliotecario y archivero (...) un maestro de cerimonia (...) un portero (...) y un tesorero. Para mejor funcionamiento de la academia dividese esta en facultades com com presidente perpetuo. Cada quatro academias se há de nombrar un nuevo fiscal. Se han de tratar las siete artes liberales ‘en siete dias de la semana y en cuatro semanas del mês, cada uno de los dias según el arte que le tocare de una facultad de cada uno de ellos, como se verá adelante. De manera que necesariamente le tocará, al que tratare solamente de una facultad, acudir un dia en todas las cuatro semanas’.* E sobre as regras quanto aos académicos que podiam fazer parte da academia é referido que *no puede ser ‘académico ninguno que no sea insigne o famoso en la facultad de que profesare, o haber estampado libro, escrito o comedia, o sacado a luz alguna obra grande aprovada por tal y que baste a darle nombre’.* Qualquier obra que se publicase pr un membro da la academia tenía que pasar previa censura, y dar dos ejemplares à la academia, uno para la biblioteca y outro para ayudar a los gastos de la misma. Los autores de comedia deberían dar un tanto de cada comedia para gastos de dicho centro; también se establecen los premios y honores a los ‘hombres insignes, como se acostumbra en las academias famosas de Italia, y de otras partes’ y la entrega de aquéllos debe ser llevada a cabo’ com toda autoridad, grandeza, música y adorno’. Las sesiones no deben durar más de una hora, y para cumplir esto com rigor se debe poner ‘el reloj conforme la hora fuese para acabar puntualmente com el tiempo señalado’. Cada facultad debe de tener un acto público por mês; por último se pispone en estos reglamentos que el asunto o tema de discusión para cada sesión académica se dé en la anterior, esdecir, ‘que no se há de hacer entonces, sino en la siguiente, para traele bien mirado y poner las duchas y objecciones que le pareciesen más esenciales y a propósito, y después de corregido se entregue al archivo.

⁸³ BRAGA Teófilo - **História da Literatura Portuguesa, os Seiscentos**, Porto, Livraria Chardron, 1916, p. 597.

Malato Borralho chama uma academia espontânea ou protooperativa⁸⁴. Mas essa informalidade não dispensaria – mais cedo ou mais tarde – a aceitação de regras, ainda que implícitas, por parte dos académicos, bem como a figuração visual do grupo. Até porque estamos numa época marcada pela importância da imagem na consolidação do poder político, religioso e moral, e em que os trabalhos relativos à emblemática de Alciato, Ripa ou Tesouro adquirem mais relevo e pertinência.

Não há, no entanto, no que diz respeito à *Academia dos Generosos* – e talvez pelo escasso número de obras impressas que documentem alguma da sua atividade – uma representação visual significativa da simbologia que congregou os académicos. Em contrapartida, são variadas as referências escritas, nomeadamente os textos poéticos, que procuram caracterizar e enquadrar a agremiação no contexto cultural e social da época, realçando a sua universalidade e intemporalidade, como está patente no soneto de Froilo Mascarenhas da Cunha transcrito no ms. 306 AT/L, fl. 33, da BNP, da segunda fase da academia:

Comparase a Academia com a Esphera Celeste

Soneto

*Tipo brilhante da celeste esfera
Esta palestra lucida se admira;
Luminar nella cada alumno gira
Sol cada luminar ao Dia impera.*

*Rayo cada conceito reverbera
de Apolo que o furor métrico inspira;
Cada astro seu, porque a supremo aspira,
nem Lux do Sol para luzir espera.*

*De discrições os rayos satisfeitos,
Ornados os conceitos de fulgores,
E uma em outra exercita iguaes effeitos.*

*Pois por que logrem cultos superiores,
Se ostenta o Olimpo Athenas de conceitos
brilha o Parnaso esfera de esplendores.*

⁸⁴BORRALHO, Maria Luísa Malato – **A Academia de Platão e a Matriz das Academias Modernas**, in **Notandum**, nº 19, S. Paulo, Jan- Abril de 2009. pp. 5 a 16.<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23056/2/luisamalatoacademia000092661.pdf> (consultado em linha a 15/04/2012) Uma vez que, na sua origem, a agremiação correspondeu a uma associação de fidalgos que estavam relacionados com a corte sem, contudo, terem usufruído do reconhecimento régio – pelo menos expressamente –, ao contrário das grandes academias portuguesas do século XVIII.

Talvez menos ousado na construção metafórica, mas não menos ambicioso do que o precedente na caracterização da academia é o soneto do Conde de Tarouca registado nos mss. V. 215, fl.8v e 295, fl.8v, da BACL que descreve e explica a *empreza dos Generosos*:

*A empreza da Academia dos Generosos na
sua restituição que era
Huma tocha sobre hũa baze de pedra*

Soneto

*Exalaciones son de pura estrella
Las dessa antorcha rayos immortales
Que ardiendo en Academicas janales
Un ingenio broto cada centella*

*Formó claro esplendor lampada bella
Que excediendo los terminos fatales
Las exequias a lumbre universales
Onde la eternidad hade encendella.*

*Empreza es generosa en rutilante
Pronostico, y en presaga conjectura
De alto misterio de énfase flamante*

*Quando por ser eternamente pura
El mármol se acrisola en lus brillante
La antorcha reverbera en piedra dura*

A representação simbólica da academia também é referida em orações académicas, como a que encontramos na BNP, reproduzida na cópia do manuscrito da Biblioteca do Congresso de Washington que contém as primeiras e segundas lições feitas na Academia de D. António Álvares da Cunha:

*He na verdade a vida humana semelhante
a huma tocha que com qualquer assopro se apaga:
mas a tocha da sabedoria (que he a divisa desta
Academia) com nenhuma antiguidade do tempo
hade morrer, nem extinguirse. Non extinguitur”⁸⁵.*

⁸⁵ CUNHA, António Álvares da – op. cit, p.74.

A *tocha da sabedoria* é o núcleo da *empresa* associada à *Academia dos Generosos*. Assim a vemos representada no desenho (fig.1) que antecede a *Oração Proemial que oferece à Illustre Academia dos Generosos seu fiel e obediente secretario D. Antonio Alvares da Cunha no dia dez de Dezembro em que presidio substituindo ao Sr. Antonio de Mello de Castro* (fl. 206, ms.114, BGUC), na portada da obra, impressa em 1663, *Campanha de Portugal pella provincia do Alentejo a primavera* (fig. 2), e que se repete na página vinte e um da edição de 1673 dos *Aplauzos Académicos e rellação do Felix successo da celebre victoria do Ameixial* (fig. 3). Com efeito, comparando o desenho do manuscrito com a imagem impressa, repetida em duas obras que contêm assuntos da *Academia dos Generosos*, podemos pôr em dúvida que a divisa *Non exstinguitur* tenha sido desde o princípio o lema da academia, até porque os registos conservados relativos às primeiras sessões da primeira fase não contêm qualquer referência a uma divisa ou a uma *empresa*, ao contrário do que se verifica nos elementos alusivos às sessões realizadas na década de sessenta.



Fig. 1 - Manuscrito114, BGUC, fl. 205.



Fig. 2 - Portada da obra *Campanha de Portugal pella provincia do Alentejo a primavera*, impressa em 1663.

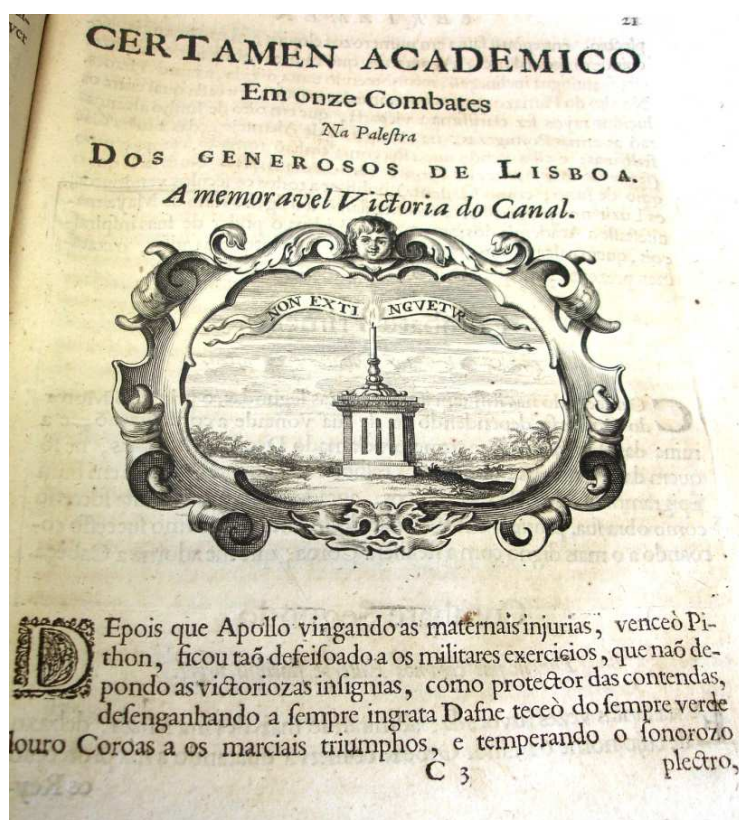


Fig. 3 - Aplauzos Académicos e rellação do Felix successo da celebre victoria do Ameixial, edição de 1673.

Parece, pois, provável que a adoção da *empresa* associada aos *Generosos* tenha resultado duma elaboração iniciada com o esboço que a figura um ilustra, onde a vela acesa surge já como o elemento primordial, sobre o qual terão sido introduzidas mais

tarde as alterações, tanto no caixilho como no conteúdo da imagem e na própria divisa, que conduziriam finalmente a uma cartela despojada enquadrando uma figura, também ela muito simplificada, sobrepujada por uma divisa que viria a condensar a razão suficiente para perpetuar a academia.

Se compararmos esta *empreza* com a que foi adotada pela *Academia dos Singulares* (fig. 4) – a agremiação que, a par da dos *Generosos*, melhor representa o movimento académico do século XVII em Portugal –, poderemos verificar a extrema simplicidade de leitura que permite, sobretudo se considerarmos o gosto por uma imagética obscura e complexa que, tantas vezes, caracteriza a emblemática barroca.



Fig. 4 - *Empreza da Academia dos Singulares.*

Academias dos Singulares de Lisboa.

Dedicadas a Apollo....

- Lisboa : na Officina de Manuel Lopes Ferreyra,
1692-1698.

A importância que a emblemática assumiu ao longo de todo o período identificado com o Barroco assenta, principalmente, nos trabalhos de Andrea Alciato (1492-1550), Cesare Ripa (1555-1622) e Emanuele Tesauro (1592-1675), autores que

tiveram publicadas, neste domínio, obras de grande difusão⁸⁶ e que confirmaram a imagem não só enquanto poderoso processo retórico da memória, mas também como modelo ordenador ao serviço da promoção de paradigmas comportamentais nas sociedades do século XVII. No caso específico da representação simbólica das academias são as *empresas* que contribuem para identificar e perpetuar os princípios e as finalidades que as orientam e as singularizam no universo cultural e social da sua época.

Como refere o padre Rafael Bluteau, e embora ambas tenham *corpo e alma, a saber, figura visível e letra inteligível*,⁸⁷ a *empresa*, ao contrário do emblema, mais geral e dogmático, é *heroica e particular*. Sem pretendermos explorar as diferenças entre *Divisa*, *Empresa* e *Emblema*, que a tantas confusões se prestaram, e sobre cujos significados muitos estudiosos se debruçaram⁸⁸, parece-nos ser relevante para a decifração da *empresa* da *Academia dos Generosos* lermos o que regista Bluteau – ele próprio pertencente à *Academia dos Generosos* – acerca das características específicas do termo *Empresa*:

⁸⁶ ALCIATI, Andres – *Emblematum Liber*, 1531. TESAURO, Emanuele – *Idea delle perffete imprese esaminata seconde gli principii di Aristotele*, de 1629. RIPA, Cesare – *Iconologia*, 1593.

⁸⁷ BLUTEAU, Rafael – **Vocabulário Portuguez e Latino**, Coimbra, no collegio real das artes da Companhia de Jesus, 1718. <http://purl.pt/13969> (consultado em linha, em 10 de dezembro de 2012).

Emblema. he palavra grega, derivada do verbo Emballo, que significa duas cousas contrarias, a saber, Metter dentro, e Botar fora, e o que os Gregos chamavam Emblimata, erão huns ornamentos, ou peças postiças, que se pegavam aos vasos de ouro, ou prata, e quando se queria, se tiravão. Também esta palavra Emblemata entenderão os antigos as folhagens da escultura, as brochas dos anrnezes, festoens, releveos, e outras obras e lavores, que forão chamados Argumenta, Parerga, Anaglypta, Chrysendeta, dedalmata, e ornamenta exemperlia. Hoje, entre Humanistas, Emblema, he termo metafórico, porque da significação de ornamentos materiais, passou a significar algum documento moral, que aberto em estampas, ou pintado em quadros, se poem para ornamento das salas, galerias, Academias, Arcos triumphaes, etc.. O Emblema tem, como a divisa, ou empresa, corpo e alma, a saber, figura visível, e letra inteligível, porem em muytas cousas difere Emblema de Empresa. Tanto mais perfeita he a Empresa, ou Divisa, quanto mais simples, e composta de menos figuras. Mas o Emblema admite varias figuras, históricas, ou fabulosas, naturaes, ou artificiosas, verdadeiras, ou chimericas, nem exclui, como a Empresa, corpos humanos; mas antes com erudita moralidade às vezes representa hum Ganimedes, que sobe, hum Dedalo, que voa, hum Phactonte, que cai, etc. O objecto da Empresa (segundo o seu uso primitivo) he Heroico e Particular. O objecto do Emblema, he hum documento geral, concernente ao instituto da vida humana. À Empresa, como sutil, engenhosa, e rebuçada, ufa deleita ambígua, e lacónica, que declarando encubra, e encobrimdo declare, o que significa. Finalmente podem a empresa e o emblema ter o mesmo corpo, ou figura, mas não a mesma alma ou letra, porque a letra da empresa há de ser própria, e particular, e a letra do emblema há de ser geral, e dogmática; e com esta advertencia mudando a alma, e não o corpo, quero dizer mudando a letra sem mudar a figura poderás fazer da empresa, emblema, e do emblema empresa.

⁸⁸ Veja-se, por exemplo, o trabalho de Maria Luísa Malato Borralho – **Aux Marches du Palais: L'Emblème d'une Académie portugaise du XVIIe siècle**, in **Nowhere Somewhere: Writing, Space and the Construction of Utopia**, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2006 pp. 87 a 108. <http://hdl.handle.net/10216/26518> (consultado em linha, em 10 de dezembro de 2012).

*Empresa – a acção, ou obra intentada. Diz-se de acçoens relevantes, heroicas, extraordinárias. Outro sentido, emprender, tomar por empresa, amparar alguém.*⁸⁹

*Empresa. Divisa. Alguns Authores Portuguezes fazem estas palavras sinonimas. Porem se poderá dar alguma diferença da genuina significação destas duas palavras, porque Empresa em Portuguez, assim com Impresa em Italiano, valem o mesmo que Acção illustre empreendida por alguém, e este na lingoa Italiana foy o primeyro significado da palavras Impresa, fundado em que os antigos Heroes e Cavalleyros fazião imprimir, ou gravar e esculpir nos seus escudos as suas illustres acçoens, e Empresas militares. E assi não só do verbo Emprender, mas também do verbo Imprimir, ou mais claramente da Empresa do Cavalleyro, ou da impressão da Empresa se poderá derivar a palavra Empresa.*⁹⁰

A dupla aceção do termo *empresa* permite-nos uma melhor perspetiva para compreendermos na totalidade o seu significado, quando aplicado aos *Generosos*, ao lermos os versos do Conde da Torre - *Exalaciones son de pura estrella / Las dessa antorcha rayos immortales* -, porque os que seguram nas suas mãos a chama da sabedoria são homens ilustres e sábios generosos que amparam e iluminam o mundo, imprimindo assim a sua marca na construção da sociedade utópica e perfeita, pelo que são dignos da imortalidade.

E se o poder representativo atribuído à *empresa* é tanto maior quanto mais *simples, e composta de menos figuras*⁹¹, de tal forma que *declarando encubra, e encobrimo declare o que significa*⁹², então a lhaneza da vela acesa em candelabro cinzelado, depositada sobre uma pedra trabalhada, mas desprotegida num espaço natural, aberto e semiárido, em que flutua ao vento a insígnia da eternidade – *Non Extinguitur* –, enquadrada por uma escassa e distante vegetação, poderá ser o epítome exemplar da *empresa* barroca, na medida em que sob o manto da singeleza expressiva esconde a luz infinita que emana da vela, ela própria representando a *pura estrella* ou, como num outro soneto⁹³ que trata assunto académico, atribuído ao *Secretario da Academia* (segunda fase), a própria esfera celeste:

⁸⁹BLUTEAU, Rafael – op. cit. p.71.

⁹⁰BLUTEAU, Rafael - Idem, p. 72.

⁹¹Idem, ibidem.

⁹²Idem, ibidem.

⁹³Ms. 306 AT/L, fl.47BNP.

*Essa esphera Celeste, esse Luzido
Congresso, de que o Sol he presidente
Em cadeira de Lux resplandecente
Illustra o globo de astros assistido*

*He retrato fiel do esclarecido
Congresso generoso, que igualmente
O mundo adorna, pois heroicamente
de luzes taes se ve constituído*

*Mas se àquelle prezide o Sol radiante
neste muitos engenhos illustrados
de bellas artes, de sciencias bellas*

*He pois superior não semelhante
Academia com lustres duplicados
Porq. os sábios dominão nas estrellas.*

Tal como sucede com o momento da adoção da *empresa*, são igualmente pouco claras as circunstâncias que terão estado na origem da redação dos estatutos ou preceitos da agremiação. O manuscrito 114 da BGUC conserva uma cópia dos preceitos da *Academia dos Generosos* e, considerando que o material relativo a esta academia ali transcrito se refere às sessões da década de sessenta – efetivamente a década em que se preservou mais informação da primeira fase – pensamos ter sido no decurso desse decénio que os referidos documentos enquadreadores da prática académica vieram à luz, pela mão do Conde de Sabugal.

Na introdução aos preceitos, ficamos a saber que os mesmos foram lidos na academia pelo presidente da sessão seguinte à conduzida por D. Manuel de Mello e anterior à dirigida por Francisco de Sousa, isto é, a sessão a que o próprio Conde de Sabugal presidiu. Ora, de acordo com Edgar Prestage⁹⁴, este 3º Conde de Sabugal foi D. João Mascarenhas – militar na Flandres e tradutor do livro do Conde de Galeazzo Gualdo Priorato, *Manejo da Cavallaria*⁹⁵ – que aparece referenciado no manuscrito 5864, da BNP como presidente de uma sessão académica, sem data, mas que terá sido uma das treze sessões que se realizaram no inverno de 1660-1661, as já referidas *Academias dos Generosos q se comessárão a celebrar em 23 de Outubro de 1660 em casa de D. An.to Alves da Cunha Secretario da ditta Academia dedicadas a seu patrono S. Antonio*. Não custa, assim, admitir que tenha sido nos últimos meses de 1660 ou nos

⁹⁴PRESTAGE, Edgar – op. cit. p. 302.

⁹⁵Idem, p.320.

primeiros de 1661 que se deu a adoção explícita de um conjunto de regras que já guiavam o desenrolar das sessões académicas, mas que nunca teriam sido fixadas por escrito.

O texto segue os modelos discursivos da época. Depois de uma introdução em que se refere a si próprio e à sua posição temporária como presidente de um certame – uma introdução marcada por manifestações de humildade e obediência a regras subentendidas: *porque sendo este lugar donde os prizidentes se vem julgados; que sera pois de mim quando por obedeservos e respeitarvos me exponho ao juizoo dos juízes* –, o Conde de Sabugal sintetiza os cinco preceitos – *os perseitos persizos vem a ser exortar os senhores academicos honrar os Doutos Mestres hagradeser ao Snro Dom Antonio da Cunha o desvello com que se enprega nesta onrrossa he proveitoza fadiga. Elleger futuro prezidente he no fin ofreservos hum a sunto* – que serão posteriormente tratados um a um, não sem antes o autor ter procedido ao elogio do académico João Francisco Dória, a quem o Conde do Sabugal devia a cadeira de presidente que ocupava naquele momento, ou seja, que lhe tinha facilitado a entrada para a academia.

Se, por exemplo, confrontarmos estes preceitos com os estatutos da *Academia dos Ocultos*⁹⁶, posterior à última fase da *Academia dos Generosos*, mais objetivos e rígidos, poderemos perceber o quão fluída e despreocupada foi a regra dos *Generosos*, adequada à regulação de atividades que constituíam um oásis onde os membros podiam passar os seus tempos de ócio, escapando por instantes a uma sociedade austera, censória e punitiva, como era aquela da Contrarreforma.

Oferecemos, sem outros comentários, a transcrição integral dos cinco preceitos:

Exme aqui segunda vez. Discretos ouvintes generosos académicos Mestres sientisimos Exme aqui segunda vez. a primeira parto do Snro Dom Francisco de Mello a segunda do Sr João Francisco Doria, quem de nos ouvintes discretos generosos académicos sientisimos Mestres quem de nos não perdoaria a minha ingnorancia todas as vezes que supuzerdes a obrigação da bosa hobidiensia; esta não faz mto quando se faz respeitar dos lentes Faz mto mais quando se ne obedesida dos ingnorantes; porque sendo este lugar donde os prizidentes se vem julgados; que sera pois de mim quando por obedeservos e respeitarvos me exponho ao juizoo dos juízes, será pêra obrigavros com este decorozo obzequio a que

⁹⁶ Anexo II

contribuais comigo não severos senão piadosos; Ave Maria (fl.293)

Enserraôsse os estatutos desta doutíssima academia. em sinco perseitos porem he com lisensa vosa lhe hey de acrescentar mais hum atributo. os perseitos persizos vem a ser exortar os senhores academicos honrar os Doutos Mestres hagradeser ao Snro Dom Antonio da Cunha o desvello com que se enprega nesta onrrossa he proveitoza fadiga. Elleger futuro presidente he no fin ofreservos hum a sunto. com todas estas tão duuidas obrigasons repartira o meu dezejo senão conforme a tamanhos meresimentos com o meu cabedal conforme. porem em quanto não chega o que deve custar tanto. permiteme que o primeiro rasgo debuxe aquelle acresentado atrebuto. estrangeiro pastor zilho he no de aquelhas montanas pobre de guedejas rubias rico de siensias blancas. quer a copla que// que este seja o Snro João franscisco doria a quem eu não devo menos q esta cadeira. E devemos todos que podendo referirnos os feitos dos seus progenitores como foi de Alberto doria que sendo almirante de Genova desfes a armada dos Pizanos aprisionando a nobreza e doze mil soldados sem galles do seu estandarte. de Lusiano doria que com vinte d duas galles genovezas venseu a armada veneziana fugindo o seu general Aires pizani de Bagan dória que sendo almirante contra venezianos catalanes e gregos com setenta galles ronpeu outenta e nove ficando com quarenta e oito rendidas. Hem segunda ocazião com trinta e sinco rendeu oitenta e seis e vinte e dois baixeis de venezianos com o seu almirante nicolao pizani; delanba doria que com noventa e oito galles genovezas alcan (fl.294)

sou uitoria de noventa e sete venezianas ficando rendidas outenta e sinco. E trinta mil venezianos prisioneyros com o seu almirante Andrea Dandallo. de felipe dória que ganhou negro ponte e tripol de Berberia e finalmente esquesendose do grande Andrea doria e seus Juanectines nos lembrou dos nossos afonssos os feitos; en uerdade senhores que pode adormentarse a calunia e com muita rezão dispartar em todos nos a inveja por que ao seu descurssso não lhe faltou nada de iruditto sobejandolhe tudo o que foi modesto e notisiozo digno ramo por serto de tão antigo e autorizado tronco; y coy loro congedo repilharo y filli che me vano esparciuti.

Seja o primeiro perseito exortar os senhores academicos e sera o que menos me custa todas as // todas as vezes que eu e todos nos nos lembramos dos sугeitos que a nosa academia tem produzidos; dos quais com aquella elegansia que custuma com aquella yruidisão com que sempre iscreve com aquella invetiva

com que de todos se dizigualla nos fés presentemente o Snro Dom francisco Manuel asim dos postos em que estando ocupados. Como dos cargos pudião ocupar amando estes exersisios. bastante teisto pêra que nos não poupemos. E sufisiente exortasão pêra que o primeiro perseito fique bem servido. he o segundo louvar os Doutisimos mestres. Essa minha openião he um infaliuel (infalível) perseito he em dezejara eu agora que se me transferise o que me toca a quem tem feito profisão das letras e não (fl.295)

a mim que so fis profisão das extravagansias. mas hem ternos dito que foi aborto este segundo parto nem vos me caluniareis do que aqui me falta nem os doutisimos mestres quererão mais de quem leigo se confessa; como sempre he a lisão do mto reverendo e mestre frei Andre de Cristo. mas como nunca a que de presente nos insina por que antes insinavanos a ser poetas oye a ser homens e poetas nos insina; uniforme mente devemos confesar todos que não devemos nada ao snro Doutor gaspar de meri por que elle nos deve a nos dezejamolo naquelle lugar para que visemos que debaxo da mor Lisboa estava a siensia debaxo das trevas as leis debaxo do retiro o mais persiozo e finalmente pella sua devota e estendioza explicação// com diferente credito justo hipssio; he o terceiro perseito o louvor que devemos ao snro Dom Antonio da Cunha parese que não tem paga a cultura do juízo. generozos academicos esta he a divida ser umos todos que seja de nos todos a reconpença; no golfo do quarto perseito se embarca a minha nunca esquecida obrigação se engolfa a minha sempre lenbrada sinpatia he serto que naufragueria os incomios he infalivel que dem a costa os panegiricos he com lisensa do reverendo mestre frey André sera forsozo que não soem. Como soão os ypitectos `Ó cho come altamente n ty se `aduna` preggão de alma de corpo e de fortuna. que sera logo de mim quando tamanha obrigação me chama. E tão respeitosa se me faz esta obrigação. (fl.296)

a cauza que me obriga esa mesma me acobarda que sera logo de mim perche nel meritay gloria et onrini furo y nostri maggior danòi menori; sera que sem may y lugros que os pro lideres próprios eleja como elego o meu sempre respeitado sempre obedesido grande senhor o snro Dom Fra^{co} de Sousa Yo danoi nulla bramo nulla espero ne me espenge a bodayur alvo lhe el vero. La palma infra le estelle absolsideris perche de luce altruy non la riseve debaxo de cuja protecsão cobry alentos pêra este dia debaxo de cuja amizade nos dou hun susesor tamanho. mostrando lhe el saver. Et el cer pra dente non su dono de eta ma de la mente. lembrados estais como satisfes esta dignidade pouco faso en vos inculcar segunda vês

a sua melodia. Já vistes como a nasão francesa o tem por filho adventivo. E vistes tão bem//como da memoria se fés primo genito não tem oje may excelensias que as que Antão tinha tem oje mays guardas pera guardar aquellas excelensias; O natura acaustye pri nulla ascondi si non fai nuovi ‘cosse ó nuove mundi’; com rezão devemos as grasas a sua magestade que deos guarde por que a sy estabeleso a natureza do cargo satisfes tantos e tão benemeritos he com muy justificada rezão pode sua magestade esperar muitos e muy particulares servisos; ha rimado ao Preti Remato nostro futuro inperio homay si forsse avoy de lle est estella ameda l’opre; hem hua e outra eleisão tenho satisfeito o perseito quarto. intremos com lisensa vosa no perseito quinto. somos (fl.297)

Devedor de hun asunto tal qual o fabricar o meu engenho porem antes que vos obrigue a convidar as musas vos hy de pertar com darvos filisimas festas estos discretos ouvintes generosos academicos mestres suntisimos tende logray vivey pera terdes como vos deseja este voso discípulo.

Asunto

*En los ojos de Dianera
a bisto fabio otros ojos
pero Dianera en despojos
de sus ojos los retira*

O combate literário

A dinâmica destas agremiações compreendia a ideia de combate académico, reproduzindo, em sentido figurado, o combate armado levado a cabo em teatro de guerra. Esta perspetiva de peleja literária⁹⁷ é comum nas academias que proliferaram por toda a Europa. José Sánchez identifica-a utilizando as palavras *justa* e *certamen*⁹⁸. A primeira remetia para os exercícios cavaleirescos da Idade Média, realizados por ocasião de algum ato religioso, enquanto a segunda convocava o sentido latino da festa pública, sagrada ou profana, em honra de uma entidade superior – um deus, por exemplo – e na qual os intervenientes se treinavam em jogos com vista à preparação para a guerra. Estas atividades paramilitares obedeciam a uma cuidada organização que impunha o respeito por determinadas regras e previa vencedores e prémios.

Independentemente da designação utilizada para colorir estes congressos, o que se torna relevante é a ideia de exercitação, prática e aprimoramento de uma arte, neste caso, a arte da palavra, escrita, mas também falada. Assim se compreende a reprodução em série de modelos da estética humanista ou da tradição literária peninsular, bem como o sentido geralmente oco que apresentava a grande maioria dos textos produzidos posteriormente. Os confrades barrocos não soavam sinceros como os autores medievais ou renascentistas; pelo contrário, revelavam-se claramente cultores das letras em jogos florais, descomprometidos com o ser e mais empenhados em parecer.

Por isso, podemos discutir se não poderão ser consideradas um anacronismo afirmações como a de Antero de Quental, segundo a qual esta literatura é uma literatura *oficial e palaciana*, objetivada na *insipidez do discurso académico*, na *lamúria da oração fúnebre*, na *vacuidade do panegírico encomendado*, autênticos *géneros artificiais e pueris e mais que tudo soporíferos*⁹⁹, uma vez que esta sentença exprime um juízo sobre o papel destas agremiações literárias seiscentistas, tão populares na sua época¹⁰⁰, à luz de critérios estético-literários vigentes ao tempo dos críticos que sobre

⁹⁷ SÁNCHEZ, José – op. cit. p. 24.

⁹⁸ Idem, ibidem.

⁹⁹ QUENTAL, Antero de - **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares**, 5ª ed. Lisboa, Ulmeiro, 1987, pp. 25, 26.

¹⁰⁰ SÁNCHEZ, José – Idem, p.13 – *La popularidad de las academias es tal, que en Madrid, en la primera mitad del siglo XVII, siempre hubo a lo menos una academia. El gran numero de poetas de esse período requería reuniones de esparcimiento espiritual. A la muerte de Felipe II, se calcula que había en España*

elas escreveram, e reproduzem, no fundo, ideias já formuladas por consagrados autores contemporâneos dessas agremiações, como Cristóbal de Mesa, que nos deixou em soneto um retrato pitoresco sobre quem e o quê se fazia nesse contexto:

*En Madrid, que debiera ser Atenas,
no veréis un Ovidio, ni un Horacio,
ni un Séneca, ni un Tulio, ni un Estacio
en los estudios de las letras buenas.*

*No hallaréis Marones ni Mecenas,
mas catarriberras que de espacio
van a sus pretensiones a Palacio,
y quien sin renta gasta las agenas.*

*Gefe, Uger, Contralor, Cva, Bureo
dormir los días, y velar las noches,
no una lira, una cítara, una trompa*

*de un Anfión, de un Lino, de un Orfeo,
mas carrozas, literas, sillas, coches,
gran corte, vano estruindo, y vana pompa¹⁰¹.*

Formulações desta natureza – irónicas e derisórias – remetem para o tópico do distanciamento entre a percepção que têm estes académicos sobre aquilo que julgam representar e o que, de facto, representam no contexto literário europeu. Prisioneiras de modelos passados e centradas sobre si mesmas, alimentando vaidades e quimeras, as academias parecem de costas voltadas a tudo o que se passava de mais importante naquele século nos domínios cultural, artístico, e mesmo científico. Contudo, seria talvez necessário ponderar igualmente sobre quais das circunstâncias que moldaram o século dezassete europeu estariam plasmadas na produção escrita desenvolvida nestes espaços de sociabilidade culta, contribuindo, assim, para melhor as explicar e atenuar o demérito que as cobriria já na sua época. Até porque, no caso português, como sabemos, muito falta ainda fazer para podermos ter uma visão clara e justa deste período literário.

Impõe-se, pois, na sequência deste ponto de vista sobre as academias, questionar sobre quais os temas que poderiam ser considerados suscetíveis de ser tratados num

três mil poetas. Francisco de Rojas, en el vejamen que díó en el Buen Retiro en 1637, dice que el secretario de la Academia, Alfonso Batres, “estaba sitiado de un **mare magnum** de poetas”.

¹⁰¹Apud SÁNCHEZ, José – op cit. p.18. O soneto faz parte da obra *Eclogas y geórgicas de Virgílio* (1618).

texto poético, e sobre as formas de que tal tratamento se deveria revestir, para que o fruto desse labor poético pudesse ser considerado digno de apreciação, bem como explorar a função do texto literário enquanto objeto que emana da realidade que o cerca e de que, em grande medida, é o reflexo.

Por um lado, parece não haver dúvidas de que o vasto espólio deixado por estas academias seiscentistas representa, sobretudo, um importante contributo documental para a compreensão das formas de propagação da cultura no século dezassete, no que à literatura e às relações sociais diz respeito, conforme o estudo de José Sánchez:

*Indubidablemente, una academia literaria ejerce un influjo concreto en la literatura de su época, sobre todo en la poesía. Esto se verifica en dos formas: una influencia estimuladora y creativa; otra restrictiva y agobiadora. A la academia acuden, en general, dos clases de escritores, los conocidos y los menos conocidos. Estes últimos, es decir, los novatos, suelen iniciarse en la poesía o letras en general bajo la protectora tutela de alguno de los primeros (...) Estes vates de segundo orden están a la merced de los “veteranos”, y a veces salen malparados de las sesiones a que acuden. Pero así se inician en su carrera literaria, a veces con creciente éxito. La imitación e la influencia en muchos casos es decisiva.*¹⁰²

Por outro lado, o mesmo estudo confirma a existência de uma dinâmica gerada no seio da academia, tendo em conta o prestígio e notoriedade de figuras tutelares que protegiam e influenciavam os mais novos, por vezes maltratados em função da pouca qualidade dos textos que produziam, mas com a possibilidade de ascenderem ao sucesso nas letras, fruto justamente do grupo de pertença e da influência e imitação desses modelos já reconhecidos e aureolados. Se a academia acolhia uma variada franja, aparentemente culta, da sociedade, como de modo pitoresco o representa Cristóbal de Mesa ao enumerar as *carrozas*, *literas*, *sillas* e *coches* que transportavam pomposamente os participantes nas sessões, encerrava em si também um bem definido modelo hierárquico, implicitamente aceite, em que um conjunto de letrados ou aspirantes a letrados se subordinava a uma ou mais personalidades protetoras que bendiziam e estimulavam a criatividade individual e engrandeciam a academia.

Nomes conceituados, como Cervantes e Lope de Vega ou Francisco Manuel de Mello, tiveram o seu percurso académico e, se o que produziram nesse âmbito parece

¹⁰² Idem, p. 16.

não ter feito jus à grandeza da sua obra, não será irrelevante notar que a pertença a uma agremiação literária – como a dos *Generosos* no caso do *Melodino* – prova que os mais destacados vultos literários da época valorizaram este tipo de agremiações tendo-lhes reconhecido um relevante papel no estabelecimento duma rede operativa tanto no domínio das relações interpessoais, quanto no plano da transmissão cultural.

Dentro dos textos que podem ser considerados do domínio da vida privada, a *Academia dos Generosos* oferece ao investigador uma panóplia temática diversificada. Sem pretendermos fazer uma descrição detalhada do conteúdo dos manuscritos, e fixando-nos apenas nos títulos de alguns dos assuntos académicos, podemos facilmente apontar um universo repleto de mulheres e homens envolvidos em teias amorosas, dúvidas, melancolias e lamentos, por vezes caricaturados, outras vezes representados em gestos simples, ou apenas referidos como atores de um mundo íntimo e comum que se pretendia retratar – e que começava a merecer um olhar mais atento por parte duma pintura barroca que tão bem o soube explorar... Por isso a produção poética académica do século dezassete abunda em *Fábios, Clóris, Filis, Amarilis, amantes, galãs e damas*¹⁰³, um conjunto de máscaras sob as quais, ainda que de modo transfigurado, é possível verificar quão enraizada estava a academia na realidade mundana da sua época.

Com efeito, se há uma poesia de louvor e agradecimento, dirigida a alguém claramente identificado, como se pode constatar, por exemplo, no primeiro livro impresso da *Academia dos Generosos*, *Vários versos ao Felix nascimento...*, que já referimos, há também um muito largo leque de textos cuja temática, hoje considerada vulgar e trivial, terá sido proposta para assunto académico porque a seleção desses assuntos da vida social terá parecido lógica e pertinente, por ser familiar aos próprios académicos, em especial ao presidente designado, podendo admitir-se que fossem talvez até assunto de conversa informal, pelo que seria aceite como um bom ponto de partida para animar as reuniões. Assim se poderá compreender que encontremos no manuscrito 49-III-76 (BA) – que contém obras de António da Fonseca Soares, ou Frei António das Chagas –, na fl. 51, a proposta de cantar um vulgar loureiro pertencente a João Saldanha – recorde-se que Lope de Vega tem uma obra intitulada *Laurel de Apolo* – e se reconhece a importância do tópico no contexto académico:

¹⁰³ SÁNCHEZ, José - op. cit. p.37. Lope de Vega levou uns sonetos à academia (del conde de Saldaña – 1605 – 1011) *Esos sonetos llevé yo a la Academia: fue el sujeto a una dama llamada Cloris, a quien por tener enfermos los ojos mandó un médico que le cortasen los cabellos*. O nome académico de Lope de Vega é *Belardo*. Idem, p. 55.

*Ao celebre loureiro de João Saldanha na sua
Quinta de Barcarena, cujas raízes rega huma cristalina
Fonte; figura muito aplaudida dos Engenhos da Corte e
que se deu por Assumpto na Academia dos Generosos.*

E também se conceberá facilmente que temas tão insignificantes aos juízos de hoje como o que encontramos no manuscrito 50 – I-5 (BA), fl. 217, *A huma dama que lavou o lenço em que chorou, foi assumpto académico*, possam ter ajudado a preencher o tempo de ócio e correspondam, simplesmente, à vontade de quem propôs o assunto, como, aliás, parece ser claro neste início de romance, guardado no mesmo manuscrito:

*Mandais , Senhor D. António ,
fazer versos e parece,
segundo o tomais deveras,
que gostais de Presidente.*

*Ora eu obedeço em quanto
não chega quem vos apeye
os preceitos da Cadeira
as presumpções do Bufete*

Por vezes, até o assunto era encomendado por personalidades da corte, conforme se vê ainda neste manuscrito, fl. 24:

*A sereníssima sr^a Infanta D. Izabel, mandando
por Assumpto à Academia dos Generosos: que se
descrevesse em hu romamce de doze coplas o favor que o
Sol faz ao Phenix.*

Se, entretanto, nos detivermos no conceito da utilidade da literatura ao longo da história do ocidente, podemos também concluir que a arte poética não tem que estar necessariamente comprometida com a intervenção direta sobre a realidade social e política de uma época, servindo essencialmente, como, por exemplo, no caso dos cancioneiros medievais, ou no do cancionero de Garcia de Resende, de entretenimento culto para um determinado grupo social e surgindo, sobretudo, como fruto espiritual do ócio dos autores. Poetas como Jerónimo Baía têm sido recorrentemente desprezados por darem voz a certo modo afetado de configuração da expressão do trivial, através da sua obra, considerada vazia de conteúdo e sobrecarregada de ornamentos; no entanto, essa mesma obra poderá confirmar, justamente, esse carácter lúdico de ocupação do tempo, comum a outras épocas e não exclusivo deste período histórico.

Com efeito, como refere Hernâni Cidade, a poesia tem apenas que responder a duas questões essenciais: ser *a expressão verbal de um estado de alma, melancólico ou alegre, exuberante ou deprimido, de gravidade dramática ou de leveza risonha*, e, por isso, libertar-se da *ordenação e da clareza expressiva do discurso lógico*, fazendo uso dos símbolos, das imagens, da música verbal enquanto instrumentos apropriados à comunicação do *encantamento interior*¹⁰⁴. Neste sentido, se a produção poética de seiscentos em Portugal não soube representar de forma sublime a sua época, deveria, mesmo assim, ocupar um lugar suficientemente iluminado para que os epítetos que lhe foram sendo atribuídos pudessem ser analisados e discutidos, à luz de outras variáveis para além da pauta das *Belas-Letras*.

Ainda dentro desta perspetiva poderemos lembrar Edgar Prestage que, ainda que se visse obrigado a reconhecer na produção das academias literárias de seiscentos esse lado *pedantesco*, sujeito a um *respeito cego* pela autoridade *clássica*, recheado de *conceitos falsos e de jogos pueris de palavras*, não deixou simultaneamente de confirmar que pouco mais se poderia esperar da poesia produzida em contexto académico. Afinal, o versificar *era tido como um passatempo e não como vocação*.¹⁰⁵

Será, pois, enquanto passatempo e exercitação que propomos encarar o conjunto vastíssimo de textos dispersos pelos manuscritos, de forma mais ou menos aleatória, seja com atribuição explícita de autoria, seja apresentados anonimamente, mas sempre claramente identificados como *assunto académico*. Esta disseminação de textos escritos sob um determinado paradigma formal e de acordo com um tema previamente determinado revela o interesse que tal produção deveria despertar para além do restrito círculo académico.

A ideia de combate académico surge, portanto, no seio das academias enquanto modelo implícito ou explícito a seguir. Implícito na própria dinâmica que impulsionava a escrita de acordo com um assunto dado obrigatoriamente pelo presidente da sessão que os académicos deveriam glosar, cada um com as suas competências retóricas e linguísticas, colocando assim em disputa – ou combate – a evidência dessas mesmas capacidades. Um olhar atento pelos diversos manuscritos poder-nos-á elucidar sobre a variedade e imensidão de contributos que cada académico trazia para os conclaves. A

¹⁰⁴ CIDADE, Hernâni – **A poesia cultista e conceptista** Lisboa, Cadernos da Seara Nova, 1938, do prefácio.

¹⁰⁵ PRESTAGE, Edgar - op. cit. p. 326.

título exemplificativo, olhemos o manuscrito 5864 da BNL, fls.13, 13v,14,14v, onde se guardam as composições que foram objeto de combate literário entre João Nunes da Cunha, D. António Álvares da Cunha, Francisco de Faria Correia, Antonio da Fonseca Soares e o Conde da Torre, à volta do tema lírico – o segundo tema proposto pelo presidente – *Aunq escrivi mis querellas/ en los celestes zafiros/ la causa de mis suspiros/ la ignoram las estrellas*. São quatro décimas que cada um dos cinco autores elaborou como desenvolvimento do assunto proposto. Transcrevemos a primeira décima de cada autor:

Diz João Nunes da Cunha:

*Fenix sy mi adoraçion
ocultar al pecho intento
como publico elemento
da pena del coraçon
no es ofensa, fue razon
discubrir estan sentellas
porq' vean las estrellas
q'en tanto fuego abrazado
no se lee mi cuidado
aunq escreui mis querelas
(...)*

Seguindo-se António Álvares da Cunha:

*Diversos effectos hazem
mis cuidados, y mis penas
aunq mis duras cadenas
de aquellos cuidados nascem:
porq estes se satisfazem
com mi silencio sy agnellas
com mis gemidos; pues dellas
y dellos, se bon los hados
q'aunq sō soy mis cuidados
aunq escrivi mis querellas
(...)*

E Francisco de Faria Correa:

*Forçoso aliuiio al dolor
el cielo piedozo ordena*

*y para descruir la pena
liçençia conçe de Amor
en mis penas mi valor
no culpa la cauza dellas
y aunq siento el padeçellas
no embidio ajenas venturas
ni estimo mis desventuras
aunq escreui mis querellas
(...)*

De António da Fonseca Soares:

*La deydad mas bella adoro
y bien q' este amor reprimo
vos del alma ao quanto gimo
tinta de amor quando llo ro
assi le escrivo, y le imploro
piedad a sus luzes bellas;
mas como no me oyon ellas
bubuo(?) morir de calado
aunq' ausente mi cuidado
aun' escriui mis querellas.
(...)*

Concluindo com as décimas do conde da Torre:

*Siempre el amor offrecido
siempre el amor conçagrado
quando ofendido obligado
quando obligado ofendido:
nunqua ya mas attreuido
exclamando a las estrellas
quando ingrata me atropellas
me senti para dexarte
aunq' propuse oluidarte
aunq' escrui mis querellas.
(...)*

O espírito de competição, ainda que mitigado pelos salamaleques e cortesias entre os seus membros, associados ao próprio jogo social que a academia refletia, não deixa de estar presente sempre que vários autores glosam um mesmo tema, mas é sob a forma explícita do concurso para celebrar um determinado acontecimento político,

social ou religioso – com convocatória, regras e atribuição de prémios – que o combate académico melhor se consubstancia.

O manuscrito que melhor nos elucida sobre esta modalidade concursal será, talvez, o manuscrito 6374, da BNP. Ali está enunciado o acontecimento a celebrar pelos académicos, os propósitos a que deveriam obedecer os textos, sob que regras formais deveriam ser escritos, quem os escolhia, quando deveriam ser apresentados, quem os lia, quem os avaliava e quem os guardava.

Este manuscrito, que Edgar Prestage afirma ser do próprio D. António Álvares da Cunha¹⁰⁶, contém na fl.1 indicação de que se trata de *orações certâmen e versos que se fizeraõ à colocação da Aula nova da Academia dos Generosos de Lx*¹⁰⁷, e está estruturado de forma objetiva e clara para arquivar o conteúdo da reunião académica de 2 de fevereiro de 1662. Os primeiros fólios guardam as cinco orações dessa sessão: a primeira, do presidente João Saldanha, no segundo dia da sua presidência, fl.2 a fl.9; a segunda, de António de Sousa Macedo, fls 11 a 15v; a terceira, de João Nunes da Cunha, fls. 17 a 23v; a quarta, de Francisco Correa de Lacerda, fls. 26 a 29; e a quinta de Frei André de Cristo, fls 33 a 37. Segue-se o anúncio:

*Certamen Poetico em graça da noua aula que se publica na Insigne Academia dos Generozos em Domingo vinte e dous de Janeiro e se há de celebrar em quinta feira dous de Fevereiro em a própria noua Aula (fl. 39)*¹⁰⁸.

E a convocatória, com o incitamento aos dotes dos académicos:

Jogos Olimpicos das Muzas Lusitanas

Assi como Hercules antigamente consagrou a Jupiter em a famosa cidade Opimpia da Região Elis, os cinco celebrados jogos olímpicos, agora nossas Muzas Lusitanas, nem menos valentes, nem menos agradecidas por honra de tão melhor cidade como Lisboa, por credito de tão melhor Provincia como Portugal consagrão a Apollo mais esplendidos

¹⁰⁶ PRESTAGE, Edgar – op. cit. p. 305.

¹⁰⁷ Edgar Prestage faz a transcrição parcial deste concurso na op. cit. pp.305 a 311.

¹⁰⁸ SÁNCHEZ, José – op.cit. p.14 - *Un documento de suma importância en cualquier academia era el cartel de convocatória, que iniciaba el certamen, escrito casi siempre en verso. Era una invitación a los poetas del país a competir con sus poesías. Los premios que los ganadores recibían no solían variar de un certâmen a outro. Consistían, por regla general, en guantes de âmbar, agnus Dei, una taza de plata, una banda de seda, una piedra preciosa, un bolsón en oro, doblones, pajuelas de oro, mondadientes de plata.*

jogos; em graça do nouo simulacro que nossa scientifica nobreza, oje lhe dedica, na eracção da culta Basilica, Aula Metrica, Lyceo Militar, Museo Polytico, que se constitue, aos olhos, às Atencções, as Assistencias dos Generozos Academicos Generozos; em cinco semelhantes jogos, proporcionados aos primeiros que celebrou a deuoto Aplauzo dos Etnicos(?) em festim Pentagono de Luta, de Salto, de Carreira, de Tiro, de Bayle. E posto que disse o Senecas era a mayor festa dos Deuzes uer batalhar um fabio com a Fortuna, parece que a mayor festividade dos Homens será ver batalhar em literário desafio, hum sabio. este certâmen é o que agora se nos propõem Ô Insignes Vates! Ô Oradores illustres! Ô Espectaculo Curiozo! (fl. 40)

O motivo daquele certame é, como se vê, o agradecimento pela nova aula, ou seja, a própria academia é apontada como o objeto a tratar, sob a forma de concurso, na sessão seguinte de dois de fevereiro.

Segue-se a indicação dos assuntos, os modelos textuais a utilizar e os prêmios a distribuir:

1ª

As Muzas dispõem o primeiro Aplauzo em o Jogo Primeiro Subidas na Eleuação do Trono Prezidencial fl. 40v

Inclinando nossos Ingenhos para q na consideração dos respelndores de tanto dia antes que ilustrados das Luzes da mentirosa Februa, observem as melhoras de claridade que nos resplendores da mais resplandecente Aurora do Ceo, e Mundo, receberá a Tocha Radiante de nossa empresa por cuja gloria espera se compitão famosamente os Poetas Lusitanos mostrando em hum soneto Castelhana que os Rayos Academicos se aumentão de lus quando iluminados das Luzes de tão fausto Dia

*Tomais Felix destes Epigra-
mas, se asina por Premio
alem da Fama delle hum
Luzido par de Meyas Ingrezas*

2ª

Lipsio Prepara o segundo Aplauzo em o Jogo segundo Levantado no Auge da Doctrina Polytica fl. 41

Persuade aos Filhos de Apollo que em seis outauas Portuguesas ou Italianas prouem a grande amizade que entre

*sy guardam Letras e Armas; de cuja correspondência se produz
hua Republica felicissima: donde a justiça se abraça com a
Fortaleza; fazendo memoria do famoso exemplo que cada dia
estamos uendo nesta Aula Generosa donde os cappitaens são
Mestres; e donde dos(?) Dicipulos(?) se hão de fazer os
Mestres e os Capitães.*

*Ao Poema mais aplaudido
se promete de Premio
hum Par de Cheirozas
Luuas de Ambar’*

3ª

*Tasso Na Explicação Metrica Eleuado a grande altura
de sua Meditação Vota o Terceiro Aplauzo em o Terceiro Jogo
fl. 41v*

*Incitando aos gloriosos Vates para q em hua Canção de
cinco Ramos, e onze versos, incitem ao Monarca Portugues,
para q depois de vencidos os inimigos da Patria uença os da
Religião; como de nossos Reys está predicto; para q outros
Tassos Lusitanos tenham Assunto de mayores Poemas que o do
mesmo Tasso por memoria da noua Liberdade do Sepulcro de
Christo que esperamos.*

*Á mais culta destas
huasortes(?) se conuida com
o Premio de hua Caxa
de regaladas alcorças(?)’*

4ª

*Vegeçio Na Militar Architectura Fortificado na
Eminencia de sua Doctrina Consagra o quarto Aplauzo em o
quarto Jogo, fl. 42*

*Exortando aos Artifices Canoros que assy como Anfião
edificou por força de Armonia os Muros Baluartes Tebanos,
esses mais por competência que imitação em a gloza
Portuguesa do Motte seguinte ponhão tão singulares
consonâncias que por ellas fique nossa Academia mais illustre
que por seus Muros Tebas.*

Motte
Tanto pode o Canto que
nada fes menos que quando
conta o conto, e canta o canto
de Thebas. que foi porque

Á mais avantejada Gloza
se assinala por Premio
hua Bolsa de sazona
das Pastilhas'

5^a

Aristoteles Na contemplação Poetica sublimada em a
raridade de sua Filosofia Manifesta o Quinto Aplauzo em o
Quinto Jogo, fl. 42v

Rogandolhe aos Mimosos de Helicon que em hum
Romanço Castelhana de Vinte Coplas, mostre como a
dignidade da Arte Poetica, por ser a mais sublimada locução
do Mundo, conuem aos Mayores delles

Ao mais cultos destes Ro-
manços se consigna de Pre-
mio hum asseado cordão
de Prata p^ono Chapeo'

Um olhar comparativo entre esses mesmos assuntos a ser glosados e a oração epidíctica proferida nessa mesma sessão de 2 de fevereiro de 1662 torna mais claros os objetivos do certame, pois não se tratava só de celebrar a inauguração de um novo espaço físico em que decorriam as sessões, mas também exaltar a própria academia enquanto arquitetura simbólica da sabedoria, consolidada na figura do presidente, nos quatro pilares que a enformavam, os sábios António de Sousa de Macedo, mestre de Política, João Nunes da Cunha, mestre de Tasso, João Serrão Pimentel, mestre das fortificações e Frei André de Cristo, mestre da Poética de Aristóteles, e nos sempre consagrados secretário e censor, que garantiam a continuidade da academia. Academia de que emanava a luz, à semelhança da Nossa Senhora das Candeias, comemorada pela religião católica nesse mesmo dia, e dispunha das forças para combater o obscurantismo das trevas, a cegueira da ignorância, a *mentirosa Februa*. E não é sem razão que o

próprio mês de fevereiro tem um significado especial para a celebração deste concurso. Detenhamo-nos na *oração epidíctica*, fl.2, *Nas Encaenias Academicas ou Dedicção da noua Aula Edeficada pera palestra Literaria do congresso dos generosos de Lisboa DISEA Ao segundo dia de sua segunda presidencia João de Saldanha Em dois de Feuereiro de 1662*.

A oração inicia-se com uma comparação entre a *Academia dos Generosos* e o templo romano, edificado por Marco Marcelo, *comum à virtude e à onra* fl.3, comparando-se implicitamente, assim, D. António Álvares da Cunha, o secretário perpétuo em casa de quem se edificou este *Templo Literario*, fl.3, com Marcelo. Seguidamente, o orador salienta a data específica de dois de fevereiro, por ser o dia em que a Igreja Católica celebra as *festas das candeas* fl.3v, à semelhança daquela reunião académica, adiantando que a *erudução umana nos consiliara a festa da Igreja á empresa Academica, e a celebridade do Templo, onde todos os anos se repetira neste dia, esta memoria, tornando ao mesmo ponto, circolo e roda, em que a fortuna tira segura as felicidades, que grangearem as siencias de cada humilde justo que se festeje este templo Literario, com alguma imitação do dia, e mez em que se dedica*. fl. 3v. Continua com uma explicação para a palavra *Februario* (*Galo de nação/ Consul em Roma*) que sobio a cadeira e orou contra Camilo, que auia uencido e *Triumphado dos Thirrenos, dizendo que elle não fora cauza de victoria, senão a fortuna do pouo romano. Defendeuse Camilo desta calunia em juizo, julgando-se a seu favor, e sendo castigado Februario*. Pelo seu erro, fevereiro sofreu a pena de ser o menor mês do ano, o que sempre se irá repetir em *muitos anos, muitos siglos e muitas idades*, (fl.4). No entanto, nem tudo seria mau para fevereiro, o mês em si, uma vez que seria lembrado por aquele evento grandioso que se estava a celebrar: *A pena que teue este mez pella culpa alhea em ficar o menor de todos, restaura oje tambem pella uertude, de quem o fes mayor por nelle se celebrar a primeira festa deste nouo Templo Academico*’ (fl.4) *Februario disse de Camilo as culpas que não tinha. Eu digo de vós as uertudes que tendes*’ (fl.4). Assim se subdividem os aplausos, pelo seu papel no seio da sociedade, pelo seu próprio espaço físico em que as assembleias se passam a realizar e pela qualidade dos seus associados, sobretudo aqueles que garantiam a sua existência.

Prevendo que possíveis participantes no concurso ficassem inibidos por reconhecerem as próprias limitações artísticas, é ainda lançado um desafio suplementar, um sexto aplauso: *E porque os Modernos Poetas, lembrados dos Talentos de Augusto repartidos ao antigo Poeta Mantuano, se queixão sempre de que sua sciencia não*

enriqueça assy os presentes como os passados, não sendo mais dignos de grande fortuna os passados (fl. 43) que os presentes, offereçe por seu desagrauo a Fortuna hum sexto Aplauzo, e sexto Premio de hum Primorozo Lenço tão de Flandres as Rendas, como o Passo a qualquer Ingenho que com as 96 Palauras abaixo escritas, as quais todas contem hum soneto Castelhana a este Asunto, das mesmas 96 Palauras sem deixar algua ou introduzir outra, tornar a compor hum soneto seja outro, ou seja o mesmo que já nellas está composto sobre o mesmo sogetto.

Palauras do soneto q se há de compor

*Ovo/Rica/Releuantes/Por/Nos/Chusma/
Fritas/Ardente/Diamantes/Seruida/
Dar/Di/ Incitas/Te/ Su/ Nó/Responde/
que/y/Margaritas/Tanto/quien/Trono/
Calabaças/Cabello/Escuderos/Por/son/que/
Como/Abundantes/Plata/Duenas/y/
Alto/Tas/que/De/Madre/De/Habitas/
que/Tezoros/Poetica/De/Los/Vez/ en/
consonantes/Oro/ Nos/A/son/que/
es/Dineros/ Cosas/Una/Honor/ A/De/
fl.43v
Por/Nos/ Desata/ Dar/La/quiseres/
Deidad/gastais/A/ Por/y/vuestras/
Por/Las/Plata/Ninfas/que/y/Dar/
Risa/Huyen/Indecoroso/La/Dar/que/
De/Frente/Su/Otros/Clamor/ que/
gran/en/Com/Vos/*

Seguem-se as leis do certame, bem como a indicação dos juízes:

Os versos se darão sem o nome; e o nome a parte, em o primeiro de Fevereiro pella manham ao secretario da Academia. São juízes com o Prezidente Dom Antonio Alvares da Cunha e Dom Francisco Manuel. (verso da fl.43).

Atentemos nos trabalhos anónimos – embora o anonimato entre os confrades pareça pouco credível, uma vez que os textos eram manuscritos e a caligrafia facilmente reconhecível (conforme pudemos constatar, folheando o manuscrito e confrontando a letra de algumas poesias com as orações iniciais) – que foram distribuídos por assuntos ao longo do certame denominado *Jogos Olimpicos das Muzas Lusitanas* (fl 40):

Primeiro assumpto
que a luz da tocha, empreza da Academia,
recebe a luz da festiuidade das Candeias, dia
de sua dedicação.

Um total de seis sonetos foram registados no manuscrito, o primeiro dos quais tem o seguinte primeiro verso:

Sõ sin del cielo oculto yoran mistério,(fl.45).

O segundo soneto é de Joseph Faria e vem publicado na página 26 do livro impresso *Terpsichore Musa Académica*, p. 26:

Quando del sol diuino, Luz hermosa, (fl.47).

O terceiro:

Com auspicio feliz; faustas estrellas, (fl.49).

O quarto, também atribuído Joseph a Faria, e publicado na obra citada anteriormente, p. 24:

Oy la diuina Aurora Luz materna, (fl. 51).

Depois, o quinto soneto com a indicação *Ao Primeiro Premio do Certamen*, e cujos primeiros versos são:

Oy que en pompas de Luz extraordinarios/ rayos brillan los sacros chapiteles, (fl.53).

Finalmente o sexto soneto, com a mesma indicação do anterior, cujo primeiro verso é:

Oy es el sacro, uenturoso dia, (fl.55).

Podemos notar que este último é de Frei André de Cristo, conforme se confirmará na publicitação dos resultados, e ganhou o prémio.

Segundo assumpto
Seis outavas Portuguesas

*A amizade q entre sy deuem guardar
as Letras e as Armas
Ao sr. D. Antonio Alvz da Cunha*

São cinco as composições poéticas que aparecem no manuscrito. A primeira começa assim:

Vive em eterno laço sempre Unida/ aquella tão terníssima amizade, (fl.57).

A segunda:

Se ualse un Ruce di scienze ornato,/di sangue e inchiostri spargere Torrenti, (fl.59).

A terceira:

Como do ceo a machina rotunda/ em hum, e outro pollo se sustenta, (fl.61).

A quarta, tal como a segunda em italiano:

Lettere et arme in bella forma unite/ sono de la Republica il sostengo, (fl.63).

E a quinta, vencedora do concurso e saída da pena de Francisco Correa de Lacerda:

Tanta amizade congruência tanta/ Tem das Letras, e as Armas a nobreza, (fl.65).

Logo a seguir à evocação da luz da tocha, representada na *empresa* da academia, e da circunstância de tal sessão se realizar na festividade religiosa de Nossa Senhora das Candeias, o que oferecia a oportunidade para sublinhar ainda mais o simbolismo da sessão, como já referimos, aponta-se a temática da amizade entre as *Armas e as Letras*, a qual se poderia considerar personificada na figura do seu secretário perpétuo, António Álvares da Cunha, conforme é visível na oitava que se segue, retirada do primeiro poema levado a concurso para este segundo assunto:

Vos digno sucessor do Deus de Delo

*gloria das Muzas e de Marte gloria
desde o bico do pe athe o cabelo
fazeis ao mesmo assumpto grande historia;
Das armas e das letras sois modello
pendurado no templo da memoria
para que em vos se veja eternamente
acreditado amor nesse ascendente. (fl.57)*

O terceiro assunto enunciado desafia o engenho poético dos académicos:

*A hua canção castelhana de cinco ramos e onze versos
excitando ao nosso monarcha a novas empresas, e q libertando
o sepulcro de Christo se não faltarão em Portugal Taços que
cantem suas empresas*

Foram registadas apenas duas composições poéticas no manuscrito. A primeira, de Joseph Faria Manuel, encontra-se também na *Terpsichore Musa Académica*, embora surja identificada aí como ligada ao segundo assunto e não ao terceiro. É este o primeiro verso:

A ty Alfonso el sexto, O gran Monarcha,(fl.67).

A segunda composição, vencedora deste assunto, é de Gabriel da Silva e tem como primeiro verso:

Quien es este real Pimpollo tierno, (fl. 69).

Relativamente ao quarto assunto, o manuscrito regista também apenas duas composições:

*Quarto assumpto
MotteGlo
Tanto pode o Canto que
nada fes menos que quando
conta o conto, e canta o canto
de Thebas. que foi porque*

Primeira:

Fabio a Filis quis cantar, (fl.73).

E segunda, a vencedora, pertencente a Joseph de Faria Manuel, que também a regista na *Terpsichore Musa Académica*, p. 29, e identificada como pertencente ao terceiro assunto desta sessão académica dos *Generosos*:

O canto que fez juntar/ a pedra para çem muros, (fl.75).

Finalmente, propunha-se um *Quinto assumpto*, poético,

*hum Romance
Castelhano de Vinte Coplas,
mostre como a dignidade da
Arte Poetica, por ser a mais
sublimada locução do Mundo,
conuem aos Mayores*

Mais uma vez temos um romance de Joseph Faria Manuel, que também se encontra na *Terpsichore*, p. 31, e cujo primeiro verso é:

Aquy de las nueue hermanas, (fl.77).

Outro romance, este de Luis Miranda Henriques, que ganhou nesta modalidade:

Cisnes que del patrio Tajo, (fl.79).

Um terceiro romance, com os primeiros versos:

Que la tençon(?) mejor/ a los mejores conuensa, (fl.81).

E um último:

Oy que la madre Academia, (fl.83).

Para o sexto assunto, estão registados três poemas, mas, como diz a ata da atribuição dos prémios, não foram considerados por terem sido entregues fora do prazo.

Assim, o primeiro soneto, primeiro verso:

Madre que em alto trono habitas, (fl.85).

Segundo soneto:

Di nos Deidad que en alto trono habitas, (fl.87).

E terceiro soneto:

Rica Madre q'en alto trono habitas, (fl 89).

Ao registo destas composições, segue-se a publicitação dos resultados do concurso e, na fl. 97, um soneto, em italiano, assinado por Carlo Paggi e dedicado a António Álvares da Cunha. Há vencedores em conformidade com critérios e escolhas de um júri respeitado e credível dentro daquele contexto, independentemente dos valores e das expectativas alimentadas pelas gerações posteriores:

*Virãose os poemas deste certamen pelloz juizes delle,
os quais todos se acharão merecedores de premio, porq todos
seguirão com delgadeza os assuntos, mas como de cada metro
era hũ so premio se escolherão por mais dignos delles.*

Dos sonetos, o q comessa

*Oyes el sacro y venturoso dia. Do Revº Padre Mº Fr
Andre de Cristo lente da Poetica de Ariosto Teles nesta
Academia.*

Das oitavas a q comessa

*Tanta amizade congruência tanta. Do Sor Fran.
Correia de Lacerda lente da Ré militar de Vegecio nesta
Academia.*

*Das canções a q comessa Quien es este real pimpolho
terno De Gabriel da Sylva.*

*Das glosas a q comessa O canto q fez juntar. Do Dor
Joseph de Faria Academico Generoso.*

*Dos romances o que comessa Cysnes q del patrio Tajo.
De Luis de Miranda Henriques Academico Generoso.*

Os sonettos q se unirão das palavras trocadas, não entrarão no certâmen por virem fora do tempo proposto.

Dada na Academia ao 1º de Fevº de 662, e publicada aos dois do ditto mês na Aula Academica por D. Antº Alvs da Cunha secretario da ditta Academia que esta mandou fazer. Sobescreveo e a assinou (fl.91).

A preservação deste manuscrito, trabalho do seu secretário perpétuo destinado a recolher as composições e guardá-las para memória futura, permite-nos vislumbrar o que seria uma prática frequente no mundo académico português do século XVII.

A modalidade de jogos ou combates poéticos seria, pois, uma prática comum e prolongada no seio da *Academia dos Generosos*, que os manuscritos e livros impressos consultados atestam sobejamente. E se, no exemplo que escolhemos para ilustrar o combate literário, o tema é a exaltação da própria academia – remetendo, aliás, para o conteúdo dos preceitos académicos –, a meio caminho entre o assunto público e o assunto privado, outros manuscritos conservam uma panóplia temática particular, burlesca ou trivial, frívola e aparatosa, em tom elevado e solene, ora tratando matérias de circunstância, como aniversários, nascimentos, casamentos e mortes – ou tão-só uma qualquer cena familiar ou íntima –, ora abordando assuntos heroicos, filosóficos, míticos ou problemáticos.

Que se poderia exigir destes autores, para além de trabalhos que respeitassem um assunto dado, se submetessem a regras formais explícitas, cumprissem prazos e concorressem com os de outros académicos num jogo poético de espelhos, mais para ocuparem o tempo de ócio de uma maneira medianamente erudita e suficientemente requintada, do que para deixarem às gerações vindouras um legado literário superior, fruto de um trabalho árduo ou de uma inspiração divina não tão pródiga quanto seria de desejar? Assim faziam jus, aliás, às máximas que aconselhavam a *aurea mediocritas* e o *carpe diem*, tão próprias deste período barroco. Alvaro Cubillo de Aragón¹⁰⁹, referindo-se às contendidas intelectuais nas academias espanholas do *Siglo de Oro*, sintetizou o que poderia ser transposto para o combate literário, no contexto académico seiscentista em Portugal:

¹⁰⁹ SÁNCHEZ, José - op. cit. p. 23.

*Si en academia alguna te hallares,
donde ya, por costumbre recibida,
algún señor presida,
obedece el asunto, y no repares
en que sátira sea,
que como se usa allí de impersonales,
ya pintando una vieja, ya una fea,
un miserable, un calvo, un antojado,
y en esta acción lucida
no se tira a ventana conocida,
puedes, sin que tu pluma desmerezca,
decir cuanto al ingenio se le ofrezca.*

Parece evidente que os académicos portugueses tinham consciência das suas fragilidades e limitações¹¹⁰, como bem o prova o exemplo que demos anteriormente, relacionado com um concurso para o qual não foram aceites composições julgadas de insuficiente qualidade, de acordo com os parâmetros previamente estipulados. Os louvores que os académicos se teciam mutuamente também deverão ser interpretados à luz dos códigos sociais da época e, em consequência, desvalorizados enquanto argumento para denegrir a sua atividade. Os códigos de sociabilidade cultivados então podem facilmente justificar uma arte poética de encarecimento e superlativação das qualidades dos autores que corresponderia, provavelmente, não tanto a pretensões de igualdade ou superioridade relativamente aos seus modelos artísticos, mas sim a estratégias comuns e aceites de relacionamento entre pessoas que se conheciam entre si, e que, antes de se autodesignarem como *distintísimos poetas* a coberto de um nome artístico – como o nosso académico *Ambicioso* –, eram amigos, padrinhos, afilhados, filhos, protegidos e confrades numa densa teia de relações pessoais, interesses e expectativas muito pragmáticas, como deixa perceber Prestage, ao enunciar que a erudição era utilizada *para fins proveitosos*.

A pesquisa que levamos a cabo confirma-nos que a abordagem deste género de assuntos, tão criticada pelos que se debruçaram sobre a produção literária deste período, era apanágio também de muitas academias espanholas e italianas e que já entre os contemporâneos se levantavam vozes críticas acerca desta produção textual quase automatizada, o que nos leva a admitir que o movimento académico seiscentista em Portugal foi aquilo que pôde ser no contexto que o país vivia, tendo em conta o volume

¹¹⁰ Em Espanha encontramos o mesmo fenómeno. SÁNCHEZ, José – Idem, p.18. *En general, se registran más quejas y lamentaciones sobre las academias que elogios y alabanzas.*

de informação que recebia da Europa e os meios de que dispunha para se modernizar, revelando uma camada da sociedade disposta, sobretudo, a não ficar para trás no jogo de aparências que o Barroco representa.

CAPÍTULO II

António Álvares da Cunha – apontamentos biográficos

Para revelar o retrato, obscurecido pelo tempo, de D. António Álvares da Cunha, recorremos ao texto da *Relação de tudo o que se passou na Felix aclamação do Mui Alto, e mui Poderoso Rey DOM JOÃO O IV. nosso Senhor, cuja Monarquia prospere Deos por largos Annos*, EM LISBOA a custa de Lourenço Anueres e na sua Officina, 1641¹¹¹. Aí, nas páginas dezoito e dezanove, e dando sequência a um discurso vivo e tenso em que são evocados os momentos que antecederam a tomada do poder político pelos conjurados de 1640, podemos ler que:

Dom Antonio Telo, como havia dado sua palavra de despedaçar o coração do tirano (em cujo peito se havia de abrir a porta à liberdade de Portugal) estava na galaria, que vai para o forte, esperando que se começasse a batalha para dar sobre o enemigo: e tanto que vio que jâ na sala gemia o ar ferido das espadas, e dos pilouros, temendo que hum confidente de Miguel de Vasconcelos, que havia passado para dentro lhe desse aviso, serrou os olhos, e soltando as rédeas á generosa fúria, entrou na secretaria, e tras delle forão Pedro de Mendonça, Aires de Saldanha, João de Saldanha da Gama, e seus dous irmãos Antonio de Saldanha, e Bertalomeu de Saldanha, Dom Gastão Coutinho, Dom João de Sà de Meneses Camareiro mor, o Conde de Atouguia, Dom Francisco Coutinho, seu irmão, Tristão da Cunha de Ataide, Luis da Cunha, Nuno da Cunha seus filhos, Dom Manuel el Childe Rolim seu genro, Dom Antonio da Cunha sobrinho do Senhor Arcebispo de Lisboa, e outros muitos, os quais encontrarão, ao Corregedor Francisco Soares de Albergaria, e por muitos que gritando eles. VIVA ELREY DOM JOÃO O IV.

D. António Álvares da Cunha, filho de D. Lourenço da Cunha e de Isabel de Aragão¹¹², tinha então catorze anos e havia três que chegara a Lisboa, vindo de Goa,

¹¹¹ <http://archive.org/stream/relaadetudoo00azev#page/n1/mode/2up> (Consultado em linha a 5 de maio de 2012).

¹¹² Pesou sobre a mãe de D. António Álvares da Cunha um rumor de “impureza” que, como adianta Abílio Diniz Silva, possivelmente viria a justificar o facto do seu filho, D. Luís da Cunha, nunca ter desejado regressar a Portugal: “António Álvares da Cunha trinchante, ou écuyer tranchant. Sa mère Isabelle d’Arragon fut brûlée à Goa, accusée de judaïsme, ou de paganisme. Les alliances ne sont pas bonnes.” CUNHA, D. Luis – **Instruções Políticas**, introd., estudo e ed. crítica Abílio Diniz Silva. 1a ed. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. p. 29.

onde nascera a 1 de maio de 1626, *para herdar a Casa dos seus Avós*¹¹³, segundo Diogo Barbosa Machado. Seria – talvez – um jovem entusiasmado a viver uma revolta palaciana que haveria de restituir a Portugal a plena autonomia, posta em causa desde 1580, um objetivo político para o qual seu tio e protetor, D. Rodrigo da Cunha, tanto obrara. Afinal, fazia parte de uma família aristocrática, ligada à corte e envolvida com o princípio da nacionalidade, e que mantinha acesa a chama da autonomia. O mesmo Diogo Barbosa Machado acrescenta, no verbete que lhe dedica na sua *Bibliotheca Lusitana*, que o seu avô, Pedro da Cunha, *ilustrou a nobreza do seu nascimento com heroicas proezas, que em Africa, e Asia obrou em obzequio da pátria*, o mesmo que, *por ser fidelissimo parcial do direito que o Senhor D. Antonio Prior do Crato tinha á Coroa Portuguesa finalizou a vida recluzo na Torre de Belem*. No mesmo local, podemos ainda ler que Pedro da Cunha foi pai de *D. Lourenço da Cunha Governador da India, e do Illustrissimo Arcebispo de Braga, e de Lisboa o insigne D. Rodrigo da Cunha* e que era *muito inclinado ao estudo da Genealogia*.¹¹⁴

Se nos detivermos na *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, de António Caetano de Sousa, um dos cinquenta académicos que fundaram, em 1721, sob os auspícios de D. João V, a *Real Academia Portuguesa de História*, encontramos aí reproduzido o que a respeito de D. Lourenço da Cunha diz Manuel de Faria e Sousa¹¹⁵. Segundo este polémico editor de Camões, o pai do secretário perpétuo da Academia dos Generosos *passó muchacho à lá India, adonde servió con la desgracia de los beneméritos, porque despues de trinta e sinco anos de servicio llegó al gobierno en una vacacion de pocos meses, aviendole merecido para muchos siglos*. Foi capitão-mor do mar do Norte da Índia e um dos três governadores de Goa, de agosto a outubro de 1629. E o polígrafo esboça, até, alguns elementos do retrato físico do pai de D. António Álvares da Cunha: *fue alto de cuerpo, blanco, rubio, y ojos azules*.¹¹⁶

A pertença a uma linhagem nobre e poderosa fundamentaria, ainda segundo o que escreve no verbete da *Bibliotheca Lusitana* Barbosa Machado, a sua vinda para Lisboa com a finalidade de suceder a D. Manuel da Cunha, enquanto herdeiro dos bens de seus avós. Teria sido este último, também, *ornado de todos aquelles dotes, que constituem hum perfeito Cavalhero, que sempre se conservou no Celibato*, e sob a sua

¹¹³ MACHADO, Diogo Barbosa – op.cit. Tomo I. pp.199 a 201.

¹¹⁴ Idem, p. 573.

¹¹⁵ *Apud* SOUSA, António Caetano de - **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, tomo XI, 1953, p. 490; FARIA E SOUSA, **Asia Portuguesa**, tom.3. part.4. cap.7. p.454.

¹¹⁶ Idem, p.489.

direção o jovem António *sahio egregiamente instruido na língua Latina, Italiana, e Francesa; no estudo da Poesia, História, Mathematica, e Genealogia, em cujas sciencias fez admiraveis progressos.*¹¹⁷ O facto de o abade de Sever não adiantar mais nada acerca deste *perfeito Cavalheiro* celibatário não nos permite determinar com maior rigor de quem, efetivamente, terá recebido o jovem herdeiro Cunha as influências que orientariam a sua vida futura, uma vez que a biografia monumental do seu outro tio, D. Rodrigo da Cunha, é suficientemente elucidativa para nos fazer crer que terá exercido uma ação de importância determinante quanto aos rumos que presidiram à sua educação. Por outro lado, António Caetano de Sousa não refere nenhum Manuel da Cunha como tio de D. António, informando, antes, que teria sido D. Rodrigo da Cunha o responsável pela educação do nosso académico. Segundo este historiador, o jovem herdeiro *creou-se na casa do Arcebispo, onde aprendeo as línguas Latina, Franceza, e Italiana, e foy herdeiro de seus serviços; porque não teve outros bens, que lhe deixar; e seguindo as máximas Christãs, em que foy creado, foy hum dos mais aplaudidos Fidalgos do seu tempo; porque elle verdadeiramente era a idéa de hum perfeito Cortezaõ.*¹¹⁸

Mas a família dos Cunhas, estendida por um denso emaranhado de sobrenomes iguais, ou quase iguais, exige um melhor esclarecimento no que diz respeito aos diferentes ramos, até porque, por esta altura, havia um outro Manuel da Cunha¹¹⁹ – igualmente referenciado por Barbosa Machado – cujo irmão, Pedro da Cunha, foi trinchante-mor de D. João IV, e que está identificado no *Auto de Aclamação de D. João IV*.¹²⁰ O *Nobiliário das Famílias Portuguesas*, de Felgueiras Gayo, aponta cento e vinte e quatro ramos desta família¹²¹, que teria tido a sua origem no cavaleiro francês D. Guterres Paes, natural da Gasconha, *rico homem* de D. Teresa e de D. Afonso Henriques. Teria sido pela valentia do seu filho, D. Payo Guterres, que, segundo o relato

¹¹⁷ MACHADO, Diogo Barbosa – op. cit. Tomo. 1, pp.199 a 201.

¹¹⁸ SOUSA, António Caetano de - op. cit. p. 490.

¹¹⁹ Com efeito, este D. Manuel da Cunha *naceo na Cidade de Lisboa sendo filho de Simão da Cunha Trinchante mór de Filippe III (...) A nobreza do nascimento, a integridade da vida, e a capacidade do talento felizmente conspirarão para subir aos lugares que dignamente ocupou, pois havendo sido Deputado das Inquisiçoens de Coimbra, e de Lisboa, e Inquizidor nesta Cidade foy Deputado do Conselho Geral (...) sendo eleito Arcebispo de Lisboa a 2 de Outubro de 1646 (...) faleceo em Lisboa a 30 de Novembro de 1658* – MACHADO, Barbosa – op cit., vol.3, p. 239.

¹²⁰ http://www.angelfire.com/pq/unica/monumenta_1640_auto_do_levantamento_e_juramento.htm (consultado a 5 de maio de 2012).

¹²¹ GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Vol. 9/10, Braga, 1940. pp. 142 a 151.

deste eminente genealogista do século XVIII, o apelido Cunha¹²² passaria a identificar a família. O avô de D. António, D. Pedro da Cunha, descendia em linha direta desse primeiro ramo e teve um filho, Manuel da Cunha, do casamento com Ana de Menezes – sua primeira mulher –, o que confirma a informação anterior de Barbosa Machado segundo a qual seria este tio Cunha um celibatário, sendo de admitir, portanto, como provável que tenha tido uma influência marcante na formação no nosso académico *Ambicioso*. Até porque, como já vimos, o motivo da vinda de António Álvares da Cunha da Índia foi o de assumir a herança dos avós, uma vez que, com a morte do seu pai, em 1633, seria ele o sucessor natural do morgado de Tábua e herdeiro legítimo dos bens da família.

No entanto, o nome que se destaca no quadro familiar é o de D. Rodrigo da Cunha (1577-1643). Barbosa Machado traça o percurso deste eminente eclesiástico desde os seus estudos em Jurisprudência Canónica e a assunção das mitras do Porto e de Braga, até ao cargo de arcebispo de Lisboa, que assumiria no ano de 1635, tendo sido ainda honrado com os *honoríficos lugares de Conselheiro de Estado, e de Adjunto á Princesa de Mantua Governadora do Reino para assistir ao despacho ordinário*.¹²³ Para além de dar destaque à sua carreira relevante, o abade de Sever salienta também o seu apego à causa independentista – talvez numa tentativa de relativizar a posição de relevo que ocupou na política do período filipino, a qual parece contrastar com tanto fervor contra o domínio castelhano. Seja como for, o autor da *Bibliotheca Lusitana* sublinha que *com heroica liberdade impedio a imposição dos tributos, com que os Ministros Castelhanos dispunham a infração dos foros, e privilégios dos Portuguezes*. Chamado a Madrid, juntamente com outras altas figuras da sociedade portuguesa, recusou a *honorífica oferta do Capello de Cardeal com que Castella o queria sobornar e armado de heroica constancia defendeo a liberdade da sua pátria*. Foi, portanto, a *grande figura do clero na hora da revolução de 1640*,¹²⁴, tendo merecido, inclusive, ser

¹²² GAYO, Felgueiras – op. cit. p. 143 - *O appellido de Cunha dizem huns por quebrar com cunhas de ferro as portas de Lisboa por onde entrou nella o Rey D. Affo (...) outros dizem q este appellido de Cunhas viera das muitas q este Payo Guterres metera na muralha da Cid.e de Lisboa (...) outros emfim dizem, q no tempo q os Mouros cercarão Lisboa, estando hua bandeira na muralha do Castello p^a cahir com a rijeza do vento,o q os Mouros querião, e pella não segurarem chovião as setas naquelle lugar, o d^o Payo Guterres lhe metrea duas cunhas com q seguroou a d^a bandeira o q visto por ElRey disse ao d^o Payo Guterres, a Cunha, a Cunha, e desta voz do Rey, e das Cunhas lhe ficara o appellido.(...) outros quizerão dizer q vinha da corrupção do nome, Gascunha, donde dizião era seu pay.*

¹²³ MACHADO – op. cit. Tomo. 3, pp.641 a 646.

¹²⁴ RAMOS, Luís A. de Oliveira – **Questões e comentários sobre D. Rodrigo da Cunha**, Separata de: BRACARA AUGUSTA, Vol. 30, fasc. 69(81) Braga, 1976, pp. 215 a 232.

considerado a verdadeira alma da conjura contra o governo castelhano.¹²⁵ Assistiu ao Auto de Juramento de D. João IV que teve lugar a 15 de dezembro de 1640, sendo o primeiro que em 28 de Janeiro do anno seguinte ratificou o Juramento, que os Tres Estados do Reino fizeram ao mesmo Monarca, e a seu filho o Principe Theodozio.¹²⁶

D. Rodrigo deixou uma extensa obra que se estende pelos domínios da teologia, da jurisprudência canónica e da história eclesiástica e secular, isenta de *misticismo*¹²⁷ e pragmática, exibindo um carácter marcante nos fastos políticos, literários e eclesiais do século XVII.¹²⁸ Lope de Vega reconhece os seus méritos e patrocínio, quando se lhe refere na silva 2 do *Laurel de Apolo*:

*Con tu nombre Illustrissimo Rodrigo
Primero Archipastor de Lusitania
Real Acuña, cuyos rayos sigo,
Dulce Mecenas de mi rude Urania
Sin Amadores sin Ozorios fuera
Tu ingenio Sol, y Portugal su esfera.*

E também na *Dedicatória* que fez da *Isagoge a los reales estudios de la Cõpañia de Jesús*:

*Tu Rodrigo Illustrissimo tu solo
De mis Musas Apollo
Primero Archimandrita Lusitano
Oye mis versos con semblante humano,
Pues tantas vezes a mi Lyra atento
Humillaste tu claro entendimento
Honrando de mi pluma la baxeza
La dignidad real de tu grandeza;
Que a ti se deve por tan altas partes
Este compendio de admirables artes.
Tu honor de los Acuñas, tu gloria
De aquel blazon, q a la immortal memoria
De letras, y armas diò tantos laureles;
Inspirame el espirito que sueles:
Tu sempre mi Mecenas
A rusticas avenas
Agora al assunto grave
En cuyo imenso circulo de sciencia*

¹²⁵ RAMOS, Luís A. de Oliveira - art. cit. p. 249.

¹²⁶ MACHADO, Diogo Barbosa - op. cit. pp.641 a 646.

¹²⁷ RAMOS, Luís A. de Oliveira – art. cit. p. 215

¹²⁸ Idem, ibidem.

*Serà mi ingenio indivisible punto,
Si tu que la mayor circunferencia
Llenas de humanas letras y divinas
Admites impresiones peregrinas.*

Pelo conteúdo destes dois excertos de Lope de Vega, é-nos revelado o perfil de pujante vigor intelectual e cultural de uma figura ímpar e ativa no contexto ibérico, se tivermos em conta o relevo que tem o famoso autor madrilenho nas letras do *Siglo de Oro*, mesmo descontando o gosto pela linguagem áulica e ornamentada própria da época. Com efeito, estes versos poderiam iluminar uma faceta de apreciador e protetor de poetas que tem sido desvalorizada no percurso biográfico de D. Rodrigo, exclusivamente associado, como vimos, à restauração da independência portuguesa e à história institucional da igreja – em relação a esta última, tanto na vertente de produção litúrgica como na da ação pastoral, em que se destaca o papel desempenhado enquanto bispo na diocese de Braga –, ou não fossem estes mesmos versos o reconhecimento inequívoco da sua autoridade no quadro da produção poética coeva, sendo atribuído um valor decisivo e incontestado à sua opinião. E a quem, senão a outro poeta, poderia ser atribuída essa mesma autoridade? Por outras palavras, será de equacionar a possibilidade de D. Rodrigo ter sido, também, poeta, para além do homem pragmático que a história registou? Se não podemos por agora afirmá-lo categoricamente, sabemos que, pelo menos, poderá ter escrito noutro registo que não o eclesiástico e que era lido na *Academia dos Generosos*. Tanto assim, que o Marquês de Nisa considerou indispensável copiar alguns *papéis de mão* de D. Rodrigo que circulavam nas sessões da *Academia dos Generosos*.¹²⁹ Outro poeta, D. Francisco de Portugal, também corrobora o “depoimento” de Lope de Vega, pois acredita-se que lhe remetia textos seus, para que passassem pelo crivo atento do crítico clérigo.

Pela mão de D. Rodrigo, ou de D. Manuel – ou certamente pelas de ambos – D. António Álvares da Cunha ingressa na sociedade lisboeta de seiscentos, representando uma família com pergaminhos junto da corte e, por isso mesmo, perfeitamente enquadrada na teia de relações, influências e jogos de poder que ditaram o modelo barroco de sociedade. A pertença à nobreza do reino será lembrada frequentemente, não só para enaltecer as qualidades multifacetadas de D. António, mas ainda para consolidar a relevância da sua prole – criada num ambiente particularmente

¹²⁹ *Apud* COSTA, Leonor Freire/CUNHA, Mafalda Soares – **D. João IV**, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006 p. 171, COELHO, José Ramos – **O Primeiro Marquês de Nisa**, Lisboa, Notícias, Typ. Calçada de Cabra, p. 17.

propício à educação e à sapiência – nomeadamente D. Luís da Cunha, que virá a ter um papel relevante na diplomacia portuguesa nos reinados de D. João V e D. José.¹³⁰

D. António Álvares da Cunha, 17º senhor de Tábua, casou com D. Maria Manuel de Vilhena, filha de Cristóvão Manuel de Vilhena e irmã de D. Sancho Manuel de Vilhena, Conde de Vila-Flor, herói da Restauração, louvado na obra impressa *Aplauzos Académicos à célebre vitória do Canal*, em trabalhos que foram coligidos pelo próprio D. António. Dona Maria Manuel de Vilhena era sobrinha-neta de Manuel Severim de Faria, conhecido académico de Évora, o que poderá ter constituído uma influência e um estímulo para a sua posterior atividade académica. Tiveram uma grande prole – dez filhos – e viveram numa zona aristocrática da cidade de Lisboa, Santa Catarina, às Chagas – perto da igreja de S. Roque –, um centro nevralgico para o exercício de influências sobre a vida política, cultural e religiosa do reino.

D. António representa, portanto, um misto de militar e aristocrata culto. Como soldado do exército português, foi coronel de um dos regimentos de ordenanças da corte e, na *Elegia II das Memórias Fúnebres*¹³¹ é identificado como *Governador e Capitão mor da comarca de Evora*, o que se vê confirmado na *Bibliografia Nobiliarquica Portuguesa*, de Eduardo de Campos Soares¹³², e na sua curta biografia encontrada na *Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal*, de Albano da Silveira Pinto¹³³. Terá sido a sua participação no exército português que lhe proporcionou a experiência e a informação próxima necessárias à elaboração da sua *Campanha de Portugal pella provincia do Alemtejo, na primavera do anno de 1663, governando as armas daquela provincia o excellentissimo senhor Dom Sancho Manuel, Conde de Villafior*, o qual era, como vimos já, seu cunhado? De acordo, ainda, com Barbosa Machado, D. António abandonou o *silêncio das Musas* e deixou-se arrebatado pelo *tumulto das Armas para a Patria invadida pelos castelhanos onde depois de encher as obrigações de valeroso Soldado, e prudente Capitão, os cuidados domésticos, e a falta de saúde o obrigaram a restituir-se à Corte*. Verificamos, no entanto, que os dados biográficos reunidos são vagos e mais ou menos repetidos em todos os documentos escritos que contêm

¹³⁰ CUNHA, Luís da / SILVA, Abílio Dinis da, introd., estudo e ed. crítica - **Instruções políticas / D. Luís da Cunha**, Lisboa, 1ª ed, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001 p. 26. Relativamente aos depoimentos prestados pelo inquisidor geral e por D. Francisco de Sousa, do Conselho de Sua Majestade no processo de habilitações para bacharel de D. Luís da Cunha, terão dito estas personalidades que “eram fidalgos ilustres” e que estão habilitados...para o hábito de Cristo e demais honras do reino”.

¹³¹ 61-III-59.BA

¹³² Vol.1, p.36.

¹³³ pp. 507/8.

referências ao académico *Ambicioso*. Assim, podemos saber que terá sido também deputado da Junta dos Três Estados, em data desconhecida, e, dando sequência à tradição da família dos Cunhas, exerceu o cargo áulico de trinchante-mor dos reis D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II. Este último ofício revestia-se de particular significado, uma vez que era um cargo de confiança e de muita proximidade física com o rei. Enquanto trinchante-mor de D. João IV, foi protagonista dum episódio singelo, mas elucidativo quanto à personalidade de D. António e ao valor que atribuía à sua aparência: um dia, D. João IV, um rei que primava pela simplicidade na indumentária, terá feito um reparo jocoso ao ver o seu trinchante-mor apresentar-se com um *pourpoint*¹³⁴ guarnecido de uma rendilha de prata¹³⁵.

Na diversidade de cargos que assumiu ao longo da vida conta-se o de ter sido, a partir do ano de 1678, o vigésimo quinto guarda-mor do Arquivo da Torre do Tombo, o que lhe ofereceu a ocasião para levar a cabo uma análise crítica do espólio do arquivo, como está patente no códice 937 (*Nobiliário do Conde de Barcelos*), da BNP, na dedicatória em que lamenta duas circunstâncias: o facto de não ter havido nenhum tratamento genealógico das famílias portuguesas antes de D. Pedro e do seu nobiliário, pelo que *não se sabe a origem de muitas famílias*, e os *acrescentamentos e mudanças* feitos por Fernão Lopes, *deixando muitas famílias até donde as deixou escritas seu autor e continuando outras como lhe pareceo à sua inclinação*. Segundo Barbosa Machado, *o natural genio, que tinha para investigar os pontos mais difíceis da Historia Genealogica o moveo para que aceitasse o lugar de Guarda mor da Torre do Tombo, descobrindo a sua incansável curiosidade neste real archivo muitos documentos com que ilustrava as suas doutas composições*. Este interesse pela genealogia levou-o a traçar as *Arvores genealogicas da real ascendencia da muito soberana Princesa Maria Sofia Isabel Palatina Raynha de Portugal athe os outavos avós / offerecidas ao muito esclarecido Principe D. Pedro II do nome vigessimo Rey de Portugal* e, se nos detivermos no *Obelisco Portvgves, Cronologico, Genealogico e Penagirico, que afectuosamente construe D. Antonio Alvares da Cunha ao mais fausto dia, que em muitos seculos vio Lisboa, no baptismo da sereníssima infante D. Isabel Maria Iosepha* – um autêntico monumento arquitetónico ilustrado com os nomes e atributos das sucessivas gerações da família real –, poderemos reconhecer a importância social que

¹³⁴Espécie de veste de abas compridas; esta palavra foi deturpada em português com as seguintes variantes: *porpõem*, *perpoen* e *perponte*. CUNHA, D. Luis, op cit. p. 283.

¹³⁵COSTA, Leonor Freire/ CUNHA, Mafalda Soares da – op. cit. p. 136: *vindes mui bizarro D. António! Por certo que nunca fui tão rico que pudesse fazer outro semelhante*.

esta atividade assumia no contexto em que viveu e a profunda dedicação do académico *Ambicioso* à investigação do passado das famílias ilustres e poderosas do tempo.

D. António Álvares da Cunha foi também tradutor e verteu para o português a obra do padre jesuíta italiano Luigi Giuglaris (1607-1653) *Escola das verdades aberta aos príncipes*. No texto introdutório dirigido ao leitor, D. António justifica a necessidade da tradução com o reconhecimento de que os preceitos que devem orientar a educação dos príncipes em Itália são os mesmos que em Portugal: *saõ geraes as suas doutrinas e dellas se tiram os documentos pera os particulares accidentes*. Para além de tradutor, procedeu à edição da obra lírica de Luis de Camões, a "Terceira Parte das Rimas" e teria sido para ocupar o tempo e fugir ao *torpe ocio* que *instituhio em sua Casa huma Academia, intitulada, dos Generosos, da qual era Secretario. Teve grande inclinação para a Poesia compondo repentinamente muitos versos com grande affluencia, e suavidade como se foraõ por muito tempo meditados*.¹³⁶

A referência ao repentismo e facilidade na arte de versificar, bem como ao talento natural de D. António para as letras, está também patente no *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo I,¹³⁷ em que podemos ler que *António Álvares da Cunha é tido pelos críticos em conta de autor culto, e a sua linguagem é correcta, e adequada aos assumptos (...) nos poucos versos que d'elle nos restam, pensa com força e exprime-se com energia, sabe colorir as suas idéas, metrifica bem, e rima com facilidade*.

Podemos concluir que as informações até agora conhecidas sobre este aristocrata do século dezassete, que se autointitulava académico *Ambicioso*, permitem traçar-lhe um perfil psicológico inquieto e inquiridor, que se compagina com o momento histórico e cultural que viveu, tanto na especificidade do quadro político da Restauração e consequente consolidação da Independência, como no contributo para a criação de agremiações culturais, à margem dos centros eclesiásticos e universitários de então. Dos filhos de D. António, viria a ter grande relevo na diplomacia D. Luis da Cunha (1662-1749). O nosso académico morreria a 26 de maio de 1690, sendo sepultado em campa rasa, na paróquia de Santa Catarina, em Lisboa.

¹³⁶ MACHADO, Diogo Barbosa – op. cit. vol. 1, pp. 199 a 201.

¹³⁷ SILVA, Inocêncio Francisco da – **Dicionário Bibliográfico Português**, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972. pp. 84, 85.

O secretário da *Academia dos Generosos*

Conhecemos já a importância que D. António Álvares da Cunha teve para a criação e desenvolvimento da *Academia dos Generosos*; será oportuno, agora, observar o seu percurso enquanto secretário dessa mesma academia, um cargo protocolar e funcional, revestido de dignidade e prestígio no seio daquele grupo social. Se ao presidente – eleito rotativamente – estava destinado o papel honroso de orientar os encontros académicos, bem como escolher o elemento que lhe sucederia no cargo e propor o assunto a ser tratado na sessão seguinte, ao secretário caberia a responsabilidade de assegurar o funcionamento das assembleias, podendo mesmo substituir o presidente, em caso de impedimento deste – conforme se pode constatar na sessão de 20 de Dezembro de 1661, em que D. António substitui o presidente designado, António de Mello de Castro¹³⁸ –, dando assim continuidade e permanência à atividade académica que se desenvolvia na sua própria casa¹³⁹. Pela natureza perene deste cargo, em comparação com o de presidente, D. António Álvares da Cunha é geralmente apodado de secretário perpétuo.

Conjugando o que consta nos fragmentos manuscritos a que tivemos acesso, e que já foram várias vezes referidos, com a descrição da academia fictícia de Castillo Solórzano (1584-1648) – que retrata uma assembleia quanto à decoração do espaço, à disposição dos lugares a serem ocupados pelos académicos e ao próprio desenrolar dos trabalhos –, podemos obter algumas informações sobre o papel desempenhado pelo secretário.

O secretário sentava-se ao lado esquerdo do presidente nas sessões – o lado direito estaria reservado para o tesoureiro, fiscal ou censor – e a ele deveriam ser entregues os textos que seriam lidos posteriormente nas sessões académicas, como refere Solórzano:

¹³⁸ *Oração Proemial que oferece a ilustre Academia dos generosos seu fiel expediente secretario D. Antº Alvres da Cunha no dia 20 de Dezembro em q presidio substituindo ao sor Antº de Mello de Castro* – BGUC, ms. 1350, fl. 55

¹³⁹ Nem todas as sessões se realizaram na casa de D. António Álvares da Cunha. A sessão de 1659, presidida por António de Sousa Macedo, realizou-se na casa deste, como se pode ver na indicação contida no ms. 1324, BGUC: *Introdução que Antº de Sousa Macedo fes prezedindo na Academia q celebrou na sua casa Rauy(?) F. Aras de Almada em 2 de Fevereiro de 1659 à victoria do Conde de Cantanhede nas Linhas de Elvas*, fl. 21.

*el presidente de la Academia (...) mandó comenzar a leer de los asuntos que se habían repartido la academia pasada(...). Tenía todos los papeles de los poetas el secretario, y el primero que dió a que leyese fué uno del poeta Moncayo, insigne sujeto en la corte y venerado por sus doctos escritos.*¹⁴⁰

Para além da função aglutinadora, o secretário poderia talvez representar uma pressão censória no seio da academia, uma vez que tinha conhecimento antecipado dos textos que seriam lidos nas sessões, estando ainda nas suas mãos o alinhamento a observar na leitura dos textos produzidos pelos académicos intervenientes. A ficção de Solórzano surge, pois, como uma possibilidade credível para a dinâmica da *Academia dos Generosos*.

É verdade que o que conhecemos através da dispersa documentação relativa às primeiras fases da academia não nos permite uma posição assertiva, mas o que podemos encontrar relativamente a algumas sessões mais faustosas, que se concretizavam em concursos e combates, mostra bem o papel do secretário quanto à posse dos textos apresentados nas sessões, e disso já demos exemplo na descrição do manuscrito 6374, da BNP. As regras do concurso ali enunciado terminavam com a instrução clara:

*os versos se darão sem o nome; e o nome a parte,
em o primeiro de Fevereiro pella manham ao secretario
da Academia.*

O secretário poderia ser ainda o proponente e dinamizador desses concursos, como ilustra o anúncio poético contido no livro impresso *Certamen epithalamico publicado na Accademia dos Generosos de Lisboa*, da autoria de D. António Álvares da Cunha, um anúncio para a produção de obras métricas a serem apresentadas na academia em celebração do casamento de D. Afonso VI e de D. Maria Isabel de Sabóia. Por isso, não será descabido pensar que ao secretário caberia, em primeira instância, a guarda da memória do que se passava na academia, enquanto república das letras.

Aceitando como provável este cenário, e tendo em conta a realização das sessões académicas sucessivas – ainda que intermitentes ao longo dos anos –, seria de esperar que a atividade de D. António Álvares da Cunha enquanto secretário da academia estivesse mais documentada e significativa. Assim, e supondo o desvelo que a guarda

¹⁴⁰ SÁNCHEZ, José – op.cit. pp.186-187.

dos textos lidos nas sessões mereceria da parte do fundador da academia, não podemos deixar de questionar se teria sido o *Ambicioso* um secretário displicente que não se preocupava com o arquivo e segurança dos textos recebidos, como indiretamente parece ter sido notado na observação mordaz de Costa e Silva – relativamente à obra manuscrita saída do punho de D. António –, quando o acusa, ou aos seus descendentes, de incúria, por terem deixado perecer *miseravelmente* a sua própria obra que não recebeu *vida typographica*.¹⁴¹

Mas a explicação para a ausência de testemunhos das sessões devidamente salvaguardados, arquivados e identificados pode ser encontrada noutras causas, que não a falta de diligência ou o descuido do seu secretário. Com efeito, o facto de esta academia ser espontânea e informal, particularmente na sua primeira fase, poderá explicar a ausência da preservação do conteúdo das sessões, ou porque não seria, efetivamente, uma prática assumida pelo secretário, ou porque o próprio secretário exercia um juízo de valor negativo acerca dos trabalhos apresentados, considerando-os pouco dignos de serem guardados, ou tão-só porque se perderam posteriormente. Relembre-se que o secretário recebia as folhas manuscritas e soltas que lhe seriam entregues pelos intervenientes nas assembleias, as quais deveria conservar para serem lidas na sessão seguinte, um processo protocolar que poderia, em alguns casos, acarretar um cuidado limitado apenas àquele espaço temporal que mediava entre duas sessões consecutivas.

O trabalho de recolha dos textos atribuído ao secretário perpétuo poderia corresponder, portanto, ao desempenho de uma função momentânea, mas não à obrigação da sua guarda definitiva. Contudo, não deixa de ser indicativo que encontremos algumas das primeiras composições da academia colecionadas por um eclesiástico do século XVIII, o que prova que a produção literária resultante das sessões académicas, guardada ou não pelo secretário, sobreviveu agrupada e pôde ser copiada para um manuscrito de uso de Frei Vicente Salgado, volvidas dezenas de anos.

O conjunto dos manuscritos 1342, 1350, 114 da BGUC e os manuscritos 6374 e 5864 da BNP representam um considerável manancial de produção poética e retórica da academia e, se o livrinho de Frei Vicente Salgado se revela um testemunho simpático de preservação e fixação da memória da fase inicial da agremiação seiscentista, o conjunto formado pelo conteúdo daqueles manuscritos indicia que, metodicamente ou não, se fez

¹⁴¹ SILVA, José Maria da Costa - **Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes**, Volume 9-10, Lisboa, Imprensa Silviana, 1855, pp. 190 a 198.

assento ou se guardou o produto das sessões e que, implícita ou explicitamente, tal tarefa estaria subjacente ao cargo de secretário perpétuo, esse elemento congregador, que fundou e sustentou esta academia.

Comecemos pelos manuscritos de Lisboa. Se atentarmos no manuscrito 5864, encontraremos alguns pormenores que poderão evidenciar esse trabalho de assentamento e guarda da produção académica. Trata-se, como já vimos, de um códice consistente e homogéneo, tanto na disposição dos textos quanto na regularidade da letra, que preserva composições trasladadas de quinze conclaves – ainda que falte a oração da primeira sessão e não haja registo da décima segunda assembleia –, respeitando a esquemática tradicional da abertura com a oração proemial ou panegírica seguida das composições apresentadas de acordo com o assunto académico escolhido. O manuscrito contém, ainda, da fl. 105 até à fl. 143, uma coletânea de poesias anónimas escritas com letra muito diversificada, o que poderá indiciar que é o resultado da junção das folhas manuscritas primitivas, cuja conservação estaria subentendida na obrigatoriedade de entrega antecipada das mesmas ao secretário da academia. Podemos também verificar que neste manuscrito há folhas em branco entre o registo das diferentes sessões. Por exemplo, as fls. 67, 67v, 68, 68v, 69 e 69v não estão preenchidas, certamente porque aí deveriam ter sido transcritos outros trabalhos, correspondentes a uma determinada sequência e apresentados na academia, mas que, por razões desconhecidas, não chegaram a ser copiados. Seria este um livro de assentos das sessões da *Academia dos Generosos* e, provavelmente, um livro de uso do académico *Ambicioso*?

Que houve um trabalho de assentamento mais cuidado para registar um grande momento, comprova-o o manuscrito 6374. Parece-nos ter sido, de facto, pertença de D. António, como já afirmou Edgar Prestage. Trata-se de um códice muito bem cuidado, com a capa em pergaminho, em cujo topo se encontra gravado o número 25, e na lombada, também gravada, a expressão *Certamen e versos*. Logo na primeira folha encontramos a assinatura de D. António Álvares da Cunha, a que se segue o conteúdo já tratado no capítulo deste trabalho que dedicámos ao combate académico. É um códice com um apurado aspeto visual quanto à mancha gráfica das páginas, revelando um cuidado que se compagina com o carácter solene e elevado do motivo da celebração.

Atentemos agora nos manuscritos de Coimbra. Dois deles, o 1324 e o 1350, são muito semelhantes e alguns dos cadernos que os compõem poderiam ter feito parte do rol de assentos académicos ou ter sido copiados a partir de livros de assentos não encontrados até a presente data. Comecemos pelo manuscrito 1324. Das folhas 1 a 23,

encontramos orações académicas e textos poéticos de autores como o Conde da Torre, o 3º Conde da Ericeira, D. Luis de Meneses, Francisco Manuel, João Nunes da Cunha, *El mersenario* (fl. 6v), D. Francisco de Sousa, D. Francisco de Mello, Francisco Correa de Lacerda e Antonio de Mello de Castro. E o manuscrito 1350? É certo que, à semelhança do anterior, se trata de um manuscrito compósito, um conjunto de cadernos de diferentes proveniências, com várias letras e tinta diferente – e que se inicia com um texto da *Gazeta de Lisboa*, datado de 18 de abril de 1777, que informa, entre outras notícias pitorescas, sobre a ansiedade com que todos aguardam o *felicíssimo e venturoso dia da aclamação da Rainha Nossa Senhora* (D. Maria I) ou a propaganda a textos poéticos em honra do marquês de Pombal, *Inumeraveis sonetos, versos, obras métricas e alguma em proza, que tem sahido em obzequio do Marquez de Pombal, todos se acharão por preço acomodado na Loge de Manuel de Faria Leal, na de Antonio da Costa na Rua Augusta, e no Botequim do Cazaca e no de Manuel José. E nas algibeiras do beneficiado Fonseca* (fls. 1-2) –, mas segue-se, a partir da fl. 24, um considerável conjunto de obras métricas do conde de Villar Mayor, Manuel Telles da Silva, do Conde de Tarouca, de Nuno da Silva Telles e de António Telles da Silva – os irmãos da miscelânea 295 da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa – e, da fl. 49 até à fl. 55, é possível identificar muitas semelhanças com a parte do manuscrito 1324 no que diz respeito à letra, ao aproveitamento completo da página, à disposição dos textos em duas colunas e ao conteúdo, nomeadamente orações proemiais e textos de assunto académico, cujos autores são os académicos António da Fonseca Soares, João da Silva Pereira, Francisco Manuel, Luis de Bulhoens, D. Luis de Meneses e João Nunes da Cunha.

Consideremos: a quem interessava a cópia dos textos produzidos? À academia? Aos próprios autores? A um público sedento de obras produzidas em contexto académico? Esta última hipótese parece pouco plausível. Nem os leitores anónimos portugueses de seiscentos estariam ávidos por conhecer o que se fazia nas academias, nem seria sequer significativo o seu peso na malha social da época, tendo em conta a penúria e a miséria em que o reino vivia, e a leitura – ontem, como hoje – não seria propriamente uma primeira necessidade. Interessaria aos académicos? Certamente. Por isso encontramos manuscritos como o citado 295, da BACL, intitulado *Miscellânea Poetica dos quatro irmãos, Marquês de Alegrete, Conde de Tarouca, Nuno da Sylva Telles e António Telles da Sylva*, um códice bem organizado, com índice e separação das diversas tipologias textuais, contendo muitos textos dos quatro irmãos identificados

no título, referentes a assuntos académicos. Ou então o livro impresso *Terpsichore Musa Academica Na aula dos Generosos de Lisboa*, de Joseph de Faria Manuel, a que já nos referimos, e que engloba um conjunto de composições do autor – fruto do seu contributo, *grosso modo*, para a *Academia dos Generosos* –, onde são tratados assuntos públicos e festivos como a vitória do Canal ou o casamento de D. Afonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. Mas, que dizer destes manuscritos que englobam uma quantidade considerável de autores, unidos apenas porque responderam a um determinado desafio académico, em um determinado dia?

É o caso do terceiro códice de Coimbra, o manuscrito 114, um denso tomo que contém maioritariamente orações – algumas delas trasladadas nos manuscritos 1324 e 1350 – bem como poesia académica dos *Generosos*. Podemos verificar a diversidade de letras presente em cada um dos textos, ou conjunto de textos, de acordo com o contributo individual que cada académico oferecia de seu punho, provando que se trata da compilação de papéis escritos pelos académicos, provavelmente papéis entregues ao secretário para que os guardasse, não só para alinhar o desenrolar das sessões, mas também para que delas fizesse memória.

Perante estas considerações, e mesmo sem existirem – como no caso da *Academia dos Singulares* – textos impressos com as sessões realizadas nesta academia que confirmem, de forma assertiva, a sua atividade e que possam indiciar o zelo e cuidado do secretário, pensamos que, mesmo assim, é possível perceber um fio condutor que nos permite pressentir a atitude de D. António face às obras que lhe seriam confiadas. Por outras palavras, entendemos que os manuscritos estudados correspondem, de facto, a um espólio da *Academia dos Generosos*, preservado, da melhor maneira possível, pelo seu fundador e primeiro secretário, o académico *Ambicioso*.

Se o reparo de Helze Maria Henny Vonk Matias quanto ao desinteresse que os estudiosos demonstraram pela *Academia dos Generosos*, por esta não ter deixado obra editada, nos parece pertinente, a verdade é que a academia tem, apesar de tudo, algumas obras impressas como já vimos.

Obras de carácter encomiástico que remetem para acontecimentos públicos, uma das quais corresponde a um anúncio em verso, da autoria do mesmo D. António, de um certame que a academia viria a realizar para comemorar o casamento real. Ainda que representem apenas uma pequena parte do que se produziu em contexto académico,

não deixa de ser relevante o seu significado para a consolidação e visibilidade social e cultural dos *Generosos*, em particular do seu secretário.

Sabemos que D. António, como um bom exemplo de homem barroco, deslumbrado pela palavra escrita e pela erudição, teria uma sólida biblioteca, referenciada por Vitor Manuel Aguiar e Silva¹⁴² a propósito do autor anónimo do manuscrito *In Bibliottheacam Lusitanam* que, para realizar o seu trabalho, informa ter-se apoiado na *preciosa livraria régia e na biblioteca de D. António Álvares da Cunha*. O que terá acontecido a essa biblioteca, não o sabemos. O terramoto de 1755 é uma explicação muito plausível, tendo em conta que o palácio que D. António habitava ficava em Santa Catarina, às Chagas – uma parte da cidade particularmente atingida pela calamidade –, o qual era também o local das reuniões académicas; no entanto, este acontecimento não pode justificar tudo. É preciso continuar a ler os manuscritos e a procurar respostas.

Independentemente dos juízos que hoje possamos fazer acerca do modo como terá desempenhado o seu cargo de secretário perpétuo da *Academia dos Generosos*, não podem restar dúvidas de que, para os seus confrades académicos, D. António foi um pilar seguro e um secretário perfeito, formando com o censor o par que engrandecia e dignificava a academia, pelo seu saber e a sua autoridade moral, como é possível ler neste excerto da *Oração epidíctica*, proferida pelo Conde da Torre, em 1662, do ms. 6374:

não seja o nosso Templo Academico auaro de seus ornatos, consinta que os dous Obiliscos que o engrandesem Secretario e Censor ocupem também Templos, se não mais dignos na estimação, mais conhecidos na antiguidade. Coloque o Secretario no Templo de Delfos, aonde pella boca deste oraculo ueremos sair doctas orações, eruditas poesias e elegantes respostas. E se o nosso agradecimento lhe deve mayor culto seja venerado neste templo literário que a sua grandeza dedica oje a utilidade publica. Tenha digno lugar o sor P. Garcia de Faria Censor desta Academia no templo que dedicou Adrasto, Rey dos Arginos, a Deuza Nemesis, pois na siencia com q pondera, na suavidade com q emenda, e na rezulução com que julga, merece a companhia desta fermosa

¹⁴² SILVA, Vitor Manuel Aguiar e - **Camões, Labirintos e Fascínios**, Lisboa, Edições Cotovia, 1994, p. 86

*Deusa da Justiça tão pouco festejada na corrupção
destes nossos seculos, como a devida a quem nelles
taõ exactamente obcerua seus preceitos. fala da deusa
Vesta que guardava o fogo sagrado. (fls.78)*

O amor às Letras

O louvor que o Conde da Torre tece a D. António na Oração *epidíctica*, proferida em 1662 e conservada no manuscrito 6374, estabelecendo a similaridade entre o secretário perpétuo e o oráculo de Delfos – *coloquece o Secretario no Templo de Delfos, aonde pella boca deste oraculo ueremos sair doctas orações, eruditas poesias e elegantes respostas* – realça as qualidades reconhecidas na sua figura moral e literária dentro do contexto académico, elevando o nosso autor a um estatuto do domínio do sagrado. Se o despojarmos deste artifício retórico, assaz recorrente nos múltiplos elogios com que os académicos se brindavam mutuamente, ainda assim não será difícil reconhecer-lhe atributos que, em certa medida, justificam essa superlativação.

De facto, pensar na figura do académico *Ambicioso* enquanto cultor das letras é abarcar um leque muito diversificado da atividade escrita que vai desde a produção literária original – fora do contexto académico – até à edição da obra lírica de Camões, à atividade de tradutor, ao estudo das Genealogias, sem esquecer a sua atividade enquanto guarda-mor da Torre do Tombo, que exerceu desde 1678 até à sua morte, em 1690.

Não só para os seus contemporâneos, mas também para os literatos do século XVIII, o cortesão e polígrafo António Álvares da Cunha representou o epítome do homem barroco implicado na conservação e desenvolvimento dos ideais humanistas do Renascimento, voltado para a preservação do passado, fonte de conhecimento e modelo a partir do qual seria possível enaltecer o tempo coevo. Se regressarmos ao verbete que lhe é dedicado na *Bibliotheca Lusitana* por Barbosa Machado, é possível constatar o apreço e a simpatia que um homem com as características literárias do secretário perpétuo da *Academia dos Generosos* despertava, ainda, na primeira metade do século das Luzes. Com efeito, Barbosa Machado imortaliza a figura do académico seiscentista, *sepultado em huma sepultura raza da Parochia de Santa Catherina, como ordenara em seu Testamento*¹⁴³, ao sugerir, como epitáfio para a singeleza de tal enterramento, a grandeza e a diversidade de tão extensa obra.

¹⁴³ MACHADO, Barbosa – *Bibliotheca Lusitana*, p. 199.

Comecemos por enumerar o conjunto de livros impressos que chegaram até nós, associados a diversas manifestações literárias do domínio dos atos públicos exteriores ao academismo, que contam com a participação, sob a forma de obra poética, ou de dedicatórias e louvores, do académico *Ambicioso*, integrando um conjunto onde constam outros nomes da época – muitos deles académicos também – que mostra bem o círculo social em que se movia.

Em 1650, surge em Lisboa a obra *Memorias funebres sentidas pellos ingenhos portugueses, na morte da senhora Dona Maria de Attayde*, impressa na Officina Craesbekiana, que reúne orações fúnebres de João Soares de Brito, P. António Vieira, Conde de Castelo Melhor, António de Melo e Castro, Francisco Luís de Vasconcelos, Bartolomeu de Vasconcelos, Soror Violante do Céu, António Barbosa Bacelar, Duarte Ribeiro de Macedo, Vicente de Gusmão Soares, Lourenço Saraiva de Carvalho, António de Miranda Henriques, João Gomes de Serpa, Pedro Garcia de Faria, André de Castilho Lobo, Manuel da Nóbrega, Fr. Gil de S. Bento, Fr. Jerónimo de Moura, P. D. Próspero, Simeão de Azevedo e Faria, Manuel Fernandes Vila Real, D. Francisco Manuel de Melo, Diogo Gomes de Figueiredo, Luís Pereira de Castro, Jerónimo da Silva de Azevedo, Francisco de Faria, Conde da Ericeira, D. António da Cunha, Francisco Martins de Sequeira, António Raposo, António de Sousa de Macedo, Henrique do Quental Vieira, D. Fadrique de la Cámara, Francisco Cabral, João Sucarelo Claramonte, António Corvinel, Francisco Cabral de Almada, Diogo Lopes de Leão, António Luís de Azevedo, Gregório de Pina, D. António Ardizzone Spinola, João Frederico de Friesendorf, D. Pantaleão de Sá e Meneses, Fr. Francisco de Santo Agostinho, Jerónimo Ribeiro, Diogo Gomes Carneiro, Alexandre de Figueroa, Francisco Osório, P. João Nunes da Silva, P. Inácio Barbosa, P. Tomás Barthono, P. Lourenço Guedes, P. Pantaleão Rangel, P. Matias de Andrade, P. Brás Pinto, P. João de Sotto Maior, P. Francisco Mendes, Brás Nunes Menhans (ou Mañanas).

No ano de 1674, o Conde da Ericeira, D. Luis de Menezes, deu à estampa, na oficina de Antonio Rodriguez d'Abreu, o seu *Compendio panegirico da vida, e acçoens do Excellentissimo Senhor Luis Alverez de Tavora Conde de S. João, Marquez de Tavora... Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes: Oraçam funebre que prérgou nas suas exequias o... Senhor Dom Frey Luis da Sylva... Deão da Capella de S. A.: Varios versos dedicados ao mesmo assumpto*, um volume onde constam orações fúnebres e panegíricos compostos por Cristóvão Alão de Moraes, Marquês da Fronteira Francisco Mascarenhas Henriques, José de Faria Manuel, Manuel Pinheiro Arnaut,

P. Diogo Lobo, Luís Supico de Moraes, P. João Aires de Moraes, José Gomes da Silva, João Franco Barreto, Luís de Miranda Henriques, Manuel de Sousa Brandão, P. Fr. Tomé Curado, Pedro de Quadros, D. António da Cunha, Fr. André de Cristo, Pedro Valejo, José da Cunha Brochado, André de Moraes Sarmento, Gaspar Moreno de Serpa, P. Luís do Couto Félix, P. Manuel Dias Lourenço, Manuel de Leão, D. João de Mesquita de Matos, Mendo de Foios [Pereira], Gonçalo Nunes Barreto, Afonso Luís, Jorge da Silveira Peixoto, José Veloso, Pedro Ferreira de Carvalho, Manuel de Matos, António de Lis, António Vieira Henriques, António Rodrigues da Costa, João Pereira Cardoso, Alexis Collot de Jantillet, Maurício Botelho, Miguel Pereira de Almeida, Gabriel da Cunha, Miguel Fernandes Gago, José de Almeida, Pedro Ribeiro, D. António de Ataíde, André Leitão de Faria, Salvador Taborda Portugal, Luís de Sousa Castelo Branco.

João Pereira da Sylva escreveu o *Epinicio lusitano á memoravel victoria de Montes Claros, que alcançou o exercito delRey Nosso Senhor D. Affonso VI o victorioso, sendo Capitam General o Marquez de Marialva*, editado em Lisboa, em 1665, na oficina de Henrique Valente de Oliveira, em cujos preliminares encontramos poesias laudatórias de D. António Álvares da Cunha, Doutor André Nunes da Silva, Luís de Miranda Henriques, Doutor Manuel Mendes de Barbuda, P. Fr. André de Cristo, Doutor José de Faria Manuel, Francisco de Faria.

Outro livro impresso que beneficiou do contributo poético e laudatório de D. António Álvares da Cunha é a obra *Virginidos ou a Vida da Virgem Senhora Nossa: poema heroico dedicado a Magestade da Rainha Dona Luiza... por Manuel Mendez de Barbuda, & Vasconcelos*, publicado na oficina de Diogo Soares de Bulhoens, em 1667, ao lado de D. Francisco de Sousa, D. Francisco Manuel de Melo, João Franco Barreto, Soror Violante do Céu, Cosme Ferreira Debrú, Carlo Antonio Paggi, Soror Paula da Encarnação.

Emmanuelis Alvarez Pegas... Resolutiones forenses practicabiles...: opus novis auctum quaestionibus circa proxim, in duabus partibus divisum: pars prima, uma obra saída da tipografia de Miguel Deslandes, em 1682, publica também, nas páginas que antecedem o texto propriamente dito, peças laudatórias por Lourenço Altamirano Velasquez, D. António Álvares da Cunha, Dr. Mendo de Fóios Pereira, Simão Cardoso Pereira, Dr. André Rodrigues de Matos, Estêvão Lopes Falcão, Dr. Francisco de Castro, Dr. Luís Supico de Moraes.

Se levarmos em conta a variedade temática das obras aqui referenciadas – cerimónias fúnebres, celebrações de batalhas e assuntos religiosos ou judiciais –, encontraremos motivos para confirmar que esta figura literária e áulica do século XVII se impunha aos seus pares como alguém respeitável cuja opinião e escrita mereciam um estatuto de autoridade suficientemente significativo para certificar e credibilizar as obras levadas ao prelo, em princípio mais duradouras e dirigidas a públicos mais abrangentes do que os manuscritos.

Mas, se o nome de D. António Álvares da Cunha atravessou os séculos e continuou a ser lembrado e referido nos estudos literários, foi certamente, e em grande medida, porque a ele se deve a edição da *Terceira Parte das Rimas...* camonianas, em 1668. Sem entrarmos na questão polémica e interminável da fixação do cânone camoniano, recordemos que o século XVII foi particularmente prolixo no que diz respeito ao enaltecimento, estudo, cópia e divulgação da obra do poeta maior de língua portuguesa do século XVI. Recordemos também a complexidade da questão de autoria que os estudos de crítica literária, centrados na produção lírica desses séculos, envolvem. Estas circunstâncias determinaram em grande medida o trabalho concentrado primordialmente na recolha e edição da obra de Camões, a quem realmente interessava divulgar, como exemplo máximo da língua e da literatura portuguesas. Os erros em que terão caído Faria e Sousa e o próprio D. António geraram, e geram, discussões delicadas e problemáticas que estão muito para além do âmbito deste trabalho, mas não deixa de ser significativo para a compreensão do trabalho levado a cabo por estes dois editores da lírica camoniana o que diz Aguiar e Silva em jeito de explicação condescendente para a escassez de rigor e afã editorialista que parece ter-se sobreposto ao critério justo de atribuir o seu a seu dono: *ao Poeta mais famoso das letras portuguesas, com admiradores fervorosos desde o final do século XVI, foram sendo naturalmente atribuídos por copistas bem intencionados (...), quer poemas que corriam anónimos, quer poemas de outros autores, mas que, uns e outros, pareciam ser de Camões, podiam ser de Camões, eram dignos de pertencer a Camões, só podiam ser de Camões...*¹⁴⁴

Maria Lucília Gonçalves Pires dá-nos uma breve resenha da história editorial da lírica camoniana, desde a atitude prudente de fixação do cânone percebida no *magro livro impresso por Manuel de Lira em 1595 até à monumental edição projectada por*

¹⁴⁴SILVA, Vitor Manuel Aguiar e – op. cit. p. 87.

Faria e Sousa¹⁴⁵, sem, no entanto, esquecer que mesmo aquela escassa edição inicial preparada por Soropita continha já *muitos textos apócrifos*¹⁴⁶. O processo de dilatação da obra lírica atribuída a Camões iniciar-se-ia imediatamente na segunda edição, de 1598, intitulada *Rimas Acrescentadas*, minuciosamente estudadas por Jorge de Sena, surgindo em 1616 a *Segunda Parte* das *Rimas*, com novos trabalhos métricos inéditos¹⁴⁷. A edição de D. António Álvares da Cunha, de 1668, aparatosamente intitulada *Terceira Parte das Rimas do Príncipe dos Poetas Portugueses, Luís de Camões, tiradas de varios manuscriptos muitos da letra de mesmo autor*, viria a ser um dos marcos principais no processo de fixação do cânone da lírica atribuída a Camões, a par dos dois volumes (1685 e 1689) de Faria e Sousa.

A informação que o extenso título nos dá, se reflete uma *manobra publicitária*¹⁴⁸ e revela a admiração que Camões despertava no secretário perpétuo dos *Generosos*, acrescenta um outro dado curioso para os estudos camonianos: o conhecimento que D. António revela ter de manuscritos autógrafos de Camões, informação a que tanto Aguiar e Silva como Maria Lucília Pires não dão crédito, embora reconheçam que o académico *Ambicioso* se terá servido também de manuscritos *indubitavelmente valiosos*¹⁴⁹ e *raros*¹⁵⁰ que poderiam ter levado descaminho. O descrédito que entretanto foi recaindo sobre esta terceira parte das rimas camonianas, à parte a admiração e o frenesi pela divulgação de Camões que D. António revela, poderia ter origem no conteúdo dos próprios manuscritos, ou, como aventa Maria Lucília Pires, no facto de que D. António, sem o referir expressamente, teria tido acesso ao manuscrito da edição comentada de Faria e Sousa¹⁵¹, o qual copiaria quase na íntegra¹⁵².

¹⁴⁵ PIRES, Maria Lucília Gonçalves - **A Crítica Camoniana do século XVII**, 1ª edição – 1982, Biblioteca Breve, Ministério da Educação e das Universidades, Lisboa, p. 43.

¹⁴⁶ Idem, p.44.

¹⁴⁷ *Apud*. PIRES, Maria Lucília Gonçalves, SENA, Jorge - op. cit. p. 45– “A edição de 1595 coligia 64 sonetos, 10 canções, 1 sextina, 5 odes, 4 elegias ou poemas em *terza rima*, 3 poemas em oitavas, 8 écloas e 82 poemas em redondilha. A de 1598 acrescentava a isto mais 43 sonetos, 5 odes (...) 1 poema em *terza rima* (...), 17 redondilhas e 2 cartas em prosa (...). A Segunda Parte, de 1616, descontadas as duplicações, trazia mais 32 sonetos, 2 canções (...), 2 odes, 3 poemas em *terza rima*, 1 poema em oitavas e 17 poemas em redondilha”.

¹⁴⁸ Idem - p.45.

¹⁴⁹ SILVA, Vitor Manuel Aguiar e – op. cit. p.87.

¹⁵⁰ PIRES, Maria Lucília Gonçalves - op. cit. p.45.

¹⁵¹ Idem, p. 46 – “A edição de Faria e Sousa, publicada depois da de Álvares da Cunha, mas preparada muito antes (Faria e Sousa morre em 1649), e marca o ponto mais alto neste processo de amplificação a que o século XVII procedeu.”

¹⁵² *apud* PIRES, Maria Lucília Gonçalves, PIMPÃO, Costa - op. cit. p. 46 – “Fazendo o confronto dos sonetos incluídos nas duas edições, a de Álvares da Cunha e a de Faria e Sousa, Costa Pimpão conclui que ‘salvo um ou outro lapso, facilmente explicável, e salvo uma ou outra variante sem importância, a série C da edição Álvares da Cunha é um simples decalque dos sonetos, na maior parte inéditos, de Faria e Sousa – e pela mesma ordem’”.

Independentemente dos constrangimentos que tal edição tenha criado para a determinação do cânone camoniano, devido ao *caos de atribuições de autoria que a moderna crítica textual procura trabalhosamente ordenar*¹⁵³, a verdade é que representa, pelo menos, um repositório significativo – de Camões, ou não... – que continua a merecer o interesse dos investigadores, tendo contribuído para preservar obras que, provavelmente, sem este trabalho estariam hoje irremediavelmente perdidas.

Na dedicatória incluída na edição de 1668¹⁵⁴ da «Terceira Parte das Rimas», D. António Álvares da Cunha reconhece a necessidade de preservar a obra de Camões:

Dedicatória

Senhor.

Com infelice fortuna (porque rara vez he propicia aos benemeritos) começarão a vagar pello mundo as obras que hoje admirão do Principe dos Poetas Luis de Camões; não posso crer tanta ignorancia naquelles tempos, que lhe diminuísse a estimação a falta de entendellas, pois nesses mesmos vejo, que pello que quizemos entender ousamos a dominar novas terras, & a conculcar não conhecidos mares, a falta de Principe, q as favorecesse foi a causa de lhe diminuir aquella veneração, a que depois nos trouxerão mais os eccos estranhos, que as vozes proprias, pois não ha hoje lingua na Europa, em que se não vejão traduzidas as suas Lusíadas, que o mesmo Poeta deu á estampa pellos annos de 1572, na menoridade do senhor Rey D. Sebastião, cuja desgraciada perda depois acabou de tirar de todo o credito a este admirável poema, porq os animos estavam então mais para lamentar desgrças, q para aplaudir descripções. Com este reço, os que depois manifestarão as suas Rimas, imprimirão so aquellas que mais facilmente puderão alcançar; & eu me persuado, que a alta Providencia deixou estas para satisfazer o merecido a este tão insigne Autor, encobrimdoas com as trevas do esquecimento mais de cem annos, para que sahisses a luz entregues á protecção de V.A. cujos rayos lhe darão aquella resplendor, que lhe haviam tirado as sombras, ou da enveja, ou da ignorancia.

Não lhe pareça a V.A. infructuoso applicarse tambem a esta lição entre aquellas que utilmente aplica as horas, sem que atègora se pudesse queixar o governo de tão dilatada Monarchia, porque o valor de Aquiles, a peregrinação de

¹⁵³ Idem, p.47.

¹⁵⁴ Cópia digitalizada do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa: <http://purl.pt/21931/2/> (consultada em 10 de dezembro de 2012).

Eneas, & a conquista de Gotfredo correrão igual fortuna de muitos outros iguaes Heroes, se os Homeros, os Virgílios, & os Tassos os não fizeraõ immortaes; suou a estatua de Orfeo em Pieria, aos progressos de Alexandre, mostrando naquella anciã o Oraculo os Poetas, que se haviaõ de cançar em referilos aos seculos vindouros, & eu cuido que a pesar do marmore que cobre as cinzas do cadáver do nosso Orfeo em S. Anna manifestará o calor, que ainda guarda para repartir por muitos engenhos, que todos se haõ de aplicar em etrenizar no mundo as acçoens de V.A. como divida ao amparo que agora alcançaõ suas obras. Guarde Deos a Real Pessoa de V.A. Lisboa.

D. Antonio Alvares da Cunha

E manifesta o seu descontentamento pelo estado a que os contemporâneos do poeta maior deixaram chegar a sua obra, sem cuidarem de reuni-la e imprimi-la, por isso *com infelice fortuna ... começarão a vagar pello mundo as obras que hoje admirão do Princepe dos Poetas*, glosando, desta forma, um tópico tão caro a Camões – o desconcerto do mundo –, uma vez que a fortuna *rara vez he propicia aos benemeritos*. Nesta crítica, o polígrafo atribui o descuido a que tinha estado votada a conservação da obra camoniana – essa *infelice fortuna* – à ausência de apoio superior – *a falta de Princepe, q as favorecesse foi a causa de lhe diminuir aquella veneração* – e, em alguma medida, ao descrédito que a obra épica poderia ter sofrido com a lide africana, levada a cabo por D. Sebastião – a quem o poema é dedicado – e que acabou tragicamente, dando assim origem a um período em que *os animos estavam então mais para lamentar desgraças, q para aplaudir descripções*.

Não obstante, a divulgação do poema épico deu-se por via do trabalho dos que, no estrangeiro, souberam reconhecer em Camões um verdadeiro génio das *Belas-Letras*, fazendo-nos chegar em *eccos estranhos*, ou seja, em traduções, essa obra-prima, *pois não ha hoje lingua na Europa, em que se não vejão traduzidas as suas Lusíadas, que o mesmo Poeta deu á estampa pellos annos de 1572*.

O espólio lírico de Camões conservado, apesar de todas as vicissitudes, sob forma manuscrita, teria sido, segundo o académico *Ambicioso*, também subavaliado pelos coevos que se limitaram a imprimir apenas as obras *que mais facilmente puderão alcançar*. Esta atitude crítica perante os primeiros editores da métrica lírica camoniana justifica a sua euforia e o seu contentamento por lhe terem chegado às mãos, passados tantos anos, as obras atribuídas a Camões que levaria ao prelo – ainda que se discuta até hoje, nos meios académicos que investigam e se esforçam por fixar o cânone lírico da obra camoniana, se, em algumas composições, essa atribuição se encontraria explicitada

nos originais, ou se terá partido do próprio editor a decisão de as atribuir ao *seu poeta*, de acordo com critérios pouco claros e rigorosos, tendo em vista apenas o enaltecimento do expoente máximo da literatura portuguesa do século XVI, com as consequências nefastas que tal atitude teve para o desenvolvimento dos estudos literários. Contudo, se o trabalho de edição de D. António não reflete um *senso crítico*¹⁵⁵, como refere Aguiar e Silva, é por certo revelador quanto ao desleixo com que a obra camoniana foi conservada e transmitida.

A admiração por Camões foi, efetivamente, transversal ao século XVII nos círculos académicos portugueses mais expressivos e de que ficou registada memória. Em 1658 foi publicada em Lisboa a tradução italiana *d'Os Lusíadas*, feita por Carlos Paggi, um dos académicos *Generosos*. Esta edição, bem como o apego que D. António claramente manifesta ao Poeta, comprovam que a possibilidade aventada por José da Costa Miranda¹⁵⁶ sobre o estudo da obra camoniana - referindo-se à polémica entre a arte poética de Torcato Tasso e a de Luís de Camões que viria a alimentar muitas discussões literárias ao longo do século XVII, e que se poderia exemplificar com as academias mais significativas de seiscentos, a dos *Generosos* e a dos *Singulares*, respetivamente defendendo um ou outro desses grandes vultos da literatura universal - carece de melhor demonstração, pois, se na *Academia dos Generosos* havia um mestre partidário de Tasso, tal facto não valida a ideia de que todos os académicos *Generosos* minorizavam o Poeta português na comparação com o épico italiano, e os exemplos apresentados provam bem que o fascínio por Camões, se não suplantava Tasso, pelo menos estaria no mesmo nível de veneração.

Outro foco de interesse para o académico *Ambicioso* foi a tradução. Como já referimos, D. António Álvares da Cunha traduziu para a língua portuguesa a obra, de carácter político e didático, do padre jesuíta italiano Luigi Giuglaris (1607-1653), *Escola das verdades aberta aos príncipes*, impressa por Antonio Craesbeeck de Mello em 1671, tradução justificada pela necessidade de orientar os príncipes de acordo com as autoridades latinas. A obra enuncia princípios *geraes as suas doutrinas e dellas se tiram os documentos pera os particulares accidentes*. Na advertência ao leitor, o tradutor preocupa-se em destacar a importância da obra do jesuíta italiano, realçando que não se

¹⁵⁵SILVA, Vitor Manuel Aguiar e – op. cit. p. 87.

¹⁵⁶MIRANDA, José da Costa – **Ecoss de Torquato Tasso Gerusalemme Liberata na Academia dos Generosos de Lisboa: Achegas para um (lendário) conflito literário seiscentista?**, Sep. Bol. Bibl. Univ. Coimbra, 37, Coimbra, Coimbra Editora, 1982. pp.189 a 199.

trata de especulações *Theologicas*, mas sim de *práticas* executadas as que escreve por todos aquellos *Príncipes*, que nos séculos passados dominarão o mundo:

Ao leitor

Na educação do Duque Carlos Emmanuel de Saboya abriu o Padre Luis Juglaris da Companhia de Jesus hua Escola de verdades parecendo-lhe necessário começar os primeiros rudimentos da vida hum tal Príncipe aprendendo hua tão importante Sciencia, da qual por costume, ou corrupção dos tempos, apartaõ aos Príncipes os que mais lhe assistem; nella ensina debaixo da verdade Christãa a mais perdurável Politica; pois só esta se conserva quando aquella se exercita; não são especulações Theologicas as q apostila, senão práticas executadas as que escreve por todos aquellos Príncipes, que nos séculos passados dominarão o mundo; porq sò estes podẽ servir de exêplo aos que hoje o mandaõ; que são os pera quem tem aberto esta tão importante Classe; pouca razão seria se só à Italia fosse manifesta tal mina, pois dellas se podem tirar as mais preciosas pedras, com que se ornam as Coroas; q são a Religião, a Piedade, a Prudencia, a Fortaleza, a Confiança, a Paciencia, a Liberalidade, & a Justiça. São geraes as suas doutrinas, & dellas se tiraõ os documẽtos pera os particulares accidentes.

Pera provar as suas proposiçoens tirou de toda a Erudição antiga, & moderna os exemplo; & como pera muitos lhe serviraõ as virtuosas acçoens de nossos Príncipes Portuguezes, eles nos obrigaõ a abrir no nosso Idioma esta tão útil Academia;

E preocupa-se também em referir os cuidados que presidiram a esta tradução:

tratamos com todo o cuidado de que sò a língua, & não estilo differençassem a nossa tradução de tão docto Original, o seu Autor se não scandalizará, de q sem sua licença abrissemos em Lisboa Metropoli do mundo, aquella Escòla, que elle tinha aberto em Turim Corte de Saboya; só entre nós poderia ser esta supérflua em tão bẽ regida Monarquia: mas esta differença vai do Autor ao Tradutor: dizemos o que elle diz, porque elle o diz & não porq o queiramos advertir; que fora espécie de temeridade desejar emendas, donde não há faltas. VALE.

Que objetivos presidiriam a esta necessidade de dar à estampa a tradução de uma obra pedagógica de orientação política para governo dos príncipes? Carecia o reino de exemplos de autoridade que dignificassem o conselho que os nobres deveriam prestar

no exercício do poder? Ou teria a obra o objetivo encomiástico de enaltecer a probidade de uma figura tutelar, como o foi a de D. João da Silva, Conde de Portalegre? No frontispício, está bem evidente sob que alçada estaria o livro:

*Entregue à Protecção DO EXCELLENTISSIMO
SENHOR D. JOAM DA SYLVA, MARQVEZ DE GOVEA,
Mordomo Mòr da Casa Real de Portugal.*

E no breve texto introdutório da obra pode ler-se também:

*AO EXCELENTISSIMO SENHOR DOM JOAM DA
SILVA MARQUEZ DE GOVVEA, CONDE DE PORTALEGRE,
DO CONSELHO DE ESTADO DO PRÍNCIPE N. S. SEU
MORDOMO MOR, & EMBAIXADOR EXTRAORDINARIO A
CARLOS II DE CASTELLA.*

A reiteração da proteção e do favor desta importante figura da vida política portuguesa deve-se à sua posição na corte, mas também à hombridade do seu carácter, pois trata-se de alguém que sempre evitou a lisonja e disse a verdade, auxiliando com as suas boas e acertadas palavras e ações a governação e o bom nome do reino:

*A Escola das Verdades, que abriu ã Turim, aos
Principes, o P. Luis Iugluris da Companhia de Iesus debaixo do
emparo de Madama Real Christina de França se manifesta hoje
em Lisboa, entregue á protecção de V. Exc; não quiz seu Autor
menor poder a empresa tão dificultosa, como introduzir nas
Cortes a Verdade, que já Democrito supunha, e Laertio
sepultada nas profundas cavernas, & diante dos Principes,
onde (por desgraça dos seculos) tẽ tanto lugar a adulação; Nẽ
nós solicitamos menor defensa, ainda q não há tão perigoso
empenho, porque nos sogeitou a Omnipotẽcia a Principe,
diante de quem trocando os termos ao costume; he lisonja o
dizer a verdade; esta que pella boca de seus Conselheiros a
costumão sempre ouvir os Monarchas, tem V. Exc. mais vezes
posto em pratica, do que agora se apostila na theorica; Não se
chamam os Mestres para a Escola, a Escola busca a V. Exc.
para que a defenda publicada, já q' por fazer mercè a seu
Autor, a aprovou escõdida.*

Fosse qual fosse a intenção que presidiu a este trabalho de tradução, a verdade é que revela o interesse de D. António pela literatura pedagógica em torno da educação de

príncipes, a qual admitia, na sua vertente mais pragmática, a disponibilização de preceitos e orientações relativamente às condições e modos de atuação do monarca. No âmbito desta temática, o nosso autor não descurou o seu próprio quadro familiar, como demonstram os conselhos prodigalizados ao seu próprio filho sob a forma duma carta de instruções que retoma a tradição literária inaugurada pela célebre *Instrucción* de Juan de Vega ao seu filho Hernando (1548). Referimo-nos, evidentemente, à *Instrução de D. António Álvares da Cunha a seu filho D. Joam Lourenço passando aos Estados da Índia*¹⁵⁷, na qual lhe recomenda:

*Nao facaes lizonja aos que mandam hoje com dizer mal
dos que mandaram ontem, porque o mesmo recearam de vos
amanhaa e he vil modo de obezequio por exaltar quem vos
manda, dizer mal de quem vos mandou e nam vem sem
manchas o louvor que ha de luzir com vituperios.*¹⁵⁸

Assim como se empenhava em preparar o futuro, D. António Álvares da Cunha, especialmente sensível à conservação da *boa Fama*, aplicava-se a enaltecer o passado. É nesta linha de preocupações que podemos situar o seu grande apego ao estudo da Genealogia, aliás, um ramo de conhecimento que teve muitos adeptos no século XVII. O académico *Ambicioso* vislumbrou nesta vertente do que atualmente se poderia considerar uma literatura cinzenta, enfadonha e sem particular interesse, em função da sua utilidade prática para determinar as origens das famílias e das pessoas ilustres, uma boa forma para elaborar o encómio literário daqueles para quem escolheu traçar a árvore genealógica. Na BNP encontra-se, atribuído a D. António, um manuscrito contendo as *Arvores genealogicas da real ascendencia da muito soberana Princesa Maria Sofia Isabel Palatina Raynha de Portugal athe os outavos avós / offerecidas ao muito esclarecido Principe D. Pedro II do nome vigessimo Rey de Portugal, oferecidas ao muito esclarecido Principe D. Pedro II DO NOME VIGÉSIMO Rey De Portugal por D. António Álvares da Cunha seu trinchante, 1687*. Como já salientámos anteriormente, Barbosa Machado afirma que o seu *natural genio (...) para investigar os pontos mais dificeis da Historia Genealogica o moveo para que aceitasse o lugar de Guarda mor da Torre do Tombo* – e a data deste códice corresponde ao período em que o secretário

¹⁵⁷CARVALHO, José Adriano de Freitas – **Pais e Nobres I Cartas de Instrução para Educação de Jovens Nobres**, p. 164. BGUC, ms. 496, fl. 132r – 142v.

¹⁵⁸ Idem, p.168.

perpétuo exerceu o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo (1678/1690)¹⁵⁹ –; no entanto, quando o folheamos, constatamos que se compõe na generalidade de desenhos padronizados e decalcados de árvores a cujos ramos estão fixadas cartelas vazias de conteúdo, certamente um trabalho iniciado, mas que ficou por concluir.

Não foi o caso do majestoso e extenso trabalho dedicado à figura da Infanta Isabel Maria Josepha – a *Sempre Noiva* –, filha de D. Pedro II e D. Maria Francisca Isabel de Sabóia: *Obelisco Portvgves, Cronologico, Genealogico e Penagirico, que afectuosamente construe D. Antonio Alvares da Cunha ao mais fausto dia, que em muitos seculos vio Lisboa, no baptismo da sereníssima infante D. Isabel Maria Iosepha, 1669*. O livro divide-se em duas partes. Na primeira destaca a ascendência da princesa. O autor numera de um a cinquenta e cinco cada um dos ramos – paterno e materno – que culminaram na chegada de tão brilhante e auspiciosa estrela que haveria de iluminar os súbditos do seu reino. Basta lembrar as circunstâncias que envolveram aquele momento da história de Portugal e poderemos dizer, também, que esta era uma princesa *Desejada*. Em cada número é destacado o nome do respetivo ascendente, com todos os atributos que concorrem para engrandecê-lo e, conseqüentemente, para glorificar a pequena princesa.

Mas não só. A leitura da dedicatória é elucidativa quanto aos propósitos encomiásticos, ao fazer uma aproximação desta geração que culmina em Isabel Maria Josefa a Roma e ao Egito, lamentando apenas a insuficiência do artífice do obelisco, o próprio D. António, que não possuiria suficientes dotes artísticos para erigir um monumento capaz de traduzir a extraordinária grandeza das raízes genealógicas em que a princesa entroncava:

Senhor

Este Obelisco, que hu coração Portugues postrado aos pès de Vossa Alteza, levanta aos seculos vindouros, solicita a seu emparo, para que possa permanecer contra as inconstâncias do tẽpo, & este receyo nasce só da insufficiencia do artífice, & não da falta da fabrica, porque não vio Egypto, Piramedes, nem Roma, Obeliscos com mais sólidos fundamentos, nem com mais proporcionada deliniação, feitos hus ao deposito de muitos Reys, & outros ao desvanecimento de muitos Emperadores: & se todos existissem no seculo presente, vangloriosos me patrocinarão para com V. A. Pois no Chapitel desta obra viaõ outra vez unidas as sinzas, que em tantos Reaes Mausoleos no âmbito do Mundo, em tantos seculos guardaraõ

¹⁵⁹RIBEIRO, João Pedro – **Memórias Authenticas para a História do Real Archivo**, por José Feliciano de Castilho, 1843.

para se formar a preciosa Pedra, que hoje se engasta na Coroa Portuguesa, Mina dõde sahirão sempre as de mayores quilates, que resplandessem nas que dominão o Vniverso. Guarde Deos a Real Pessoa de Vossa Alteza como as esperanças Portuguesas prometem, & como seus Vassallos necessitaõ.

Dom Antonio Alvares da Cunha

A segunda parte da obra dá-nos um relato circunstanciado do batizado da princesa, enunciando com detalhe os intervenientes, os cargos que desempenhavam e dados biográficos considerados relevantes. Por ser significativa do estilo de D. António, trataremos ainda desta parte, aquando do estudo da sua obra, no próximo capítulo.

Entretanto, e recuperando a afirmação de Barbosa Machado, o exercício das funções de guarda-mor da Torre do Tombo terá estado na origem deste apego à Genealogia, que D. António Álvares da Cunha manifesta de forma muito clara e efusiva ao concertar e reformar o *Nobiliario de Espanha escrito por o Sr. D. Pedro filho de D Dinis 5º Rey de Portugal que se guarda no Archivo Real da Torre do Tombo consertado e reformado por D. Antonio Aluares da Cunha Guardamor dad. Torre e oferecido Ao Principe D. Pº nosso Senhor* (fig.5).



Fig.5- Frontispício do Nobiliário do Conde de Barcelos, concertado e reformado por D. António Álvares da Cunha.

Na dedicatória, D. António elogia o trabalho de D. Pedro, mas lamenta ser este o primeiro livro de assentos das ascendências de famílias lusitanas nobres tão antigas, tendo em vista que, ao tempo do Conde de Barcelos, em muitos outros reinos já se registavam as origens dos seus grandes:

*LIVRO DE GERAÇÕES feito por o Conde Do Pedro
filho del Rei D. Denis que por mais de três seculos se conserua,
& guarda no Real Archiuo da Torre do tombo de Portugal, foy
o primeiro que deste género ouve em Espanha, com o que a
nobresa de toda esta provincia deue a este Principe a noticia de
sua acendencia, que lastimosamente sintiria a que floreceo
naqueles tēpos, pella ignorância de seus antecessores; q tendo
o mundo mais de seis mil anos de duração, nam temos da
nobresa da nossa Lusitania mais conhecimento que do tempo
deste Principe; sendo que nos outros Reinos da Europa pelo
cuidado de seus habitantes se sabe das famílias, tres, &
quatro seculos precedentes ao Conde D. Pedro. A occupação
das armas que leuaua o genio dos Portugueses nam foy muito
em os divertir desta tam precisa obrigação, como he o saber
cada hum donde procede, pera que a gloria dos passados
incitasse os presentes á imitação daquelas virtudes, com as
quais de adquire a verdadeira nobresa.*

A projeção da imagem de cultor das letras alimentada por D. António Álvares da Cunha ultrapassou fronteiras e valeu-lhe a glória de ter sido o primeiro português admitido na *Royal Society of London* (fig.6), no ano de 1668. Este dado é significativo, quanto mais não seja, para confirmar o nosso autor como um homem plenamente integrado na cultura do seu tempo, não restringindo a sua atenção ao âmbito nacional, mas mantendo-se aberto ao que se passava culturalmente no estrangeiro, tendo tentado despertar e contribuir a seu modo para propagar a sabedoria e o conhecimento do mundo – do passado e do presente –, preparando o futuro, e elevando-se a si próprio a um estatuto superior, pois, se a própria instituição londrina, tão prestigiada, o acolhia como um dos seus, por certo consideraria que reunia atributos suficientes e incontestados que faziam dele um exemplo do homem culto português daquele século, ainda hoje remetido a uma imagem obscurecida e caótica que o tem mantido afastado dum conhecimento liberto de preconceitos e capaz de lhe fazer justiça.

O académico visto pelos seus pares

Um contributo expressivo para o bosquejo que temos vindo a desenhar do académico *Ambicioso* são as referências, elogios e comentários à sua pessoa, tanto na vertente académica e literária como na vida privada, que os seus pares incluíram nos textos que produziram. Entre eles destaca-se D. Francisco Manuel de Melo, um dos expoentes máximos da literatura portuguesa de seiscentos, com quem D. António teve relações muito estreitas de ordem pessoal.

É do poeta *Melodino* um elogio rasgado ao secretário perpétuo, na linha do que era habitual nas sessões académicas, inserido na *Ostentação Encomiástica que à nobilíssima e doctíssima Academia dos Generosos de Lisboa oferece, dedica e consagra o seu menor cliente e mais humilde discípulo Dom Francisco Manuel, o dia em que nela preside*¹⁶⁰:

*Entre tantos planetas tão luzidos, quem duvida que há-
de ser fixa estrela nosso perpétuo secretário, o senhor D.
António Álvares da Cunha? Não o duvidará quem conhecer que
até em haver nascido no oriente se parece com os astros
luminosos.*

Em 26 de março de 1665, Joseph Faria Manuel, o académico eleito presidente para a sessão desse dia na *Academia dos Generosos*, pronunciou uma oração, estimulado por D. António Álvares da Cunha, depois de lhe ter manifestado o receio de insuficiência comunicativa e engenhosa perante o leque de excelentes oradores que o tinham antecedido. O secretário perpétuo tê-lo-á incitado a discursar, apelando à máxima latina *FINIS CORONAT OPUS* e Joseph Faria Manuel glosou-a ao longo da sua intervenção, como é possível verificar na cópia dessa mesma oração, registada no livro *Terpsichore, Musa Académica na aula dos Generosos de Lisboa*. A oração desenvolve-se à volta do jogo metafórico em torno da oposição entre a luz e a sombra, tão caro à época barroca, a que o académico *Synaita* associou habilmente o contraste entre a escassez da sua capacidade e a abundante erudição do presidente que o precedera, Diogo Vaz Carrilho:

¹⁶⁰ MELO, Francisco Manuel – op. cit. vol. II, p.786.

(...) *agora subo a elle [= o cargo de presidente] por merce do senhor Diogo Vaz Carrilho, ou por vontade sua ou por impulso maior: se por vontade sua, seria por querer fazer mais relevantes as luzes da sua erudição, junto das sombras de minha insuficiência, ainda assi devo a tanto beneficio o ser inseparável companhia de seus rayos, porque a sombra sempre segue a luz; e em ser sombra de tantas luzes fico muito bem assombrado. Se foi impulso maior obrou como tão grande instrumento a maior elegância que podia ser, pois acabará este quadro a Academia com todas as perfeições da Arte para pendurar no templo da sua Fama, sombras, e luzes, claros, e escuros, fazem a pintura excelente.* (pp. 217/218)

Parodiando a oratória do académico *Synaita*, poderíamos considerar que um duplo véu de luz e sombra parece revestir também a pessoa do próprio académico *Ambicioso*, se o virmos pelo prisma dos paradigmas atuais. A ausência de estudos específicos que pudessem contribuir para tornar mais clara a sua imagem singular não impediu que o académico *Ambicioso* fosse sendo referenciado ao longo dos anos, ora como um dos editores de *Camões* e autor de uma extensa carta em verso antologizada na *Fénix Renascida*, ora como o fundador da *Academia dos Generosos* e guarda-mor da Torre do Tombo. Embora resumida a pouco mais do que isto, a construção biográfica e a memória literária apresenta dele a imagem de um cortesão que gozou de grande prestígio no seu tempo, evidenciando dados que representam por si sós pilares consistentes e seguros que justificam o estudo aprofundado do percurso literário deste polígrafo.

O que apresentámos sobre a sua biografia, os seus interesses, os seus trabalhos escritos e mesmo os cargos que exerceu – a começar pelo de trinchante-mor dos primeiros monarcas da Casa de Bragança – deixou-nos, no entanto, os traços de alguém que, frequentando os espaços do poder, sabia claramente reconhecer o seu lugar na hierarquia em que estava inserido e tirar dele o melhor partido, de forma discreta, mas categórica. Poder-se-ia dizer de D. António Álvares da Cunha que representa o homem barroco movendo-se nos jogos de aparência e fausto tão caros ao século XVII, incarnando o modelo do perfeito cortesão. Um cortesão que, no entanto, pretendia ir muito além do espaço físico, social e cultural que a corte representava, contribuindo

com o seu esforço intelectual e a sua capacidade criativa para a consolidação desse ambiente em que se movia. Um cortesão que almejava a universalidade e o infinito contidos nesse pequeno mundo que é cada ser humano, fazendo, assim, jus à máxima de Calderón: *pequeño mundo soy y en eso fundo que en ser señor de mi lo soy del mundo*.

Regressando à anedota acima referida, é possível que a atitude pragmática com que D. António enfrentou a insegurança do académico *Synaita* lhe tenha dado algum alívio, e não deixa de ser curioso notar que um pormenor de carácter pessoal e íntimo, como a manifestação de um medo e a forma como foi superado, tenha merecido a honra de ser inscrito numa oração académica com forte dimensão encomiástica, cujo modelo formal excessivamente pomposo e repetido haveria de redundar em prejuízo para os próprios académicos, uma vez que acabou por se lhes colar inapelavelmente como um rótulo: “todos iguais, todos maus”.

Se Joseph Faria Manuel não teve pudor em abordar D. António e expor-lhe a sua preocupação, João Roiz de Sousa, no discurso guardado no manuscrito 114 da BGUC, manifesta o receio de que as suas palavras de elogio a D. António Álvares da Cunha sejam mal interpretadas, destacando uma característica maior da personalidade do académico *Ambicioso*, a prudência:

Não pareça que me esqueço do Sr. Dom António Álvares da Cunha, nosso digníssimo secretario por amizade nos tras sempre mui presente, na minha memoria mas quando intento que os louvores que consagro aos seus merecimentos sejam sinais que expliquem os meus affectos, temo que as modéstias de sua prudencia avaliem com injurio o que eu queria que fosse obsequio porq vir prudens, um laudatur in facie flagelatur incorde. (fl. 271)

Os exemplos anteriores, apesar de retirados de textos que obedecem a um formalismo habitualmente laudatório e exagerado – como era de praxe nas orações académicas –, não deixam de patentear traços muito particulares da personalidade de D. António, que assim nos vai surgindo, modelada em fragmentos disponibilizados pelos seus pares académicos, que viam nele alguém com qualidades sociais e humanas dignas de ser sublinhadas.

Relativamente ao carácter prático do secretário perpétuo, é de referir que já aparecia subentendido aquando do lançamento do concurso referido no manuscrito 6374 da BNP, com as palavras do *soneto escangalhado* que ofereceu para ajudar aqueles que

não eram particularmente inspirados, permitindo-lhes também participar na contenda. E sobre a prudência, nem é preciso lembrar que era uma das virtudes mais prezadas da vida social e da ética política de seiscentos¹⁶¹, frequentemente referenciada na literatura panegírica e didática, concretizando-se num cuidado com o agir, e sendo uma forma socialmente aceitável de disfarce.

Outras evidências da personalidade de D. António encontram-se manifestas em alguns textos poéticos dos que com ele privaram e foram tendo a obra editada ou conservada em manuscritos, entre os quais se incluem António Barbosa Bacelar e o já referido D. Francisco Manuel de Melo. Os poemas destes dois expoentes da poesia seiscentista que tomam a figura de D. António como pretexto formam um pequeno conjunto de obras métricas que servem genericamente como resposta a textos do académico *Ambicioso* hoje desconhecidos, mas que com eles dialogam, revelando detalhes do seu carácter, respondendo a pedidos ou comemorando episódios da vida familiar, como o nascimento de um filho.

De António Barbosa Bacelar, temos um soneto oferecido a D. António da Cunha em resposta a outro do secretário perpétuo dos *Generosos*¹⁶²:

*Este vosso soneto me tem tal
Esta vossa lembrança tal me tem,
Que, porque foi motivo deste bem,
Obrigado me tem da ausência o mal.*

*Com o tormento, com a dor fiquei mortal,
Quando me vi d'aquém e vós de além,
Mas na distância já não vai nem vem,
Se ùa lembrança vossa tanto vale.*

*Que vai, amigo, em que padeça a dor
O peito, a quem distante pena dais,
Se distante ao juízo dais prazer?*

*Suceda embora à dor outra maior,
Que, se assim ao juízo regalais,
Menos vai no sentir, que no entender.*

O autor acusa a receção do soneto do académico *Ambicioso*, descreve o efeito que o mesmo lhe produziu no espírito atormentado e deslinda o seu significado no que

¹⁶¹GRACIÁN, Baltasar - **El discreto**, edición, introducción y notas de Aurora Egido, Madrid, Alianza Editorial, 1997.

¹⁶²CUNHA, Mafalda Ferin – **Obras Poéticas de António Barbosa Bacelar**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 586.

diz respeito aos laços de amizade e conforto que tal texto representou num momento difícil que Barbosa Bacelar estaria a viver, mitigado, no entanto, pelo soneto de D. António Álvares da Cunha.

D. Francisco Manuel de Melo incluiu na *IV Musa* das suas *Obras Métricas*, a *Turba de Calíope*, os sonetos *XIII*, *XXXII*, *XXXIV* e *LXX*, que servem de resposta a outros enviados pelo secretário perpétuo, que, a avaliar pelo conteúdo, se reportam aos tempos de juventude do polígrafo. São quatro sonetos, três deles escritos em tom festivo, que focam diversos ângulos que enaltecem os atributos e revelam pormenores do temperamento e do carácter do nosso autor. Atentemos no soneto festivo *XIII*¹⁶³, escrito em resposta a outro:

*Ora, bem digo eu que sois demónio,
meu Senhor D. António, em vossos tratos;
e não sois só demónio para os ratos,
mas para as próprias rãs do charco Aónio.*

*Eu o li já, e cuido que em Petrónio,
ou em qualquer dessoutros mentecaptos
que das plumas às rosas dos sapatos
não teve Portugal tal Dom António.*

*Está Vossa Mercê muito contente
de me render aos pés do seu soneto?
Ora pague-lhe Deus que eu não posso.*

*Mas não mande acordar tão cedo a gente
com carapuças de cilício preto.
Torre Velha. Segunda-feira. Vosso.*

Desconhecemos, desafortunadamente, o conteúdo do soneto de D. António, mas podemos claramente perceber que D. Francisco o considerou de elevado merecimento, o que não chegava a surpreendê-lo, vindo, como vinha, de um tão destacado cultor das letras, que era também seu amigo próximo e compadre. A admiração que revela é do domínio intelectual e criativo, com a referência ao *demónio* que incomoda e castiga com a qualidade dos seus versos *os ratos* e até as *rãs do charco Aónio* – alusão aos maus escritores e aos melhores – sem deixar, também, de indiciar e confirmar, mesmo, alguma vaidade no vestir e no calçar que o compadre exibiria – *que das plumas às rosas dos sapatos/ não teve Portugal tal Dom António*, uma fraqueza que nos apareceu já

¹⁶³MELO, Francisco Manuel de – op. cit. Vol.II, p. 453.

documentada com a alusão ao *pourpoint* guarnecido de uma rendilha de prata, que mereceu do rei D. João IV um comentário jocoso. Por outro lado, o soneto patenteia em D. António certa ansiedade pelo reconhecimento, merecedora de um reparo do *Melodino* – *mas não mande acordar tão cedo a gente* – que assim manifesta a sua disponibilidade para o amigo, mas em horas apropriadas.

Outro soneto festivo, o XXXIV¹⁶⁴, trata do estilo do *Académico Ambicioso* e da autoridade literária que D. Francisco Manuel de Melo representava para ele:

*Meu senhor D. António, muito bom é
zombar, mas já tanto como aqui.
Vós pedir-me licença? Vós a mi?
Ui, Senhor! Isso quer Vossa Mercê?*

*A mi, que mais forçado que em galé,
daquela que não passa desde ali,
já nem para homem de guardamerci
tenho figura, nem para de pé?*

*A mi trovas corteses, que em vós só
trova cortês no mundo se achará,
correndo de Cascais até Pegu?*

*Tende de vossos consoantes dó;
e quando dessa quinta mandeis cá
para que serve um ele, um vós, um tu?*

Apesar de o texto revelar mais acerca do estado de espírito de D. Francisco – um desencanto e um cansaço evidentes – o autor de *O Hospital das Letras* assume uma posição de inferioridade literária face ao secretário *Generoso* e, a partir daí, tece considerações sobre a importância da sua opinião – *vós pedir-me licença?* –, que considera uma forma de *zombar* dele – *já nem para homem de guardamerci/ tenho figura*. Tudo desnecessário, pois D. António sabe bem *trovar*, sem precisar do parecer de ninguém – *para que serve um ele, um vós, um tu?*

Mas não são apenas assuntos relacionados com a arte poética que servem de mote a este diálogo de poetas de que só conhecemos um lado, o do *Melodino*. Na linha do que predomina nesta época relativamente à utilização do discurso poético enquanto forma corrente de elogiar, convidar ou lamentar, D. Francisco deixou-nos outro soneto

¹⁶⁴Idem, p. 464.

festivo, na *Tuba de Calíope*, o LXX¹⁶⁵, em que se congratula com o nascimento de uma filha de D. António:

*Compadre, agora sim! Cá tenho ouvido
terdes fruta, que é fruto abençoado.
Ninguém mais fez num ano de casado:
sois home, enfim, de prol, pai e marido.*

*Mas suspeito que estais como corrido
de não nos virdes logo c'um morgado.
Ui! donde vistes vós ser o sol nado
antes da bela aurora haver nascido?*

*Aposto que vos traz Dona Joana
um alegre recado que em secreto
Dom Lourenço lhe deu lá muitas vezes.*

*Sabeis qual é? É este: Ora ide, mana;
dizei-lhe ao senhor pai que eu lhe prometo
de lhe ir beijar as mãos de hoje a dez meses.*

Regozija-se não só pelo nascimento em si, mas porque tal acontecimento confere ao académico *Ambicioso*, definitivamente, o estatuto de homem completo. Contudo, o poema revela que um pormenor não correu de feição aos desejos de D. António – *mas suspeito que estais como corrido/ de não nos virdes logo c'um morgado* –, motivo pelo qual D. Francisco congemina uma solução graciosa para que a felicidade do seu compadre seja perfeita, pois, como diz, o sol só nasce depois da aurora e D. Joana seria a mensageira de uma boa nova, qual Baptista anunciando a chegada de um filho varão *de hoje a dez meses*.

O último soneto relativo à ligação pessoal entre estes dois académicos *Generosos*, exarado na *Tuba de Calíope*, o soneto XXXII¹⁶⁶, reflete um pensamento mais denso, de conteúdo moral, próximo dum prenúncio de tragédia. D. Francisco escreve-o a partir da prisão, expondo a sua desilusão perante o que o destino lhe reservara e confrontando a sua condição com a de D. António, que vivia em plena liberdade, na corte:

¹⁶⁵Idem, p.483. O poema deve celebrar o nascimento de D. Joana Manuel, primeira filha da numerosa prole de D. António e de sua mulher D. Maria Manuel de Vilhena, em 29- 5- 1649. Cf. p. 483 (António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real*, XI, Coimbra, 1953, pp. 490-491)

¹⁶⁶ Idem, p.463.

*Aqui me tendes de voda apartado,
ah, senhor D. António, a dura sorte.
Sois mancebo, folgais de andar na corte;
cá vos tenho arguido e desculpado.*

*Deixai só para mi pena e cuidado,
que essas só são guardas do meu norte.
Todo o tempo a nós vem, só o da morte
foge daqueles de quem é chamado.*

*Tendes riqueza, tendes galhardia,
e contudo viveis vida cansada
que faz que do viver o gosto vede.*

*Pobre de quem, vivendo em demasia,
dessas ditas que tendes não tem nada,
e tem muito dessoutro que as impede.*

A oposição entre os dois fidalgos contempla diferentes aspetos, a começar pela situação em que cada um se encontra. D. Francisco contrapõe ao isolamento e à tristeza em que vive a sociabilidade e a alegria da corte, e parece acusar o amigo de tê-lo esquecido – *cá vos tenho arguido e desculpado*. A diferença de idade amplifica o lamento que o soneto expressa e destaca o contraste entre a desilusão e a *galhardia*, a pobreza e a riqueza, a *dura sorte* e a boa sorte, o desejo da morte e a vida na plenitude que a cada um o poeta atribui.

As obras poéticas do *Melodino* que aludem à sua amizade com D. António Álvares da Cunha não se limitam a estes quatro sonetos. Em *A Sanfonha de Euterpe*, D. Francisco incluiu duas extensas cartas em verso a D. António, a *Carta VII*¹⁶⁷, por ocasião do seu casamento, e a *Carta XII*¹⁶⁸. A *Carta VII*, composta em quintilhas heptassilábicas à maneira de Sá de Miranda, é um texto argumentativo e didático sobre as benesses e as agruras que a vida de um casal representa. Depois de se referir a si mesmo, numa perspetiva de humildade que já deixámos assinalada, D. Francisco introduz a figura do noivo, caracterizando-o:

(...)
*Então, eu, que sou um tosco,
entre os matos cá metido
onde qual bicho me enrosco,
como falarei convosco,
cortês, ditoso e polido?*

¹⁶⁷ Idem, p.585.

¹⁶⁸ Idem, p.627.

(...)
*Mas com tudo que sois vós
discreto e por tal havido
de todo o mundo a ãa voz,
já que estamos assim sós,
não vos pese haver-me ouvido.*
(...)

Seguem-se alguns conselhos:

(...)
*Compadre, fazei de conta
que este tomar novo estado
um segundo nacer monta;
portanto, é bem que a alma pronta
despeça o viver passado*
(...)
*Primeiramente entendei
que cada qual por seus modos
vive sujeito a ãa lei;
sofre o vilão, sofre o rei
sofrem muitos, sofrem todos.*
(...)
*Quem quiser viver então
pacífico e satisfeito
para toda a concrusão
olhe para a obrigação
não olhe só para o afeito*

*Aquele que se casou
para deleites e alegrias
quando riu, logo chorou,
porque toda a conta errou
somando os anos por dias.*
(...)

E termina com a bênção:

(...)
*Vivei ambos boa vida
de ãa cor e de um tamanho
um pouco sobre o comprida
sempre o mal ouçais de ouvida
nunca o bem vos seja estranho.*
(...)
*Vivei no vosso casal,
da vossa fonte bebei,
comei do vosso curral,
e ande embora o mundo em tal
mata-me tu, matar-te-ei.*
(...)
*Por fazer aos filhos bem
não vos façais mal a vós;*

*sejam ricos se convém,
e sejam pobres também;
demos nós conta de nós.
(...)*

A *Carta XII*, menos extensa, aborda a vida na corte. Escrita em quadras com versos de sete sílabas métricas, serve de resposta a um texto hoje desconhecido de D. António Álvares da Cunha:

*Recebi vosso papel,
meu compadre e meu amigo,
com mil ânsias esperado
e com mil graças escrito.*

Pelo teor desta obra métrica, percebe-se que, no papel enviado pelo académico *Ambicioso*, haveria comentários sobre as exigências e os cuidados que os cortesãos deveriam observar para evitarem dissabores, assim como referências incómodas ao estilo de vida que a corte representava. O *Melodino*, conhecedor desses meandros, confirma:

*(...)
Já sei que as pedras da corte
dão aos discretos mil fios;
devem-lhos para que lhes paguem
tê-los sempre por um fio.
(...)*

Segue-se a alusão ao modo discreto e prudente como D. António saberia mover-se nesse espaço, onde, de facto, deseja e aprecia viver:

*(...)
Vós entrastes tão galhardo
a pisar esses ladrilhos,
que aos próprios passos deveis
o tino no desatino
(...)*

O *Melodino* adverte, no entanto, o amigo para os perigos da corte, retomando velhos avisos já formulados por nomes consagrados das letras que ambos admiram, como Sá de Miranda e Camões, para quem esse era um lugar de interesses e de mentira, de onde seria melhor fugir, uma *doidice sadia*, talvez a única – ainda que paradoxal – manifestação de lucidez:

(...)
*Grão Roma de entendimentos
é o paço, mas eu fico
provem lá menos curados
do que simples benefícios.*

*Molhar das águas de Maio
o grande Sá deixou dito
que era prudência tão útil
qual fugir do sol no estio.*

*Pouco depois, mas tão bem
avisa o Camões divino
que na doudice somente
consiste talvez o siso.*
(...)

D. Francisco alerta, assim, o nosso autor, lembrando-lhe o que ele já sabia, é certo; contudo, nunca seria de mais precaver-se contra as armadilhas ocultas, pelo que aproveita para recordar ao jovem cortesão os cuidados permanentes com que devia conduzir-se no ambiente cortesão em que desejava singrar:

(...)
*Vós sois do mundo o primeiro
que no fogo do amor vivo
co'as línguas do mesmo fogo
estais louvando o suplício.*

(...)
*Cuidados de abana mosca
não deixam de ser sadios,
mas tão bem morramos logo
por tamanino como isto.*

*Este amor que anda no mundo
e foi desde o seu princípio,
quanto mais é de dois rostros
e cutelo de dois fios.*
(...)

Este amor à corte, conclui o *Melodino*, não merece nem o tempo nem as palavras que com ele se gastam, *porque é filho de ruins pais*, por isso a carta termina remetendo o assunto para a gaveta onde estão guardadas *tantas penas* semelhantes, o tempo perdido, as questões insidiosas que preocupam o *sobrinho do arcebispo*, e que também preocuparam o desiludido remetente, o qual lhe mostra, com a autoridade da sua experiência, a melhor forma de contornar essas *penas* e termina desejando-lhe uma vida longa:

(...)
*Caiba esta pena lá donde
tantas penas tem cabido,
já que o ter cabido é certo
num sobrinho do arcebispo.*

*Compadre, as duas dão,
e eu duas mil tenho escrito.
Morrei do vosso vagar
E louvado seja Cristo.*

Sem dúvida que o contributo dos depoimentos literários deixados por D. Francisco Manuel de Melo nas suas *Obras Métricas* é precioso para consolidar um conhecimento, ainda assim demasiado vago e lacunar, da personalidade de D. António Álvares da Cunha – e de muitas outras figuras seiscentistas da vida portuguesa –, e confirma a estatura de um fidalgo e cortesão conhecedor do seu tempo, zeloso do seu modo harmonioso de vida, ambicioso o suficiente para desejar deixar a sua marca na vida portuguesa do século XVII.

Mas nem só através de figuras maiores da nossa literatura seiscentista se pode entrever a figura do académico *Ambicioso*. Na verdade, existem outros depoimentos métricos de autores anónimos – mas que ficaram conservados nos manuscritos – que nos podem revelar a imagem de D. António, enquanto face visível, quase que diríamos simbólica, da *Academia dos Generosos*. São poemas encomiásticos ou chistosos, que, de alguma forma, estabelecem uma continuidade entre os assuntos de foro particular e a realidade da própria academia. Ora D. António é referido por lhe ter nascido um filho, ora por ser o secretário da academia, ou ainda para se identificar nele um homem de grande eloquência e com reconhecimento merecido.

Por exemplo, no manuscrito AT 286, fl. 190, da BNP, encontra-se transcrito um poema alusivo ao nascimento de um dos seus vários filhos, o sexto, D. Rodrigo da Cunha, elaborado por alguém que frequentava a academia, como se deprende do segundo verso, em que se refere à “nossa Academia”:

*Ao pº do senhor D. Antonio da Cunha
que nasceu e se bautizou em dias que ouve academia*

*A do filho sexto nos chamem
pois da nossa Academia
primeiro sois, com alegria
e com festas nos aclamem*

*todos como hirmãos nos amemos
ainda que de annos famosos
em sangue e valor ditozos
vindes, também ponderai
que do vosso ilustre pay
filhos são os generosos.*

Repare-se na coincidência de a celebração do nascimento e do batizado do filho de D. António ocorrer no mesmo dia em que se realiza uma sessão académica, que deveria ficar conhecida, de acordo com a sugestão do autor, como a sessão do filho sexto – *A do filho sexto nos chamem*. Esta é uma sessão singular – mas significativa, quanto ao carácter da agremiação *Generosa* –, que celebra em simultâneo o filho e a própria harmonia e união que a academia representa, uma vez que se considera que os académicos são *irmãos*, porque nascidos do mesmo pai, D. António: *todos como hirmãos nos amemos/(...)/ que do vosso ilustre pay/ filhos são os generosos*.

Esta assimilação entre a vida pessoal e a realidade académica está patente no mesmo manuscrito da BNP, fls. 3 e 4, onde se pode ler um texto, também anónimo, dirigido a António Álvares da Cunha – talvez um panfleto – que adota um tom jocoso e derisório, adequado à musa da comédia, Tália, em cuja voz se apresenta. Assumindo a figura da musa, o autor pede a atenção do secretário perpétuo para o seu texto, um discurso sem aspirações maiores do que as de chegar às mãos do *famoso chefe dos cunhas*, a quem se apresenta mal vestido e despojado de quaisquer graças – *mal vistida de conseitos/ e de grassas todas nua* –, mas que, mesmo assim, não deixará de enaltecer, à sua maneira chocarreira, o académico – *vos vai fazer mil medidas*:

*Meu amo ãor Antonio
famoso chefe dos cunhas
esta velhaca Thalia
vos vai fazer mil medidas*

*Dai lhe favor, dai-lhe alento
que vay di meus brasos suja
mal vistida de conseitos
e de grassas toda nua*

O pouco apreço que o autor tem pelo seu texto leva-o a alertar D. António para os cuidados a ter no momento da leitura, apesar de tudo merecida, pois, ainda que seja indubitavelmente uma bruxa – *benzeivos della q' he bruxa* –, a musa da comédia será afinal inofensiva, até porque *he bautizada e entrar na Igreja custuma*:

*Ey lá vay o diabo a leve
benzeivos della q' he bruxa
fazey o sinal da Crux
meu amo para que fuja.*

*Mas por que he bautizada
emtrar na Igreja custuma
abernuntia não digais
que he viva a pobre defunta*

O receio quanto ao juízo de valor que tal texto pudesse despertar em *o grão valentão das muzas* leva o autor a precaver-se. Primeiro, afirmando que, apesar dos trajes desprezíveis em que se apresenta, a musa/poema *tem entranhas muito puras*, e, depois, confessando que, afinal, o que esta Tália queria era entreter D. António – *emtretervos com Tramoya*:

*Resebeya que vos Praz
ja que vosso favor busca
que os senhores como vós
tem entranhas muito puras*

*Confusamente vay
Porque tem notisias muitas
de que sois meu dom Antonio
o grão valentão das muzas*

*Levavos um Ricadinho
meu senhor que ella cuida
emtretervos com Tramoya
esta velhaca que he bruxa*

E, em jeito de desculpa pela feitura de tal composição, o autor relata as exigências que a musa/poema colocou, quanto à maneira como deveria aparecer aos olhos do secretário perpétuo, qual boneco de madeira dando instruções ao ventríloquo que o comanda:

*Refuzava hir pellas lamas
pidio o cavalo a mussa
amalga sy o seu macho
agaleno também a mula*

*A cabeça ao Cid Ruy dias
que lhe mandou per desculpa
que estavam despalmadas
de muito correr, as unhas*

(...)

Exigências a que o autor contrapõe as suas próprias intenções:

*A pena leva o Amor
amor mas não de Luxuria
que como velha nã tem
na camisa mataduras*

*Lá nos dira quem não sey
qoando se acabe esta Lux
para alentar este corpo
que aqui o tempo o sepulta*

(...)

O texto conclui-se com a reafirmação inicial quanto ao objetivo declarado de divertir e entreter D. António:

*melhores festas fazemos
do que aquelas muitas muitas
que faz Luis mendes deluas
com Juizo sem cordura*

*que se bem faz corte a corte
co as Abundansias procuras
que gosta, nos mais gostamos
com nossas festinhas Rudes*

Um texto desta natureza revela, na verdade, uma outra forma sob a qual o nosso académico seria abordado. Com a reverência de sempre, é certo, mas também com despreocupação e familiaridade. Pelo conteúdo, percebe-se que o autor seria alguém que não frequentava a academia, mas que sabia ser aquele o lugar das musas e que D. António era a alma *mater* desta agremiação.

No manuscrito 306 AT/, fl. 189, da BNP, está registado um soneto de *uma devota da academia*. Um soneto encomiástico que, à semelhança da oração de João Roiz de Sousa, exprime particular preocupação quanto à interpretação que as palavras do poema poderiam vir a ter, uma vez que a autora sente que a sua capacidade de expressão está muito aquém dos dotes literários e artísticos exibidos pelo académico *Ambicioso* – *por impossível o louvor vos tenho/ q’offensas mais q’elogios vos fizera:*

*Ao Sr. D. Antonio Alvares da Cunha
Dignissimo presidente na Academia dos Generosos*

Soneto

*Se tanta erudição, se tanto engenho
de meo louvar nos limites coubera
não forceis qual do mundo nos venera
ou eu fora outro vos que he não empenho.
Por impossível o louvor vos tenho
q' offensas mais q' elogios vos fizera
Louvainos vos a nos a investitura
Pois que so vos de nos sois desempenho
So direi q' seria a invia (em quanto
não luzio sol esse saber profundo)
culpa; porem virtude agora seia
ja se ve quem vos sois, pois podeis tanto
que dando graça à culpa assombro ao mundo,
inculpando fareis a mesma inveia*

Na mesma linha de elogio e homenagem, encontramos na fl. 190 desse mesmo manuscrito um romance anónimo. Note-se que o nosso académico, neste exemplo como no anterior, já não é designado como secretário, mas sim como presidente e protetor, provavelmente porque nesta segunda fase da academia (1685-1686) já não exerceria a sua função de secretário – até porque este período corresponde já a uma idade avançada de D. António –, ascendendo, por isso, ao mesmo patamar superior em que se encontra o emblema e – porque não? – o próprio padroeiro da cidade de Lisboa e da academia, Santo António. E quem é este D. António? Um *excelente Cunha*; um novo Apolo a quem a musa pede licença para se manifestar – *com vossa licença a Musa/quer ao som da lira acordes*–; um pedagogo notável –*já facundo discorrestes/ que aprender de voz bem pode*:

*Ao sr. Dom Antonio Alvares da Cunha digníssimo Presidente e
Protector da academia dos Generosos*

Romance

*Ja, meu excelente Cunha,
que neste Apolinio monte
vossa facunda eloquência
o silencio avaro rompe.*

*Ja que amantes, ja que alegres
neste Felix horizonte
vos ouvem do lindo os Astros,
do Olimpo as flores vos ouvem.*

*Com vossa licença a Musa
quer ao som da lira acordes
suspender sonora os quebros
soltar afinada as vozes*

*Ja facundo discorrestes
que aprender de voz bem pode
elegancias a eloquencia,
a Rectorica primores.*

Ser superior, com poder para determinar a união entre o céu e a terra, o infinito e o finito, juntando luzes celestiais e aromas terrestres, metáfora da união perfeita entre divino e o humano – *que rayos as flores vibrem/ e aromas as luzes brotem:*

*Fragante hybla e ceo fulgente
decretais que se equivoquem
entre si flores, e estrellas,
fragancias e resplendores.*

*Fazendo sabio nas luzes,
como discreto nas flores,
que rayos as flores vibrem,
e aromas as luzes brotem.*

Poeta supremo, porque sabe aplicar, de forma sublime, a regra clássica de Horácio, aliando na palavra escrita o útil e o deleitável:

*O util e o deleitavel
sabeis conformar de sorte
que o serio aposte a jocundo,
o jocundo a serio aposte.*

*Pois traçais quando o severo
com o agradavel compondes
que o plauzivel soe grave
e o grave plauzivel soe.*

Comparável ou superior a grandes nomes de académicos romanos:

*Se afamada foy por Tulio
do Romano a egregia corte,
por vos mais famoza dizia
cinge Diademas melhores.*

*Por voz, que da gra Palestra
literaria Alcides forte
o pezo de seus triumphos
sobre vossos ombros pondas.*

*Por voz, que as Luzes Plebeas
fazeis que mais rayos somem,
por serem vossos alumnos
incremento a seus fulgores.*

A ele Portugal muito deve, por isso, e na mesma linha do encómio reiterado vezes sem conta à *Academia dos Generosos*, deve ser eternizado – *Ó brilhai sempre immortal* – e louvado pelas próprias musas, aqui colocadas, todas elas, num nível inferior:

*A voz deve o Luzo invicto
de seus triumphos mayores
a gloria por darlle as pennas
que suas glorias pregoem.*

*Ó brilhai sempre immortal
nesse trono excelço, adonde
sol brilhante eternamente
tantos Astros vos adorem.*

*Vivei dando leys ao tempo
por que fique vosso Nome
esculpido a Fama em jaspes,
venerado a idade em bronzes.*

*E a Muza em tão alto assumpto
desculpai o mal que sobe
quando o assumpto tão sobido
foram baxas todas nove.*

Este processo de encarecimento reflete, tanto quanto nos é possível avaliar, a relevância social que a figura de D. António Álvares da Cunha tinha alcançado. De facto, o académico *Ambicioso* revela-se, na voz de outros, não como um académico português, mas como a imagem que por antonomásia representa o académico português. É o que julgamos perceber no excerto do *Prologo al Lector*, da autoria de Miguel de Barrios, inserto nos *Aplauzos Academicos*, onde D. António integra o friso cronológico dos académicos perpétuos:

*El celebre Philosopho Academo,
dexo su nombre al sitio deleytable
donde los estudiosos Athenienses,
introdujeron el da la academia
que se llamó Platonica, divisa
en dos: la superior era el Licèò,
cathedra del maestro de Alexandro:*

*la segunda quedo al docto Speusipo,
como heredero de la verdadera
de Palton diciplina, juntamente
de Minerva, esta oliva; aquella, mente.
Llevò la una el ave de la Fama
de la outra en el pico, por las partes
que el Iano la tomò de la enseñanza:
y assiendose à sus hojas el gran Tulio,
hizo las Academicas questiones:
ilustraron sus inclitos escuelas
los Calcaninos três, Ferino, Lelio
Hercules Bentivolio, Estense, Bembo,
el Ariosto, el Molza, el Varqui, el Pico,
el Cinthio, el Tolomey, Petrarca, Dante,
Lope, e entre otros dulces Españoles,
El gran Don Antonio Alvarez de Acuña,
En la docta palestra Lusitana,
(...)*

Recolhidos os testemunhos disponíveis sobre o homem, podemos, agora, deter-nos na obra, à procura das evidências que o confirmam como epítome do século XVII em Portugal, e também das singularidades que possam fazer dele um caso de estudo que mereça o interesse e a curiosidade dos investigadores século XXI.

CAPÍTULO III

Obra de D. António Álvares da Cunha

Para coligir a obra de António Álvares da Cunha que apresentamos agora, partimos dos seus textos impressos mais conhecidos, nomeadamente o *Obelisco Portuguez...*, a *Campanha de Portugal pela Provincia do Alemtejo...* e a *Carta a D. João Nunes da Cunha*, este último inserido na *Fenix Renascida*. Obras diversas quanto à forma e quanto ao conteúdo, mas representativas de um estilo que explora a linguagem artificiosa vulgarmente identificada com o código retórico do barroco, cuja finalidade era o elogio e o louvor a figuras relevantes da sociedade portuguesa. No caso do *Obelisco*, a personalidade enaltecida é a princesa Isabel Luísa Josefa, filha de D. Pedro II e de D. Isabel de Saboia; na *Campanha*, são destacados os dotes de D. Sancho Manuel, conde de Villafior e general na Batalha do Ameixial; e na *Carta* é reconhecida a excelência de João Nunes da Cunha, aquando da sua partida para a Índia, aproveitando o autor este ensejo para lhe augurar os maiores sucessos futuros.

Na verdade, estas obras representam pontos de apoio valiosos, num espaço nebuloso de produção escrita quiçá maioritariamente perdida. Se não, que dizer das referências à obra *Rebellião de Ceilão*, dada como publicada em Lisboa em 1689, e cuja autoria chegou a ser imputada ao académico *Ambicioso*? Tanto Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*¹⁶⁹, como José Silvestre Ribeiro, na *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*¹⁷⁰, dão como certa esta autoria. Teriam estes investigadores imputado erroneamente à pena de D. António uma obra vinda a lume alguns anos antes, em 1681, com atribuição clara de autoria a João Rodrigues de Saa e Meneses, intitulada *Rebelion de Ceylan, y los progresos de su conquista en elgobierno de Constantino de Saa y Noroña*? Ou, de facto, houve uma segunda obra com um título semelhante, da autoria do nosso polígrafo, mas cuja existência presentemente se desconhece?

Se nos reportarmos ao capítulo anterior, construído com base nos textos que os diferentes autores dirigiram ao secretário perpétuo da *Academia dos Generosos*, em resposta a demandas, solicitações ou ofertas suas – mas cuja existência concreta ignoramos –, podemos aventar que parte da sua atividade escrita deve ter desaparecido e

¹⁶⁹MACHADO, Diogo Barbosa – op.cit. p. 200.

¹⁷⁰*Apud* RIBEIRO, José Silvestre, SOUSA, José Carlos Pinto de – op. cit. p.154. **Bibliotheca Histórica de Portugal e seus domínios Ultramarinos**, Lisboa, 1801, 2ª edição.

aceitar como muito provável a hipótese levantada por Costa e Silva¹⁷¹, segundo o qual *não foram menos numerosas as suas obras poeticas que... pela maior parte tiveram a desventura de nunca serem dadas à estampa, ficando tambem sepultadas na livraria do mesmo convento [de S. Domingos], ou nas gavetas dos seus amigos, ou curiosos, que dellas poderam haver copias*. Esta última possibilidade – de haver cópias dos seus escritos dispersas pelas bibliotecas em manuscritos – conduz-nos ainda a outro tema já abordado, problemático e comum no século XVII, que é a questão da atribuição de autorias.

Com efeito, as pesquisas que realizámos em arquivos e bibliotecas à procura de manuscritos que contivessem matéria relacionada com a *Academia dos Generosos* e com D. António Álvares da Cunha, e que foram sendo referenciados ao longo deste trabalho, revelaram-nos muitos textos sem menção expressa de autoria. Se nos referirmos especificamente àqueles que entendemos terem sido propriedade do secretário perpétuo da academia, ou por qualquer razão terem passado pelas suas mãos, podemos considerar que, porventura, algumas das obras anónimas ali transcritas terão saído da pena do nosso polígrafo, facto que se admite por se tratar de cartapácios de seu uso, enquanto fiel depositário da produção da academia. Para não falar na possibilidade de atribuição de obras suas a outros autores, caso que, verdadeiramente, não teria nada de estranho neste contexto, se pensarmos, por exemplo, na dificuldade que os investigadores da obra camoniana têm em fixar o *corpus* da obra lírica de Camões – um domínio da história literária a que António Álvares da Cunha não é estranho, como já tivemos a oportunidade de referir – ou no caso do estabelecimento do cânone da obra de António Barbosa Bacelar, como o prova o estudo de Mafalda Cunha¹⁷² sobre este autor.

Por outro lado, Costa e Silva¹⁷³ lamenta que D. António Álvares da Cunha, dadas as suas qualidades literárias observáveis na *linguagem pura, harmoniosa, e muitas vezes elegante*, não tivesse sido contemplado pelos “Editores do Postilhão de Apollo, e da Phenix Renascida” que quase nada publicaram *deste poeta tão acreditado, e elogiado dos seus contemporâneos, limitando-se à sua epístola, em tercetos, dirigida ao Conde de S. Vicente, João Nunes da Cunha*. Em que obras se ancora Costa e Silva

¹⁷¹ SILVA, José Maria da Costa – op. cit. pp 190 a 198.

¹⁷² CUNHA, Mafalda Ferin – op. cit. p. 39: “nas colectâneas e miscelâneas de poesia dos séculos XVI e XVII e XVIII muitos poemas surgem anónimos ou aparecem atribuídos a distintos autores”. E realça que António Barbosa Bacelar “disputa vários poemas, de acordo com dados recolhidos, com autores como D. Tomás de Noronha, Jerónimo Baía, Gregório de Matos, Duarte Ribeiro de Macedo e Francisco Vasconcelos, para referir apenas os mais significativos”.

¹⁷³ SILVA, José Maria da Costa – Idem.

para se exprimir nestes termos, relativamente a um poeta de seiscentos cuja obra poética, como afirma, estaria maioritariamente guardada na biblioteca de um convento que não resistiu ao terramoto de 1755? Seria um juízo feito apenas a partir do estreito *corpus* poético assinalado por Barbosa Machado? Ou, pelo contrário, o investigador tinha conhecimento de uma produção poética mais alargada sem, no entanto, a referenciar claramente, de maneira a permitir que a investigação dos séculos seguintes tivesse mais facilidades no estudo e fixação da obra de António Álvares da Cunha?

Barbosa Machado inventariou a obra do nosso académico sem fazer uma distinção clara entre prosa e poesia. De acordo com a sua descrição, D. António escreveu, para além da já referida *Rebellião de Ceylão*, o *Obelisco Portuguez Chronologico, Genealogico, e Panegyrico ao mais fausto dia, que em muitos seculos vio Lisboa no Baptismo da Serenissima Infanta D. Izabel Luiza Josepha*, Lisboa, por Antonio Crasbeek de Mello, 1669, e a *Campanha de Portugal pela Provincia do Alemtejo na primavera do anno de 1663, governando as Armas daquela Provincia D. Sancho Manuel Conde de Villaflor*. O autor da *Bibliotheca Lusitana* enumera ainda o *Certamen epithalamico publicado na Academia dos Generosos de Lisboa ao felicissimo Cazamento do sempre augusto, e invicto Monarcha D. Affonso VI*, Lisboa, por João da Costa, 1666; a *Carta a João Nunes da Cunha Conde de S. Vicente da Beira, e do Concelho de Estado delRey de Portugal quando foy eleito ViceRey da India*, obra que foi publicada em Lisboa, por Antonio Crasbeeck de Mello, sem data, e que viria a ser escolhida para figurar na *Fenix Renascida, ou obras poéticas dos maiores engenhos Portugueses*, tomo II, Lisboa: Off. Antonio Pedrozo Galvão: 1746, pp.262-288, cancioneiro que, juntamente com o *Postilhão de Apolo*, reúne o que os literatos do século XVIII consideravam relevante reter do século anterior, relativamente ao texto poético, em português. Destaca ainda a participação do nosso autor na coletânea de poemas impressa em 1648, a já referida primeira obra impressa com textos resultantes da atividade literária desenvolvida no quadro da *Academia dos Generosos*; a autoria de outro texto poético intitulado *Pira funebre que construe o Academico Ambicioso, e Secretario da Academia dos Generosos de Lisboa às saudosas memorias do Excellentissimo Senhor Luiz Alvares de Tavora*, e uma elegia larga saída no *Compendio Panegírico* do mesmo Marquez de Tavora, por Antonio Rodrigues Abreu, 1674. A concluir, informa ainda que muitos dos poemas transcritos na obra *Applauzos Academicos* seriam seus. Barbosa Machado inventaria, por último, um conjunto de manuscritos de temática genealógico-histórica, geográfica e cartográfica que estariam

depositados na livraria do Convento de S. Domingos: *Família dos Cunhas historiada*; *Famílias Ilustres de Portugal historiada*; *Arvores de Costados*; *Origem da Casa de Sylva deduzida até D. Guterre Alderete*; *Athlas Lusitano em que se descreve historica, e geograficamente o nosso Reyno, e a descendencia de seus Monarchas*; *Fortalezas da India expostas em Mappas*. A este rol de obras, conseguimos acrescentar um escasso conjunto de textos poéticos atribuídos ao académico *Ambicioso*, produzidos em contexto académico, enquadrados nas sessões para as quais foram elaborados e respeitando um assunto previamente dado. Alguns deles foram incluídos em miscelâneas.

Uma leitura atenta deste conjunto de obras mostrará que se relacionam, não só pelas suas temáticas, mas mesmo pelas circunstâncias em que terão sido elaboradas, com a atividade da academia de que foi secretário perpétuo. Podemos mesmo afirmar que, na sua globalidade, o que o académico *Ambicioso* produziu e publicou em seu nome está direta ou indiretamente ligado com a *Academia dos Generosos*. Ou porque o assunto é proposto no seio do próprio conclave, ou porque as personalidades tratadas nas obras são os seus pares académicos, ou ainda porque a temática se enquadra intrinsecamente na natureza da academia, nas suas duas fases iniciais, nomeadamente a abordagem de acontecimentos sociais relevantes, como uma batalha, ou ainda o nascimento, o casamento ou a morte de um príncipe. De acordo com o âmbito deste nosso trabalho, consideramos que este *corpus* é suficientemente significativo para ilustrar o perfil literário de um académico em contexto. De facto, o que nos propusemos fazer não foi a edição e o estudo da obra de D. António Álvares da Cunha – tarefa mais exigente em termos de tempo de pesquisa e de superação de dificuldades já enunciadas nos capítulos anteriores – mas sim consubstanciar o estudo de um caso suficientemente elucidativo de um par subvalorizado nos estudos literários portugueses de seiscentos: a academia e o académico.

Assim, o *corpus* que apresentamos para estudo neste capítulo cinge-se à métrica produzida por D. António Álvares da Cunha, para a qual propomos a divisão, segundo o seu objeto, em poesia de assunto académico, porque executada para ser lida no âmbito das atividades desenvolvidas por esta agremiação literária, de acordo com regras já enunciadas, e que inclui o anúncio de um certame literário; poesia panegírica, abrangendo a *Carta* transcrita na *Fenix* Renascida; e, por fim, poesia visual, de que é exemplo o poema acróstico, anagramático e labiríntico que aparece na edição de 1673, dos *Aplauzos Académicos*...

Sobre a qualidade literária intrínseca da obra do académico *Ambicioso*, podemos relembrar os juízos formulados por vozes diversas. Barbosa Machado¹⁷⁴ afirma que o nosso autor *teve grande inclinação para a Poesia compondo repentinamente muitos versos com grande affluencia, e suavidade como se foraõ por muito tempo meditados*. A referência à facilidade versificatória e ao talento para as letras, está também patente no *Dicionário Bibliográfico Português*,¹⁷⁵ em que podemos ler sobre António Álvares da Cunha: *é tido pelos críticos em conta de autor culto, e a sua linguagem é correcta, e adequada aos assumptos (...) nos poucos versos que d'elle nos restam, pensa com força e exprime-se com energia, sabe colorir as suas idéas, metrifica bem, e rima com facilidade*. Em sentido oposto, Costa e Silva¹⁷⁶ aponta-lhe imperfeições ao referir que o *maior defeito das suas poesias (...) está na demasiada estensão que lhe dá; parece que se persuade de que nunca tem dito bastante*. Não hesita, por fim, em sentenciar: *É bem que um poeta tenha fecundidade de idéas, e grande copia de expressões com que as enuncie, mas o abuso dos melhores dotes é também um grave defeito: a estensão de um poema deve regular-se pela importancia do assumpto, e ha nisto certa medida*. Ainda que estas sejam leituras superficiais da obra poética de António Álvares da Cunha, uma vez que não estão fundamentadas com exemplos, a verdade é que não podemos dissociar a crítica feita à produção literária do secretário perpétuo do contexto negativo que envolve as apreciações normalmente dirigidas ao trabalho literário desenvolvido no âmbito académico do século XVII português.

Regressando à catilinária que Luís António Verney lança sobre as obras dos académicos seiscentistas, na sua *Carta Sétima*, teremos de reconhecer que as acusações aí desferidas parecem aplicar-se à obra de António Álvares da Cunha. Também ele glosou temas propostos em sessões académicas, espaço privilegiado para aqueles poetas que *compõem antes de saberem o que devem dizer, e como o devem dizer; e que quando tem formado uma caraminhola em trajes de poesia, ficam muito satisfeitos*.¹⁷⁷ Recorreu abundantemente às divindades pagãs para representar e enaltecer as figuras inspiradoras dos seus textos, incorrendo no erro, segundo Verney, de *servir-se sem reflexão das divindades dos pagãos em toda a sorte de poemas sagrados e profanos, cuidando que, fazendo ao princípio a sólita protesta de que os nomeiam no estilo poético, tem feito a*

¹⁷⁴ MACHADO, Diogo Barbosa – op. cit. p. 200.

¹⁷⁵ SILVA, Inocêncio Francisco da – **Dicionário Bibliográfico Português**, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972, pp 84, 85.

¹⁷⁶ SILVA, José Maria da Costa – op. cit. pp.190 a 198.

¹⁷⁷ VERNEY, Luis António - op.cit. p.126.

sua obrigação.¹⁷⁸ E para cúmulo, jogou puerilmente com as palavras, através dos enigmas, labirintos, anagramas, acrósticos e tudo o mais que parece condenável na pena do famoso estrangeirado do século XVIII, inserindo-se assim no imenso grupo de *poetas tolos*.¹⁷⁹

Para Verney, os maus poetas são-no porque *lhes faltam dois principais requisitos: Critério e Retórica*. E clarifica: *chamo Critério a uma boa lógica natural exercitada na lição de bons autores. Retórica já se sabe que é a arte natural de persuadir, sem a qual não se pode ser bom poeta, a qual supõe Juízo e Critério. A simples proposição destes dois requisitos basta para atarantar estes poetas ordinários, os quais se riem de todo o coração quando ouvem dizer que, sem ter singular Retórica, não se pode ser bom poeta ou, ao menos, entender o artifício da poesia*.¹⁸⁰ É claro que a estética iluminista, com o predomínio da razão e da proporção, não comportava excessos e desvios da *boa lógica natural na lição de bons autores*. Lembremos que Verney critica também Emanuele Tesauro e Baltasar Gracián¹⁸¹, autores de importantes obras que representam codificações do discurso barroco, respetivamente *Cannocchiale aristotelico, ossia Idea dell'arguta et ingenua elocutione che serve a tutta l'Arte oratoria, lapidaria, et simbolica esaminata co' Principij del divino Aristotele* (1654); e *Agudeza y arte de ingenio* (1648).

O desenvolvimento da sociedade ocidental e os caminhos que a Arte, na sua globalidade, percorreu no século XX, bem como a evolução dos estudos literários, viriam a repor o interesse pelo período do Barroco e análises como as de José Antonio Maravall ou Aurora Egido – de que nos serviremos nos próximos capítulos – reposicionaram os termos com que poderá ser investigada esta época e estudada a sua literatura.

¹⁷⁸Idem, p. 139 E continua: *A verdade é que os poetas modernos são pródigos dessa mitologia. Se louvam uma mulher formosa, ocupam-se mais em descrever Helena ou Vénus, Leda ou Europa, do que a dita beleza. Se elogiam um herói, entra logo Mavorte e Alcides; e , pola maior parte , não saem daqui*.

¹⁷⁹Idem p. 129.

¹⁸⁰Idem, p. 141.

¹⁸¹Sobre Tesauro: *Com efeito, Tesauro (...) de quem se servem neste género de equívocos e agudezas, é insuportável, e tem sido o que arruinou muita gente que não pesa bem o que abraça*.

Sobre Gracián: *Li há uns anos um livrinho pequeno de um espanhol, que cuida era Gracián, e se intitulava 'Tratado de la Agudeza [y arte de ingenio]'. Lembro-me que o autor, no prólogo, desejava ao livro a boa fortuna de cair em mãos de quem o entendesse. Polos meus pecados, eu fui um dos que não se cansaram em entendê-lo, porque logo entendi que o livro não merecia que o lesse*.p. 137

Poesia de assunto académico

O estudo da poesia de D. António Álvares da Cunha não deve ser separado da problemática das academias seiscentistas. Pensamos que as páginas anteriores deste trabalho puderam deixar consolidada a ideia de que existe uma intrínseca relação entre a atividade intelectual desenvolvida pelo académico *Ambicioso* e a vida da *Academia dos Generosos* e, por essa razão, consideramos mesmo que estamos perante um caso exemplar. Nos textos que conseguimos coligir, a academia parece ser o cenário sem o qual, provavelmente, D. António não teria produzido obra poética – ou, pelo menos, não teria produzido *esta* obra poética. E mesmo a narrativa em prosa sobre a *Campanha pelo Alemtejo*, um relato histórico que se detém na descrição pormenorizada de movimentações de tropas, da vasta parafernália bélica e na evocação dos momentos decisivos da batalha do Ameixial, serve, afinal, o propósito de enaltecer uma figura académica, D. Sancho Manuel, conde de Villafior, não sendo, por isso, inteiramente despropositada – como à primeira vista poderia supor-se – a sua inclusão no volume de *Aplauzos Academicos*, na edição de Amsterdam, do ano de 1673.

A poesia de D. António, identificada claramente como assunto académico, é escassa, em comparação com a que conhecemos de outros académicos generosos, como Frei André de Cristo ou o Conde da Torre, de quem encontramos registado um número elevado de composições atribuídas. Se entre as muitas anónimas, conservadas nos manuscritos que pudemos consultar, algumas poderão ser da autoria do secretário perpétuo, só estudos mais sistemáticos e aprofundados o poderão dilucidar. Certo é que não havia uma grande preocupação com a preservação e identificação dos textos diretamente resultantes das sessões académicas, o que poderá justificar que o que sobreviveu até aos nossos dias seja parco e lacunar, como já vimos. Aurora Egido, referindo-se às condições que terão estado na origem destas academias, lembra, justamente, que o primado da oralidade se sobrepunha à escrita:

(...) en principio, la academia nació bajo el signo
de la conversación y encontró en el diálogo su mejor
cauce de comunicación. El fundamento platónico de la
'academia' propiamente dicha era claramente oral.¹⁸²

¹⁸²EGIDO, Aurora – *Fronteras de la poesía en el Barroco*, Madrid, Editorial Crítica, 1990, p.142.

Estas considerações parecem convergir com o que ponderávamos acima, explicando a razão por que muito do que se passava nos conclaves se terá irremediavelmente perdido. Ainda assim, no que respeita ao nosso académico podemos considerar que aquilo que deixou escrito e identificado é suficientemente significativo para que ensaiemos uma tentativa de recuperar para a atualidade a sua mundividência, o seu estilo e as motivações que terão presidido à criação da sua obra.

A mesma autora que citámos acima relembra que, no período a que se convencionou chamar Barroco, *poesía era, o pretendía ser casi tudo*¹⁸³ e, interpretando o pensamento de Baltasar Gracián – um dos expoentes máximos na fixação da estética barroca – relativamente à *Poética* de Aristóteles, acrescenta que *Gracián había aprendido de la Poética de Aristóteles que la historia se ocupa de lo particular y la filosofía y la poesía (vale decir la literatura), de lo universal*¹⁸⁴. Esta universalidade reconhecida à poesia, transposta para o período literário em questão, explica a abundância e a popularidade de textos em verso conservados nos manuscritos. Encontramos poemas escritos para figurarem na entrada de jardins, casas e bosques; assinalando acontecimentos sociais, nascimentos, batizados, casamentos; epitáfios destinados a celebrar momentos fúnebres; temas filosóficos, mitológicos, heroicos e uma infinidade de temas particulares mais ou menos tópicos ou *exquisitos*, como a brevidade da duração da rosa, a celebridade de um velho loureiro, um bicho de seda, uma dama concertando os cabelos a outra, um girassol na mão de uma dama, que ajudaram a desenhar a imagem da extravagante futilidade que anda indelevelmente associada a este período literário. Por isso, a imagem de *hidra bocal*, aplicada ao afã poético das academias, é particularmente feliz na sentença de Gracián¹⁸⁵:

*Es como hidra bocal una dicción, pues a más de
su propia significación, si la cortan o la transtuecan, de
cada sílaba renace una sutileza ingeniosa y de cada
acento un concepto.*

Parece-nos, pois, que a mais-valia aportada pelas academias é a oportunidade para a criação de uma corrente contínua de construção e prática de saberes, individuais e coletivos, no domínio da arte literária e da cultura humanística em geral, avivada pela chama interior que nunca se deveria extinguir – *Non Extinguitur* –, exercitada

¹⁸³Idem, p. 9.

¹⁸⁴GRACIÁN, Baltasar – op. cit. p. 13.

¹⁸⁵EGIDO – op.cit. p. 9 – Gracián – AGUDEZA, XXXI.

regularmente em tertúlias públicas ou privadas, mais ou menos regulamentadas, em que imperava um carácter dialogal entre os confrades. Algumas destas agremiações têm a sua atividade bem documentada, muitas deixaram apenas alguns registos escritos parciais e, por certo, muitas mais terão existido, sem que lhes tenha sobrevivido qualquer referência escrita. O académico *Synaita* confirma, na sua oração, o papel da academia e a qualidade essencial atribuída ao académico, ao sublinhar com clareza a sua condição de discípulo:

*Nam digo eu aos senhores cortezãos que sejam Platoens,
nem Mestres,mas de ser discípulo quem se pode liurar, se
quizer ser sabio?*¹⁸⁶

Esta condição aposta aos tertulianos permite considerar que, genericamente, a produção literária académica servia para aprender e ensaiar técnicas, conhecer e dominar as regras e os conceitos da arte da escrita e, em simultâneo, proporcionar ocasiões de deleite aos confrades e eventuais ouvintes das sessões. Assim, não será descabido encarar a ideia de que a maioria do produto das academias, publicado ou não, corresponde, *grosso modo*, a uma vertente da literatura efémera e utilitária, adequada para uma determinada circunstância, desprovida de interesse literário duradouro e carecendo de *ambición de perpetuidad*¹⁸⁷, nas palavras da investigadora que temos visto a citar.

A poesia de assunto académico, justamente pela sua condição de exercício literário executado por *discípulos*, ensaia, também, um largo espectro de formas. Lembremos o levantamento que fizemos no capítulo relativo ao combate académico. Para aquele certame de agradecimento pela nova aula da *Academia dos Generosos* foram propostas como formas poéticas a observar o soneto castelhano, as oitavas portuguesas ou italianas, a canção de cinco ramos e onze versos, a glosa portuguesa de mote e o romance castelhano de vinte coplas. Este é um exemplo expressivo das variedades formais e linguísticas propostas aos confrades para que exercitassem a sua verve e, dadas as muitas combinações possíveis, os resultados obtidos no desempenho desta tarefa não deverão ter sido assim tão insípidos ou enfadonhos, pelo menos para os próprios académicos. Até porque, como salientámos anteriormente, o carácter

¹⁸⁶ *Terpsichore na academia, Oraçam panegírica na academia dos GENEROSOS DE LISBOA, em Domingo Dezanove de Março de seiscentos e sessenta e dous.* p. 16.

¹⁸⁷ EGIDO, Aurora – op. cit. p. 156.

simbolicamente bélico associado a estes despiques retóricos, mais não fazia do que estimular as capacidades de cada um.

O conjunto de obras métricas atribuídas a D. António Álvares da Cunha produzidas no contexto coletivo que a academia representa compõe-se de nove poemas. Três retirados do manuscrito V. 215, da BACL, com o título *Poesias do seculo de 1600 Do uso de Fr. Vicente Salgado da congregação da Terc. Ordem*, que correspondem aos primórdios da *Academia dos Generosos* e que se encontram também reproduzidos também no manuscrito 51-II-24, na BA; três retirados do manuscrito 5864, da BNP, que já tivemos a oportunidade de tratar e de identificar como um exemplar suficientemente elucidativo do modo como se desenrolava o ritual das sessões académicas dos *Generosos*, nos anos de 1660 e 1661; e mais três, de natureza distinta dos anteriores, uma vez que se destinaram a celebrar o nascimento do príncipe que viria a ser o futuro rei D. Pedro II, e que foram publicados no livro impresso *Varios Versos ao Felix Nascimento do Sereníssimo Infante Dom Pedro Manuel*, no ano de 1648.

Estes três últimos textos fazem parte de uma manifestação de caráter público, uma vez que se trata de comemorar um acontecimento exterior à própria academia. Desconhecemos as condições em que foram lidos, mas certamente significariam algo diferente na vida académica dos *Generosos*, até porque tiveram vida impressa, ao contrário das sessões regulares, de temática particular e privada. E, se regressarmos ao estudo de Aurora Egido, confirmamos para as academias espanholas seiscentistas situação semelhante, pelo que não será descabido concluir pela criação duma liturgia específica para este tipo de conclave, que não seria o único ao longo da primeira fase da *Academia dos Generosos*:

(...) hay que distinguir entre la conversación, el debate o el discurso privado en seno de las reuniones periódicas de los contertulios, y el certamen, la justa, el vejamen o la ‘academia’ pública. (...) Es entonces cuando la academia sale de sí misma, se abre a más amplo auditorio y recobra todos los signos de la teatralidad.¹⁸⁸

De facto, tais circunstâncias poderiam ter-se verificado com mais ou menos aparato, mais ou menos público, ou mais ou menos teatralidade. Até porque se tratava

¹⁸⁸ EGIDO, op. cit. pp. 149- 150.

de dar a conhecer publicamente uma academia e uma insígnia acabadas de nascer também.

Cada um dos três poemas está escrito numa língua diferente – o português, o castelhano e o italiano – porém, o conteúdo é o mesmo: saudar a chegada do novo príncipe que garantirá com mais segurança a descendência da casa de Bragança. Lembremos que D. Pedro era o terceiro na linha sucessória de D. João IV, mas, na verdade, com a morte de D. Teodósio e com os problemas de saúde do príncipe D. Afonso, segundo filho de D. João IV e de Dona Luísa de Gusmão, a importância do nascimento de um príncipe robusto e saudável acabava por ser um acontecimento muito relevante para a coroa portuguesa, que necessitava de se afirmar não só perante as cortes europeias, mas no próprio país. O soneto português destaca a superioridade do recém-nascido, para a qual contribuiu o céu inteiro:

*Senhor, para que nasça vossa Alteza
Não pode ser que estrela só domine
Ajuntese o Ceo todo, & vos destine
Para Alcides de toda a redondeza.*

O soneto castelhano lembra as razões acrescidas de alegria e júbilo pelo nascimento desta criança:

*Señor, porque se acabem los temores,
Nace en confirmacion de las mercedes,
Crece, porque veamos lo que excedes,
Com tus merecimientos los favores*

O madrigal italiano retoma a excelência do novo príncipe, uma recompensa para o reino naqueles tempos tão conturbados de consolidação política da casa de Bragança como legítima herdeira do trono de Portugal:

*Nacque bambin gia grande,
Perche a tanta alegrezza
Ragion è che grandezza
Per ricompensa a noi il cielo mande.
E com tanto potere il tuo destino
Che si vegia un gigante un bambino*

O registo em três línguas diferentes deixa claro que estamos diante de um literato ainda jovem, senhor não só de uma cultura humanística e linguística

consideráveis, mas também perante alguém que gosta de exhibir estes dotes em público de forma garbosa e inequívoca. O que se verificará igualmente na restante obra coligida, alguma dela de uma extensão considerável. Esse estilo copioso mereceu mesmo aquele comentário menos gracioso de Costa e Silva sobre o prejuízo que tal dimensão causou à imagem literária do nosso académico.

Detenhamo-nos nas obras métricas produzidas para as palestras regulares. Reportando-nos à descrição que fizemos dos manuscritos onde se inserem, podemos constatar pelos títulos ter sido o tema do amor recorrentemente tratado nas sessões da *Academia dos Generosos*. E tal não é de admirar, se pensarmos na sua importância para a busca da harmonia e da perfeição do homem de todas as épocas, estando, pois, em consonância com a ocupação útil dos tempos de ócio, um objetivo a que as sessões académicas corresponderiam na vida de aristocratas e cortesãos que desempenhavam cargos relevantes na corte. É certo que a corte portuguesa dos Bragança estava afastada dos grandes centros culturais europeus, mas as suas grandes figuras não se encontrariam totalmente isoladas, pois sofriam influências através das amizades que alimentavam no estrangeiro com outros cortesãos e nobres, faziam viagens, por iniciativa própria ou no cumprimento de missões diplomáticas em representação da coroa portuguesa nas cortes europeias – como, por exemplo, D. António de Sousa Macedo, o académico *Aonio*, secretário de estado e diplomata célebre do período da Restauração – e possuíam uma vasta cultura humanística, pelo que seria quase impossível desconhecerem obras destinadas a promover a formação do perfeito cortesão a guiá-lo na condução da sua vida pública e privada, de modo a que pudesse atingir a felicidade, como *El cortesano*¹⁸⁹, de Baldassare Castiglione, cuja primeira edição italiana fora publicada em 1528, e que teve uma difusão maciça por toda a Europa, ao longo do século XVI, com sucessivas reimpressões e traduções em diferentes línguas, a começar pela que foi realizada por Juan Boscán em 1534, a instâncias de Garcilaso de la Vega.

Com efeito, a influência desta obra parece bem evidenciada no primeiro soneto da miscelânea de Frei Vicente Salgado, que surge como resposta do académico *Ambicioso* ao assunto *A hum amante que dormio deante de sua dama*, incluído na que será a primeira sessão académica registada da *Academia dos Generosos*, sem data, identificada apenas com o título *Verços da academia em que prezedio Dom Affonso de Menezes*. Sessão em que intervieram também Manuel de Mello, Antonio Corvinel da

¹⁸⁹Servimo-nos, neste trabalho, duma edição que oferece o texto da tradução castelhana realizada por Juan Boscán: CASTIGLIONE, Baldassare – **El cortesano**, Madrid, Catedra Letras Universales, 2003.

Gama, San Martin, Antonio de Miranda, Bartholomeu de Vasconcellos, Leonor da Encarnação e João Roiz de Sousa, cujas obras poéticas encontrámos igualmente registadas, para além de outras sem indicação de autor.

No soneto, o nosso académico retrata os árduos, exigentes e, por vezes, inatingíveis caminhos que levam ao verdadeiro amor que Pietro Bembo, personagem interveniente nos diálogos fixados por Castiglione e figura relevante das letras italianas, expõe aos seus ouvintes, no *Livro Quarto* da obra. D. António glosou o assunto substituindo a palavra *amante* pelo nome próprio Fábio. O soneto é preenchido com uma breve narrativa: Fábio encontra-se num estado de contemplação, quando, surpreendido por um *sueño cruel* – a sua própria tristeza – se esforça por permanecer fiel ao estado contemplativo, absorto na *belleza mayor que pode ser lo imaginado*, considerando que o que os olhos físicos veem são apenas o *despojo* de uma *conquista* sublime, a Beleza perfeita, sem nenhum dos defeitos que é sempre possível encontrar na beleza física. Nem o verdadeiro amor, nem a fé nesse amor necessitam da visão dos sentidos corpóreos para se manifestarem em cada um na sua plenitude, conforme Castiglione afirma pela boca de citado Pietro Bembo: *la alma (...) llega a estar ciega para las cosas terrenales y con grandes ojos para las celestiales*¹⁹⁰:

*Fabio mirando estava la belleza
mayor que puede ser lo imaginado
y entregue todo al bien de su cuidado
solo atiende al querer de su firmeza*

*Dexava se llevar de la fineza
de ver existir aqui lo mas pagado
quando sueño cruel arrebatado
la dicha le troco por su tristeza*

*Pero Fabio como ve que de su dueño
no le pueden quitar adoraciones
dixo siendo despojo a la conquista*

*No importa no que me perturbes sueño
se me hurtas el ver a las paçiones
ojos no tiene amor ny la fe vista*

Do ponto de vista semântico, o académico *Ambicioso* procedeu, na verdade, a um desvio no tratamento do assunto proposto, aparentemente chocarreiro e cómico,

¹⁹⁰ Idem, p. 529.

propondo uma leitura inesperada para um leitor contemporâneo. Fábio representa o cortesão determinado em aprender o caminho de acesso ao Amor puro e à Beleza inalterável. Aprendizagem delicada, não só pelo desprendimento físico que implica, mas porque algo o perturba objetivamente, o sonho *cruel*. Contudo, pela persistência e força de vontade que a personagem manifesta, tal caminho ascético será bem sucedido, não só pelo desejo de vencer – *no importa no que me perturbes sueño* – mas também pelo conhecimento antecipado dos escolhos que terá de ultrapassar, possibilitado pelo saber teórico que tem quanto às exigências impostas por essa forma sublime de amar.

Se nos detivermos nos ensinamentos de Castiglione, podemos facilmente identificar os passos necessários para chegar à fruição da beleza suprema, a beleza da alma, que desperta o amor espiritual que Fábio procura. O amor libertado da falsa conceção que dele tem o *loco y profano vulgo*.¹⁹¹ Com efeito, o assunto proposto para exercício dos académicos adquire aqui um novo sentido, à luz dos exemplos citados, posto que a beleza da dama, diante de quem o amante se deixa dormir, não passa de uma beleza efémera, corruptível pelo tempo, causadora de tristezas e desenganos, a que o homem experimentado – ao contrário do jovem e imaturo que anseia apenas o imediato – deve saber fugir. Na realidade, o homem culto e sábio que seria o académico estaria em condições de viver o ideal proposto por Bembo:

*Por eso, quando viere a alguna mujer hermosa, graciosa, de buenas costumbres y de gentil arte y tal, en fin, que él como hombre experimentado en amores conozca ser ella aparejada para enamoralle, luego a la hora que cayere en la cuenta y viere que sus ojos arrebatan aquella figura (...) debe luego proveer en ello con presto remedio, despertando la razón y fortaleciendo con ella la fortaleza del alma (...). Y para esto ha de considerar primero que el cuerpo donde aquella hermosura resplandece no es la fuente de donde ella nace, sino que la hermosura, por ser una cosa sin cuerpo y (como hemos dicho) un rayo divio, pierde mucho de su valor hallándose envuelta caída en aquel sujeto vil y corruptible, y que tanto más es perfeta cuanto menos dél participa y, si dél se aparta del todo, es perfetísima.*¹⁹²

Atentemos agora no segundo soneto e no epigrama que fazem parte da primeira sessão académica do ano de 1648, *Verços de Academia em o primeiro de Janeiro de 1648 em que prezide D. Antonio de Menezes*. Uma sessão que contou também com os

¹⁹¹ Idem, p. 520.

¹⁹² Idem, p. 521.

contributos poéticos do académico Queixoso, de João Roiz de Sousa, Guilherme Conquiery, Antonio Corvinel da Gama, Manuel de Mello, Bartholomeu Vasconcellos, D. Brás Nunes Manhas, Antonio de Miranda Henriques, o *Incuberto* e Antonio de Mello e Castro. O assunto glosado por D. António foi *a hum amante astrologo levantando figura a sua dama*. No manuscrito da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa o soneto está titulado *a hum astrologo q levantou figura a Clori*. D. António reveste com nomes próprios o astrólogo e a dama, Lício e Clori. Lício pretendia fazer uso dos seus conhecimentos de astrologia para desenhar o mapa astrológico onde revelaria o futuro da amada, levantar *figura a sua dama*, mas seriam poucos os seus conhecimentos da arte de ler os céus e poucas as suas capacidades retóricas. O poeta desvenda, ao longo do soneto, as fraquezas de Lício, terminando por desculpar-lhe a ignorância por não conhecer o lugar que o sol e as estrelas ocupam no céu e a consequente incapacidade para ler nos astros o destino de Clori.

*Licio buscar a Clori la influencia
debaxo de tu docta astrologia
fue faltar de tu fee la bizarria
com lo falible de una facil siençia*

*Pienças allar la celestial esencia
sujeta a aquel destino o cortezia
del Astro quando su soberania
esprimenta del hado la obediencia*

*Ni pienças Licio tal que fue devida
obligacion que ha hecho tu juizio
buscar a Clori entre las luzes bellas*

*que como todas della tienen vida
no te pueden culpar discreto Licio
pedir cuenta del sol a las estrellas.*

Comparativamente com o anterior, este soneto centra-se também na figura do amante, agora um astrólogo, e apresenta-nos o retrato de alguém que, através da palavra eloquente, pretende conquistar a Beleza suprema, etérea, grandiosa e fulgurante, a mesma do soneto anterior, mas tal desejo não é concretizado devido às limitações que o poeta lhe reconhece e que serão reiteradas no *epigrama a lo mismo*:

*Grande culpa he serto Licio
buscar a Clori o destino
quando sabeis q al divino
naó comprende o precipiçio*

*Disculpanos Clori bella
que podeis em conciencia
não lhe buscar a influencia
mas porem buscarlhe a estrella.*

Que limitações serão estas? Estarão ao nível dos conhecimentos científicos ou retóricos que Lício não possui, sem que tenha consciência plena dessa sua fraqueza? Ou, antes, ao nível do conhecimento perfeito de si mesmo e do caminho que deve seguir para alcançar a sabedoria? Lício recorre à ajuda dos céus para atingir o seu objetivo – *Licio buscar a Clori la influencia/ debaxo de tu docta astrologia* –, mas pede-o às estrelas, opostas ao astro-rei pela lei natural dos dias e das noites – *buscar a Clori entre las luzes bellas*. Um pedido equivocado, portanto, uma vez que é impossível dar um rosto à estrela que brilha mais, ou seja, a Clori, nome que aqui designa o amor espiritual – *buscar a Clori o destino/ quando sabeis que al divino/ não comprende o precipiçio* – pelo que de nada lhe servirá consultar as outras estrelas, simplesmente porque elas não existem na realidade, são meras sombras dela. Só a sabedoria adquirida com o tempo e a experiência, que Lício por agora não tem, poderá indicar-lhe esse percurso em direção ao conhecimento superior do verdadeiro Amor e descobri-lo no seu íntimo, com os olhos da alma. E a condescendência com que o poeta encerra os dois textos, juntamente com o epíteto *discreto* associado ao nome Lício, revelam a ingenuidade que se lamenta no homem mais novo, mas que seria intolerável num homem mais velho:

*Digo, pues, que considerado que nuestra naturaleza en los hombres mozos es muy inclinada a la sensualidade, se puede bien sufrir al cortesano que en su mocedad ame sensualmente; pero si después en los años ya más maduros a caso se enamorare, debe tener gran cautela y estar mucho sobre aviso de no engañarse y há de guardarse de caer en aquellas desventuras y congoxas que en los mozos merecen más aina ser lloradas que reprehendidas y en los viejos mucho más ser reprehendidas que lloradas.*¹⁹³

Notemos que estes textos, que foram compostos ainda na juventude de D. António – teria 22 anos quando os compôs – e respondem a uma solicitação académica,

¹⁹³ Idem, p. 521.

terão pretendido ir mais longe do que o mero exercício retórico. No seu rebuscado concetismo, eles poderão ser encarados como uma forma de ostentação em que o autor quis revelar um conhecimento aprofundado das correntes de pensamento e das visões do homem e do mundo inauguradas no Renascimento – a que o Maneirismo e o Barroco viriam acrescentar cambiantes muito significativos, recorrentemente apontados na vulgata associada ao conhecimento destes dois períodos literários — que se conjugam na perfeição com o perfil individual e o percurso de vida de D. António Álvares da Cunha, como já tivemos oportunidade de referir nos capítulos anteriores.

Vejamos agora os poemas que transcrevemos, retirados do manuscrito 5864 da BNP, e que desconhecemos se foram copiados para outras coletâneas, à semelhança dos anteriores. Foram escritos, igualmente, como resposta a reptos académicos lançados nas sessões realizadas entre 1660 e 1661, correspondendo, pois, a uma fase mais adulta da vida do académico *Ambicioso*. O primeiro texto, formado por quatro décimas, em que o último verso de cada estrofe repete cada um dos versos do mote – *Aunq escrivi mis querellas/ en los celestes zafiros/ la causa de mis suspiros/ la ignoram las estrellas* – foi glosado também pelos académicos João Nunes da Cunha, Francisco de Faria Correia, António da Fonseca Soares e Conde da Torre. Sem pretendermos explorar em profundidade as obras destes confrades de D. António, retomaremos a primeira décima, já reproduzida neste trabalho com que cada um deles contribuiu para a sessão. Lembremos que as propostas eram lançadas pelo presidente de cada sessão académica, dando assim tempo para que os participantes pudessem refletir e elaborar os seus contributos poéticos, não sendo, com certeza, trabalhos feitos na base do improviso e do repentismo – que, com certeza, não estaria ausente por completo da vida académica portuguesa de seiscentos –, o que parece contrariar, em parte, a afirmação de Barbosa Machado de que D. António *teve grande inclinação para a Poesia compondo repentinamente muitos versos com grande affluencia, e suavidade como se fora por muito tempo meditados*.¹⁹⁴

Recordemos, então, a primeira estrofe daqueles autores¹⁹⁵, que dialogaram com o nosso académico acerca do assunto proposto, para podermos exemplificar, em contexto, a variedade e simultaneamente a unidade que representaria o resultado das respostas a este tipo de desafios no seio da academia e, também, para confirmarmos o quanto de competitivo, lúdico e puramente formal tais textos representam, uma vez que

¹⁹⁴ MACHADO, Diogo Barbosa, op. cit. p. 199.

¹⁹⁵ Em anexo reproduziremos a totalidade destes textos.

correspondem à réplica que cada um dos académicos deu a um desafio lançado, pelo que neles está ausente qualquer indício de drama interior, concentrando-se os autores em provar as capacidades retóricas individuais num exercício verbal suscitado pelo tratamento de uma temática paradoxal tão cara à época em que viveram como é esta do revelar escondendo, ou do esconder revelando.

D. António Álvares da Cunha tratou o assunto a partir de um ângulo filosófico e abstrato, descrevendo um sujeito poético enredado em si mesmo, consciente de o seu sofrimento é obra do destino:

*Diversos effectos hazem
mis cuidados, y mis penas
aunq mis duras cadenas
de aquellos cuidados nascem:
porq estes se satisfazem
com mi silencio sy agnellas
com mis gemidos; pues dellas
y dellos, se bon los hados
q' aunq sō soy mis cuidados
aunq escrivi mis querellas.
(...)*

Já D. João Nunes da Cunha escolheu ensaiar uma breve explicação que justificasse o facto de o sujeito poético ocultar o seu amor:

*Fenix sy mi adoraçion
ocultar al pecho intento
como publico elemento
da pena del coraçon
no es ofensa, fue razon
discubrir estan sentellas
porq' vean las estrellas
q'en tanto fuego abrazado
no se lee mi cuidado
aunq escreui mis querellas
(...)*

D. Francisco de Faria Correa salienta a dor de amar e o alívio que o céu pode trazer, sublinhando que o sujeito poético não tem gosto em sofrer:

*Forçoso aliuiio al dolor
el cielo piedozo ordena
y para descreuir la pena*

*liçençia cançado Amor
en mis penas mi valor
no culpa la cauza dellas
y aunq siento el padeçellas
no embidio ajenas venturas
ni estimo mis desventuras
aunq escreui mis querellas
(...)*

E António da Fonseca Soares, ou Frei António das Chagas, prefere superlativar a deusa do amor, a mais bela, que ignora o sujeito poético, pelo que este deve saber calar o sofrimento:

*La deydad mas bella adoro
y bien q' este amor reprimo
vos del alma es quanto gimo
tinta de amor quando llo
assi le escrivo, y le imploro
piedad a sus luzes bellas;
mas como no me oyon ellas
buduo(?) morir de calado
aunq' ausente mi cuidado
aun' escriui mis querellas
(...)*

Por seu lado, o conde da Torre salienta a persistência do sujeito poético no sentimento amoroso, apesar de todos os esforços que faz para lhe pôr termo:

*Siempre el amor offrecido
siempre el amor conçagrado
quando ofendido obligado
quando obligado ofendido:
nunqua ya mas attreuido
exclamando a las estrelas
quando ingrata me atropellas
me senti para dexarte
aunq' propuse olvidarte
aunq' escrui mis querellas
(...)*

O conteúdo de todas estas décimas gira à volta das contradições em que o sujeito poético vive, ele próprio autor e ator do drama interior que representa. A diversidade lexical que concretiza o gosto pelo cultismo, os jogos com os sentidos das palavras, para

além dos paradoxos reiterados ao longo de todos estes exemplos, como variantes do dizer ou calar, em que se desenvolve a estética concetista, concedem a todas estas composições uma aparente densidade emotiva conforme com a estética exuberante que o Barroco também representa. No entanto, essa emoção é totalmente fingida, desprovida do sentimento que confere essência e verdade à arte poética. Mas poderíamos dizer que se trata de um fingimento honesto, visto que todos sabiam o motivo que estava na origem daquelas obras, não se esperando mais nada daqueles poetas fingidores que Verney apelidaria de *poetas tolos*.

Ainda sob o signo do Amor, encontramos o segundo texto plasmado neste manuscrito, um soneto ao assunto *Apartouse hum amante de sua amada achando em sua fermosura os mayores desenganos*. Foi também glosado por João Rois de Sousa, Dom Francisco de Sousa, Frei André de Cristo, António da Fonseca Soares, Francisco de Faria Correa, Francisco de Azevedo, Francisco Mascarenhas Henriques, João Nunes da Cunha, Dom João de Figueroa e Luis de Miranda Henriques. Se compararmos esta composição com as anteriores que constam no livro de Frei Vicente Salgado, verificamos que o tema adquire aqui uma vertente diferente, contraposta ao Amor neoplatónico que aquelas composições configuravam. Estamos aqui perante um exemplo do Amor visto como causador de grandes males e sofrimentos, que Aguiar e Silva descreve como *uma paixão tormentosa gerada na escuridão da alma sensitiva, sob a influência maligna de Marte que entra em conflito com a vida intelectual (...) e cujo poder destruidor conduz muitas vezes à morte da alma*.¹⁹⁶

Para explicar os enganos e desenganos amorosos, agora já não experimentados por um Fábio ou um Lício, mas por um *eu* que vê em Licina a causa do seu sofrimento atual, fruto das ilusões do amor, o sujeito poético vai identificando, ao longo do soneto, as diferentes fases que o conduziram ao estado de prostração em que se encontra:

*Oy viendote Licina aquel engano
moderador de tanto sentimento
dexo de ser engano e fase escarmiento
y luego de escarmiento desengano*

*No porque viesse tanto bien estanho
Cezalaua la pena el sufrimiento
q' en tan dichoza offensa el pensamiento
com tu beleza intereua el dano.*

¹⁹⁶ SILVA, Vitor Manuel Aguiar e de – **Camões: Labirintos e Fascínios**, Lisboa, Cotovia, 1999, p. 165.

*y esta beleza q' a mi amor ha sido
he chizo dulce, y alaguena suerte
q' a tus pies encantaua mi sentido.*

*Llama me fue q' yo Licina, al uerte
com escarmientos de un continuo oluido
pudo deenganarme el mercerte*

No final, acaba por admitir que só quando a chama que o consumia se apagou pôde encontrar no esquecimento algum consolo.

No terceiro texto, *assunto académico* glosado por Antonio da Fonseca Soares, e um autor anónimo, à volta do mote: *Blanca en prisiones padeceo/ y anda en ellas tan igual/ q' los rigores del mal/ por lo q' quiere apetece*, o poeta tece considerações sobre os escolhos amorosos a que está sujeita uma dama e as contradições que este sentimento encerra. Atentemos na primeira das estrofes:

*Blanca a quien Amor y el hado
atta a diversas cadenas
siente dudosa las penas
de um rigor, y de un cuidado
siente aquel mal dilatando
mas si su fineza crece
luego el sentir apetece
com q' en contrarias passiones
Blanca se alegra en prisiones
Blanca en prisiones padece.*

O amor é representado como algo que dói, mas que se deseja, que aprisiona e que liberta, dando azo a uma contradição permanente e insolúvel. Retoma-se, pois, aqui um tema cantado vezes sem conta por expoentes máximos da literatura universal, cujos exemplos maiores do Maneirismo e do Barroco, como Tasso ou Camões, eram explicados, estudados e copiados nas academias seiscentistas. Seria natural, neste quadro de formação literária assente numa pedagogia da imitação, que um tema como este fosse glosado, não porque se tratasse de sentir e viver, mas tão só com o objetivo de competir e exercitar as capacidades linguísticas e retóricas de cada um. E D. António sabia explorar essas tensões, o que fica ostensivamente manifesto tanto no domínio

semântico como na forma, comprovando que era conhecedor da realidade estética que o envolvia e não um simples versejador.

Anúncio do certame

O anúncio literário denominado *Certamen Epithalamico ao Felicissimo Cazamento de D. Affonso VI com a Princeza D. Maria Francisca Isabel* foi publicado em setembro do ano de 1666 e, como o título indica, destinava-se a divulgar a realização de um concurso literário na *Academia dos Generosos*, para celebrar o consórcio de D. Afonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Saboia, acontecido meses antes. Inseria-se, com certeza, nas manifestações públicas de júbilo e louvor, habituais em momentos festivos vividos na corte, muito úteis, aliás, nas circunstâncias políticas de então, para comprovar a vitalidade e a popularidade do novo poder instituído em Portugal, numa lógica mais alargada de consolidação da legitimidade da casa de Bragança para ocupar o trono. Por outro lado, a realização dum concurso literário a pretexto do júbilo nacional com o matrimónio real oferecia à academia uma oportunidade de ouro para exhibir publicamente as competências trabalhadas nas sessões de carácter privado, que se iam realizando com alguma regularidade, e brilhar numa cidade – sinédoque de uma nação – que se desejava harmoniosa e afortunada. No fundo, a academia, através desta manifestação pública, revelava-se na sua condição de elemento constitutivo da cidade barroca, de que José Antonio Maravall nos deixou o retrato:

*En la ciudad barroca se levantan templos y palacios, se organizan fiestas y se montan deslumbradores fuegos de artificio. Los arcos de triunfo, los catafalcos para honras fúnebres, los cortejos espectaculares, ¿donde se contemplan, sino en la gran ciudad? En ella existen academias, se celebran certámenes, circulan hojas volantes, pasquines, libelos, que se escriben contra el poder o que el poder inspira.*¹⁹⁷

A leitura dos paratextos que acompanham este anúncio confirma o lugar na escala social ocupado por D. António Álvares da Cunha, seu autor e representante mais impressivo da *Academia dos Generosos* e patenteia, simultaneamente, a vontade do secretário perpétuo de que este anúncio fosse conhecido da cidade, através da sua

¹⁹⁷ MARAVALL, José Antonio - op. cit. p. 267.

divulgação impressa. E não só conhecido, mas também apadrinhado pela figura cimeira no xadrez político da época, D. Luis de Vasconcellos e Sousa, conde de Castelo Melhor:

Este Certamen, que he o campo em que hão de contender os engenhos Portugueses (aplaudindo tanta felicidade nossa) se entrega a V. Ex.^a pera o segurar; cuja prudencia costumada a sossegar as turbulencias dos Marciaes conflictos, não fará muito em aquietar as controversias das Apollineas contendidas, pera que todos confiados, possam entrar nesta batalha, seguros de que lhes não falte o premio merecido, como a experiencia tem mostrado, nos que por instantes reparte por conselho de V. Ex.^a a liberal mão do nosso sempre Invicto, Felix, e Poderoso Monarcha.

Os objetivos enunciados deixam entrever um certame não circunscrito aos académicos *Generosos*, mas aberto à cidade, suficientemente sério, certificado e aprovado, para que quem nele participasse tivesse a certeza de que o resultado seria isento e justo. A censura do anúncio foi feita por Diogo Marchão Themudo, desembargador da Casa da Suplicação, o qual considera ser obra digna de ser impressa. A maneira como o censor se refere ao secretário perpétuo evidencia o quanto o nome académico escolhido por D. António está em consonância com traços de personalidade reconhecidos por quem com ele convivia:

Li este Certame Epithalamico, que na Academia dos Generosos de Lisboa publica o mais ambicioso Académico; he questão digna de sahir a luz, porque o assumpto della a faz louvavel, a ambição do seu Author a facilita, & a protecção do seu Mecenas a defende; servem os Certames de lauréolas aos engenhos, & roubalhe a gloria quem lhe tira a occasião de luzir. He meu parecer, que esta contenda se logre, porque experimente o Academico ambicioso, que assim como soube formar a Palestra, pera os Contentores afiarem as penas, ellas lhe servão de tanto ornato, que seja satisfeito o seu trabalho na gloria que hão de acquirir, & na memoria que de nossas felicidades haõ de eternizar.

O texto do anúncio do certame, uma extensa silva, parodia o episódio mitológico do *Consílio dos Deuses* em *Os Lusíadas*, de Camões. Entenda-se a palavra paródia não

no sentido mais vulgar – imitação cómica e satírica, significado que começou a ser-lhe associado já a partir do século XVIII –, mas enquanto apropriação rigorosa de um texto sobejamente conhecido cuja essência foi adaptada a uma nova situação, neste caso, a realização do certame, de acordo com o valor e as características que foram destacados nos estudos de teoria literária levados a cabo por Gerard Genette, em *Palimpsestes*¹⁹⁸, e Linda Hutcheon, em *A Theory of Parody*¹⁹⁹. O trabalho elaborado por António Álvares da Cunha constitui uma imitação humilde, ainda que ambiciosa no conteúdo, pois são os deuses do Olimpo, à semelhança do que acontece no texto épico camoniano, quem decidirá sobre a realização e o sucesso deste acontecimento, cabendo-lhes, neste caso, a responsabilidade de impor as regras, indicar os prémios e determinar o lugar onde ocorrerá a contenda. Uma imitação humilde, ainda assim, porque, efetivamente, correspondia a um exercício semelhante aos exercícios académicos, tantas vezes ensaiados nas tertúlias, sem apresentar qualquer tipo de crítica do modelo parodiado e sobejamente conhecido, não fazendo mais do que adaptá-lo agora ao objetivo nobre de atrair os poetas da corte, a fim de darem o seu contributo para a celebração do casamento real.

O texto relata as movimentações no Olimpo para que tal certame se realize. O proponente é o deus Apolo, protetor das Academias, a quem o autor se refere através de uma longa perífrase:

*Aquelle Deos intonso,*²⁰⁰
Brilhante habitador da Esfera
Por cuja mão do tempo o tempo corre,
E sem nunca morrer por dias morre:
Aquelle que rubrica
Do Inverno, Outono, Estio, & Primavera,
O tempo que lhe fica,
Aquelle que nascido
Entre as ondas ceruleas de Neptuno,
De muito melhor Concha produzido
Que a Deosa inveja da ciosa Iunos,

¹⁹⁸ GENETTE, Gerard - **Palimpsestes la littérature au second degré**, Paris: Editions du Seuil, D.L.1992.

¹⁹⁹ HUTCHEON, Linda - **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**; trad. de Teresa Louro Pérez, Lisboa, Edições 70, 1989.

²⁰⁰ Assim no original.

O mensageiro será Mercúrio, o deus que *calsa alígeros talaes*, a cujo apelo todos os deuses convocados respondem, partindo felizes para a magna reunião. Partir, em tais circunstâncias, corresponde ao imediato chegar, pois, afinal, todos habitam o céu:

*Deixando os patrios lares
Da parte mais sabida, ou mais estranha
Sem dar o mesmo tempo ao tempo espera;
Partiam satisfeitos, & contentes,
E penetrando o globo de diamante
Naquele mesmo instante
Que partiram chegaram.*

Depois de se acomodarem nos seus lugares, de acordo com a hierarquia, mas em grande confusão, Apolo ordena que o universo pare – *o eyxo universal de polo, a polo,/ deteve o veloz curso* – e inicia a sessão sob o ouvido atento de todos os presentes. À imitação do que ocorre em *Os Lusíadas*, D. António introduz, em discurso direto, a fala de Apolo que, após um introito em que refere as qualidades dos reis portugueses que dilataram o império, descreve a chegada de Maria Francisca de Saboia a Lisboa, em condições tais que despertavam nos próprios deuses sentimentos de inveja:

*Vé nas prayas do Tejo,
A delicia do Sena
Velocino melhor em melhor Argos
Fermosura limites de desejo
Das escumas do Dora produzida,
Enveja sempre â triumphadora d’Ida.
Esta em tudo excelente*

E, antecipando para os esposos as maiores felicidades, propõe a realização dum certame:

*Nesta minha celeste Academia
Donde em melhor Parnazo,
E correm pelas veas cristalinas
Néctar, & Ambrozia as aguas Cabalinas,
Hum Certamen publico;*

No entusiasmo com que se dirige aos seus pares, Apolo parece ter esquecido o ser supremo que preside à academia celestial, de cuja autorização depende a realização do certame, mas só momentaneamente, pois inclina a cabeça para reverenciar Júpiter, recolocando assim a ordem natural dos céus:

*E inclinando a cabeça reverente
A Iupiter potente,
Prosseguio; com licença
Vossa, ô supremo Rey deste Emisferio
A todos notifico
Pera que o mundo veja a diferença*

Terminando a intervenção, tem a preocupação de salientar o tom que deverá presidir à realização dos trabalhos:

*Que aos assuntos propostos
(Em tantos gerais gostos)
Satisfação, Suaves,
Eruditos, Galantes, Sabios, Graves.*

Uma variedade de tons adequada a contemplar todos os estilos e a satisfazer todos os gostos: ou heroico e filosófico, correspondendo ao tom grave, erudito e sábio; ou apazível e singelo, de acordo com a convivialidade íntima dos salões onde imperava a suave galanteria. Como sucede em *Os Lusíadas*, a decisão anunciada não foi consensual e a controvérsia instalou-se. A oponente, Juno, ajudada pelos deuses do mar e do bródio, tenta impedir *de Apollo a fantezia*, enquanto a *Deosa gentil da fermosura/ da Lusitana gente* põe em obra tudo que está ao seu alcance para que o desejo de Apolo se concretize. Quem dá o veredito final, de modo a encerrar a controvérsia, é Júpiter, naturalmente. Mas um Júpiter que se mostra, tal como Apolo, entusiasmado com as qualidades da gente lusitana e disposto, ele próprio, a tomar a iniciativa, caso Apolo não o tivesse já feito:

*Que eu mesmo concorrera no successo,
Se Apollo à sua conta nam tomara
O celebrar no ceo gloria tam rara.*

Determinando, como árbitro da contenda, que as duas deusas deveriam ser as primeiras a aplaudir aquele casamento, dando *causa a festejar divinas bodas/ com*

divinos assumptos, e que o próprio Apolo fosse enviado à terra, mais propriamente a Lisboa, à *Academia dos Generosos*, para dar conhecimento das decisões tomadas no Olimpo:

*Fazendo o mesmo Apollo
O officio de Cilenio, ao Luzo polo
Leve no carro aurífero, & luzente,
Inda que tema o mundo,
Ver no Tejo Eridano segundo,
E naquela cidade populosa,
Que Ulisses deve a ditto que hoje goza,
Na douta, & celebrada Academia,
Que a doce melodia
Da trombeta da fama ao mundo soa
Dos sempre generosos de Lisboa,
Se entreguem, & o desempenho
Seguro eu em tanto altivo engenho.*

É então que Juno, serenada pela fala de Júpiter, lança o primeiro assunto a ser tratado em epigramas latinos:

*Que cada qual discreto
Academico Illustre, & Generozo,
Que o tripartido ser mysterioso,
De Iuno, & de Lucina,
E Pronuba divina
Num Exasticon mostre destinando,
Do leito conjugal, do jugo brando
A prole sucessiva,
Que igual viva Felix, & eterna viva.*

O prémio destinado ao vencedor nesta modalidade poética seria um *Diadema/do seu Arco celeste*. As três graças, deusas do encantamento, da beleza e da criatividade indicaram os assuntos seguintes e os respetivos prémios:

*Numa Ode Franceza
De nove estancias quer publique,
O engenho mais fecundo
A nova, bem que oitava maravilha,
Que o Tejo vio nas prayas Ulisseas
Inveja sempre às conchas Erithreas.
Manda à segunda filha
Da senhora de Nigdo,
Que em estillo subido*

*No idioma Italiano
Em sette Oitavas mostre em ser humano
Tanta parte divina,
Que logra esta bellissima Eufrosina.
Talia sempre verde,
Donde a Estação do tempo, o perde:
Ordena que ã seis liras Castelhanas
Se eternizam as ditas Lusitanas;
Pois esta flor de lis, que hoje faz sua,
Por flor perpetua em Lizia perpetua.”
E a fermosa das graças despençeira,
De era, murta, & romeira,
Tres coroas prepara
Ao metro mais suave, á voz mais rara.*

Na voz da deusa Minerva, *aquella Divindade/ da cabeça de Iove produzida*, foi feito o anúncio do quinto assunto:

*Dà por assumpto a nunca ouvido canto,
De hum Portugues Soneto
Pera que venha a ser do mudo espanto,
O qual cante discreto,
Que esta alma que hoje anima,
Dous corpos devididos,
Nos affectos unidos,
Que faz de dous compostos hum composto,
Por virtude de amor que amor estima,*

O vencedor seria premiado com o ramo da paz:

*Assim ao vencedor deste conflicto,
O ramo que tem dado eterno grito.
A aquella may do litoral congresso,
Coroe a paz em tam feliz successo.*

O sexto assunto é apresentado pela deusa Diana, *a triforme beleza/que no Ceo resplandece,/ na terra influe, & no inferno impera*:

*Quer que huma Canção explique grave,
De sette ramos Portugues suave,
Num sogeito a triforme natureza
Que Italia produzio, gozava França,
E he de hoje em Portugal nova esperança,*

*Diana em castidade,
Proserpina prudente, & Devindade,
Qual Cíntea enamorada
Ao Luzo Endimião predestinada,*

O prémio será a *viçosa rama/ que serve de coroa ao monte Atlante*. Neste remanso estavam os deuses, quando Mercúrio, o deus da eloquência, chegado ao conclave, arrebatou a conversação, entregando ao *mayor irmão*, Apolo, um papel fechado onde se encontra formulado o sétimo assunto:

*Todo aquelle poeta celebrado,
Que em verso bem limado,
De hua sylva discreta, & Castelhana
Escrever a prosapia generosa
Desta Divina esposa,
Senhora ao Luzo Reyno soberana:
Dando ao mundo noticia,
Ser ella sò propicia,
Mais que as do mundo todo aquelle Imperio,
Que ha de imperar do publico emisferio*

O prémio para o vencedor deste assunto será uma coroa de *rama sempre verde*. Um outro papel chega à assembleia, trazido pelas mãos de Cupido, o deus *criado sem ter pay* que, ao ver a reacção suscitada nos deuses pela forma truculenta como se juntara à palestra – até Apolo *hum pouco a côr perdeo do ardente rayo* –, abrandou o tom e leu com voz branda as instruções nele contidas para o assunto seguinte, o oitavo:

*Da bellissima Rhea, & do Deos Marte,
Aquella entregue a Vesta, esta a Campanha,
Nasceo quem dominou a quadra parte
Do mundo, sô da fundação Romana:
Mando agora aos poetas,
Que em vinte coplas graves, & discretas
De hum Portugues Romance,
Segurem pera gloria Portugueza,
Do Marte Portugues, Rhea Francesa,
Aquella mais valente, esta mais casta
Hum Romulo segundo
Que domine Felix, & glorioso
O conhecido, & ignorado mundo*

O oitavo prémio seria, também, uma coroa de *verde grama/ que a tanto Heroe concede eterna fama*. E o próprio Cupido indica o nono assunto a ser glosado em décimas castelhanas, o amor de Afonso pela princesa Maria Francisca, para o qual será atribuído como prémio uma *odorífera c'roa amor*:

*Esta metamorfosis sem segundo,
Como podera ser publique ao mundo
No Idioma Castelhana,
Em Espinella com soberano
Estillo, o sonoro, & eburneo plectro:*

E, por fim, Apolo, o deus que promovera este congresso no Olimpo e que já tinha em sua posse as instruções de todos os outros deuses, dá o décimo assunto a ser tratado na academia, ao qual corresponderia o prémio máximo, a coroa de louros:

*Huma copla discreta,
Porque grozada fosse o desempenho
Do mais sabio poeta.
Ao qual coroara ramo famozo
Do sempre verde louro,
Que nam ha muito foi madeira de ouro:
E a copla he tal que Apollo refferia.
“Amar Affonso & a Maria,
A maria,nam he amar:
Logo como pode estar,
Num tempo amar, & a maria.*

Concluído o conclave, Apolo rumo imediatamente a Lisboa, à *Academia dos Generosos*, entregando ao secretário perpétuo o papel com as instruções do concurso, regressando de pronto à *luminosa esfera*:

*E levantando o latego a Flegonte,
A Piroès, & a Etonte,
Com mais violento impulso entam castiga;
Parte o luzente tiro
Com furia costumada,
Nos áureos freos derramando aljofres,
Donde Aurora enche os cofres
Que reparte nas conchas eritreas,
Berço nadante a muitas Citereas.
Da partida à chegada,
Tempo nam pode ter berve suspiro,*

*E na Academia sempre Generosa
Apollo entrou, & dando ao Secretario
Papel pera concurso litterario,
Assim tornou à esfera luminosa*

Agora, ficará nas mãos do secretário perpétuo a responsabilidade de dar sequência ao concurso, de acordo com o *Academico rito*. Correspondendo ao que o seu cargo exigia, D. António indica o prazo para a entrega dos *metros eruditos* – ressaltando que *fora do tempo a todos referido, / pode ser admitido / qualquer metro suave* –, nomeia os juízes – o Aonio, António de Sousa Macedo, o Felizardo, D. Fernando de Meneses, Conde da Ericeira, e o Saudozo, Francisco Correa de Lacerda – e divulga o certame, um evento cujo mérito faz jus ao facto que o motivou, ambos merecedores do conhecimento geral.

Apesar de se tratar de uma imitação humilde, por oposição à imitação sublime que o próprio poema épico de Camões também representa face à *Odisseia* de Homero, estamos perante um texto habilmente construído, evidenciando o domínio da retórica e a capacidade para construir uma fábula adequada a evidenciar a proximidade da academia com a corte e com a cultura mitológica clássica. O recurso a longas perífrases para apresentar os deuses em consílio, a linguagem hiperbólica e o discurso direto, são instrumentos muito úteis para sublinhar essa proximidade, cujo auge se dá no encontro simbólico entre Apolo e o secretário da academia. Como afirma Aurora Egido:

*Cronológicamente existe una evolución que va desde las academias domésticas o itinerantes (...) de rango cortesano, en las que reina el mundo de la útil y agradable conversación, a las academias barrocas que extendían en certámenes públicos el hábito de sus discursos en un marco claramente teatral.*²⁰¹

Certamente que este anúncio literário é um bom exemplo dessa teatralidade. A sessão solene relativa ao anúncio teve lugar no dia 20 de março de 1667, e Joseph de Faria proferiu a oração inicial:

*Oração Epithalamica em o certamen, q' ao felicissimo
casamento dos sempre Augustos Principes D. Afonso 6 e*

²⁰¹ EGIDO, Aurora – op. cit. p. 155.

*D. Maria Francisca Isabel de Saboya Reys e Senhores
nossos celebrou a Academia dos Generosos de Lisboa,
dissea Joseph de Faria, lente de politica em a mesma
Accademia em 20 de Março de 1667.*²⁰²

O manuscrito 6369, fl. 235v, da BNP, contém uma obra métrica de Estevão Nunes de Barros que glosa este assunto académico e cujo mote é: *Amar Affonso a Maria/ a Maria, não he amar;/ logo como pode estar/ num tempo amar, e amaria*. Na Biblioteca da Ajuda, cod. 49 – III – 52, fl. 293, encontra-se um soneto anónimo que trata, igualmente, esta temática:

*He Affonso e Maria juntamente
em paz inerme, em guerra sanguinoza
Minerva sabia, Pallas belicosa,
Guerreiro Marte, Jupiter prudente;*

*Mas por força de Amor tão raramente
de Maria a virtude Affonso goza,
q a Marte assiste Pallas valerosa
Minerva assiste a Jupiter sciente*

*Por isto se do fado entre as Mudanças
em dous Monarchas duas Magestades
erão do luto imperio as seguranças.*

*Hoje aposta a fortuna eternidades
pois de hum perpetuo imperio são fianças
em dous Monarchas quatro divindades.*

Segundo Elze Matias, teria sido feita a impressão de uma obra contendo matéria deste certame depois do casamento da Rainha com D. Pedro, seu cunhado, em 1668, alterando-se o nome do príncipe.²⁰³

²⁰² AT/L 84^a, BNP

²⁰³ MATIAS, Elze Maria Henny Vonk – op. cit. p.61.

POESIA PANEGÍRICA

Batalha do Ameixial

Os sete sonetos e o epigrama – todos da autoria do académico *Ambicioso* – que constituem as *Adicções aos Aplauzos Academicos Dirigidas ao Excelentissimo Senhor Dom Sancho Manuel, Conde de Villaflor* – aos quais se junta ainda o «soneto labirinto, encomiástico, acróstico e anagramático» – têm como objetivo enaltecer a figura histórica que comandou as tropas lusitanas na batalha do Ameixial, aqui identificada também como *batalha do Canal*. As referidas composições poéticas foram acrescentadas na obra editada em 1673, dez anos após esse acontecimento bélico, sob o aparatoso nome de *Aplauzos Académicos e relação do Felix sucesso da celebre victoria do Ameixial, oferecidos ao Excelentissimo Senhor Dom Sancho Manuel, Conde de Villaflor, pelo Secretario da Academia dos Generosos, e Academico Ambicioso* (fig.7)

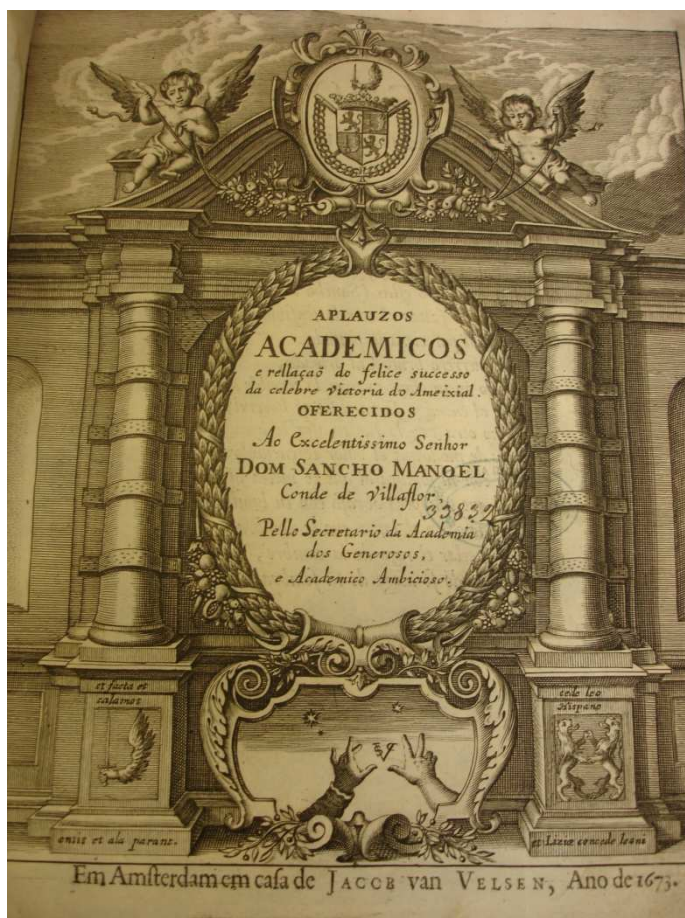


Fig.7 – Frontispício da obra *Aplauzos Académicos...*

Como o próprio título anuncia, trata-se de um volume cujo conteúdo é muito heterogêneo, juntando texto icónico padronizado, texto narrativo, paratextos – como o prólogo, a dedicatória, os elogios ao autor e a própria oração panegírica pelo académico *Saudozo*, Francisco Correia de Lacerda, que antecede o certame – e texto poético. O texto poético distribui-se ainda pelo soneto *Al retrato del excelentissimo Señor Don Sancho Manuel*, de Miguel de Barrios, os poemas do *Certamen Academico em onze Combates na Pallestra dos Generosos de Lisboa* A memoravel *Victoria do Canal*, e estas *Adicçoens*, de D. António Álvares da Cunha.

O formato compósito deste livro impresso não deixa dúvidas quanto ao objetivo que teria o secretário perpétuo ao dá-lo à estampa: celebrar D. Sancho Manuel sob as formas narrativa e poética, numa manifestação individual e coletiva de regozijo pela excelência de tão grada figura. E celebrá-la não só na sua dimensão de chefe militar vencedor, mas também enquanto académico – uma vez que D. Sancho fazia parte dos *Generosos* – e, ainda, como um parente próximo, pois este herói da Restauração era irmão de D. Maria Manuel de Vilhena, mulher de D. António. Será este, talvez, o documento mais significativo da personalidade literária incarnada pelo académico *Ambicioso* de que dispomos hoje, na medida em que conjuga as suas qualidades de editor, prosador e poeta.

O relato da *Campanha de Portugal pella Provincia do Alemtejo Na Primavera do ano de 1663, governando as Armas daquela Provincia o Excellentissimo Senhor D. Sancho Manuel Conde de Villaflor*, que constitui a primeira parte do volume, revela não só o conhecimento detalhado que D. António tinha acerca das movimentações das tropas, figuras militares e cargos que ocupavam – tanto do lado português como do lado castelhano –, mas também a capacidade de resumir ou pormenorizar o discurso, de forma a produzir efeitos cénicos focalizados na personagem que desejava realçar, sem esquecer a excelência de outras figuras que estiveram envolvidas, algumas delas igualmente académicos, como eram os casos do Conde da Ericeira, D. Luís de Meneses, ou do Conde da Torre, D. João de Mascarenhas.

Inicia-se esta narrativa pelo resumo do processo de separação dos dois países, desde 1640 a 1660, altura em que, depois de ter conseguido um tratado de paz com a França, Castela decidiu voltar-se para Portugal com o objetivo de recuperar o reino perdido. O autor descreve os anos de 1661, 1662, 1663, com os detalhes da chegada a Zafra de D. João de Áustria, filho de D. Filipe IV, nomeado generalíssimo da conquista, referindo ainda a capacidade bélica e os avanços do exército castelhano. Pormenoriza as

ações de preparação da defesa e as movimentações do exército português, assim como as alterações sucedidas nas chefias militares lusitanas, decididas por vontade régia. Relata a conquista de Évora pelas tropas castelhanas, e as circunstâncias geográficas que permitiram ao exército de Portugal colocar-se em vantagem perante o de Espanha. Conta minuciosamente a batalha do Ameixial²⁰⁴, referindo os preparativos, sem se esquecer de situá-los em momentos específicos do dia – manhã, noite –, precisando as condições atmosféricas, particularidades do relevo, o ânimo dos soldados, as munições e armamento, os chefes e os batalhões, bem como a disposição das tropas no terreno. A narração conclui-se com a enumeração das batalhas em que os exércitos portugueses se bateram gloriosamente, começando por enunciar as que se travaram neste território, mesmo antes da independência, sendo a primeira referida a que opôs *Portuguezes, & Andaluzes que traziaõ em seu socorro o Capitaõ Guiscon Annibal, com os Cartagineses, no anno de quatrocentos & trinta & hum, na qual noite tirou victoria a os Portuguezes, & o dia mostrou cincoenta mil contrários mortos com o seu Capitaõ Annibal*²⁰⁵ e a última, a do Ameixial, que o autor acabara de descrever. É o recurso a um processo de exaltação das proezas realizadas por heróis nacionais modernos, que consiste em colocá-las na continuidade das que a literatura dos clássicos antigos celebrara, imitando o épico cantor do *peito ilustre lusitano* que nos seus *Lusíadas* proclamara:

*Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
a quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

²⁰⁴ Batalha do Canal ou do Ameixial – **Arquivo Pittoresco**, Volume IV, Semanário Ilustrado, Editores Proprietarios, Castro e Irmão & C^a, 1861, p.187. A expressão ‘Batalha do Canal’ poderá ter sido usada como comparação com a derrota da Armada Invencível pelas tropas britânicas, no Canal da Mancha, em 1588. Contudo, o relato de D. António Álvares da Cunha acrescenta dados sobre as características do terreno onde o episódio aconteceu, *entre as Villas de Estremoz, & a do Cano*, p. 39, referindo o rio Odigebe que *nasce en a herdade do Passo, Freguesia de S. Bento do Mato do Alentejo. No Veraõ corre pouco, e conserva a agua só em alguns pégos, ou poços, por cuja causa os Mouros lhe deraõ o nome que tem, que na sua língua significa fosso, ou cisterna*. Cf. CASTRO- João Bautista de – **Mappa de Portugal antigo et moderno**,

(Consultado dia 15 de novembro de 2012)

<http://books.google.pt/books?id=w6Ny0SyOIcoC&pg=PA119&lpg=PA119&dq=rio+odigebe&source=bl&ots=g2Uw-FlccX&sig=ysPpGc6vGbHoHg3Enb7GUSJ4v4A&hl=pt> . A toponímia, ou as particularidades do rio, poderiam também ter contribuído para esta segunda designação.

²⁰⁵ p. 72

O herói do Ameixial podia, assim, aparecer engrandecido, no extremo duma linha de continuidade histórica iniciada nos míticos tempos das Guerras Púnicas, como legítimo herdeiro dos generais que venceram o grande Aníbal.

Esta extensa relação dialoga com as obras poéticas que D. António designou de *Adicções*, na medida em que também nelas se tecem elogios às capacidades de chefe militar demonstradas pelo conde de Villaflor. Os sete sonetos têm, então, como figura central o conde, ao passo que o epigrama focaliza o líder do exército castelhano, D. Juan de Austria. O relato da campanha estabelece um paralelo que coloca em contraste estes dois generais. Vejamos o que é dito de D. João, no dia anterior ao confronto dos exércitos:

Estavaõ os exercitos propínquos à contenda, quando D. Joaõ de Austria mandou intimar por hum papel a os seus Cabos, & que eles o fizessem manifesto a os seus soldados, mostrando-lhe nelle a razão que tinhaõ para pelejarem com aquella constancia que esperava dos coraçoes Hespanhoes, & como deviaõ entrar na contenda com as esperanças em Deos, & para que lhes fosse favoravel encomendava a todos o interior arrependimento dos vicios, & a exterior satisfação deles, & como a causa era justa assim asperava de justiça a victoria: persuadia mais o papel a observância das ordens militares, & algũas não piadosas, pois ordenava se não desse quartel a ninguém na batalha, mais que a o General Portuguez, dando sinais de sua pessoa, & prometendo prémios a sua prisão; não se queriaõ contentar com vello morto, senaõ que se fartasse seu odio no seu martyrio, não acabou este papel com tanta Christandade como começou.

E comparemos com o que o nosso cronista revela acerca de D. Sancho Manuel:

O que D. Joaõ de Austria fez por hum papel, obrou o Conde de Villaflor por sua pessoa, & a esquadraõ por esquadraõ assegurou a todos (p. 42) a victoria, & animou a peleija, ainda que foy supérflua esta segunda persuação; porque cada soldado se exortava a si proprio a o combate; mostroulhes a justiça que defendiaõ para ter propicia a vontade divina; a liberdade que nos usurparaõ, para que fosse constante a peleija; os companheiros cativos para que com ansia os resgatassem, a campanha destruida para que com raiva se satisfizesse; os despojos que levavaõ para que o desejo

*os incitasse; as vezes que foraõ por nõs vencidos para que os desbaratassem com confiança. A estas razoens exortatórias se seguiraõ as ordens militares, & dado o nome, que mais nos podia assegurar a victoria que muitas ordenanças, pois foy o da purissima Conceição da Virgem S.N. Padroeira, & Protectora deste Reyno; valerosa e porfiadamente esperavaõ todos o sinal da batalha.*²⁰⁶

A diferença de atitudes dos dois chefes militares tem, forçosamente, reflexos no ânimo das hostes e é uma parte fundamental dos momentos que antecedem as batalhas – veja-se a narração da batalha do Salado, do *Livro de Linhagens* do Conde de Barcelos, que, certamente, D. António conhecia muito bem –, ainda que, como diz o relator, o ato exortatório do conde de Villafior fosse redundante neste caso, visto que *cada soldado se exortava a si proprio a o combate*.

Os sete sonetos, três dos quais escritos em castelhano, surgem nomeados e ordenados do primeiro ao sétimo e, pelo conteúdo, deverão ter sido produzidos alguns anos após o certame, se não mesmo especialmente para figurarem nesta edição. A sequência de um a sete permite identificar a construção da imagem do herói ungido para comandar as tropas, *hum Portuguez mandado logo parte* (v.6, soneto primeiro); a quem a pátria deve a liberdade, *o seu libertador hoje vos chama/ a Patria...* (vv.5 e 6, soneto segundo); um deus, enfim, *filho de Marte vosso alento ativo*, (v.2, soneto terceiro). Mas também vítima de inveja e ingratidão:

*Venciste Conde, y quando de immortales
lauros, te coronava la victoria;
dan recompensa ingrata, a tanta gloria,
agravios a tus méritos iguales.* (vv. 1-4, soneto quarto)

Estamos perante uma manifestação clara da utilidade tão diversificada a que a produção de obras métricas obedeceu ao longo do século XVII, uma vez que este conjunto de sonetos não tem só o intuito de louvar um herói, mas pretende também censurar atitudes e sentimentos, adquirindo um tom moral e ético muito acentuado:

²⁰⁶ p. 43.

*Crece a enveja o applauso, e crece a offensa,
mas se negarvos pode o premio justo,
nunca negarvos pode a gloria immensa.*

(vv. 12 a 14, soneto sexto)

Os processos retóricos de encarecimento e exaltação dominava-os claramente o secretário perpétuo: o tom solene e elevado, característico do discurso épico, a construção hiperbólica de imagens, o vocabulário culto, com recurso a termos que contribuem para exprimir a superior dignidade e assegurar a fama, as comparações com deuses e chefes militares da antiguidade, são estratégias recorrentes que povoam todos os textos e permitem a construção emblemática do herói, que, como diz Fernando R. de la Flor, *no esta graficamente representado, pero de lo qual se ofrece una imagen mental muy persuasiva*²⁰⁷:

O conde de Villafior é o:

*(...) Luzitano
Sancho de esforço, e de animo sobejo
que causa inda será de larga historia.*

(vv. 12 a 14 - Soneto Primeiro)

História celebrada em *jaspes* (v. 4, soneto segundo), esculpida em *marmores* (v. 4, soneto sexto) e espalhada pelo mundo:

*Vosso nome estará sempre gravado
na tradissão futura, bronze vivo,
e no grito da fama sucesivo
em remotas Provincias dilatado.*

(vv. 5 a 8 - Soneto Terceiro)

Merecedora da *gloria* /*que em templos dura, que em tropheos proclama* (vv. 7-8, soneto segundo). Digna duma imortalidade que vai além daquela que o mundo terreno lhe pode conceder:

*Pois segundo essa gloria se derrama,
vossa fama não cabe em toda a esphera,
vosso valor não cabe em toda a fama.*

²⁰⁷RODRÍGUES DE LA FLOR, Fernando – **Emblemas Lecturas de la Image Simbolica**, Madrid: Alianza Editorial, 1995. p. 73.

O soneto quinto, todo ele focado no retrato espiritual do herói, adensa e congrega as características deste guerreiro: nobre e magnânimo, bravo e diligente, venerado e temido, a quem a coroa de louros é devida como expressão suprema de todas as qualidades humanas, nele reunidas:

*Excelso Conde, Lusitano Alcides,
cuyo espiritu altivo, y generoso,
del Hisperio Leon, vence animoso,
impetus fieros, orgullosas lides.*

*Solo con tu valor tu gloria mides,
tu valor solo es, tu premio honroso,
pues con fiel zelo, y con afan glorioso,
rayo los vences, muro los impides.*

*Gemina de laurel corona justa,
Ciña tus sienes, siendo corta esfera,
para tu fama, quanto Phebo Dora.*

*Pues Sancho invicto en tu mano Augusta
Castilha teme, y Portugal venera
Escudo fuerte, espada vengadora.*

Mas tal reconhecimento parece não ser unânime. Por isso outra batalha se travará, a das virtudes contra os vícios, na qual as armas serão os próprios versos, que à semelhança das empresas morais, tão usadas e divulgadas naquele século, suscitarão reflexões e exemplificarão os preceitos da vida moral que devem ser respeitados e seguidos.

Por um lado, os versos confirmam a razão dessa glória reiterada:

*Toda a gloria, Senhor, vos he devida,
pois hoje à Portugal livrays da morte,
pois hoje à Portugal tornays à vida.*

(vv. 12 e 14 – Soneto Segundo)

E por outro, mostram que a inveja e a ingratidão não conseguem nada contra o que realmente é notável e grandioso:

*Opposta a vil enveja à alta vittoria
que hoje no Mundo vosso nome acclama,
mais lhe crece o esplendor, mais o derrama
para o entalhar em marmores a historia:*

*Tanto se colhe do ódio vossa gloria,
quanto nace do applauso vossa fama,
que este de amor, a todo o Reyno inflama,
e a quelle em vão desfaz vossa memoria.*

(Soneto Sexto)

Terminando o soneto sétimo com uma exortação e um conselho ao conde para desvalorizar a mesquinhez de quem o inveja – ou não quer reconhecer o seu valor –, de modo a conservar a altivez e a serenidade, pois nada pode apagar aquele seu feito grandioso, nem diminuir a sua figura de grande chefe militar. Por isso deve ignorar quem se deixa conduzir por tão baixos instintos humanos:

*Oh tu marcial Mercurio! oh tu prudente,
Alcides; quando mas la envidia enojas
le muerde el pecho mas nocivo diente.*

*Asseguraste sereno, y la congojas,
por serte tan contraria esta serpiente
que mas llega a sus llamas que à tus hojas.*

(vv. 9 a 14 – Soneto Septimo)

Contudo, o encarecimento não ficaria completo, sem a comparação estabelecida por D. António – agora ao nível poético – entre os dois chefes militares, D. Sancho Manuel e D. Juan de Austria. O excesso de confiança e o descuido deste contrastam com a humildade e o zelo daquele, o que já tinha sido possível constatar no relato da batalha. O epigrama deixa bem destacada essa diferença, ao citar em subtítulo a inscrição habitualmente associada ao filho de Filipe IV – *Si no es Sol, sera Deydad* –, por oposição à singeleza com que identificara os sete sonetos dedicados a D. Sancho, utilizando os numerais ordinais.

À semelhança do soneto sétimo, e fundado na autoridade moral que representa, o poeta coloca-se agora ao nível do herói castelhano que retrata, dirigindo-se-lhe diretamente. Começa por destacar a ilusão que representa a inscrição inicial, reflexo da ambição desmesurada e do excesso de confiança, e recorda-lhe a lei natural que regula a

passagem dos dias, ao sol sucedendo-se as estrelas, a lei natural, e simultaneamente divina, que nenhuma vontade humana pode contrariar:

*Sol te julgaste JUAN, mas como ardiente
Siempre te mira España en el Poniente:
No admires que se ponga tu luz bella
Saliendo Sancho Lusitana estrella.*

(vv.1 a 4)

No entanto, este herói castelhano não aparece diminuído, uma vez que também ele é divino, ainda que tragicamente prisioneiro da soberba, do atrevimento e da subestimação das forças que se lhe opõem. Assim, será como exemplo negativo e em tom de reprimenda que o poeta evocará a mitologia clássica nos versos seguintes:

*Sorbervio en los cavallos de tu padre
Quieres que en ti su luz como en el quadre.
Si recelas morir como Phaetonte,
No el rayo esperes del celeste monte.*

(vv.5 a 8)

Com efeito, à semelhança de *Phaetonte* a quem Júpiter puniu, retirando-lhe os nomes e atributos divinos que lhe tinha outorgado, também este imprevidente chefe castelhano deveria ser destituído dos seus galardões e honrarias, e regressar à simples condição de ser humano, falível e equivocado:

*Quitate de los nombres que te has puesto,
Ya que el dolor te enseña a ser funesto,*

(vv.11- 12)

Porém, e porque tal contribuiria para engrandecer mais ainda o chefe lusitano, D. Juan não teria de lamentar toda a empresa bélica nesta campanha. Afinal, fora vencido por um superior combatente, exemplo máximo de virtude e desapego à glória terrena:

*Consuelete el mirar que siendo humano
No podias caer por mejor mano.*

(vv.15- 16)

Podemos considerar que estamos perante uma manifestação ostensiva de um processo de conservação da memória, com um sentido nitidamente moralizador, característico do século XVII, variante civil do que, em termos religiosos, Boncompagne de Signa – citado por Fernando R. de la Flor²⁰⁸ – reconheceu como uma *configuración artificiosa que permite recordar con asiduidade los gozos invisibles del paraíso y los tormentos eternos del infierno*. Neste caso específico, recordar o gozo da vitória, fruto das qualidades do carácter e da personalidade íntegra do herói militar vencedor, que também era académico, sem deixar de lembrar, ao mesmo tempo e por contraste, na figura do herói vencido, os defeitos que, como a inveja ou a soberba, são reflexo do que de mais rasteiro e inferior pode representar a natureza humana.

²⁰⁸ FLOR, Fernando R. de la – **Teatro de la Memoria**, Salamanca, Consejería de Educación y Cultura - Junta de Castilla y León, 1996. p. 67.

Elogios fúnebres

A poesia fúnebre da autoria de D. António Álvares da Cunha que apresentamos consta de um epitáfio – *A morte do sereníssimo Infante Dom Duarte* – duas elegias – uma ao Marquês de Távora, outra a Dona Maria de Atayde – e um diálogo entre duas personagens, Gil e Pascual, intitulado *Sentimientos a la muerte de la señora D. Maria de Atayde*. Todos os textos se encontram impressos, tendo-nos sido possível, no entanto, localizar uma cópia manuscrita do epitáfio, na Biblioteca da Ajuda. Os textos dedicados à morte de D. Duarte e de D. Maria de Ataíde devem ter sido escritos com alguma proximidade temporal, visto que as datas em que ocorreram os passamentos destas duas figuras não são muito afastadas. D. Duarte, irmão de D. João IV, cativo em Milão na sequência das intrigas relacionadas com o desmantelamento da monarquia dual ibérica, aí morreu a 3 de setembro de 1649. Foi uma morte que, dada a grande simpatia que esta figura colhia entre os portugueses e vistas as condições trágicas em que se verificou, chocou e enlutou todo o país, sentimentos que tiveram expressão nas cerimónias oficiais decretadas pelo rei. D. Maria de Ataíde, filha dos condes de Atougia, uma ilustre família portuguesa, faleceu a 22 de agosto de 1649 e deve à diligência de D. Francisco Manuel de Melo a sua perpetuação na memória do Portugal de seiscentos, uma vez que este grande polígrafo não só a imortalizou no *Pantheon a la Inmortalidad del Nombre Itade*²⁰⁹ al Conde Camarero Mayor²¹⁰, um *Poema Trágico dividido em dos Soledades*²¹¹, como foi o editor de um volume de poemas intitulado *Memorias fúnebres sentidas pelos ingenhos portugueses, na morte da senhora Dona Maria de Atayde* (Officina Craesbekiana, 1650), descrito por José Adriano de Freitas Carvalho, no seu artigo *La formación del Parnaso portugués en el siglo XVII*, como un grande y monótono homenaje a una dama de la corte muerta repentinamente cuya madre era el aya del futuro rey Afonso VI²¹².

²⁰⁹ Anagrama de Ataíde.

²¹⁰ João Rodrigues de Sá de Meneses, conde de Penaguião e cunhado de D. Maria de Ataíde.

²¹¹ MELO, Francisco Manuel de – op cit. p.377.

²¹² CARVALHO, José Adriano de Freitas - **La formación del Parnaso portugués en el siglo XVII. Elogio, crítica e imitación**, in *Bulletin hispanique* [En ligne], 109-2 | 2007, document 8, mis en ligne le 01 décembre 2011, consulté le 23 novembre 2012. URL : <http://bulletinhispanique.revues.org/274>

Independentemente do motivo que esteve na origem do exercício poético coletivo que resultou na referida coletânea, quase integralmente organizada por D. Francisco Manuel de Melo, o que mais nos importa hoje nesta obra é o facto de reunir um número significativo de autores de poesia, grande parte dos quais académicos pertencentes à *Academia dos Generosos*, como bem lembra José Adriano de Freitas Carvalho no referido artigo, correspondendo, com certeza, ao esboço de um projeto mais substancial e criterioso que D. Francisco desejaria realizar – e que outros literatos haviam tentado criar anteriormente sem sucesso, como foi o caso de Diogo Bernardes –, que seria a elaboração de uma *Biblioteca lusitana de autores modernos*²¹³, o que só viria a acontecer com o monumental trabalho de Diogo Barbosa Machado, já no século XVIII. Nas palavras do mesmo ensaísta, este livro constitui *un buen espejo de las fuentes del Parnaso portugués que, a mediados del siglo XVII, manaban en portugués, castellano, francés*.²¹⁴

O último texto que trataremos nesta secção, *Pira Funebre que construe nesta elegia o Academico Ambicioso, e Secretário da Academia dos Generosos de Lisboa as saudosas memorias do excelentissimo senhor Luis Alvares de Tavora, Conde de S. João da Pesqueira, Marquez de Tavora, Concelho de Guerra do principe D. Pedro, seu gentil- homem da câmara, governador das armas da provincia de Tras os Montes*, foi incluído no *Compendio Panegirico da vida do Marquez de Tavora*, um volume preparado por D. Luís de Meneses, 3º conde da Ericeira, académico e amigo de D. António Álvares da Cunha, e dado à estampa em 1674.

Enquanto textos formalmente diversificados abordando a mesma temática, não é despidiendo refletirmos um pouco acerca das personagens que neles são homenageadas e os modelos discursivos escolhidos para fixar a sua memória para a posteridade. Se compararmos, por exemplo, o último texto que referimos com o epitáfio a D. Duarte, percebemos a singeleza que este transmite face à riqueza ostensiva de ornatos retóricos que a pira fúnebre significa. E, no entanto, D. Duarte era irmão do rei – teria mesmo sido abordado para liderar os conjurados do 1º de dezembro –, pertencendo, pois, à camada superior da sociedade portuguesa. A singeleza e a exuberância, enquanto formas extremas de manifestação artística, são, para Maravall, a verdadeira essência que

²¹³ MELO, Francisco Manuel de – **Cartas Familiares**, Ed. de Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.a. 1980. p. 409-422.

²¹⁴ CARVALHO, José Adriano de Freitas – art. cit.

caracteriza o período barroco, na imensidade de atributos com o qual é usualmente identificado:

*El autor barroco puede dejarse llevar de la exuberancia o puede atenerse a una severa sencillez. Lo mismo puede servirle a sus fines una cosa que outra. En general, el empleo de una u otra, para aparecer como barroco, no requiere más que una condición: que en ambos os casos se produzcan la abundancia o la simplicidad extremamente: la extremosidad, ése si sería un recurso de acción psicológica sobre las gentes, ligado estrechamente a los supuestos y fines del Barroco.*²¹⁵

É evidente, pois, que o académico *Ambicioso* pretendia enaltecer as duas figuras com a mesma intensidade criativa e a mesma intenção pedagógica que as suas capacidades retóricas lhe permitiam, e que a escolha do formato em que o faria – aqui já não obrigado à rigidez dos exercícios académicos – obedecia aos mesmos fins que eram os de perpetuar a memória e realçar a exemplaridade que as duas figuras representavam. Ora, as duas composições participam desses extremos não só formalmente, mas também, diríamos, visualmente, pois, se o epitáfio figura na pedra tumular que perdura, exposto ao olhar de quem passa, a pira fúnebre, de uma forma metafórica, arde continuamente na sua arquitetura feita de palavras, e as palavras são o material que melhor resiste ao tempo, como diz António Ferreira em carta dirigida a Pero de Andrade Caminha:

*As Musas cantam: dellas he sabida,
Não de metaes, de cedros, de esculturas
A fama aos claros feitos concedida.
Caem as estatuas, gastam se as pinturas
Aquelle brando canto he sô mais forte
Contra o tempo, que ferro ou pedras duras.
Contra fogo, contra agoa, & contra a morte.*²¹⁶

²¹⁵ MARAVALL, José Antonio- op.cit. p.426.

²¹⁶ FERREIRA, António – **Poemas Lusitanos**, Carta 8 , Livro 1, fl. 144v, microfilme da BNP, consultado em 23 de novembro de 2012 - http://purl.pt/12117/3/res-200-v_PDF/res-200-v_PDF_01-B-R0300/res-200-v_0000_capa-cap_a_t01-B-R0300.pdf
<http://purl.pt/12117/3/>

O epitáfio, um soneto, centra-se nas trágicas circunstâncias em que ocorreu o triste fim de D. Duarte, mas perspectiva o texto segundo o ponto de vista do peregrino que passa diante do túmulo e a quem é pedido que se detenha – *deten el paço errante o peregrino/ y neste triste tumolo repara* – para daqui retirar uma lição de vida: a de que nada se pode fazer contra o fados, o destino, a má fortuna. E a prova evidente desta inevitável sorte a que todo o ser humano está sujeito é, justamente, a figura daquele infeliz filho da casa de Bragança que, pelos seus dons, merecia melhor sorte:

*Duarte cubre el duro marmol dino
De fortuna mejor si siempre avara
Y quando el merecer solios prepara
A tumulos le entrega el golpe indino.*

Mas essa lição que o peregrino aprende com o exemplo de D. Duarte não está ainda completa, pois, se é verdade que o nobre nada pôde contra o destino, não é menos verdade que o conseguiu vencê-lo com a própria morte, a qual lhe trouxe uma nova vida, a fama eterna que lhe está assegurada pelas elevadas qualidades que exibiu e cultivou no espaço breve da sua existência terrena, apesar do fim trágico a que não pôde escapar:

*Y en tanto, ó peregrino, advierte
Que jamás se entregara al rendimiento
Sino trocar el ser la propria muerte.*

A pira fúnebre não convoca o anónimo peregrino, imagem tradicional do ser humano exilado e obrigado a passar na terra uma vida de privações e sofrimento, antes convoca para uma multidão de seres mitológicos e naturais para que se reúnam em redor do falecido e chorem eternamente a sua perda. As primeiras a comparecer são justamente as musas que, ainda que sejam tão diversas nas suas manifestações artísticas, lamentam em uníssonos o infausto acontecimento:

*Agora que Melpomene saudosa,
Na cythera que Euterpe destempera
Serve de penna, a pena lastimosa.*

*Agora que Caliope severa
No arco que a Tiorba desentoea
A resina he tormento, & dor a cera.*

*Hoje que de Talia a fruta soa
Lastimoso suspiro, porque o vento
Leve o pezar nas azas com que voa.*

*Chorosa Urania no celeste assento
Observa a Marte que depondo a lança
Faz do valor tropheo do sentimento.*

*A trombeta no Alamo descança
Da louvadora Clio, porque a morte
Lhe furta a gloria que seu nome alcança.*

*E depois que Polimnia a triste sorte
O exercicio lhe nega, que sobeja
A persuadir a hum mal, hum mal tão forte*

*E que triste Terpsicore deseja
Fazer no coração, o que na lira
A penna fez que a mesma penna inveja.*

*Sentida Eratto em tanto mal delira
Trocando nos affectos, amorosa
A voz que canta, a voz que suspira.*

*Agora pois Melpomene saudosa
Unindo, & desunindo, a penna, & o canto,
Influi branda, se inspirais chorosa.*

*A fonte da Aganipe seja o pranto
Das nove irmãs, que em liquida corrente
O curso retroceda de Erimanto.*

Uma *líquida corrente* que surge aumentada pelo caudal dos rios portugueses que reúnem todas as lágrimas vertidas pelos habitantes das regiões por onde passam e que também choram o desaparecimento de tão alta figura do reino:

*O Tua, o Douro, o Tamaga se postrão
Reverentes ao tumulto, sentindo
Seu defensor no prãto, que demonstrão*

*O Minho, o Lima, o Neiva, O Ave, unindo
Em choro igual as lagrimas ardentes
Vão entre si chorando, & consumindo.*

Transformando, desta sorte, a terra em mar de lágrimas – *que a terra he mar, em prãto taõ crecido* – submersa pelo *dilúvio de pranto* que esta morte causou.

Contrastando com a sobriedade contida com que D. Duarte é apresentado no epitáfio, o primeiro marquês de Távora surge aos olhos do leitor como aquele *que servio de espelho cristalino/ a Heroes que a fama tem na eternidade*. Oposição evidente ainda no contraste entre o *triste tumolo* do primeiro e o mausoléu alegórico em que Luís Álvares de Távora repousa:

*Novo construe ilustre Mausoleo
Das pedras que servirão de defensa
Quãdo assombrava este, & aquelle Pollo*

(...)

*Nesta fabrica agora a Lisia estranha,
Pelo cinzel da espada estão as glorias
Entalhadas; da bellica campanha*

*Ali se vem as celebres memorias
Do Rei Leones, dos dous seus descẽdẽtes
Ao Reyno Luso dando altas victorias.*

(...)

*Ave dos Romanos coroada
Se via sobre a maquina famosa
A cabeça d Igreja dedicada.*

(...)

*Mais abaixo se vem do Eburnio plectro,
Louvados outros dous, a cujo o culto
Vendo o turiblo do cheiro Electro:*

Porém, à semelhança do epitáfio a D. Duarte, esta elegia termina com a mensagem de que a morte dos homens superiores conduz à imortalidade da fama, num ornamento de palavras que repõem a ordem natural num mundo desordenado que permitiu a perda daquele superior ser humano:

*Subi alma Felix ao justo grémio
Cingindo a testa imortal diadema
Seja nosso favor vosso proemio.*

*Lembraivos lá em gloria tam suprema
Da nossa bem sentida saudade,
E chore embora o mar,& a terra gema.*

*Porque nesta penosa eternidade
Se alivio puder ser huma memoria,
A desgraça será felicidade.*

Concluindo: ambos os poemas, embora por caminhos diferentes, cumprem a tarefa de solenizar a morte num ritual doloroso e inevitável, mas que pode ser mitigado pela memória das qualidades excepcionais dos que partiram. O material linguístico e formal que o poeta utilizou representa a apropriação de saberes e técnicas no domínio da retórica seiscentista que, como afirma Zulmira Santos, se não são suficientes, por si sós, para que a poesia exista, a verdade é que a poesia não existirá sem elas.²¹⁷

A elegia dedicada a Dona Maria de Ataíde centra-se também na evocação do pranto infindo, mas um pranto silente e interiorizado, próprio do sentimento de perda de alguém a quem se ama. Alguém que incarnava a beleza incorruptível, deixando sem palavras os próximos que viam nessa figura a imagem da eternidade na terra:

*Despedaçada a voz desata o pranto
na eloquência das lagrimas as magoas
que causa são de hum lastimoso canto.*

*Estas que misturadas entre as fragoas
do peito hoje derrete o sentimento,
impidão a vasante ao pay das agoas.*

D. Maria de Ataíde é a *Amarilis* para *outros emisferios transferida*, mas é também a *flor da Primavera* que não resiste e a *Rosa* cortada que rapidamente murcha, uma alusão clara ao corpo deteriorado pela morte:

*A flor da Primavera gentileza
como no secco estio marchitada
se vê funesta pompa de tristeza.*

*A Rosa já de todo descorada
não quer nada dos bens da fermosura,
pois no verde botão se vio cortada*

²¹⁷ SANTOS, Zulmira – **O conceito de poesia de D. Francisco Manuel de Melo** - in **Obras Métricas de D. Francisco Manuel de Melo**, vol. 1- pp. XXIX –XXXVI. “ Deste modo, a poesia, *conjunto de palavras boas e em boa ordem (...)* decorre (...) de *ideias subtis, raridade* nas palavras, frequência de *agudos conceitos*, ornato de *razões pomposas*. Tudo isto não basta para que ela exista. Mas ela não existirá, porém, sem tudo isto.”

No entanto, apesar de o texto ter um tom intimista e sentimental, D. António não dispensa a presença das figuras mitológicas como processo de encarecimento desta senhora da alta nobreza, e não faltam os elementos adequados à temática fúnebre, como a descida de *Proserpina* aos infernos, o coro lastimoso das *Nereidas*, a referência a *Tétis*, a *Lachesis*, a *Mavorte* e a *Mercurio*, contribuindo, com os sentidos que forçosamente convocam, para elevar a personagem ao domínio do próprio mito. Um mito corporizado em *Amarilis*, ou melhor D. Maria de Ataíde, de quem o mundo, simbolizado pelo pastor eternamente apaixonado, sentirá saudade e memória sem fim:

*O pastor mais mimoso da ventura,
entregue todo às mãos de hum só sentido,
no mal da infirmitade espera a cura.*

São os pastores, Gil e Pascual – intervenientes do pequeno diálogo do segundo texto do académico *Ambicioso* incluído nas *Memórias dos ingenhos portugueses* e subintitulado *sentimientos a la muerte de la señora D. Maria de Atayde* – que choram o triste facto da morte de *Amarilis*, uma deliberada similitude com a famosa écloga de Lope de Vega, *Amarilis, huerto desecho*. O lamento e a incredulidade tomaram conta de Gil, repetindo-se nesta écloga a elevação de *Amarilis* ao domínio do mito, mas o mito que se questiona, para entender o sentido da efemeridade da vida terrena:

Pascual

*Que males tan inhumanos
lloras en tiernas verdades?*

Gil

*Si tienen fin las Deidades,
que esperamos los humanos?*

A mesma personagem que reitera a grande beleza física de *Amarilis*, prevendo que no céu continuará a ser a dama de corte que havia sido na terra, mas agora num nível superior, pois os galãs são do domínio do divino:

*La belleza de Amarillis,
la mejor flor destos valles,
la embidia de las pastoras
la Deidad de los zagales.*

*Esta despreciando el prado
nos dexò para passarse
a ser mejor cortesana
de mas luzidos galanes.*

E aproveita para pedir ao companheiro de diálogo que compartilhe da sua dor, ajudando-o com a retórica que começa a faltar-lhe no meio de tanto choro:

*Y los suspiros le digan,
que com Rhetorica fácil
eloquentemente dicen,
sin que las razones falten.*

*Assi Pascual a mi llanto
Ayuda, pues generales
Son las perdidas, las penas
Generalmente batallen.*

Pascual revela a sua compreensão para com o sofrimento em que Gil se encontra e exemplifica o vazio em que o mundo se tornou com a morte desta suave *Amarilis*, dando assim cumprimento ao pedido do amigo e exibindo a *Rhetorica fácil*/... *sin que las razones falten*:

*Generalmente perece
el mundo todo, y reparen,
la primavera sin Flora,
la luz de Apolo sin Daphne.*

*Nada libre al sentimiento
quede, y digan las crueldades,
los frutos de Agosto secos
los troncos de Enero graves.*

*Digalo el hato, y la mandra
que sin pastor que los guarden,
en vez de yerva que sustente,
pena que atormenta pacen.*

*Digalo el pastor que llora,
pues sin querer consolarse,
su surron, y su ganado
trueca por otros caudales.*

*Y digalo el monte, que
qual outro Ethna se deshaze
en fuego, porque el aldeã
por sus contornos reparte.*

Uma retórica em que não estão ausentes sentimentos verdadeiros, como dirá Pascual a seguir, o que oferece ao poeta a oportunidade para abordar a temática associada a um problema posto em voga pelas teorias literárias de matriz aristotélica – então muito em voga – relacionada com a sinceridade e o fingimento poéticos:

*No pienses Gil que puede el pensamiento
tener el mal un rato reservado,
que a dò llegan excessos de calado,
no llega com exceso el sentimiento.*

*Bien ves qual corre al mar nuestra ribera,
pues en lo que crecio de agua outro dia,
quiere llegar a la celeste esfera.*

*Y aunque el mar lo recoja, la urna fria,
como si le echo, yamas se altera
que exemplos son de tu tristeza, y mia.*

Trata-se duma reflexão que não deixa de ser curiosa, sobretudo se lembrarmos a imagem que anda associada aos poetas académicos, segundo a qual estes não hesitam em sacrificar o conteúdo para valorizarem a forma, atados a artificialismos e a convenções estéreis.

Em todos os textos torna-se bem visível a intenção do autor de encarar a morte como uma celebração coletiva, um momento de visibilidade em que se realçam as qualidades da pessoa eternizada na memória de cada um. É também socialmente um momento de aparato público e de reforço do poder na cidade barroca, na linha do que defende o ensaio de José Antonio Maravall que temos vindo a citar recorrentemente.

Elogio das Letras

A participação de D. António Álvares da Cunha em obras impressas coletivas, como o *Compendio Panegirico da vida do Marquez de Tavora...*, ou as *Memorias fúnebres sentidas pelos ingenhos portugueses...*, deixa claro o reconhecimento público que granjeava para além da Academia dos Generosos. No entanto, talvez seja nos elogios sob a forma poética que antecedem as obras publicadas de outros autores que podemos encontrar a melhor confirmação deste reconhecimento do nosso autor como uma figura literária influente no panorama da cultura portuguesa de seiscentos.

No ano de 1665, João da Silva Pereira publicou a obra *Epínio lusitano à memorável vitória de Montes Claros... na oficina de Henrique Valente de Oliveira*, para a qual o académico *Ambicioso* escreveu um soneto onde aborda o ideal humano de conjugação do domínio das armas com o culto das letras, um tópico recorrente nos estudos literários dos séculos XVI e XVII, nos termos fixados por Castiglione no seu *Libro del Cortegiano*. A batalha dos Montes Claros, travada a 17 de junho de 1665, foi a última das batalhas que opôs portugueses e espanhóis, no período de 28 anos que mediou entre a declaração portuguesa do fim da monarquia dual ibérica, a um de dezembro de 1640, e o reconhecimento definitivo da independência de Portugal por parte de Espanha, em 1668. D. António elogia, neste soneto, a arte retórica de João Pereira da Silva, traçando um paralelo entre a vitória obtida pelas armas portuguesas e a capacidade para celebrá-la, no campo das Letras:

*A Victoria da pena publicada,
A victoria da espada conseguida,
A qual mais gloria deve se duvida,
Que a pena illustra, quanto vence a espada*

O objetivo continua a ser o mesmo que já vimos nos encómios dirigidos a gradas figuras da corte, das armas e da sociedade em geral, mas, neste caso, a figura que congrega os louvores é apresentada enquanto artífice da palavra justa, da imagem grandiosa, adequada a garantir fama perpétua para a ação realizada e imortalidade gloriosa aos heróis que a praticaram:

*Pois a gloria que os séculos derrama
Da espada o fio, com que a pena escreve
Em tantas folhas eterniza a Fama.*

Encontramos propósitos laudatórios muito semelhantes no texto que D. António Álvares da Cunha compôs para figurar nos preliminares do livro da autoria de Emmanuelis Alvares Pegas, impresso na tipografia de Michaelis Deslandes no ano de 1682. Na rubrica que apresenta o soneto, o nosso académico surge devidamente identificado nas funções que desempenhava na corte e no cargo que ocupava na Academia dos Generosos: *Ao Author, De D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante de S. Magestade, Secretario da Academia dos Generosos desta cidade de Lisboa, & seu Academico ambicioso*. Nos versos, D. António destaca a função pedagógica que a literatura representa para os tempos futuros, para além do deleite que dela se pode obter, formulando, à sua maneira, o reconhecido princípio da arte poética horaciana de conjugação da utilidade com o deleite:

*Com tanta erudiçam vossa doutrina
Certa, resolve as duuidas maiores,
Que pera clara luz dos Iulgadores
Diuina prouidencia vos destina.*

*Ou na sciencia humana, ou na diuina,
Aduerte documentos superiores,
E ajuntando eloquente, fruto & flores,
No deleita igualmente, & nos ensina.*

O elogio escrito pelo nosso académico com o propósito de enaltecer os méritos de Manuel Mendez de Barbuda, & Vasconcelos, no momento em que oferecia ao público uma obra com o título de *Virginidos ou Vida da Virgem Senhora Nossa: poema heroico, dedicado a Magestade da Rainha Dona Luiza...* (na Officina de Diogo Soares de Bulhoens, 1667), não adota a forma do soneto, tendo o autor preferido compor uma ode em verso branco. Nela são realçadas as excepcionais competências do autor do *Virginidos* nas leis, na história e na literatura, campo, este último, em que supera os autores clássicos no género épico, como Homero e Camões:

*Doutor Manuel Mendes Barbuda,
que
Nas leis civis concede
Aos Baldos, & Iaffoes à primasia,*

*No tempo
Não na sciencia,
Na armonia suave
excede
A Homero na invenção, no metro amaro,
Na suave a Camoes, Tasso na empresa*

O próprio poema inclui a indicação completa de quem o produziu, ou seja, do académico *Ambicioso*:

*Para publicar ao mundo todo
tanta acção, tanta musa, & tanto Heroe
Esta pena, que escreve
Tanta acção, tanto Heroe, & tanta musa,
Para chegar
com o voo
Adonde não puder chegar
Com o grito,
E o affecto
Se sempre decoroso, nunca ouzado
De D. Antonio Alvares da Cunha
Secretario
Da Academia dos Generosos
de Lisboa,
Entre tão grandes alunos
Ambicioso
Academico
A tão divino Heroe, a Autor tão sabio
Offerece, & consagra
Este Elogio*

Estamos perante mais um exemplo claro de utilização do texto poético para cumprir uma função prática de circunstância, como tantas vezes acontecia no século dezassete, mesmo em contextos muito distantes do contexto especificamente literário. No caso dos elogios de que nos ocupamos, trata-se de cumprir o propósito de favorecer textos de confrades de letras, de modo a promover o seu sucesso junto do público, numa manobra publicitária baseada no testemunho do académico *Ambicioso*, alguém que poderia ser reconhecido como um crítico autorizado e de referência em matérias literárias. Não se trata, pois, de atribuir uma especial valoração a estas manifestações métricas de D. António Álvares da Cunha, mas sim de reconhecer a sua disponibilidade para oferecer um vasto leque de contributos orientados para a promoção do saber humanístico, ou seja, das Letras – nas suas vertentes histórica, filosófica e literária –, bem como confirmar a popularidade deste tipo de textos de circunstância e a multiplicidade de aplicações que a época barroca lhes descobriu.

A carta a D. João Nunes da Cunha

A *Carta a D. João Nunes da Cunha* foi o único trabalho de D. António Álvares da Cunha contemplado pelo editor da *Fenix Renascida*²¹⁸, Mathias Pereira de Silva, facto criticado por Costa e Silva, que, como vimos, lamenta que um poeta que usava uma *linguagem pura, harmoniosa, e muitas vezes elegante*²¹⁹ não estivesse representado neste vasto cancioneiro publicado no século XVIII com outros textos de sua autoria. No prólogo ao leitor do que é o mais conhecido cancioneiro da literatura portuguesa do século dezassete – e que se subdivide em cinco tomos –, o compilador explica as razões que presidiram à sua organização:

Das sombras do esquecimento em que ha tantos anos estavaõ sepultadas, sahem a luz as obras, que entre todas as deste genero a deviaõ lograr com mayor razaõ. Não he novo nos Portuguezes fazer pouca estimação de suas obras, com que puderam adquirir novo credito, e mais crescida gloria; accomodando-se mais com obrallas, do que com publicallas depois de feitas, para mostrar não buscaõ nellas outra cousa, mais, que o que tem de grandes, recusando animosamente qualquer outro motivo menos nobre. Não pode em parte condemnarse este geral dictame da nossa Patria, se atendermos ao particular de cada hum porque este desenteresse he outra acção mais gloriosa, e tanto mais estimavel, quanto mais tem de singular. Porém não sey como poderá justificarse este descuido, se atendermos ao bem comum, que manda procurar, (quanto cabe entre os limites da modestia) o aumento, honra, e credito dos nossos naturaes, manifestando ao Mundo, ou para exemplo, ou para imitação as suas obras.

Tendo em conta a abordagem que este trabalho faz das academias seiscentistas, e de um dos seus mais carismáticos representantes, não deixa de ser curioso notar que, passadas poucas décadas, já os estudiosos sentissem a falta de registos da atividade

²¹⁸ Utilizámos a edição disponível em linha, da BNP : A *FENIX RENASCIDA OU OBRAS DOS MELHORES ENGENHOS PORTUGUEZES* A *fenix renascida ou obras dos melhores engenhos portuguezes* / ed.lit. Mathias Pereyra da Silva. - Lisboa : Off. Antonio Pedrozo Galvão : Off. Miguel Rodrigues, 1746. - 5 v. ; 20 cm <http://purl.pt/261>, consultado em 25 de novembro de 2012. A Carta saiu no segundo volume da Fénix Renascida, pp. 262-288 http://purl.pt/261/4/1-3277-p/1-3277-p_item2/P1.html

²¹⁹ SILVA, José Maria da Costa – op. cit. p.193.

literária do século anterior e criticassem o descuido com que as obras (não) eram conservadas, manifestando a necessidade premente de recuperar e guardar os textos – fosse qual fosse a sua qualidade, melhor ou menos boa –, porque também deles se faria a história literária de Portugal. E não deixa de ser também importante referir a coincidência de, no mesmo ano de publicação desta obra, 1746, se ter publicado a de Luís António Verney, *O Verdadeiro Método de Estudar*, cuja *Carta Sétima* se revela um contundente libelo contra o tipo de obras que o cancioneiro encerra.

Barbosa Machado informa que o destinatário da epístola de D. António Álvares da Cunha, o Conde de S. Vicente, João Nunes da Cunha, para além de confrade da *Academia dos Generosos*, foi conselheiro de estado dos reis D. Afonso VI e D. Pedro II, tendo-se destacado no exercício de cargos públicos de relevo e no manejo das armas:

*Foy ordenado de juizo perspicaz, sublime
compreensão, e natural genio para a Poezia, que
cultivou com felicidade, e não menos elegante locução
aprendida dos mais insignes Oradores, e Chronistas por
cujos dotes mereceo distintos aplausos em a famosa
Academia dos Generosos na qual foy Lente, e Collega.
Ao exercicio das letras correspondeo o das armas pois
havendo sido Governador da Cidade de Evora , e da
Praça de Setubal em que mostrou a sciencia militar, que
professava, foy nomeado Vicerey da India para onde
partio no anno de 1666, praticando em todo o tempo do
seu governo as máximas mais prudentes para
conservação do Estado, porem a morte envejoza da sua
fama lhe arrebatou intempestivamente a vida em 7 de
Novembro de 1668.(...) Celebraõ o nome de Joaõ Nunes
da Cunha elegantes pennas assim em prosa, como em
verso. D. Francisco Manuel nas Obras Metricas Tuba de
Calliope lhe dedica o Soneto 53 com um livro de versos
compostos por Joaõ Nunes da Cunha, que lhe cometera à
sua Censura²²⁰*

A carta do académico *Ambicioso* corresponde, pois, a um exercício literário destinado a destacar as qualidades morais e cívicas de que fez prova, das quais Barbosa Machado viria a deixar notícia, como vimos acima. Trata-se de um extenso texto que se filia na tradição clássica das epístolas familiares. Com efeito, esta forma literária foi cultivada por gregos e latinos com fins didáticos e moralizantes, vindo a alcançar um

²²⁰ MACHADO, Barbosa – op.cit. 2º tomo, p. 712.

papel de relevo nas obras de Cícero e Horácio, no século primeiro d.C. Em prosa (Cícero) ou em verso (Horácio), as cartas atingiriam uma extrema qualidade formal e são fonte documental imprescindível para a compreensão dos acontecimentos políticos e culturais da época a que se reportam. No caso específico desta carta, D. António pretende que a sua leitura seja uma maneira de o destinatário ocupar o longo tempo de viagem a que irá estar sujeito no trajeto para a Índia, onde vai exercer o cargo de vice-rei, para o qual foi eleito e, em simultâneo, deseja que o texto sirva para relembrar ao destinatário os perigos e as tentações que o irão cercar no desempenho deste honroso, mas árduo, cargo político:

*Já que haveis de surcar as crystalinas
Aguas da Foz do Tejo áquellas prayas,
Que o mûdo vio ao tremolar das Quinas.*

*Em quanto as vossas voadoras fayas
As azas desfaldando, levaõ ao vento,
Seguindo as suas prateadas rayas;*

*Ouvi o rouco som deste instrumento,
Que inda que toca, os pontos desentoa,
Que he diferente a voz do pensamento.*

*Naõ julgueis o que he pelo que soa
Que se na citra do papel a penna,
Toca suave, rijamente atroa.*

A carta constrói a imagem de João Nunes da Cunha como alguém que se encontrava em perfeita sintonia com os ensinamentos de Gracián. O homem que não devia *rendir-se a los humores, sino que tenia que dominarlos, como quien exerce su poder y su libertad sobre la naturaleza*²²¹. Escrita em tercetos de versos decassilábicos, está estruturada em dois momentos, ambos num tom heroico, uma vez que se trata de um exercício retórico e exortatório para um percurso ascético de conhecimento do mundo e de si mesmo, sem deixar de comportar uma vertente moral, pois o autor aproveita para pôr em evidência os vícios que corroem o homem, ou os obstáculos que se atravessam diante dele, impedindo-o de trilhar o caminho justo e, através dele, alcançar a plenitude. O primeiro momento permite ao académico *Ambicioso* destacar a importância do estudo e da experiência, através do convívio com os livros e os

²²¹ GRACIÁN, Baltasar – op. cit. p.26.

exemplos dos antigos, enquanto vai desfiando as perniciosas consequências da ganância e da ambição desmesuradas tanto nos homens, quanto nos reinos, contribuindo para a sua perdição e declínio. O segundo momento enuncia os escolhos que surgem ao longo da vida para impedir que o caminho ascético se faça, pondo-os a par do louvor que dirige às qualidades e ao heroísmo dos que se mantiveram íntegros e que aprenderam, lutaram e souberam transmitir os valores elevados que lhes haveriam de assegurar a fama eterna. Por estas duas partes perpassa a figura do novo vice-rei da Índia, um exemplo do homem perfeito em tudo, que saberá perpetuar no Oriente o nome dos seus antepassados e enobrecer um reino que, apesar de não ter já a dimensão geográfica que alcançara há dois séculos, continuava a ser grandioso e soberano.

D. António apresenta ao destinatário a maneira como o texto será construído, respeitando a informalidade característica das epístolas familiares:

*E assim, sem recear se multiplique,
Palavra por palavra, irey dispondo
Papel, que algumas cousas notifique.*

E, cumprindo mais uma vez um tópico, pede-lhe que tenha paciência, se a carta, porventura, for demasiado longa:

*Por partes vos irey dizendo tudo,
Não taõ desamparado da sciencia,
Que amor he mestre, e a vôtade he estudo*

*Armay-vos de inaudita paciencia,
Para poder tirar com juizo claro
De qualquer acidente esperiencia.*

O eventual desconforto que possa experimentar na leitura dum texto tão longo e desordenado poderá ser compensado, na perspetiva do autor, pelos ensinamentos que João Nunes da Cunha poderá colher, dos quais se destaca a consciência quanto à importância fundamental que o conhecimento do mundo tem para quem, como ele, vai ocupar um cargo tão relevante como é o de vice-rei da Índia. E para comprovar a importância de adquirir um conhecimento prévio sobre as exigências do ofício que terá de exercer, exemplifica com o que acontecia na Grécia antiga:

*Foy razaõ, q entre os Gregos se ensinasse
Repetir o Alfabeto, antes que a boca
Syllaba com paixão vociferasse.*

O autor da carta alerta também para situações passadas que contribuíram para desbaratar a fama de Portugal na Índia, fruto da ambição desmesurada de alguns e da ganância de outros. E o que foi indubitavelmente um bem – a chegada à Índia –, transformou-se com o tempo numa chaga que pouco a pouco foi corroendo a integridade das gentes e arruinando o reino:

*Em quanto a poderosa mão latina
Senaõ encheo do Arabico thesouro,
Ditosamente ao Mundo predomina.*

*Porém tanto que em circulos o ouro
Servio de ornato aos dedos, a cabeça
Despojada se vio do triunfal louro.*

E seguem-se os desejos e os conselhos para que o destinatário da carta obtenha o sucesso digno do nome dos seus antepassados:

*Dobrareis felizmente os tormentosos
Cabos, que tanto Oceano molestaõ
Outros há que dobrar mais revoltosos.*

*Invejas cá, e lá ha muito aprestaõ
As venenosas frechas, e invejados
Saõ só os que virtudes manifestaõ.
(...)
Preparay-vos a ouvir nos affligidos
Queixas dos poderosos, e á defensa
Naõ entregueis entrambos os ouvidos.*

*O filho de Fillipe á diferença
Da queixa, e da desculpa repartis
Os ouvidos, que davaõ a sentença.*

*Naõ se vos dê de ouvir a fantasia
Daquelle, que deseja mandar tudo,
Presumindo lhe toca a fidalguia.*

Conselhos como estes nunca são de mais, embora, por natureza, o conde de S. Vicente fosse um exemplo de homem harmonioso espiritualmente, o homem certo para recuperar a credibilidade de Portugal como grande nação, na Índia:

*Nasceste a domar os elementos
Deste pequeno Mundo, descompostos
Andaõ a terra, o fogo, o mar, os ventos.*

E o poeta prossegue, recuando aos tempos antigos da Grécia e enumerando ações heroicas e momentos de recreação em que *Ensinar divertindo o sabio intenta*,²²² para regressar ao caráter do seu par académico e dar prova da sua excelência:

*De vós sey bem o que publica a fama,
Pois ajuntastes com estudo quanto
O Mundo em varios seculos derrama.*

*Já que em Europa a experiencia tanto
Tem mostrado de vós, de vós confio
Sereis na Asia vitorioso espanto.*

*Naõ se sogeite aos astros o alvedrio,
Que independente dos influxos cria
O Deos, que tem do Mundo o senhorio*

A segunda parte da carta começa por retomar e desenvolver o verso *Naõ se sogeite aos astros o alvedrio*, alertando para os perigos e as ilusões daqueles que acreditam cegamente nas teorias deterministas quanto à influência dos astros sobre as ações humanas e não se preparam devidamente para as tarefas que lhes são confiadas, num trabalho difícil e honesto que conduza ao sucesso das suas missões terrenas, numa crítica à ignorância de quem confia nos prognósticos astrológicos:

*Se os claros caracteres consultamos,
O aviso certo, que nos daõ, tomemos
De que haõ de acabar, como acabamos.*

*Lá nesses livros eruditos lemos
De Simeaõ, hum Principe Bulgaro,
Consultando os astrologos supremos.*

²²² Referia-se ao jogo de xadrez.

*E achando todos por influxo raro
O instante de se expor contra os perigos,
Foy neste mesmo exposto ao desamparo*

Outro perigo a que está sujeito o homem que busca a perfeita sintonia das suas ações terrenas com a vontade divina, quando exerce um cargo de poder, são as lisonjas:

*A lisonja perdera a preeminência,
Com que o mais vil ao poderoso troca
A verdade real pela apparencia.*

*Doces afagos nos desejos toca,
E mais enganoso, do que cobre o Nilo,
Encobre destes a nefanda boca.*

Também as invejas e as difamações o ameaçam:

*Na Patria a este o tempo foy benino,
Em quanto ao merecer, mas logo a inveja
Quis limitar o premio ao seu destino.
(...)
A sorte, q a estes taes sempre defama,
Que fosse, lhe tirou, elle o primeiro
A succeder ao Argonauta Gama.*

O autor defende, assim, no seu texto o homem que procura a sabedoria e a experiência, prudente, justo e senhor do seu destino, ajudado por Deus e liberto de superstições, cujo exemplo é, justamente, João Nunes da Cunha:

*A forma, o material, e o artificio
Em nós está, que a fabrica formamos,
Ou mais, ou menos alta do edificio.
(...)
Não he capaz a natureza nossa
De operar por si só, que só Deos póde
O que elle quer que tanto braço possa.*

*E assim, como supremo Author, acode
A nossa falta, dando-nos conselho,
Que o mal das nossas presunções.
(...)*

*A Asia logrará tal beneficio
Convosco, que imitando a Gordiano,
Livre a fareis daquele torpe vicio.*

*Ande longe o severo do tyranno
Motivar o odio não, mas respeito
He a conservação do soberano.*

*Nada modere o rigoroso effeito
Do castigo, huma vez só merecido,
Ao quebrantar do minimo preceito.*

Para reforçar a apresentação das suas ideias, Álvares da Cunha recorre à exemplificação através dos antepassados e dos heróis nacionais, bem como dos feitos ilustres que praticaram pelo mundo, em honra da pátria e das suas famílias. D. António enumera-os pelo nome próprio, e o editor, em nota de rodapé, completa as informações para o leitor:

*Hũ Lopo,²²³ Conde de Buêdia, medo
Dos turbantes, que foraõ testemunhas,
Vencidos no districto de Toledo.*

*Que imitando o valor dos outros Cunhas
Nas armas em marciaes jogos ganhadas,
Treze bandeiras junta ás nove Cunhas.*

*João²²⁴ Pereira Agustin, q as celebradas
Damas Inglezas chamaõ, na defensa
De seu valor somente confiadas.*

*Que direy de Tristaõ²²⁵, a differença
Delle aos nove varões, que grita a fama
O tempo só declarará a sentença.*

*A sorte, q a estes taes sempre defama,
Que fosse, lhe tirou, elle o primeiro
A succeder ao Argonauta Gama.*

A carta termina renovando a certeza de que D. João Nunes da Cunha alcançará a glória e a fama na Índia, o que permitirá que ele próprio venha também a ser lembrado no futuro, e apresentado como modelo a seguir:

²²³ Sand. Na Cron. de D. Affonso VII

²²⁴ Sueiro Annaes de Flandes

²²⁵ Tristaõ da Cunha o primeiro nomeado Vice- Rey da India. Joaõ de Barros

*Nestes retratos dessa sala vede
Hum Barreto,²²⁶ hum Furtado²²⁷, hum Azevedo²²⁸
Como igual, cada qual aos outros mede.*

*Entre estes, e outros taes, vereis bẽ cedo
Collocado tambem vosso retrato,
Que faça aos vossos sucessores medo.*

Glória e fama que, uma vez conquistadas, hiperbolicamente se espalharão pelo mundo inteiro:

*E a copia delle servirá de ornato
Ao templo, que coroa o cume ao Emo,
Pois que do vosso nome enche o voato
Do Istmo occulto ao Promõtório extremo*

Creemos ter deixado clara, sobretudo nos versos iniciais deste texto, e evidência do ideal humanista que visava unir o deleite para a ocupação de um tempo morto – um intervalo correspondente à longa viagem de Lisboa à Índia – ao proveito moral colhido na contemplação dos exemplos apresentados. Na epístola, estes dois objetivos entrelaçam-se, de modo a proporcionar ao destinatário a fruição de bons momentos, enquanto vai reavivando úteis preceitos de conduta onde é possível constatar a influência do ideal de vida proposto ao cortesão, que poderia ser concretizado pela aplicação prática do que as palavras da carta propõem.

²²⁶ Francisco Barreto

²²⁷ André Furtado

²²⁸ D. Jeronymo de Azevedo.

O Obelisco e o Labirinto

O perfil literário do académico *Ambicioso* completa-se com dois textos de natureza e dimensão diferentes que sintetizam em si a diversificação de interesses de D. António, bem como o enraizamento da sua obra na matriz barroca específica da realidade portuguesa da segunda metade do século XVII. O primeiro é um livro impresso, ostensivamente intitulado: *OBELISCO PORTUGUES CRONOLOGICO, GENEALOGICO E PENAGIRICO QUE AFECTUOSAMENTE CONSTRUE D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA AO MAIS FAUSTO DIA QUE EM MUITOS SECULOS VIO LISBOA NO BAPTISMO DA SERENISSIMA INFANTE D. ISABEL MARIA JOSEPHA*, publicado em Lisboa, no ano de 1669, e o segundo, um «soneto labirinto, acróstico, anagramático e enigmático» que D. António dedicou ao conde de VillaFlor, D. Sancho Manuel, e que surge incluído nas *Adições aos Aplauzos Académicos*.

O *Obelisco* corresponde a um nobiliário especialmente concebido para assinalar o batizado da princesa D. Isabel, filha do então regente, príncipe D. Pedro II, e D. Maria Francisca de Saboia, em janeiro de 1669. Um acontecimento com bastante peso simbólico, dadas as atribuladas circunstâncias políticas em que o reino vivia e a necessidade premente de consolidar a dinastia da Casa de Bragança. Mas, para além de ser um nobiliário, a obra corresponde, de facto, a um exercício retórico de edificação de um obelisco cujas pedras são as sucessivas gerações que viriam a convergir na figura da pequena princesa, que ficaria conhecida pelo epíteto de *Sempre Noiva*. A dedicatória que antecede o texto principal deixa-nos informações pertinentes que revelam o objetivo de tal configuração:

*Este Obelisco, que hũm coração Portugues
postrado aos pès de Vossa Alteza, levanta aos seculos
vindouros, solicita o seu amparo, para que possa
permanecer contra as inconstâncias do tempo, & este
receyo nasce só da insufficiencia do artífice, & não da
falta da fabrica, porque não vio Egypto, Piramedes, nem
Roma, Obeliscos com mais solidos fundamentos, nem com
mais proporcionada deliniação, feitos hũs ao deposito de
muitos Reys, & outros ao desvanecimento de muitos
Emperadores: & se todos existissem no seculo presente,
vangloriosos me patrocinarão para com V.A. pois no*

Chapitel desta obra viaõ outra vez unidas as sinzas, que em tantos Reaes Mausoleos no âmbito do Mundo, em tantos seculos guardaraõ para se formar a preciosa Pedra, que hoje se engasta na Coroa Portuguesa, Mina donde sahiraõ sempre as de mayores quilates, que resplandessem nas que dominaõ o Universo. Guarde Deos a Real Pessoa de Vossa Alteza como as esperanças Portuguesas prometem, & como seus Vassallos necessitaõ.

O obelisco é um elemento escultural com grande carga emblemática que remonta ao antigo Egito. Trata-se de uma construção feita a partir de um bloco de pedra monolítico de base quadrangular, que afunila, à medida que as arestas convergem para a ponta piramidal, banhada a ouro, e decorado com inscrições hieroglíficas. A forma aguda da parte terminal tem a função simbólica de perfurar as nuvens e dispersar as forças negativas. Simboliza a estabilidade e a força criadora de Rá, o deus do sol, a quem era dedicado. Durante o Renascimento, os obeliscos trazidos do Egito para Roma - onde estavam quase esquecidos - foram recuperados, cristianizados e colocados diante dos templos católicos. Não será, portanto, estranho que a reabilitação deste género de monumentos os popularizasse enquanto manifestações de outras potestades que não as do paganismo egípcio, ainda que com elas estabelecessem uma relação de emulação quanto à essência e perfeição, esta última reconhecida por D. António ao declarar a sua inabilidade como obreiro de tal peça, porque *não vio Egypto, Piramedes, nem Roma, Obeliscos com mais solidos fundamentos.*

A apropriação metafórica desta estrutura volumétrica, que exerce uma pressão assertiva do poder dominante na cidade barroca, permite visualizar no texto do secretário da *Academia dos Generosos* as sucessivas gerações como se inscritas nas paredes do obelisco à maneira de hieróglifos e contribui não só para enriquecer o discurso panegírico que os nobiliários da época encerram, mas também para comprovar que tal acontecimento festivo consolida e reforça os ideais de permanência e estabilidade tão necessários à casa de Bragança como garante da independência definitiva de Castela.

A primeira parte da obra inicia-se com o relato encomiástico do nascimento da princesa:

A SEIS DE JANEIRO do Anno de 1669, depois que Portugal pode lograr a felicidade de hũa gloriosa paz, pella qual se trabalhou 29 annos em hũa tão porfiada guerra, appareceo sobre o Orizonte portugûes nova Estrella a muitos Reys. Ornada de tantos resplendores

*como lhe communicã os rayos das duas mayores
Luminarias da nossa Lusitania no nascimento da soberana
infante D. ISABEL MARIA JOSEPHA.*

Segue-se a descrição consecutiva dos ramos familiares de ambos os lados. Pela linha paterna, a origem da princesa remonta até à quinquagésima quinta geração. Seria descendente

Netta 55

*De Requimiro Rey dos Francos, que se fez adorar
por Deos, que era tresneto de Marcomiro terceiro Rey dos
Simblos, & filho de Clogio dezoito Rey dos Sicambos, que
floreceo no Anno da Encarnação de Christo Senhor Nosso,
& era dezoito netto de Antenor filho de Ector, que no anno
de 2800 foi feito nas ribeiras do Danubio Rey dos
Cimerios: foi morto por Antimo, Anno do mundo 2844, &
antes da redempção dele 1103.*

Pela linha materna, a ascendência da princesa dá ocasião a uma narrativa familiar semelhante. Dona Isabel é a

Netta 55

*De Juto Rey de Saxonia, que no Anno do mundo
3640 passou à conquista de Dinamarca pelas opressoes
que faziaõ àquelles povos Suenon seu Rey: mas não
podendo conseguir o que intentava, ficou povoando a Ilha,
que por seu nome Juto se chamou Jutia, donde morreo
pelo a anos do mundo 3644.*

Verifica-se, assim, o cuidado que o académico *Ambicioso* pôs em traçar para a princesa uma árvore genealógica de origens remotas, que se aproximam cronologicamente do Egito antigo e que hiperbolizam a nobreza da filha de D. Pedro e Dona Isabel Francisca e a legitimam como infanta herdeira do trono de Portugal.

Da obra consta ainda uma segunda parte, em que D. António elabora uma exposição do festejado dia do batismo, misturando verso e prosa de conteúdo biográfico. Faz referências detalhadas ao espaço e aos adereços, descreve a moldura humana de cortesãos e as respetivas preeminências e combina momentos dinâmicos com as pausas necessárias para identificar os nobres presentes e introduzir referências que confirmam a sua condição superior e os altos cargos que exercem, ou exerceram.

O texto híbrido desta segunda parte inicia-se com a descrição magnificente dos espaços interiores do palácio real onde se realizou a cerimónia:

*ESTES SAM
os grossos Troncos, & copados Ramos,
que produziraõ
taõ fragante Flor
que Sabbado
dous dias do mez de Março,
no qual
os Astrologos começã Anno
se deu principio
ao de 1669,
no baptismo da soberana Infante,
que esperava
ser conduzida ao sacro banho
na Camara
do seu Real quarto,
cujas paredes
cobriaõ Brocados,
& na Alcova,
que guarnecia hũa armação de razo Carmezina
bordado de ouro,
hũas jarras de flores,
em cujos entretecidos ramos
se lia
Egredictur flos de radice Jesse,
que servio de Alma
ao corpo daquele Emblema
nas flores,
cujas raízes
estendidas pelo ambito do mundo:
brotáraõ
o verde Botaõ
que com a sagrada agoa do Baptismo
abria
a melhor Purpura as Coroas de Europa
em hum Berço
para cuja fabrica
deu
a Azia o Evano, a Affrica o Marfim, a America a palma,
a Europa o artífice,
toda a terra se suas minas
a Prata, & o Ouro,
todo o mar de suas conchas,
os Aljofres, & Perolas
quatro estatuas
do mais estimado metal
Hieroglificos
das quatro partes do mundo,
rematava a grãde
que oferecido
à tenra, mas real Cabeça*

as suas quatro Coroas:
cobria esta obra
o paramento
de Tersiopello Carmezim,
rendado de Ouro, & Prata
em cuja comparação
se vio
a mayor grandeza limitada,
a mayor perfeição excedida,
de donde
novo Atlante de Ceo taõ resplandecente
com Opa rosagante
de Primavera de prata,& ouro,
em hũa Banda branca
epeciculo de Luzitano Sol
o tomou
sobre seus braços.

*Dom Nuno Alvares Pereira primeiro Duque do Cadaval,
quarto Marquez de Ferreira, sexto Conde de Têugal (...)
Mordomo mor da Raynha, & Princesa nossa Senhora
Dona Maria Francisca Isabel de Saboya: quarto netto do
senhor Dom Alvaro (...) filho D. Fernando segundo Duque
de Bragança, que era netto do por antenomazia grande
Rey de Portugal Dom João o Primeiro de boa Memoria.*

*E atravessando o Salaõ Real,
que armava
hũa Tapeçaria de ouro, & seda,
na qual
ordidura, & riqueza
se cançou a paciencia Indiana,
& se logrou a riqueza da China,
dos tropheos
daqueles Reys,
que triunfando haviaõ de ornar
a quadra
em que assitiaõ aquelles Principes,
cujos alcendentes
tantas vezes foraõ
triumphadores de seus triumphos,
na porta
da seguinte quadra,
que adornavaõ
os Planetas
em Razes finíssimos de seda, & ouro,
prometiaõ
a taõ soberana Princesa,
Saturno a descendência, Jupiter o poder, Marte a cons*

*tancia, Sol a ventura, Venus a beleza, Mercurio a prudencia, & Lua a castidade.
Sustentavaõ
hum Palio de Brocado azul, & ouro,
quatro varas de prata,
que levavaõ
quatro Grandes, os mais antigos na Ordẽ dos Condes.*²²⁹

Detém-se, de seguida, no primeiro desses quatro condes e traça-lhe a biografia, à semelhança do que tinha feito anteriormente com o Duque do Cadaval:

*Dom Vasco Mascarenhas, primeiro Conde de Obidos do Conselho de Guerra d'elRey Dom João o Quarto, & de Estado d' elRey Dom Affonso o Sexto, & do Principe Dom Pedro nosso Senhor(...)*²³⁰

O texto prossegue deste modo, focalizando-se sucessivamente nos restantes condes, nos marqueses que transportavam o sal, a vela e o maço, respetivamente significando a sabedoria, a perfeição e a fidelidade²³¹, nas figuras religiosas, no monteiro-mor, no armeiro-mor, no trinchante-mor, – que era o próprio D. António Álvares da Cunha, autor do texto²³² – e todos os outros que exerciam cargos na corte. Não ficaram esquecidas as damas que *detrás do Palio occupavaõ o immediato lugar*²³³, nem os *Corregedores do Crime da Corte* ou os *Doutores*.

O conteúdo desta segunda parte do *Obelisco* enriquece-se ainda mais com o relato da evolução do cortejo pelos diferentes espaços do palácio real e o olhar atento do narrador foca-se sobre os objetos decorativos que vão surgindo ao longo dessa movimentação, intercalando sempre as biografias das figuras proeminentes presentes na cerimónia:

*Dava principio
a todo este solena Triumpho Cristão
os Reys de Armas, Arautos, & Passavantes,
os quais seguião
seis Porteiros da Massa,
& logo
os Corregedores do Crime da Corte*

²²⁹ pp.68,69,70,71

²³⁰ Idem, ibidem

²³¹ p. 74

²³² p.92

²³³ p.97

os Doutores,
 (...)

Continuavaõ
 com luzidas Gallas, & custosas Joyas
 a Nobreza de Portugal
 cujo numero, & grandeza,
 não cabendo
 nos caracteres da Arithmetica
 se izenta
 do debuxo do Pincel tão limitado.
 Nesta forma,
 & com esta compostura
 passou
 este grave pomposo, & Real até a Capella,
 por doze Quadras, & duas Gallarias,
 armadas todas
 com panos de Raz, Ouro, Prata, & Seda,
 cujas Historias
 poderião
 servir de exemplares aos Principes
 (...)

O Pavimento
 de toda esta distancia
 se cobria
 com 140 alcatifas de extraordinária grandeza,
 nas quais se vião
 excedidas de si mesmas
 as fabricas
 antiga, & moderna,
 dos Percianos teares,
 de Odiàs & de Aspão
 a Real Capella,
 cuja architectura se divide
 em tres Naves
 Estava armada de varios Borcados, & Tellas,
 cujas Sannefas
 bordadas em varios ramos,
 sustentavam
 as Reaes Armas
 de Portugal.²³⁴
 (...)

Do ato solene que ofereceu o pretexto para este exercício literário, o autor limita-se a oferecer uma breve descrição, destacando que o batismo da princesa foi celebrado

²³⁴ pp. 102,103,104.

pelo bispo de Targa, do qual traça a biografia. O cerimonial obedece aos mais solenes ritos, tendo o oficiante tomado

... as vestiduras Pontificais
como ordena
o Ritoal Romano:
as primeiras roxas
em quantos sujeitos ao pecado original
as segundas brancas
sinal de graça, que comunica o sagrado banho do batismo.
Deu
principio, & fim
ao Christão acto a religiosa cerimonia,
& a Catholica obrigação
de tão Felix dia
doze Moços Fidalgos
com doze tochas,
rodeavam
a cortina do Baptisterio²³⁵

O livro conclui-se com as referências biográficas dos governadores das terras sob o domínio de Portugal na América, na África e na Índia, do reitor da Universidade de Coimbra, do presidente do Desembargo do Paço, dos vedores da Real Fazenda, do regedor da Casa da Suplicação, do presidente da Mesa da Consciência do presidente do Conselho Ultramarino, do presidente do Senado da Câmara de Lisboa, do presidente da Junta do Comércio do Brasil, e do governador da Relação, & Casa do Porto. As palavras que encerram o texto são uma variante da expressão com que o académico *Ambicioso* animara Joseph Faria Manuel – *FINIS CORONAT OPUS* – vencendo os seus escrúpulos quanto à competência para pronunciar a sua oração académica na Academia dos Generosos a 26 de março de 1665: *MATERIA SUPERAT OPUS*.

O apelo visual que este extenso texto convoca, ao convidar o leitor para a observação de um obelisco edificado com palavras, adquire novas feições quando associado ao contexto privado da academia. Com efeito, a apropriação da palavra na sua materialidade, enquanto meio suscetível de permitir a construção de imagens visuais potenciadoras de sentidos que vão para além daqueles que em si mesma encerra, foi um hábito frequente no ambiente académico, condenado por Luís António Verney que via nessa prática mais um argumento para justificar o *mau engenho* ²³⁶ da poética barroca.

²³⁵ p. 109.

²³⁶ VERNEY - op. cit. p. 129.

Segundo este crítico iluminista, atribuir tal costume a Teócrito seria completamente infundado, pois indigno de um poeta tão grande da cultura grega, uma vez que se trata de andar atrás da *palavra longa ou curta*²³⁷ e não do bom conceito²³⁸.

A verdade é que os académicos seiscentistas – modernos *avant la lettre*, considerando todas as potencialidades da palavra-objeto exploradas de forma sistemática a partir do século XIX – acomodaram-na aos seus objetivos particulares que podiam ser de exaltação e encómio, ou de passatempo e ócio. O caso do *Obelisco*, onde a imagem está subentendida, ou o exemplo da *Pyramide Solenne*²³⁹, que D. Francisco Manuel de Melo ofereceu à Academia dos Generosos, no dia 29 de maio de 1661, em que a imagem surge formada diante do leitor, sem ser necessário convocar a sua capacidade de abstração (fig.8), confirmam o louvor da corte ou da academia:



Fig.8 – Retirado das *Obras Métricas*, vol.II, 2006, p. 800.

²³⁷ Idem, *ibidem*.

²³⁸ Idem, *ibidem*.

²³⁹ MELO, Francisco Manuel de - op. cit. p. 800.

Associada ao passatempo e ao ócio poderá estar uma grande variedade de textos, para os quais a palavra escolhida pelo poeta académico deveria obedecer a um único requisito, como, por exemplo, produzir um eco, criar um equívoco, encobrir um enigma, permitir um acróstico ou um anagrama, dispersar um cronograma, responder a consoantes forçadas, desenhar um labirinto ou, mesmo, poder ser substituída por números²⁴⁰. Um conjunto muito diversificado de possibilidades de utilização da palavra, orientada mais para a exploração das possibilidades oferecidas pelo significante, mais do que pelo significado, permitindo a criação de imagens complementares ou exteriores ao texto cujo diálogo com a emblemática de Tesouro, Ripa ou Alciato, tão populares na época, não pode ser excluído.

Conhecemos um único trabalho de D. António Álvares da Cunha que se insere neste tipo de textos: o *soneto encomiástico, em forma de labirinto, que é também enigma, acróstico e anagrama*. Foi impresso, como já ficou referido acima, nas *Adições aos Aplauzos Académicos*, de 1673, mas pudemos localizar uma cópia na Biblioteca Pública de Évora (códice 2-II..., fls. 3 e 4), que contém a sua decifração, levada a cabo pelo padre

²⁴⁰ Definição sucinta das diferentes formas poéticas:

Eco – Repetição das duas últimas sílabas do verso no início do verso seguinte. No manuscrito 49- III- 63, da BA, fls.. 349 a 358, encontramos um romance em ecos cujas primeiras estrofes são as seguintes:

*Senhora Brites se ingrata
grata com néscios desprezos,
prezos aos pobres amantes
antes que os premeye em termos*

*Bom será que nesta empreza
preza pague aos duros ferros
erros que por livianos
annos há já que andan prezos
(...)*

Equívoco e enigma – Verney considera-os semelhantes e uma prática comum no Oriente, onde os reis se divertiam uns aos outros a propor adivinhações, Luís António Verney, op. cit. pp. 131 a 136.

Acróstico e anagrama – Também neste caso, Verney os considera parentes muito próximos, e critica esta modalidade, exemplificando: *acham-se engenhos mariolas tão infatigáveis que no mesmo soneto põem três vezes o mesmo nome: duas na extremidade e uma no meio*. p.134.

Cronograma – *Consiste (...) o cronograma em pôr no princípio ou no fim de um livro, ou em alguma inscrição, certas palavras, parte das quais letras sejam maiúsculas, as quais, juntas, declarem a era em que foi feito o livro*. Idem, ibidem.

Consoantes forçadas – *Quando querem experimentar um homem se tem engenho dão-se consoantes estrambóticos, para que complete os versos; e, como isto seja o mesmo que obrigar um homem a que diga despropósitos, já se sabe que fazem composições indignas de se verem*. Idem, ibidem

Labirinto – *Os Labirintos de letras são mui mimosos em Portugal (...) Fazem-se labirintos de quartetos dispostos em certa figura, de sorte que se lem por todas as partes, e sempre conservam a mesma consonância. Outros fazem versos que se lem para diante e para trás: de uma parte, fazem m sentido; da outra, outro contrário*. Idem, p. 135/6.

J. B. de Castro, com a data de 2 de fevereiro de 1720, o que prova o interesse que este tipo de textos continuou a despertar no século XVIII.

A única instrução que D. António deixou para a decifração do seu soneto surge no título da composição, no qual está identificado o seu destinatário – *AO SENHOR CONDE DE VILLAFLOR* – e as características específicas da composição: *Labyrintho: Enigma: Soneto: Encomiástico, Acróstico, Anagrammatico: em vinte, e oito Anagramas rigorosos.* A rubrica completa-se com a indicação da entrada no labirinto: *He cada circulo um verso, cada verso dous anagramas. Compoense as letras pelos números, e os números pelas letras, da periferia deste Orbe.*

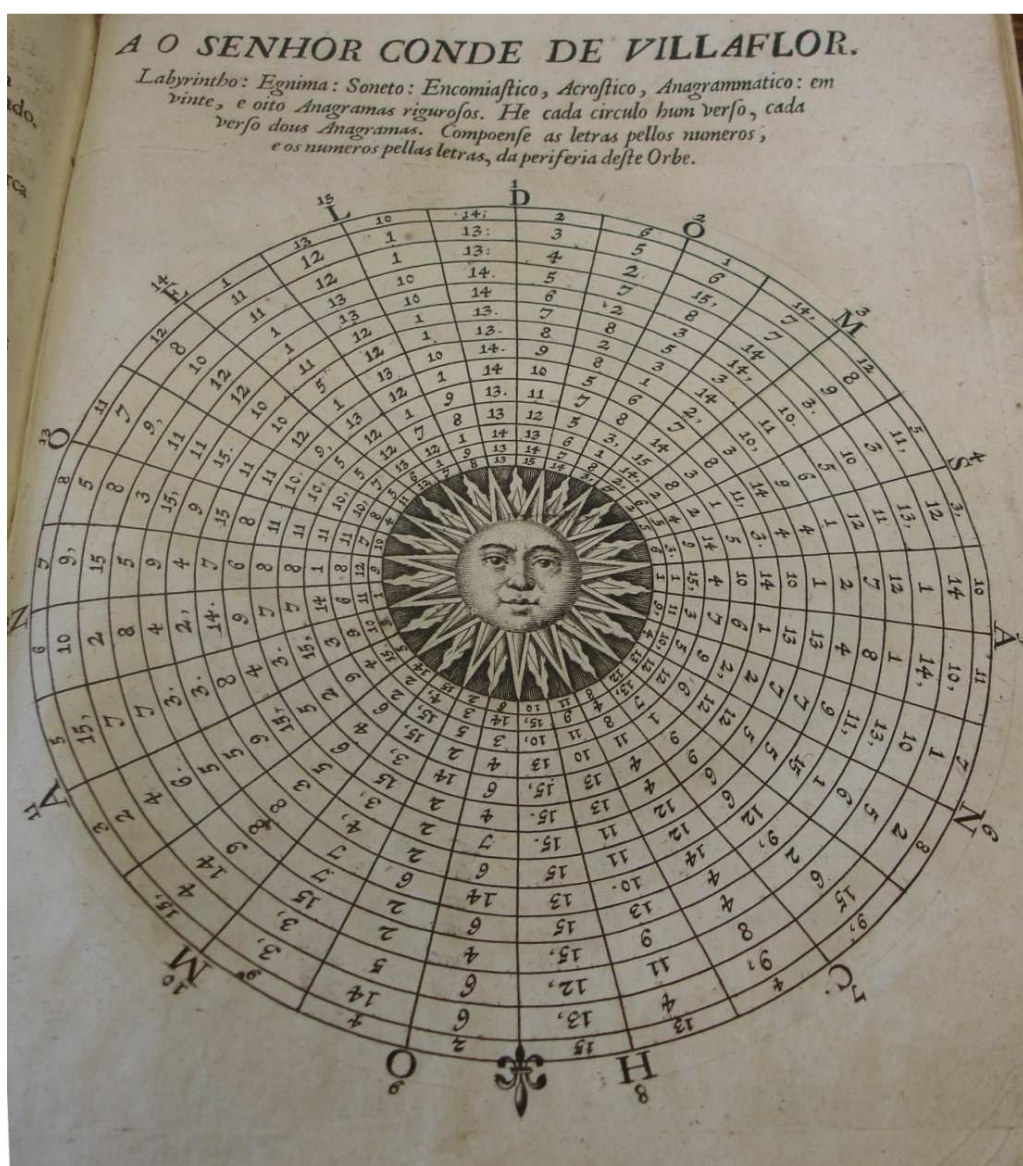


Fig.9 – *Adicções aos Aplauzos Académicos*, p. 195.

Na cópia conservada em Évora,²⁴¹ o padre J. B. Castro propôs o seguinte caminho para a compreensão da imagem:

Declaração do soneto acrostico, anagramático, e enigmático que D. Antonio Alvarez da Cunha secretario da Academia dos Generosos fez ao Conde de Villaflor D. Sancho Manuel

Decifrado pelo P.^e J. B. de Castro em 2 de Fev de 1720

Decifrese desta sorte: começa a comporse o 1º verso pelos nºs do 1º circulo. V.G. abaixo da letra D esta o nº 2 e vendo em sima desta letra está o mesmo nº que he a letra O depois segue-se 6 e vejo que está em sima da letra N. depois segue-se 1 e vejo que está em sima do D. depois segue-se 14 e vejo que está em sima do E e vejo assi formada a primeira palavra que diz Onde: e assim irei compondo por diante até se acabarem os nºs do primeiro circulo. Vamos ao 2º circulo principia por 3 olho para a letra que tem semelhante nº em sima e vejo que he M segue-se 5 e vejo que lhe corresponde A segue-se 6 e vejo que a letra he N. depois tem uma assinatura, e na margem esquerda ao alto o nome Dom Sancho Manuel

De que resulta o seguinte texto:

*Onde nam macho sol o sol manchandome;
mancha nem dolo so nem sol mo achando:
sol como de manham nam escolho, mando:
achem. Mando no sol solon chamandome*

*Nome mancha do sol no cham. Sol andome
chamando sol nem o encham o sol mando
homem os do canal nos mostre chamando
oh do mesmo canal com al sonhandome*

*mancha medo no sol, sol nam chamo onde
Achem damno no sol, nem sol chamando
nam lhe escondam o sol, nome dam ancho*

²⁴¹ Códice CXII / 2 – 2.

*onde o sol mancham, mal o sol ham conde
cetro nam dam no sol em sol manchandoo
Lem coando sonham no Leam Dom Sancho*

Apesar de estarmos perante um único texto, pensamos que D. António poderá ter sido um aficionado destes exercícios que exploravam o carácter lúdico da língua – veja-se a concentração de modalidades neste único texto –, mas é de notar que se serve das suas capacidades inventivas para fazê-las reverter em prol das suas ideias e como um instrumento destinado a enaltecer a figura de D. Sancho Manuel.

CAPÍTULO IV

Poesia de D. António Álvares da Cunha

(Manuscrita e impressa)

Nota ao texto

Na transcrição dos poemas retirados dos manuscritos mantivemos a ortografia e a pontuação, separamos as palavras, desenvolvemos as abreviaturas e assinalámos os casos críticos. Os textos foram ordenados de acordo com a abordagem feita no capítulo III, deste trabalho.

POESIA ACADÉMICA

Vários Versos ao Felix Nascimento, do Sereníssimo Infante Dom Pedro Manuel, dos Académicos a que preside Dom Affonso de Meneses, Paulo Craesbeek, 1648,

p. B3.

*Senhor, para que nasça vossa Alteza
Não pode ser que estrela só domine
Ajuntese o Ceo todo, & vos destine
Para Alcides de toda a redondeza.*

*Quanto mede do Sol a ligeireza,
Tanto, Senhor, ao vosso mando incline,
E so vossa piedade predomine,
O que Roma venceo com fortaleza.*

*E se virdes que o mundo hoje engrandece
(So por dar a Theodosio a obediência)
Quanto por varios âmbitos se tece.*

*Crescei porque a divina Omnipotencia
Outro mundo fará, que em vos conhece
Digno deste milagre essa prudência.*

Al nacimiento del señor Infante que Dios guarde

*Señor, porque se acabem los temores,
Nace en confirmacion de las mercedes,
Crece, porque veamos lo que excedes,
Com tus merecimientos los favores.*

*Del peligro de Alfonso a vn los temblores
Del coraçon calientan las paredes,
Por esso tu presencia nos concedes
Como en restituicion de los Dolores.*

*Vem, para ser coluna al hemispherio,
En que pródigo el hado por su mano
Firma em Theodosio eterna la corona*

*Vi lo que assegura nuestro Imperio,
Pues a un peligro solo de tu Hermano
Satisfizo, Señor, com tu persona.*

p. E4

Madrigale

Nel Natale del signor Infante

*Nacque bambin gia grande,
Perche a tanta alegreza
Ragion è che grandeza
Per ricompensa a noi il cielo mande.
E com tanto potere il tuo destino
Che si vegia un gigante un bambino.
L'stame, sai de Clotho
Per che tua vita file,
I fili d'oro di tuoi crini biondi
De la fortuna il moto
Sai stabil per te bambin gentile,
I te serva giondi
Per fasci triumpho, si percula, i mondi.*

Soneto

*Fabio mirando estava la belleza
mayor que puede ser lo imaginado
y entregue todo al bien de su cuidado
solo atiende al querer de su firmeza*

*Dexava se llevar de la fineza
de ver existir aqui lo mal pagado
quando sueño cruel arrebatado
la dicha le troco por su tristeza*

*Pero Fabio como ve que de su dueño
no le pueden quitar adoraçiones
dixo siendo despojo a la conquista*

*No importa no que me perturbes sueño
se me hurtas el ver a las paçiones
ojos no tiene amor ny su fe vista*

Manuscrito V 215 – BACL, fl. 38. Também traladado no manuscrito 51-II-24, BA,fl.99.

A hum astrologo q levantou figura a Clori

Soneto

*Licio buscar a Clori la influencia
debaxo de tu docta astrologia
fue faltar de tu fee la bizarria
com lo falible de una facil siencia*

*Pienças allar la celestial esencia
sujeta a aquel destino o cortezia
del Astro quando su soberania
esprimenta del hado la obediencia*

*Ni pienças Licio tal que fue devida
obligacion que ha hecho tu juizio
buscar a Clori entre las luzes bellas*

*que como todas della tienem vida
no te pueden culpar discreto Licio
pedir cuenta del sol a las estrellas.*

Manuscrito. V 215 – BACL, fl. 38.v. Também reproduzido no manuscrito 51-II-24, BA,fl.102.

Epigrama a lo mismo

*Grande culpa he serto Licio
buscar a Clori o destino
quando sabeis q al divino
naó comprende o precipiçio*

*Disculpanos Cloris bella
que podeis em consciencia
não lhe buscar a influencia
mas porem buscarlhe a estrella.*

Manuscrito 5864, BNP, fls.13/13v, assunto académico glosado por João Nunes da Cunha, D. António Álvares da Cunha, Francisco de Faria Correia, Antonio da Fonseca Soares e Conde da Torre, à volta do segundo tema proposto pelo presidente – Aunq escrivi mis querellas/ en los celestes zafiros/ la causa de mis suspiros/ la ignoram las estrellas.

*Diversos effectos hazem
mis cuidados, y mis penas
aunq mis duras cadenas
de aquellos cuidados nascem:
porq estes se satisfazem
com mi silencio sy agnellas
com mis gemidos; pues dellas
y dellos, se bon los hados
q' aunq sō soy mis cuidados
aunq escrivi mis querellas.*

*Sy hago publicos mis males
quedo culpar mi silencio
q' a vezes na differença
tal cauza de effectos tales:
sy callo mis deziguales
penas, los proprios sospiros
infierno ve llantos tiros
com q offendem lo q oro
y ansy escondo lo q lloro
en los celestes zafiros.*

*En tan grand padecer
discretam/te el amor
manda ponga mi dolor
do no se pueda entender:
porq el penar, y el saber
por quien; son diversos gyros
y los celestes zafiros
sabran lo viento yo
por mis sospiros, mas no
la cauza de mis suspiros.*

*El respecto indiferente
mi proprio dejeo ignora
porq es culpa lo q adora
y fineza lo q siente:
y ansy calla justam/te
cuidados , y las querellas
dize pues dellos y dellas
infierno,q sy las vieron
las estrellas conoçieron
ignoraron las estrellas*

Manuscrito 5864, BNP, fl.33 ,assunto académico glosado por João Rois de Sousa, Dom Francisco de Sousa, Frei André de Cristo, 2 sonetos, António da Fonseca Soares, 2 sonetos, Dom António Álvares da Cunha, Francisco de Faria Correa, Francisco de Azevedo, Francisco Mascarenhas Henriques, João Nunes da Cunha, Dom João de Figueroa, Luis de Miranda Henriques , à volta do tema proposto pelo presidente – *Apartouse hum amante de sua achando em sua fermosura os mayores desenganos .*

Ao mesmo assumpto

Soneto +

*Oy viendote Licina aquel engano
moderador de tanto sentimento
dexo de ser engano e fase escarmiento
y luego de escarmiento desengano*

*No porque viesse tanto bien estanho
Cezalaua la pena el suffrimento
q' en tan dichoza offensa el pensamiento
com tu beleza inotereua el dano.*

*y esta beleza q' a mi amor ha sido
he chizo dulce, y alaguena suerte
q' a tus pies encantaua mi sentido.*

*Lama me fue q' yo Licina, al uerte
com escarnimientos de un continuo oluido
pudo dezenganarme el mercerte.*

Manuscrito 5864, BNP, fl.65V, asunto académico glosado por Antonio da Fonseca Soares, e um autor anónimo, à volta do mote:

*Blanca en prisiones padeceo
y anda en ellas tan igual
q' los rigores del mal
por lo q' quiere apetece*

Glozas

*Blanca a quien Amor y el hado
atta a diversas cadenas
siente dudosa las penas
de um rigor, y de un cuidado
siente aquel mal dilatando
mas si su fineza crece
luego el sentir appetece
com q' en contrarias passiones
Blanca se alegra en prisiones
Blanca en prisiones padece.*

*Sy prezion Amor le ordenas
como riguroso el hado
quiere soltar un cuidado
celandole mas cadenas?
dos prisiones, no dos penas
siente Blanca en tanto mal
porq' su fineza es tal
q' en passiones y querelas
tan dizigual anda en ellas
y anda en ellas tan igual.*

*Como su fineza aumente
jusga Blanca el mejor medio
attar a su mal remedio
en el mismo mal que siente:
y ansi passa indefferente
en pena tan desigual
attando paciencia tal
peor, en tanto desden,
lo bebidou(?) del bien
q' los rigores del mal.*

*Mas si una prision dilata
lo q' ordena outra prizion
como hade hazer la passion
fineza de lo q' matta:
pero si q' lo maltratta
tasilo(?) la fineza crece
es dicha lo qq' padece
Blanca, q' en lo q' se emplea
per lo q' siente dezea,
por lo q' quiere apetece.*

ANÚNCIO DO CERTAME

Epithalamico publicado na Accademia dos Generosos de Lisboa, ao felicissimo cazamento do sempre Augusto, & Invicto Monarcha D. Affonso VI no nome, Rey de Portugal com a soberana Princeza D. Maria Francisca Izabel Rainha, & Senhora Nossa, pelo Academico Ambicioso, & Secretario da referida Academia, em Lisboa, na Officina de Ioam da Costa, 1666.

*Aquelle Deos intonso,²⁴²
Brilhante habitador da Esfera
Por cuja mão do tempo o tempo corre,
E sem nunca morrer por dias morre:
Aquelle que rubrica
Do Inverno, Outono, Estio, & Primavera,
O tempo que lhe fica,
Aquelle que nascido
Entre as ondas ceruleas de Neptuno,
Do muito melhor Concha produzido
Que a Deosa inveja da ciosa Iunos,
Pera aplaudir de Affonço,
Monarcha Lusitano
O consorcio felice, & soberano:
Da quarta Esfera adonde cada instante
Vé da Terraquea Bola
Unido vendo partes nella*

*De quantas medem Circulos Solares
Donde hua , & outra luminoza Estrella;
Das Quinas Lusitanas,
Das crucíferas Quinas,
Nam triumphem humanas,
Nam influam divinas
Ao Deos que calsa aligeros talaes
Manda, que ao Solio de ouro
Do Baratro profundo,
De hum, & outro luzente, & opaco Mundo
Conduza todos (sem temer que a seta
Segunda vez do Netto do Oceano
Faça no sempre verde, & ingrato louro,
Com mão divina, golpe dezhumano)
Parte o filho de Maya obedecendo
Ao decreto, & fazendo
Do Serpentino Caduceo trombeta,
No Ceo, na terra, & na infeliz morada
Donde Plutam governa, e echo atroa,
Do qual sabida a ordem decretada*

²⁴² Assim no original.

*Confusamente soa,
Na cristalina Esfera,
Na região diafana dos ares
O estrondo com que todos obedientes;*

*Deixando os patrios lares
Da parte mais sabida, ou mais estranha
Sem dar o mesmo tempo ao tempo espera;
Partiam satisfeitos, & contentes,
E penetrando o globo de diamante
Naquele mesmo instante
Que partiram chegaram,
E todos juntos, donde Apollo entraram.
Ià tinha o louro Deos no folio louro
Entre a brilhante confuzam de rayos
Repartido os lugares,
Aos Deoses mais comuns, mais singulares
Assentos de cristal, & assentos d'ouro,
E a hua, & outra illustre hyerarchia,
Izentando dos ceos marciais ensayos
Intima o pay da noite, & o pay do dia
Seja (pera livrar a competencia)
Nam olugar, a entrada a preferencia.
Nesta desordem em ordem divididos
A hum aceno de Apollo
O eyxo universal de polo, a polo,
Deteve o veloz curso, & suspendidos
Ouvem todos, & atentos
De Apollo estes armonicos accents.
“Sabei celestes Numes*

*Que em votados perfumes
A paga recebeis dos beneficios,
Que sempre dais propicios;
Ser o tempo chegado
Por vòs ao mundo todo desejado
Ao mundo todo sim, que todo o mundo
O Luzo Imperio manda
Pois quanta praya cerca o mar profundo,
E quanta terra o carro solar anda
Tem gloria
Nam vista
Por timbre o ser do Portugues conquista:
Desta felice gente
Que ao mundo acrescētou mundos mais largos
O felice Monarcha
Que tanta terra, & mar seu jugo abarca;
Vé nas prayas do Tejo,*

*A delicia do Sena
Velocino melhor em melhor Argos
Fermosura limites de desejo
Das escumas do Dora produzida,
Enveja sempre â triumphadora d’Ida.
Esta em tudo excelente
Princeza, o ceo propicio à sorte ordena
Da nasam Portuguesa felice espoza,
Que em sagrado Hymeneo amante goza.*

*Excellent
Princeza
No sangue, na virtude, & na beleza;
A tam felice dia
Nesta minha celeste Academia
Donde em melhor Parnazo,
E correm pelas veas cristalinas
Néctar,& Ambrozia as aguas Cabalinas,
Hum Certamen publico;”
E inclinando a cabeça reverente
A Iupiter potente,
Prosseguio;” com licença
Vossa, ô supremo Rey deste Emisferio
A todos notifico
Pera que o mundo veja a diferença
Em dia tam feliz do vosso Imperio,
Que aos assuntos propostos
(Em tantos gerais gostos)
Satisfação, Suaves,
Eruditos, Galantes, Sabios, Graves.”
A penas suspendeo a voz Apollo
Quando de polo a polo,
Entre os Deoses começa o rebuliço,
Porque Iuno lembrada
Da offensa, muito mais que do serviço,*

*E nam lhe apagando o odio
A vingança de ver Troya abrazada
Convoca o Deos do mar, & o Deos do bródio
Todos juntos procuram,
Introduzindo aos peitos que murmuram
De Apollo a fantezia
Impedir os aplausos deste dia:
Mas a Deosa gentil da fermosura
Da Lusitana gente
Estrella, annunciadora da ventura,
Enamorando ao Deos armipotente
Amimando a Vulcano,*

*Porque se aplauda o gosto Lusitano
Oposta sempre à espoza de Tonante
Convoca ao folio puro & rutilante,
Das entranhas dos montes
Com férreo aspecto, Esteropes, & Broontes
De tam celeste guerra
Iupiter receozo
Mais da que fez ao ceo soberba a terra
Como pay, como espozo,
De hua, & outra guerreira
O conserto introduz desta maneira.
“Bem pudera o pastor do claro Anfrizo
Lembrarse do que fez a Ciparizo*

*Pera nam motivar que este azul manto
Se ensope em mar de sangue, & em mar de prãtos
Mas a occasiam que teve,
Bem pode desculpar qualquer excesso
Que eu mesmo concorrera no successo,
Se Apollo à sua conta nam tomara
O celebrar no ceo gloria tam rara.
Mas porque vòs amada filha minha,
E sobre todas vòs espoza amada,
Hua, & outra ouzada
Sem recear se atreve
A contender, no solio magestozo
Co’ rayo rigurozo,
Que empunha a destra mam de Iove irado
Quis abraçar as mesmas Divindades,
Mas vedo que convinha
Dar lugar às piedades
Por ser o tempo a todos desejado
Hoje ao mundo chegado,
A vòs amada espoza,
A vòs filha querida,
Pois hua, & outra goza
Em meu amor a ditta merecida,
Que depondo a payxam, depondo o afeito
Sendo a rezam preceito,*

*Ordeno, que as primeiras
Sejais, em aplaudir as verdadeiras
Ditas, que goza o Lusitano Imperio,
Na uniam do Ceo predestinada,
De Affonso, Maria Citerea,
Que em amorosa tea,
He na beleza, & na valentia,
Affonso Marte, Citerea Maria,*

*E Delio a quem lhe toca
Em dias tam festivos
Dar forma aos regozijos sucessivos,
Pondo os albugues à luzente boca
Peça armonicamente
As Divindades todas
Deste solio luzente
Dem causa a festejar divinas bodas
Com divinos assumptos,
E a todos eles juntos,
Fazendo o mesmo Apollo
O officio de Cilenio, ao Luzo polo
Leve no carro aurífero, & luzente,*

*Inda que tema o mundo,
Ver no Tejo Eridano segundo,
E naquela cidade populosa,
Que Ulisses deve a ditto que hoje goza,
Na douta, & celebrada Academia,
Que a doce melodia
Da trombeta da fama ao mundo soa
Dos sempre generosos de Lisboa,
Se entreguem, & o desempenho
Seguro eu em tanto altivo engenho.”
Assim disse Tonante,
Apollo abedeceo, & Iuno pondo
De parte, odio que fez tam grande estrondo,
Mais que inimiga amante, ao sobrinho enteado
Entrega pera o dia celebrado
Este altivo Decreto²⁴³.
“ Que cada qual discreto
Academico Illustre, 6 Generoso,
Que o tripartido ser mysterioso,
De Iuno, & de Lucina,
E Pronuba divina
Num Exasticon mostre destinando,
Do leito conjugal, do jugo brando
A prole sucessiva,*

*Que igual viva felice, & eterna viva.”
E pera premio do melhor poema
Lhe signala Diadema
Do seu Arco celeste,
Pois sempre segue a paz, consegue a gloria,
Alcançada a victoria.
Amay de amor a Deoza da beleza,*

²⁴³ Nota lateral : Assumptos pera Epigrammas Latinos.

Triumphadora do mundo,
 Que o talamo jocundo
 De Cupidos menores,
 Colhendo roza, & espalhando flores,
 Rodea carinhosa,
 Muito mais namorada, que invejoza
 (De Affonso, & de Maria
 Aquelle cujo esforço, 6 galhardia
 De Adonis, & de Marte
 O todo tem unido em qualquer parte
 Esta sincopa só da fermosura,
 Dos Luzos a ventura
 A que sem diferença
 Logra o aurífero pomo da sentença)
 Entrega ao louro irmão do argenteo cintho
 Onde as graças pendiam,
 A todas três que os circunstantes viam
 Pera que assumptos fossem do Certamen

E porque numa voz todos aclamem,
 O symbolo em Aglaya da beleza,
 “Numa Ode Franceza”²⁴⁴
 De nove estancias quer publique,
 O engenho mais fecundo
 A nova, bem que oitava maravilha,
 Que o Tejo vio nas prayas Ulisseas
 Inveja sempre às conchas Erithreas.
 Manda à segunda filha
 Da senhora de Nigdo,²⁴⁵
 Que em estillo subido
 No idioma Italiano
 Em sette Oitavas mostre em ser humano
 Tanta parte divina,
 Que logra esta bellissima Eufrosina.
 Talia sempre verde,
 Onde a Estação do tempo, o perde:
 Ordena que ẽ seis liras Castelhanas²⁴⁶
 Se eternizam as ditas Lusitanas;
 Pois esta flor de lis, que hoje faz sua,
 Por flor perpetua em Lizia perpetua.”
 E a fermosa das graças despenceira,
 De era, murta, & romeira,
 Tres coroas prepara
 Ao metro mais suave, á voz mais rara.

²⁴⁴ Nota lateral: Assumpto: pera hua Ode Franceza.

²⁴⁵ Nota lateral: Assumpto: pera Outavas Italianas..

²⁴⁶ Nota lateral: Assumpto: pera Liras Castelhanas.

Aquella Divindade
Da cabeça de Iove produzida,
Que em hum sô ser unida
Tem por môr excellencia
Valentia, & sciencia:
Maravilha fatal em toda idade,
“Dà por assumpto a nunca ouvido canto”²⁴⁷,
De hum Portugues Soneto
Pera que venha a ser do mûdo espanto,
O qual cante discreto,
Que esta alma que hoje anima,
Dous corpos devididos,
Nos affectos unidos,
Que faz de dous compostos hum composto,
Por virtude de amor que amor estima,
De dar a vários gostos hum so gosto:
Que esta Pallas Franceza,
Minerva Italiana,
Unida aquella a Marte na campanha,
Esta a Iove discreto no Seado,
Em hum, & outro estado,
Nos assegura a nossa confiança,
Pois tem passado à posse da esperança,
Que logra Affonso, ja por mãos do Eterno,
Socorro no combate, & no governo.”

A victoria alcançada,
Se segue a paz de todos desejada,
Assim ao vencedor deste conflicto,
O ramo que tem dado eterno grito.
A aquella may do litoral congresso,
Coroe a paz em tam feliz successo.
A triforme beleza
Que no Ceo resplandece,
Na terra influe, & no inferno impera;
Porque huma, & outra Esfera,
A alegria soubesse,
Que ella participava
Da gloria, que hoje Portugal gozava
“Quer que huma”²⁴⁸ Canção explique grave,
De sette ramos Portugues suave,
Num sogeito a triforme natureza
Que Italia produzio, gozava França,
E he de hoje em Portugal nova esperança,

²⁴⁷ Nota lateral: *Assumpto: pera Sonetos Portugueses.*

²⁴⁸ Nota lateral: *Assumpto: pera hua Canção Portuguesa.*

*Diana em castidade,
Proserpina prudente, & Devindade,
Qual Cíntea enamorada
Ao Luzo Endimião predestinada,”
E da viçosa rama
Que serve de coroa ao monte Atlante,
De tanto triumphador gloriosa fama*

*Seja também coroa do triumphaeut (?),
Diana apenas tinha
A clausula final dada ao discurso,
Quando rompendo o unido concurso,
Chega o Deos eloquente,
E sem que a voz desminta o ser prudente,
Entrega ao mayor irmão papel serrado,
No qual escrito vinha:
“Todo aquelle poeta celebrado,
Que em verso bem limado,
De hua sylva discreta, & Castelhana²⁴⁹
Escrever a prosapia generosa
Desta Divina esposa,
Senhora ao Luzo Reyno soberana:
Dando ao mundo noticia,
Ser ella sò propicia,
Mais que as do mundo todo aquelle Imperio,
Que ha de imperar do publico emisferio;”
Por poeta excelente
O coroo do symbolo prudente
De rama sempre verde,
Em que Seringa, o ser Seringa perde.
O Deos filho da flor que brando rega,
A corrente do Araxe cristalino
Criado sem ter pay, furioso entrega,*

*Na aguda ponta do aço diamantino
Hum papel, que a romperlhe a nema unida,
Estremeceo o duplicado polo,
Crendo certo o final termo da vida;
E o mesmo louro Apollo,
Hum pouco a côr perdeo do ardente rayo,
Pois deixou de ser côr, & foi desmayo;
Mas sentindo Mauorte
De ver nos immortaes medo da morte,
Moderando o furor, no aspecto grave,
Disse o que o papel diz com voz suave.
“Da bellissima Rhea, & do Deos Marte,*

²⁴⁹ Nota lateral: *Assumpto: pera Sylvas Castelhanas.*

*Aquella entregue a Vesta, esta a Campanha,
Nasceo quem dominou a quadra parte
Do mundo, sô da fundação Romana:
Mando agora aos poetas,
Que em vinte coplas graves, & discretas²⁵⁰
De hum Portugues Romance,
Segurem pera gloria Portugueza,
Do Marte Portugues, Rhea Francesa,
Aquelle mais valente, esta mais casta
Hum Romulo segundo
Que domine felice, & glorioso
O conhecido, & ignorado mundo”
E porque premio cada qual alcance,*

*Na duração que o tempo jamais gasta:
Conforme for nos metros victorioso,
Da sempre verde grama
Que a tanto Heroe concede eterna fama:
Coroa lhe preparo
Por suave, discreto, altivo, claro.
“Esse moço anciaõ, rico , & despido,
Tiranno com piedade,
Fomentido com fe, lynce sem vista,
Filho da fermosura, & da fealdade,
Aquelle que conquista
Com verdade, & mentira,
Com brandura, & com ira,
Vendose agora vencedor vencido
De Psyche mais formosa
Com inveja artificiosa,
Pera lograr o bem que desejava,
Do coração de Affonso fes aljava,
Donde elle mesmo em setta convertido,
Se introduzio pera ferir ferido:
E Affonso so ficou sendo
O mesmo amor que faz querer querendo:
Esta metamorfosis sem segundo,
Como podera ser publique ao mundo
No Idioma Castelhana,*

*Em Espinella com soberano
Estillo, o sonoro, & eburneo plectro:”
E ao mais canoro metro,
Da flor que a may de amor co’sangue rega,
Odorífera croa amor entrega.
Depois de ter Apllo recebido,*

²⁵⁰ Nota lateral: *Assumpto: pera Romance Portugues.*

*Dos Deoses o que temos refferido,
A todos manifesta
Que elle tambem nos gostos desta festa
Alegre concorria,
Com mais, que em ser correo d'alegria,
Pois a todos levava
Materia, em que mostrar o agudo engenho,
Da cada qual poeta generoso:
E era o que entam o Ceo manifestava,
Huma copla discreta,
Porque grozada fosse o desempenho
Do mais sabio poeta.
Ao qual coroara ramo famozo
Do sempre verde louro,
Que nam ha muito foi madeira de ouro:
E a copla he tal que Apollo refferia²⁵¹.
“Amar Affonso & a Maria,
A maria,nam he amar:
Logo como pode estar,
Num tempo amar, & a maria.”*

*Assim falou o celestial auriga,
E levantando o latego a Flegonte,
A Piroës, & a Etonte,
Com mais violento impulso entam castiga;
Parte o luzente tiro
Com furia costumada,
Nos áureos freos derramando aljofres,
Donde Aurora enche os cofres
Que reparte nas conchas eritreas,
Berço nadante a muitas Citereas.
Da partida à chegada,
Tempo nam pode ter berve suspiro,
E na Academia sempre Generosa
Apollo entrou,& dando ao Secretario
Papel pera concurso litterario,
Assim tornou à esfera luminosa
E demais deixou dito
Que os luzes, o tempo, & os preceitos,
Pera a celebraçam do fatal dia,
Pela conta corria
De tanto ardente lume,
Conforme uso, & costume
Do Academico rito
Isto sabido a Aula generosa
A todos manifesta,*

²⁵¹ Nota lateral: Assumpto:copla pera Grozas Portuguezas.

*Este certâmen, com Apollo a festa
Celebra peregrino
Deste hymeneo divino:
E termo lhe sinala peremptorio,
Depois de ser notorio,
Trinta giros diurnos,
Do seu curso solar, que em varios turnos,
Por duas vezes seis deixa, & visita,
A doze vezes sinalada fica.
Nestes dias prescriptos,
Se entregaraõ os metros eruditos
Ao Secretario desta Academia;
Que ha de manifestar o alegre dia,
E a Aula donde em festa tam solemne,
A fonte de Aganipe,
Ha de regar de seu licor perenne.
Nenhum verso jocoso,
Por mais que seja agudo, & sentencioso,
As leis deste certame obedecendo,
Se há de admitir, & sendo
Diverso do proposto a menor parte,
A mesma pena tem por fora d'arte.
Fora do tempo a todos referido,
Pode ser admitido
Qualquer metro suave,*

*Mas nam sera proposto no conclave,
Se nam provar primeiro
Ignorancia infallivel da noticia,
E pera ter propicia
Aquella luz que aqui nos alumea,
No juizo verdadeiro,
Desta dos juizos contentiosa tea,
Por juizes nomea
De comũ uniam todo o conclave,
A queles tres, & cada qual suave
Erudito, discreto,
Sabio, prudente, moderado, recto,
Alumnos desta docta Academia,
Cujos nomes gravados
Nas laminas estam do eterno dia,
Dos seculos vindouros venerados,
Cada qual peregrino, & generoso*

*Aonio, Felizardo, & Saudozo.²⁵²
E assim se faz patente
A cada hum, & a todos geralmente,
No dia derradeiro,
Do mes, q' Apollo do animal guerreiro
A cressa grenha enxuga,
Desde que ẽ berço de cristal madruga,
Ate que em tumba de zafir acaba,*

*Do anno misterioso, que mostrava,
Em tanto vaticínio
Dilatarse o domínio
De Affonso por lograr hum, & outro polo,
Do Portuguez Apollo,
A lus que agora participa aquella
Que Norte guia, como influe estrella.*

²⁵² Nota lateral: I. O doctor Ant de Sousa Macedo, Secretario d'Estado de S. M; II. D. Fernando de Meneses, Conde da Ericeira, do Cõs. De Guerra de S. M.. III. Francisco Correa de Lacerda, Mestre de S. Alteza.

POESIA PANEGÍRICA

BATALHA DO AMEIXIAL

Adicções aos Aplauzos Academicos Dirigidas ao Excelentissimo Senhor Dom Sancho Manuel, Conde de Villaflor. Pello Secretario da Academia dos Generosos, e Academico Ambicioso.

Soneto Primeiro²⁵³

*Faz contra Lusitania vir Castella
o filho de Phelipe nesta parte,
fervendolhe no peito o duro Marte,
das soberbas, e varias gentes della.*

*Da Cabeça do Imperio rica,e bella
hum Portuguez mandado logo parte,
treme a bandeira, voa o estandarte,
com manha, esforso, e com benigna estrella.*

*Eis, se ajunta o soberbo Castelhana,
porque levasse avante seu dezejo
tomando aquelle premio, e doce gloria.*

*Mas nas mãos vay cair do Luzitano
Sancho de esforço, e de animo sobejo
que causa inda será de larga historia.*

²⁵³ Trata-se de um soneto construído com versos retirados de **Os Lusíadas**. Ao lado direito deste mesmo texto aparecem assinaladas os respectivos cantos e estâncias. Assim: **1ºv** – Canto 4 – Est. 6 – V.7; **2ºv** – Canto 1 – Est. 75 – V.2; **3ºv** – Canto 3 – Est. 30 – V.5; **4ºv** – Canto 4 – Est. 57 – V.6; **5ºv** – Canto 7 – Est.22 – V.7; **6ºv** – Canto 7 – Est. 23 – V.2; **7ºv** – Canto 2 – Est.73 – V.3; **8ºv** – Canto 8 – Est. 25 – V.5; **9ºv** – Canto 3 – Est. 34 – V.1; **10ºv** – Canto 3 – Est. 78 – V.1; **11ºv** – Canto 9 – Est. 39 – V.7; **12ºv** – Canto 2 – Est. 69 – V.2; **13ºv** – Canto 3 – Est. 75 – V.5; **14ºv** – Canto 4 – Est. 64 – V.6.

Soneto Segundo

*Excelso Conde, todo o Mundo aclama
ser a vosso valor pouca memoria
toda a que em jaspes se conserva historia,
toda a que em bronzes se eterniza fama.*

*O seu libertador hoje vos chama
a Patria, que conhece em tal victoria
segura à liberdade, e mais a gloria
que em templos dura, que em tropheos proclama.*

*Dever conhece ao vosso braço forte,
o verse hoje Félix restituída
a tanta gloria, a tão ditosa sorte.*

*Toda a gloria, Senhor, vos he devida,
pois hoje à Portugal livrays da morte,
pois hoje à Portugal tornays à vida.*

Soneto Terceiro

*Armado de vallor, de industria armado
filho de Marte vosso alento altivo,
vos soube coroar do ramo esquivo
que inda perdoa o mesmo Jové irado.*

*Vosso nome estará sempre gravado
na tradissão futura, bronze vivo,
e no grito da fama sucesivo
em remotas Provincias dilatado.*

*Nesta batalha em que da gente Ibera
triumphò vosso valor, tanto se aclama
que a mesma gloria de vencer supera.*

*Pois segundo essa gloria se derrama,
vossa fama não cabe em toda a esphera,
vosso valor não cabe em toda a fama.*

Soneto Quarto

*Venciste Conde, y quando de immorrtales
lauros, te coronava la victoria;
dan recompensa ingrata, a tanta gloria,
agravios a tus méritos iguales.*

*Si a la satisfacion, son desiguales
los beneficios, cansan la memoria,
com sangre escribe lastimosa historia
el que funda en hazanas sus caudales.*

*Que es servidumbre agradecer entienden
del peso de la deuda se quebrantan,
y solo huir la obligacion pretenden.*

*De ver tus grandes méritos se espantan,
como acreedor te miran, y te ofenden
porque assi com la deuda se levantan.*

Soneto Quinto

*Excelso Conde, Lusitano Alcides,
cuyo espiritu altivo, y generoso,
del Hisperio Leon, vence animoso,
impetus fieros, orgullosas lides.*

*Solo com tu valor tu gloria mides,
tu valor solo es, tu premio honroso,
pues com fiel zelo, y com afan glorioso,
rayo los vences, muro los impides.*

*Gemina de laurel corona justa,
Ciña tus sienes, siendo corta esphera,
para tu fama, quanto Phebo Dora.*

*Pues Sancho invicto en tu mano Augusta
Castilha teme, y Portugal venera
Escudo fuerte, espada vengadora.*

Soneto Sexto

*Opposta a vil enveja à alta vittoria
que hoje no Mundo vosso nome acclama,
mais lhe crece o esplendor, mais o derrama
para o entalhar em marmores a historia:*

*Tanto se colhe do ódio vossa gloria,
quanto nace do applauso vossa fama,
que este de amor, a todo o Reyno inflama,
e a quelle em vão desfaz vossa memoria.*

*Vistes a vossos pés o braço Augusto
do Austriaco poder, em recompensa
de tanto dano, e sacrilégio injusto.*

*Crece a enveja o applauso, e crece a offensa,
mas se negarvos pode o premio justo,
nunca negarvos pode a gloria immensa.*

Soneto Septimo

*La gentil Herse de Mercurio amada,
dá tales celos a su hermana ciega,
que à guzano roedor su pecho entrega,
en la pasion de verse despreciada.*

*Mata de Alcides mano delicada
quantas serpientes a su cuna agrega
Iuno, que com la envidia no sossiega
de celosas centellas abrasada.*

*Oh tu marcial Mercurio! oh tu prudente,
Alcides; quando mas la envidia enojas
le muerde el pecho mas nocivo diente.*

*Asseguraste sereno, y la congojas,
por serte tan contraria esta serpiente
que mas llega a sus llamas que à tus hojas.*

***Al Señor
DON JUAN de AUSTRIA
Com alusion à la inscripcion
Sino es Sol, será Deydad
Epigramma
Si no es Sol, sera Deydad.***

*Sol te julgaste JUAN, mas como ardiente
Siempre te mira España en el Poniente:
No admires que se ponga tu luz bella
Saliendo Sancho Lusitana estrella.*

*Sorbervio en los cavallos de tu padre
Quieres que en ti su luz como en el quadre.
Si recelas morir como Phaetonte,
No el rayo esperes del celeste monte.*

*Hijo de Jove se llamò atrevido
Alexandro, y moral viendose herido.
Quitate de los nombres que te hás puesto,
Ya que el dolor te enseña a ser funesto,*

*El gran Manuel te muestra como hás sido
Deydad mas sin razon, Sol mas fingido.
Consuelete el mirar que siendo humano
No podias caer por mejor mano.*

FÚNEBRE

BA - Manuscrito 50-I-33, fl 90. Publicado também na *História do Infante D. Duarte*, 139 – III-13,1920, BA.

Epitaphio

A morte do sereníssimo Infante Dom Duarte

*Deten el paço errante o peregrino
Y neste triste tumolo repara
Que aviza al escarmiento y que declara
La poderosa dureza del destino.*

*Duarte cubre el duro marmol dino
De fortuna mejor si siempre avara
Y quando el merecer solios prepara
A túmulos le entrega el golpe indino.*

*Contra el poder del hado el sofrimiento
For seje de manera que la suerte
Dimitió d'esta vida, el vencimiento.*

*Y en tanto, ó peregrino, advierte
Que jamás se entregara al rendimiento
Si no trocar el ser la própria muerte.*

Compendio Panegirico da vida do Marquez de Tavora, impressor António Rodrigues de Abreu, 1674, pp.78,85 – BA, 26 – VI - 22

Pira Funebre que construe nesta elegia o Academico Ambicioso, e Secretário da Academia dos Generosos de Lisboa as saudosas memorias do excelentissimo senhor Luis Alvares de Tavora, Conde de S. João da Pesqueira, Marquez de Tavora, Concelho de Guerra do principe D. Pedro, seu gentil- homem da câmara, governador das armas da provincia de Tras os Montes

Elegia

*Agora que Melpomene saudosa,
Na cythera que Euterpe destempera
Serve de penna, a pena lastimosa.*

*Agora que Caliope severa
No arco que a Tiorba desentoa
A resina he tormento, & dor a cera.*

*Hoje que de Talia a fruta soa
Lastimoso suspiro, porque o vento
Leve o pezar nas azas com que voa.*

*Chorosa Urania no celeste assento
Observa a Marte que depondo a lança
Faz do valor tropheo do sentimento.*

*A trombeta no Alamo descança
Da louvadora Clio, porque a morte
Lhe furta a gloria que seu nome alcança.*

*E depois que Polimnia a triste sorte
O exercicio lhe nega, que sobeja
A persuadir a hum mal, hum mal tão forte*

*E que triste Terpsicore deseja
Fazer no coração, o que na lira
A penna fez que a mesma penna inveja.*

*Sentida Eratto em tanto mal delira
Trocando nos affectos, amorosa
A voz que canta, a voz que suspira.*

*Agora pois Melpomene saudosa
Unindo, & desunindo, a penna, & o canto,
Influi branda, se inspirais chorosa.*

*A fonte da Aganipe seja o pranto
Das nove irmãs, que em liquida corrente
O curso retroceda de Erimanto.*

*E penetrando o lubrico torrente
Da may de Rea as túmidas entranhas,
No Tavora renasça transparente.*

*O qual julgando próprias as estranhas
Sentidas limphas; próprias as fizeram
Saber sentir igual perda, tamanhas.*

*E vendo que humas, & outras suspenderão
Levar triste tributo ao Douro triste,
Creio não serão já quem de antes erão.*

*Por outra parte o Tamaga resiste
O feudo tributar, antes levanta
Novo padrão liquido Amatiste.*

*E nelle pendurado em fios quanta
Lagrima lhe oferece na saudade
Que motiva o pezar do amor que encanta.*

*O Tavora memora aquella idade,
Em que servio de espelho cristalino
A Heroes que a fama tem na eternidade*

*Os quais dando-lhe o nome eterno, & digno
Pera que fossem solidas as agoas,
As puzerão no escudo de ouro fino.*

*Sentindo agora com dobradas magoas
Tão grande perda, se liquidão todas
Na forja ardente das saudosas fragoas.*

*O peixe que formou dos braços rodas
Para levar nos campos de Neptuno
D'escamas carro a repetidas bodas.*

*Nos pélagos perdido de Vertumno
Que a terra he mar, em prãto tão crecido
Combatido da cólera de Iuno.*

*Aquelle forte hum tempo enobrecido
Do nome do animal, que foi a Apollo
Dos Cleoneos por vitima oferecido.*

*Novo construe illustre Mausoleo
Das pedras que servirão de defensa
Quãdo assombrava este, & aquella Pollo.*

*Pedras que hum tempo á injusta differença
Da tirania barbara de Hespanha
Forão reparo a hus, a outros affensa.*

*Nesta fabrica agora a Lisia estranha,
Pelo cinzel da espada estão as glorias
Entalhadas; da bellica campanha*

*Ali se vem as celebres memorias
Do Rei Leones, dos dous seus descēdētes
Ao Reyno Luso dando altas victorias.*

*Hum dos quaes entre as diáfanas corretes
Do Tavora vertia aquella espada
O sangue infiel em rápidos torrentes.*

*Ave dos Romanos coroada
Se via sobre a maquina famosa
A cabeça d Igreja dedicada.*

*A qual foi levantada,& sumptuosa,
Por outros dous irmãos ater do sceptro
Que hohe perpetuo Lusitania goza.*

*Mais abaixo se vem do Eburnio plectro,
Louvados outros dous, a cujo o culto
Vendo o turiblo do cheiro Electro:*

*Os quaes rompendo o liquido tumulto
Das ondas, trazē desde o Douro ao Tejo
Em publico poder soccorro oculto.*

*Hum destes cheio de valor sobejo
Pelo áspero cilicio a forte malha
Trocou, dando motivo a seu desejo:*

*Ver que enganosamente a hostil muralha,
Que lava o Douro respeitoso entrega
Vencido da traição, não da batalha.*

*Noutra parte se vê que ao Solio chega
Sacro, outro Heroe por seu Rey mädado,
Enveja a tudo quanto o Tibre rega.*

*Do Ganges, & do Eufrates venerado
Està outro varão, cujo governo
Foi lingoa da fama publicado*

*Digno será do louro sempiterno
Hum que trocou os câpos Africanos
A vida temporal, por nome eterno.*

*Não se podem conter olhos humanos
Ao diluvio do pranto, que motiva
Da morte infausta os repetidos danos.*

*Pois nesta mesma fabria que altiva
Se vê de tantos Heroes adornada
Morta a esperança està,& a pena viva*

*Morta a esperança està, porque lembrada
De tanta acção, de tanta valentia,
Em huma vida sò recopilada.*

*E que esta agora ainjusta tirania
Da morte leve cautelosamente
(Temendo em tanta bellica porfia)*

*Morta a esperança està, pois do que sente
A lusa Sphera, em Urna deposita
As lagrimas, & cinzas juntamente.*

*Não modera o pezar, antes o incita,
Vendo na mesma pedra que a sepulta
A memoria que a pena ressuscita.*

*A pena manifesta a causa oculta
O que o coração sente, os olhos mostram
De hua dor, outra dor sempre resulta.*

*O Tua, o Douro, o Tamaga se postrão
Reverentes ao tumulto, sentindo
Seu defensor no prãto, que demonstrão*

*O Minho, o Lima, o Neiva, O Ave, unindo
Em choro igual as lagrimas ardentes
Vão entre si chorando,& consumindo.*

*Hua, & outra Provincia, que as correntes
Destes rios innundão, outros mares
Em si contem das lagrimas das gentes.*

*E em igual competência de pezares
De agoas, & pranto, cada qual procura
Chegar ao Ceo, rompendo pelos ares*

*Quem merecia o mimo da ventura
Mais q vós, alma ilustre, ã quãto estãveis
Envolta nesta humana vestidura.*

*Ao Padres Consulares, que as louvãveis
Acçoens por muitas vezes premiarão
Com coroas nesse tempo memorãveis.*

*A vossos pés agora se prostrarão
Cívicas, & Muraes, de Louro, & Era,
Por acções que a esse seculo assõbrarão.*

*Que mais que vós na Lusitana Esphera,
No Minho, & a terra Trãsmõtana
Venceo, & destruiu a terra Ibera.*

*Ouvio o Douro, & a terra Transtagana
Por vezes venerou no braço forte
Triumphador da hste Castelhana.*

*Contra tanto valor se atrve a morte?
Decreto foi da justa providencia
A qual nossa ignorância chama sorte*

*Conhecendo a infinita presciência
A virtude capaz do eterno premio
Desunio a mortal correspondência*

*Subi alma Felix ao justo grémio
Cingindo a testa imortal diadema
Seja nosso favor vosso proemio.*

*Lembraivos lá em gloria tam suprema
Da nossa bem sentida saudade,
E chore embora o mar,& a terra gema.*

*Porque nesta penosa eternidade
Se alivio puder ser huma memoria,
A desgraça será felicidade.*

*Mas como isto ha de ser se desta gloria
Que pode permitir o pensamento
Torna a alcançar a morte outra victoria*

*Entreguese o cuidado ao sentimento,
A alegria ao pezar, o rizo ao pranto,
O desejo ao sentir, gosto ao tormento,
Seja suspiro a voz, gemido o Canto.*

Elegia II

*Despedaçada a voz desata o pranto
na eloquência das lagrimas as magoas
que causa são de hum lastimoso canto.*

*Estas que misturadas entre as fragoas
do peito hoje derrete o sentimento,
impidão a vasante ao pay das agoas.*

*Não tenha mais vãgloria o sofrimento
& em tanto mal grangee a paciencia,
perca a fineza a vista do tormento.*

*Aos decretos fatais sem resistência
Amarilis de modo entrega a vida,
que desmentio das mortes a violência.*

*E em outros emisferios transferida
logra a vista da eterna majestade
aquelle esprito a gloria merecida.*

*Esta ausencia em perpetua saudade
desate ao peito a voz do sentimento,
nos limites da humana eternidade.*

*O monte, que ou dureza, ou sofrimento
concede largamente a natureza
ao jugo se entregou deste tormento.*

*A flor da Primavera gentileza
como no secco estio marchitada
se vê funesta pompa de tristeza.*

*A Rosa já de todo descorada
não quer nada dos bens da fermosura,
pois no verde botão se vio cortada.*

*O pastor mais mimoso da ventura,
entregue todo às mãos de hum só sentido,
no mal da infirmitade espera a cura.*

*O valle que o suspiro deduzido
da voz do sentimento, esponja bebe,
Ecco sentindo a voz, cala o gemido.*

*E deste mal que o centro em si concebe,
testemunhas serão aquelles montes
que a terra tanto dà, quanto recebe.*

*O Sol que distinguindo os Orizotes
Leva o carro lustroso ao centro frio,
Mais vazio de rayos, que de fontes.*

*O húmido tridente de alvedrio
vagante já de todo despojado,
Neptuno entrega à pena o senhorio.*

*O coro das Nereidas chorado
tem largamente o triste sentimento,
para que o còro em choro ande trocado.*

*Tetis, que a fermosura ao pensamento
invejas lhe formou, sente a ruina
que o temor fez da inveja esquecimento.*

*Deste comum sentir com Proserpina
retira o sentimento, que no mundo
não pode consentir cousa divina.*

*Se tanto bem nos falta, que confundo
co a lastima o discurso, se a beleza
isenta foi das penas do profundo.*

*Como tambem das leis da natureza,
sendo os golpes da Lachesis tributo,
desminta nosso engano esta certeza.*

*No mais erguido trono o altivo fruto
combatido do vento o precipício,
dece sò por razão de subir muito.*

*Esses a quem Mauorte no exercício
Marcial, vestio o arnes da mesma morte
parecem livres do comum supplicio.*

*Cesares, & Alexandres, se Mauorte
eterno nome vos confia consagra â fama
não vos pode livrar do agudo corte.*

*Pena comum aos peitos se derrama
mas conforme a razão desta verdade,
a certeza do mal mitigue a fama.*

*Mas se da morte he livre a divindade,
& Amarillis morreo, a fé perdoe,
que pode ter limite a eternidade.*

*O Busio de Tritão o centro atrõe
das humidas cavernas,& o funesto
dia mortal aos Deoses apregoe.*

*Mercurio bata as azas,& do apresto
dos talaes prepare a ligeireza
& faça Ioue a morte manifesto.*

*O resplendor do Sol tema â beleza,
& fique vinculado ao fim dos dias
o sobre natural, & a natureza.*

*Se a exceção acabou, que as Hierarchias
podem esperar da duração? se a pena
hoje consome tudo em cinsas frias.*

*A ausência que a saudade nos condena
faz verdadeira â forma da apparencia,
quanto eterno sentir o mundo ordena.*

*Porque se de Amarillis a excellencia
Soube alegrar eterna outras idades,
humano sentimento era indecência.*

*Engano da razão foraõ saudades,
porque nos mostra a fê bem claramente
o Ceo centro feliz das divindades.*

*La com as Dominções resplandecente
alma feliz lograis perpetuo estado,
jà livre dos temores do occidente.*

*Atê que os limites do passado
tempo, unais essa forma que levastes
com o que cá deixastes sepultado,
para que vos lembreis do que deixastes.*

***Memorias fúnebres sentidas pelos ingenhos portugueses, na morte da senhora Dona
Maria de Atayde, Officina Craesbekiana, 1650 p. 65 – BA, 61 – III - 59
Sentimientos a la muerte de la señora D. Maria de Atayde***

***Dialogo,
Gil, y Pascual***

Gil

*Anton, Florence, Pacual
acude a mi sentimiento:
porque entre tanto tormento
me valga um mal de outro mal.*

Pascual

*Gil que voces estas son
con que alborotas la aldea?*

Gil

*El ecco las deletrea
de entre passion y passion.*

Pascual

*Que males tan inhumanos
lloras en tiernas verdades?*

Gil

*Si tienen fin las Deidades,
que esperamos los humanos?*

Pascual

*Gil advierte que el cuidado
ignora causa a la pena.*

Gil

*Amarilis se condena
a los decretos del hado.*

*La belleza de Amarillis,
la mejor flor destos valles,
la embidia de las pastoras
la Deidad de los zagales.*

*Esta despreciando el prado
nos dexò para passarse
a ser mejor cortesana
de mas luzidos galanes.*

*Lloremos, pues nuestra idea
tanto pudo enagenarse,
que lograr pensò atrevida
en la tiera eternidades.*

*El transito de Amarilis
lloremos Pascual y baste
por saluar el llanto, verse
mudanças en as Deidades.*

*Dexònos, y el sentimiento
embuelto en los ojos pague,
por tributo de las penas
dos mares a los dos mares.*

*Porque conosca Amarilis
quando al occidente passe,
que sepulta el carro de oro
en llantos mas que en christales.*

*Tal Tajo testigo sea
quantas vezes sus raudales
retrocedio; porque el fuego
de mi llanto no estorbasse.*

*Y quantas en sus arenas
la se há consagrado altares,
y en las aras de tormentos
victima ardio de saudades.*

*Y el humo lo diga quantas
subio por purificarse
por señal que quedo sempre
como ayre deshecho en ayre.*

*Y los suspiros le digan,
que com Rhetorica fácil
eloquentemente dizen,
sin que las razones falten.*

*Assi Pascual a mi llanto
Ayuda, pues generales
Son las perdidas, las penas
Generalmente batallen.*

Pascual

*Gil si Amarilis nos dexe,
el sufrimiento desate
de la carcel del silencio
la razon para quejarse.*

*No más: lo sino refrene
las passiones porque ay males
que acredita a la fineza
la accion de desesperarse.*

*No desmienta la fineza
buscar las temeridades,
que ser temerario, y fino,
es dexar de ser cobarde.*

*No mas miedo a los tormentos,
que desató de la carcel
Atropos cruel al mundo
la herida mas penetrante.*

*Generalmente perece
el mundo todo, y reparen,
la primavera sin Flora,
la luz de Apolo sin Daphne.*

*Nada libre al sentimiento
quede, y digan las crueldades,
los frutos de Agosto secos
los troncos de Enero graves.*

*Digalo el hato, y la mandra
que sin pastor que los guarden,
en vez de yerva que sustente,
pena que atormenta pacen.*

*Digalo el pastor que llora,
pues sin querer consolarse,
su surron, y su ganado
trueca por otros caudales.*

*Y digalo el monte, que
qual outro Ethna se deshaze
en fuego, porque el aldeã
por sus contornos reparte.*

*Y tu Amarilis que gozas
outra esfera mas suave,
acepta de sentimiento
estos pequeños señales.*

*Que pechero el mundo todo
a tu ausência satisfaze
com bien sentidos tormentos
mal declaradas verdades.*

Gil

*Pascual, si la fineza a mi tormento
culpare, por averse publicado,
dile que vale poco aquel cuidado,
que pudo sugetarse al sofrimento.*

Pascual

*No pienses Gil que puede el pensamiento
tener el mal un rato reservado,
que a dõ llegan excessos de calado,
no llega com excesso el sentimiento.*

*Bien ves qual corre al mar nuestra ribera,
pues en lo que crecio de agua outro dia,
quiere llegar a la celeste esfera.*

*Y aunque el mar lo recoja, la urna fria,
como si le echo, yamas se altera
que exemplos son de tu tristeza, y mia.*

ELOGIO DAS LETRAS

BA - Livro impresso cota 97- VII- 30, (Emmanuelis Alvares Pegas). ano de impressão – 1682, typographia Michaelis Deslandes (sem paginação) p. 10 Ao Author, De D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante de S. Magestade, Secretario da Academia dos Generosos desta cidade de Lisboa, & seu Academico ambicioso.

Soneto

*Com tanta erudiçam vossa doutrina
Certa , resolve as duuidas maiores,
Que pera clara luz dos Iulgadores
Diuina prouidencia vos destina.*

*Ou na sciencia humana, ou na diuina,
Aduerte documentos superiores,
E ajuntando eloquente, fruto & flores,
Nos deleita igualmente, & nos ensina.*

*No Tribunal com letras adornado,
Que justamente, vossas prendas ama,
Fostes sempre applaudido, & respeitado*

*Mas hoje todo o Mundo vos acclama,
E nesta grande empreza acreditado
Vos venera maior, que a vossa fama.*

SILVA, João Pereira - Epínio lusitano à memorável vitória de Montes Claros, que alcançou o exercito delRey Senhor D. Affonso VI. O Victorioso, sendo capitam general o Marquez de Marialva: Offerecido ao Sereníssimo Infane o Senhor Dom Pedro/ Lisboa: na oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1665

(Ao autor) João Pereira da Silva

*A Victoria da pena publicada,
A victoria da espada conseguida,
A qual mais gloria deve se duvida,
Que a pena illustra, quanto vence a espada,*

*Se caducara a pena celebrada,
Que Jove deu a gloria merecida,
No mesmo monte donde foi vencida
Tanta força, ficara sepultada.*

*Aa pena logo mais, que a espada deve
O Jove Português, que o mundo aclama,
O Triumpho que o tempo não prescreve.*

*Pois a gloria que os séculos derrama
Da espada o fio, com que a pena escreve
Em tantas folhas eterniza a Fama.*

Virginidos ou Vida da Virgem Senhora Nossa : poema heroico, dedicado a Magestade da Rainha Dona Luiza...por Manuel Mendez de Barbuda, & Vasconcelos,Officina de Diogo Soares de Bulhoens, 1667. pp. 6,7,8 - BA, 50 – XI - 40

Elogio

O de celeste Musa accento digno
 que
 Sendo assumpto ao canto
 quis dar
Ao metro inspiração celeste
 & à sacra
 Cabalina,
Que mana o seu licor por quatro rios
 da imitação composta
 da invenção já mais vista,
 da Narração suave
 da Alegoria santa
 Corre
Neste poema, ou Paraíso,
 que agora
Com estilo grandiloco publica
 ao mundo todo
Assombro ao mesmo mundo,
 O senhor
Doutor Manuel Mendes Barbuda,
 que
 Nas leis civis concede
Aos Baldos, & Iaffoes à primasia,
 No tempo
 Não na sciencia,
 Na armonia suave
 excede
A Homero na invenção, no metro a maro,
Na suave a Camoes, Tasso na empresa,
 Escolhendo
 por Heroe do Poema sagrado
A vida mais heroica, o Heroe mas grãde
 de quantos
se escrevêrão, & se cantarão,
 Ou nas folhas limpissimas
 da historia,
 Ou no metro suave
 da Poesia
Cujas acçoens heroicas
que em laminas de bronze
 estão escritas,
No templo militante

penduradas,
 em quantas racionais sacras columnas,
 A machina
 sustentão luminosa,
 que ha de durar alem do mundo,
 quanto a eternidade dura;
 Nesta
 armonica copia
 de tanto original,
 Com pincel douto,
 com tinta branda, & lamina bem liza
 mostra
 que ao mundo obriga, à patria honra,
 & o Tejo
 mais honrado, & mais rico
 julga que està
 com tão dourada vea,
 que com aquellas
 áreas fabulosas,
 mas douradas,
 que as claras limphas prateadas deixão.
 A voadora fama
 desprezando
 A sonora trombeta com mais bocas
 das com que o Nio reverente beija
 a cristalina may do pay das agoas,
 quer
 Para publicar ao mundo todo
 tanta acção, tanta musa, & tanto Heroe
 Esta pena, que escreve
 Tanta acção, tanto Heroe, & tanta musa,
 Para chegar
 com o voo
 Adonde não puder chegar
 Com o grito,
 E o affecto
 Se sempre decoroso, nunca ouzado
 De D. Antonio Alvares da Cunha
 Secretario
 Da Academia dos Generosos
 de Lisboa,
 Entre tão grandes alunos
 Ambicioso
 Academico
 A tão divino Heroe, a Autor tão sabio
 Offerece, & consagra
 Este Elogio

A CARTA A D. JOÃO NUNES DA CUNHA

Fenix Renascida ou Obras Poeticas dos melhores Engenhos Portuguezes dedicadas ao Excellentissimo senhor D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença, Conde de Vimioso, & c. I Tomo. Segunda vez impresso, e acrescentado por Mathias Pereira da Sylva , em Lisboa, na Officina dos Herd. De Antonio Pedrozo Galram, 1746.

*Carta ao Senhor João Nunes da Cunha, Conde de S. Vicente, eleito Vice- Rey da India, de D. Antonio Alvares da Cunha, Senhor de Tabua.*²⁵⁴

*Já que haveis de surcar as crystalinas
Aguas da Foz do Tejo áquellas prayas,
Que o mûdo vio ao tremolar das Quinas.*

*Em quanto as vossas voadoras fayas
As azas desfraldando, levaõ ao vento,
Seguindo as suas prateadas rayas;*

*Ouvi o rouco som deste instrumento,
Que inda que toca, os pontos desentoa,
Que he differente a voz do pensamento.*

*Naõ julgueis o que he pelo que soa
Que se na citra do papel a penna,
Toca suave, rijamente atroa.*

*Cõ este medo, a minha Euterpe ordena
Vá correndo, e bebendo, porque fique
Livre daquele engano, que condena.*

*E assim, sem recear se multiplique,
Palavra por palavra, irey dispondo
Papel, que algumas cousas notifique.*

*Naõ feneça só Ecco tando estrondo,
Diga-se, pois se sabe a differença,
Que ha, de estar governado a estar cõpõdo.*

*Se lestes de Anibal a desavença
Com Formiaõ, e o mesmo me sucede,
Firmay com zombarias a sentença.*

²⁵⁴ Todas as notas de rodapé que se seguem são do editor da obra.

*Mas se a prudencia muitas vezes mede
A linha, que lançou discurso rudo,
Quê no branco papel a mão me impede?*

*Por partes vos irey dizendo tudo,
Não taõ desamparado da sciencia,
Que amor he mestre, e a vôtade he estudo*

*Armay-vos de inaudita paciencia,
Para poder tirar com juizo claro
De qualquer accidente experiencia.*

*Confûdem as paixões, e ao desamparo
Se perde o mundo interior, fugindo
Ao sofrimento, deste mal reparo.*

*O Sol, que no zenith está ferindo
Com hum globo de rayos, não se altera,
Se a bésta os vay a hum ponto reduzindo.*

*Corre seu curso luminoso a esféra,
E o vapor, que se oppoem, fazer não tira
Inverno, Outono, Estio, e Primavera.*

*Bem vedes como a pedra, que suspira
Pela Estrella, se abraça ao metal duro
Meyo por donde a tanto bem aspira.*

*Repugne a natureza, o que procuro
He conseguir o bem, e pouco importa,
Se o gosto nestas brigas aventuro.*

*Aberta está ao ser Felix a porta,
Pois esse bem, que a tantos arruina,
A vós discretamente vos exhorta.*

*Em quanto a poderosa mão latina
Senaõ encheo do Arabico thesouro,
Ditosamente ao Mundo predomina.*

*Porém tanto que em circulos o ouro
Servio de ornato aos dedos, a cabeça
Despojada se vio do triunfal louro.*

*A bem regada proa não tropessa
Na prata, q lhe oferece ao falso argento,
E assim feliz, os golfos atravessa.*

*Assopre embora o sibilante vento,
Que as vélas incha, que o perigo he nada,
Se arrear de gavea o pensamento.*

*E escota léste, a drissa bem apertada,
Não dará por davante o baixel quando
A tormenta em paixões for encontrada.*

*O leme vá na mão, sempre observando
O rumo superior, que mostra a via,
E assopre o Austro rijo, ou Boreas brãdo,*

*Vedes dos elementos a porfia,
O mar, que contra o vento se enfurece,
No Firmamento aos Astros desafia!*

*A terra socegada permanece,
Sem se lhe dar o Noto despedasse
O tronco, que de ramos se ennobrece.*

*Foy razaõ, q entre os Gregos se ensinasse
Repetir o Alfabeto, antes que a boca
Syllaba com paixaõ vociferasse.*

*Todo o furor, que á ira me provoca,
Se por hum breve espaço o considero,
Em prudentes dictames se me troca.*

*Por fugir das paixões, tâbem não quero
Brandura, que permita licenciosos,
Hũ meyo entre estes dous termos pôdero*

*Dobrareis felizmente os tormentosos
Cabos, que tanto Oceano molestaõ
Outros há que dobrar mais revoltosos.*

*Invejas cá, e lá ha muito aprestaõ
As venenosas frechas, e invejados
Saõ só os que virtudes manifestaõ.*

*(O´ venturosos bens, que desprezados
Daqueles, quem no Mundo os quer perdidos,
Desses mesmos se mostraõ desejados.)*

*Preparay-vos a ouvir nos affligidos
Queixas dos poderosos, e á defesa
Não entregueis entrambos os ouvidos.*

*O filho de Fillipe ²⁵⁵(I)á diferença
Da queixa, e da desculpa repartia
Os ouvidos, que davaõ a sentença.*

*Naõ se vos dê de ouvir a fantasia
Daquelle,que deseja mandar tudo,
Presumindo lhe toca a fidalguia.*

*A nobreza he saber, engenho rudo
Naõ tem sangue apurado; e assim só suba
A testa, que melhor sirva de escudo.*

*Se a fortuna quizera ser Pronuba
Aos meus desejos, creio que seguira
Os passos só do morador da Cuba.*

*A este bem, que por bom gosto aspira,
Em vós fora pecado, que os talentos
Haõ de operar conforme Deos inspira.*

*Nascestes a domar os elementos
Deste pequeno Mundo, descompostos
Andaõ a terra, o fogo, o mar, os ventos.*

*E já quem o Deos de dous cōtrarios rostos
A porta aberta tem, recuperando
Ireis aos Lusos, perdidos postos.*

*Do cabo tormentoso ao seyo brando,
Que Mombaça levou, e quem Quiloa,
Quẽ Ormuz, quẽ Mascate ao Mouro bãdo*

*Da Foz do roxo mar, á nobre Goa
A trombeta de Luso em tanta praya,
Só em Dio, Damaõ, Baçaim soa.*

*Daqui seguindo a dilatada raya,
Que a Ilha²⁵⁶ vay cercar, produzidora
De melhores aromas que Pancaya.*

*Já se naõ vê a espada vencedora
Do Luso braço, em vinte fortalezas,
Que o Sol somava diminuindo a Aurora.*

²⁵⁵ Quinto Curs Histor. de Alexandre.

²⁵⁶ Ceylaõ.

*Já se naõ multiplicaõ as proezas,
Porque quisemos repartir sem conta
As riquezas, que agora saõ riquezas.*

*Que entre nossos passados era afronta
O ter preço o rubí, quando a espada
Lho dava o sangue, que trazia a ponta.*

*Os madeiros da selva nomeada
Da nossa Traprobana entaõ servia,
Ao valor só, de pyra levantada*

*Mas tanto que se deu por mercancia
Aquelle premio, que ao valor se deve,
He droga sem proveito a valentia.*

*Hũ vosso quinto avô²⁵⁷ ao filho escreve,
Que mandasse pimenta, e que zombasse
Da calumnia formada, ou grave ou leve.*

*Mas elle, como he certo que tomasse
O exemplo de tal pay para o serviço,
O concelho era força desprezasse*

*E assim sem se lhe dar de que remisso
Dilate o tempo a premio desejado
Fez do servir para o servir feitiço.*

*Africa o vio,²⁵⁸ se Capitaõ, soldado,²⁵⁹
Asia Governador, e a nossa Corte²⁶⁰
Com limpeza, e valor no Magistrado.*

*Se á Calamita do desejado Norte
For este Capitaõ, o claro Indo
No mar mar buscara, envolto em sãgue a morte*

*Porém as nossas ambições sentindo
Vay as acções, que agora saõ pintadas,
Com as prateadas aguas distinguindo.*

*Além da Traprobana²⁶¹ as nomeadas
Gentes, que inda hoje estaõ desvanecidas
De dar principio ás artes celebradas.*

²⁵⁷ Tristaõ da Cunha a seu filho Nuno da Cunha.

²⁵⁸ Foy Capitaõ em Africa.

²⁵⁹ Vice-Rey na India.

²⁶⁰ Viador da Fazenda em Portugal.

²⁶¹ China.

*Do braço Portuguesez foraõ vencidas,
Quando era só razaõ daquela empreza
Dar pelo Autor da vida as próprias vidas*

*E a Ilha²⁶², que tem só por fortaleza
De seus Islenhos o valor, por vezes
Baldada vio como os Lusos a defeza.*

*Mas depois de trocados os arnezes
De aço pelo ouro, nem o preço
De Portuguesez tem os Portuguesez.*

*Se authores foraõ de hũ feliz progresso
De repetidos anos, reos agora,
Estaõ pela sentença do processo.*

*Essas²⁶³ quem nadaõ pelo mar da Aurora,
Neas seriaõ, quando só as buscava
A nossa Herculea espada vencedora.*

*Nellas o agudo cravo só picava
A gloria Portugueseza, e o appetite
Geralmente de todos ignorava.*

*Na mesa do mais celebre convite
Era da abelha o prato regalado,
Dos engenhos Bengalicos desquite.*

*Entaõ si, que o comer mais sazonado
O animal de Europa prevenia
Maltratando importuno o verde prado.*

*Foy castigo perderse a valentia,
Pois sem cuidado, o Capitaõ Romano
Na Egypcia copia as perolas bebia.*

*Tambem dos olhos fez vaso profano,
Por donde enchêdo o coração de affectos
Tyranno escravo foy de outro tyranno.*

*Desta paixão os valerosos peitos
Levados, os mais livres se condenaõ
A quem o Mundo os despreze de sogeitos.*

²⁶² Japão.

²⁶³ Ternate, Tidore, com as mais Ilhas de seu districto.

*Seguindo quão as leys cruéis ordenaõ
Precitos por hum cego, e hum menino,
No próprio inferno de seus peitos penaõ.*

*Quanto Hespanha sentio o desatino
De Rodrigo, e quanto Inglaterra
De Henrique Oitavo o misero destino.*

*França por Cariberto, em triste guerra
Gemeo, e Portugal com o affecto brando,
Sempre da paz Felix se desterra.*

*Bem lembrado estareis amigo, quando
Perturbado se vio nosso socego,
Reynãdo Sancho, Pedro, e mais Fernãdo.*

*E ainda que, como he razaõ, não nego
O poder dos affectos amorosos,
Quizera-lhe mostrar algum desprego.*

*E assim, seguindo os peitos valerosos
Fugir como Alexandre, se Dario
Por armas nos trazer olhos fermosos.*

*O golpe, que reparo com desvio,
Me defende melhor, e nesta esgrima*

*Debaixo o ferro do martelo, e lima
Amolgado se vê, ou desunido,
Quem tão duro não he, como se anîma?*

*O desenfado seja permitido,
Com tal moderação, que se não vença
O cuidado por vezes divertido,*

*Houve recreações com differença
Na velha antiguidade, de que usava,
Conforme cada qual tinha licença.*

*Para poder mandar, o que mandava
Breves espaços do cançado dia
Neste, ou naquelle jogo descansava.*

*Por divertir da Grega tyrannia,
Na Treuca guerra, Palamede inventa
O jogo²⁶⁴ Herôe da Vida Poesia.*

²⁶⁴ Hier. Vida no seu Poema de jogo de Xadrez.

*Ensinar divertindo o sabio intenta
A astucia militar dos dous contrarios,
E assim no taboleiro os representa.*

*Naõ foy author dos jogos temerarios,
Cujos preceitos escreveo²⁶⁵Diodoro,
Motivo de perjuros, e falsarios.*

*Hum²⁶⁶ certo Cobilão, que o rizo, ou choro
Sentio dos seus Esparcianos, quando
Foy a Corintho unir hum, e outro foro.*

*Achando aquelles Cidadãos jogando,
Naõ quis tratar da paz, e da embaixada
Ao Mundo indigno sos mostrou calando.*

*Aquelle Rey²⁶⁷, que a Ave nomeada
Por empreza tomou, que os filhos cria
Ancia do Mundo todo venerada.*

*Para livrar aos seus, em quanto via
Ateado este fogo, ao mesmo fogo,
Entrega a parte, que este mal fazia.*

*E aquellas cinzas esparzidas logo
Pelas cabeças dos fieis vassallos,
Memento foy no seu reynado o jogo*

*Estes então passando os intervalos,
Que vós agora passareis, venciaõ
Cafres, Arabes, Chingalás, Begalos.*

*O' quantos destes vencedores viaõ
Diante o sitial, donde imitavaõ
Aquelles que por taes degraos subiaõ.*

*Os livros cheyos, quem as acções contavaõ
Do Cunha,²⁶⁸ do Alburquerque, Almeida, e Gama.
Seus claros sucessores veneravaõ.*

*De vós sey bem o que publica a fama,
Pois ajuntastes com estudo quanto
O Mundo em varios seculos derrama.*

²⁶⁵ Suetonio nas vidas dos Emperadores.

²⁶⁶ Bagnacavallo na Praça Universal.

²⁶⁷ ElRey D. Joaõ II de Portugal

²⁶⁸ Nuno da Cunha, Affonso de Alburquerque, D. Francisco de Almeida. Vasco da Gama.

*Já que em Europa a experiencia tanto
Tem mostrado de vós, de vós confio
Sereis na Asia vitorioso espanto.*

*Naõ se sogeite aos astros o alvedrio,
Que independente dos influxos cria
O Deos, que tem do Mundo o senhorio*

*Nem para a prevenção a Astrologia
Serve, pois dá por certo, o que se julga
Pelo apparente só da fantasia.*

*Neste, ou naquelle instante se divulga
Vio hum a luz do Sol, quando Saturno
De aspecto mau, desgraças lhe promulga*

*Mas porque estava o lumiar diurno
Emulo igual do vencedor de Turno.
Nesta hora fatal, que a estrella inclina
A ser este Monarcha, quantos nascem,
Que em si fabricaõ misera ruina.*

II Parte

*Se neste sentimento os mais cuidassem,
Naõ creyo que do horoscopo Felix
Do Cesar²⁶⁹ de Borgonha se espantasse.*

*Pois porq o Mundo destas cousas risse,
Nesta hora nasceo hum, que o suplicio
O throno foy, que a sorte lhe predisse.*

*A fórma, o material, e o artificio
Em nós está, que a fabrica formamos,
Ou mais , ou menos alta do edificio.*

*Se os claros caracteres consultamos,
O aviso certo, que nos daõ, tomemos
De que haõ de acabar, como acabamos.*

*Lá nesses livros eruditos lemos
De Simeaõ, hum Principe Bulgaro,
Consultando os astrologos supremos.*

²⁶⁹ Ulhoa na vida de Carlos V.

*E achando todos por influxo raro
O instante de se expor contra os perigos,
Foy neste mesmo exposto ao desamparo.*

*Comnemno,²⁷⁰) imaginando que os castigos,
Que sua armada teve em Siracusa
Nasceraõ dos aspectos inimigos.*

*Porque tivesse para o mal escusa,
Hora propínqua consultou, e o dano
Segunda vez tanta ignorancia acusa.*

*Naõ poz taõ longe do saber humano
O supremo Senhor da natureza
O lume, que nos guie ao desengano.*

*As Estrellas, que influem na grandeza
Do microcosmo, poz o Author supremo
Na esféra racional de huma cabeça.*

*Esta nos livra do perigo extremo,
Esta tambem nos leva ao precipicio,
Se por Argos seguimos Polifemo.*

*Differençaõ-se os homẽs no exercicio,
Os sceptros sãõ diversos dos arados,
O que he virtude em hũs, n'outros he vicio*

*Na pintura, e na Musica occupados
Dous Cesares²⁷¹ perderaõ, no que foraõ
Timantes, e Arion taõ celebrados.*

*Ao redor do throno os Astros moraõ,
Em cuja concordancia, ou desvario
As cousas se arruinaõ, ou se melhoraõ.*

*Livre de cada qual seja o alvedrio
No aconselhar, que a decisãõ he vossa,
Erra a estrada quem vay pelo desvio.*

*Naõ he capaz a natureza nossa
De operar por si só, que só Deos póde
O que elle quer que tanto braço possa.*

²⁷⁰ Fazelli de Rebus Seculis.

²⁷¹ Espartiano na vida de Adriano. Dion na de Nero

*E assim, como supremo Author, acode
A nossa falta, dando-nos conselho,
Que o mal das nossas presunções sacode.*

*Tacito, como sabio, e como velho,
Não acha em hum saber capacidade
De comprehēder o Mūdo como espelho.*

*Se hũa unidade ajunta outra unidade,
Somará dez, e muitos dezes centos,
E assim passa o guarismo a infinidade.*

*O mesmo infere assim dos pensamētos,
Seraõ mais comprehēsideis, quantos forē
Multiplicando mais entendimentos.*

*He impossivel n'um cuidado morem
Tantos sucessos, quantos acontecem,
Sem que da falta dos remedios chorem.*

*Verdade he que os males só fenecem,
Quando o ser Conselheiros for officio,
Não títulos, que em si só resplandecem.*

*A Asia logrará tal beneficio²⁷²
Convosco, que imitando a Gordiano,
Livre a fareis daquele torpe vicio.*

*Ande longe o sevéro do tyranno
Motivar o odio não, mas respeito
He a conservação do soberano.*

*Nada modere o rigoroso effeito
Do castigo, huma vez só merecido,
Ao quebrantar do minimo preceito.*

*He muy pezado hũ só, e assi advertido
Ande o Legislador, que o mais supremo
Só dez impoz ao povo redimido.*

*Os quaes guardados quiz com tanto extremo,
Que ao quebrantar de cada qual, cōdena
Ao miserável reo ao fogo extremo.*

²⁷² Capitol. In Gordian.

*O premio também seja igual á pena;
Que quando o leva aquelle, que o merece,
Novos serviços nos demais ordena.*

*Se deste modo cada qual soubesse
Ensinar a virtude, sem violência
Creio que o Mundo a tanto bem trouxesse.*

*A lisonja perdera a preeminência,
Com que o mais vil ao poderoso troca
A verdade real pela apparencia.*

*Doces afagos nos desejos toca,
E mais enganoso, do que cobre o Nilo,
Encobre destes a nefanda boca.*

*Piedoso lamentar do cocodrilo,
Lagrimas brandas, lento fogo ateaõ,
Queimando o bronze ao touro de Perilo.*

*Conhecidos os taes; que os taes se creiaõ?
He desgraça, com a qual os poderosos
As fermosas acçoens de Heroes ateaõ.*

*Estes costumes mais escandalosos
Sey diante de vós seraõ perdidos,
Como foraõ diante dos famosos.*

*Vossos antepassados, que esparzidos
Seus nomes, pelo Mundo venerados
Foraõ, tanto que foraõ conhecidos.*

*Na nossa Lusitania, que estimados
Forão Guterre,²⁷³ Payo, e mais Lourenço
Em vitorias Mouriscas celebrados.*

*Fernando²⁷⁴, que a livrar do infame cẽço
Que Sevilha infiel pagava ao Mouro,
Ajudou com o favor do braço immenso.*

*Martinho,²⁷⁵ para quẽ do verde louro
A coroa mural tece Mavorte,
Mais estimada, que a fechada de ouro.*

²⁷³ Dom Guterres na defesa de Coimbra, Dom Payo Guterres na de Torres Novas. Dom Lourenço Fernandes da Cunha na de Lisboa. Monarch. Lusit.

²⁷⁴ D. Fernando Paes da Cunha na tomada de Sevilha com elRey D. Fernando.

²⁷⁵ Martim Vasques da Cunha na omenagem do Castelo de Cerelico. O Conde D. Pedro.

*Outro Martinho,²⁷⁶ cujo braço forte,
Temor do Ibéro foy, e ao Granadino
Levou o fio desta espada á morte.*

*Na Patria a este o tempo foy benino,
Em quanto ao merecer, mas logo a inveja
Quiz limitar o premio ao seu destino.*

*O qual, para que o Mundo todo veja
Taõ grande sem-razaõ da Patria o tira,
E na alhea lhe dá quanto deseja.*

*Mas como pela Patria inda suspira,
Cõ o sãgue Regio²⁷⁷ Portuguese mistura
O sangue Portuguese, que em si respira.*

*Dous netos seus subiraõ a tanta altura,
Que Mestres de Santiago, e de Calatrava
Foraõ, mais por razaõ, que por ventura.*

*E o quarto Henrique vêdo assegurava
A Coroa Castelhana na cabeça
De hum destes, cõ o Reyno a irmã²⁷⁸ lhe dava.*

*Mas a morte,²⁷⁹ que em tudo se atravessa,
Lhe tirou tres dias coroar-se,
O muito bem no muito bem tropessa.*

*Digno será de sempre lamentarse
Rodrigo,²⁸⁰ filho deste, a quẽ taõ cedo
Motivo a morte deo para chorarse.*

*Hũ Lopo,²⁸¹ Conde de Buẽdia, medo
Dos turbantes, que foraõ testemunhas,
Vencidos no districto de Toledo.*

*Que imitando o valor dos outros Cunhas
Nas armas em marciaes jogos ganhadas,
Treze bandeiras junta ás nove Cunhas.*

²⁷⁶ Martim Vasques da Cunha, primeiro Conde de Valença Duque de Gijon e Pravia. Fr. Prud. De Sand. Cron. De D. Affonso 7.

²⁷⁷ Casou com a Senhora D. Maria, filha do Infante D. João, e da Infante D. Constança, neta dos Reys D. Pedro de Portugal, e de D. Henrique II, de Castella.

²⁷⁸ D. Pedro Giraõ com a Infanta D. Isabel, chamada depois a Rainha Catholica.

²⁷⁹ Morreo em Villa Ruyva de hum acidente, vindo para se receber, dispensado pelo Papa Eugenio IV.

²⁸⁰ D. Rodrigo de Giraõ

²⁸¹ Sand. Na Cron. de D. Affonso VII.

*João²⁸² Pereira Agustin, quem as celebradas
Damas Inglezas chamaõ, na defesa
De seu valor somente confiadas.*

*Que direy de Tristaõ²⁸³, a differença
Delle aos nove varões, que grita a fama
O tempo só declarará a sentença.*

*A sorte, que a estes taes sempre defama,
Que fosse, lhe tirou, elle o primeiro
A succeder ao Argonauta Gama.*

*Porém aquelle coração guerreiro,
Os muros desprezando ao seyo undoso
Naõ quis ser nos de Brava²⁸⁴ derradeiro.*

*Pois torpemente o fado de invejoso
A primazia lhe tirou no mando,
Soube-a elle tomar no vitorioso.*

*Roma o queria por defesa, quando
O Successor de Pedro tinha a Barca
Na inundação dos Turcos naufragando.*

*Nesta, e naquella acção, tal gloria abarca,
Seguindo o pay o filho²⁸⁵ celebrado,
Que de ouro a roca lhe carrega a Parca.*

*Com quem os perigos desprezando ousado
Quando soldado foy, mandar sabia,
Quando mandava, soube ser soldado*

*Baharem tomava²⁸⁶ quando destruía
Currate, e contra o Caromil valente
Chale em forma melhor fortalecia.*

*Ao de Ternate Rey fez dependente,
Damaõ tomou, e pouco depois Dio,
E Baçaim fortificou prudente.*

*Mas, ó inveja infame, ó Mundo impio,
Que se atreva a hũ Varaõ por si só grande
O vosso costumado desvario!*

²⁸² Sueiro Annaes de Flandes.

²⁸³ Tristaõ da Cunha o primeiro nomeado Vice- Rey da India. Joaõ de Barros.

²⁸⁴ O primeiro, que tomou na India fortaleza por combate. Barros. Paulo Jovio

²⁸⁵ Nuno da Cunha

²⁸⁶ Barros

*Pois faz com que o Luso Principe que mande
Cadeyas preparar,²⁸⁷ para quem o premio
Já mais com o merecer huma vez ande.*

*Mas a morte, que quiz pôr no proemio
De sua tyrannia, esta piedade
Tanto varaõ recolhe ao triste grémio.*

*O qual, já receando esta crueldade,
Naõ quis, qual Scipiaõ, q a Patria ingrata
Lograsse em si taõ grande authoridade.*

*E vendo, que piedosa o nó desata
De tanta vida, para sepultura
O marmore quis só da undosa prata.*

*E porque o mar seguindo a terra dura
De si o naõ lançasse, quer que hum pezo
Se lhe ate aos pés, com que penetre a altura.*

*Declarando na hora do desprezo,
Que aquillo só de tudo o que mandava,
Da fazenda Real tomára o pezo.*

*E taõ pouco a consciencia lhe pezava,
Que porque o Mundo visse esta verdade,
Pizando foy o pezo que o levava.*

*Daquella a esta sucessiva idade
Vede Pedro²⁸⁸, e Rodrigo,²⁸⁹ que de Lusos
O nome heroico te na eternidade.*

*Naõ seja culpa em mim, se por diffusos
Termos furto á lisonja aquellas vozes,
Que ella reparte a differentes usos.*

*Bate a fama fecunda azas velozes,
E ao Mundo por instantes significa
Casos sempre admirveis, nunca atrozes.*

²⁸⁷ Antonio Correa Baherem por ordem delRey D. Joaõ o III o estava esperando nas Ilhas para o trazer prezo.

²⁸⁸ D. Pedro da Cunha, Capitaõ mór de Lisboa.

²⁸⁹ D. Rodrigo seu filho, Arcebispo da mesma cidade.

*A Patria, então cativa, hoje publica
Devia na defesa a Pedro²⁹⁰ quanto
Livre, a Rodrigo²⁹¹ obsequios multiplica.*

*Depois que o Mundo vio, do Mundo espanto,
As terras Portuguezas,²⁹² e Africanas
Em ondas naufragar de sangue e pranto.*

*E entregues quasi as Armas Lusitanas,
Já mais vencidas do terror de Marte,
A's continuas astucias Castelhanas.*

*Pedro, que muitas vezes o Estandarte
Das sacras Quinas tremolou²⁹³ valente
Na mais opposta, ou mais remota parte.*

*Pondo o peito fiel contra a corrente,
Que detinha a fortuna Portuguesa,
Por leal, não temeo ser delinquente.*

*E como tal a valentia preza
Se vio na torre de Belem, que solta
Não foraõ Lusos dos Ibéros preza.*

*E a honra nunca atada, inda que envolta
Entre cadeas, no sagrado filho
Desatada, em vingança o sangue solta.*

*Eu co' a parte mayor me maravilho
Do Mũdo, quando vejo a Mitra, e o Bago
Servir de baluarte, e de restilho.*

*Pois oposto valente ao vil estrago,
Que intentava fazer Principe injusto,
Do velho Portugal, nova Carthago.*

*Sem que corrõper possa o peito augusto,
Promessas, e ameaças, porque dêsse
Diverso parecer do santo, e justo.*

²⁹⁰ D. Pedro morreo prezo pela Patria.

²⁹¹ D. Rodrigo liberta a Patria.

²⁹² Perda da Batalha de Alcacere.

²⁹³ Foy Capitão de Ceuta, duas vezes Capitão das naos da India, General da Armada de Portugal, e das Galés, Capitão mór de Lisboa.

*A Mãtua²⁹⁴ Carpetana se estremesse
Quando vê por hum homem desprezado
O poder do receyo, e do interesse.*

*A Patria o vi Pastor, e o vio soldado,
Soldado, defendendo a Patria amada,
Pastor, apacentando amigo o gado.*

*Naõ aceitou a Purpura sagrada,
Porq por acções vís nos hombros posta,
No rosto a mostra o pejo mais córada.*

*E vendo estava o seu desejo opposta
A tyrannia, ameaçando ruina,
No Bago, em que descança, a Lisia encosta.*

*A liberdade,²⁹⁵ sabio determina
Da Patria, que gemia ao jugo atada
Da culpa, que tal sorte lhe destina.*

*E o mesmo foy a ação premeditada,
Que logo conseguida, e conseguida
Pela presteza foy executada.*

*A tal pay, e a tal filho decidida
Naõ vejo inda a questão; se a Patria deve
Mais a esta, ou aquella illustre vida.*

*Com pena dilatada a vida breve
Entrega o pay, para naõ ver escrava
Terra que o (S) no seu rosto escreve.*

*O filho tanta infamia aos patrios lava,
E dando nova vida á Lisia morta,
Bem de tal pay tal filho se esperava.*

*Hum, e o outro serviço se exhorta,
Que o premio he rara vez de quẽ merece
Mais Astrea, que Adrastea ao Mundo importa.*

*Como no Mundo o beneficio esquece,
Como no Mundo se memora a offensa,
Naõ sey como te quer quem te conhece!*

²⁹⁴ Quando esteve em Madrid no anno de 1638.

²⁹⁵ A acclamação delRey D. João IV, no anno de 1640.

*A fama só declare a diferença
Destes Heroes do Mundo venerados,
Porque se justifique esta sentença.*

*Poucos julgaõ sem culpa os castigados,
E menos acharaõ merecimentos
Naquelles, que não viraõ premiados.*

*Permittime que rompa em sentimentos
As vozes contra a inveja, que a maldade
Lhe deu debaixo dos doceis assentos.*

*He sem-razaõ se veja a falsidade
Com tanta presumpção, que entre os Senhores
Tenha assentada praça de verdade.*

*E pois vindes de taes Progenitores,
O sangue, que pulando está nas veas,
Bem mayor vos faraõ, que estes mayores.*

*Os quaes deixaraõ de progressos cheas
As prayas Orientaes, para que a Aurora
As possa numerar pelas areas.*

*Passará vossa espada vencedora
Além do monte, que se vê adornado
Com o sepulchro da Martyre Doutora.*

*Naõ quero que sejais aventajado
A taõ grandes Heoes, porém eu creyo,
Que eles vos queiraõ todos igualado.*

*Nopenetrar sereis do undoso seyo
Aos dous Gamas²⁹⁶ igual, e na conquista
Entre Affonso,²⁹⁷ e entre Nuno ireis no meyo.*

*Na batalha mais árdua, e mais prevista,
Pacheco²⁹⁸ vos venero, que aos temidos
Reys por vassallos de seu Rey alista.*

*Junto estareis dos dous esclarecidos
Almeidas²⁹⁹ no valor, e na prudencia,
Que não seraõ de Lusos esquecidos.*

²⁹⁶ D. Vasco, e D. Estevaõ.

²⁹⁷ Affonso de Albuquerque e Nuno da Cunha.

²⁹⁸ Duarte Pacheco.

²⁹⁹ D. Francisco e D. Lourenço.

*Igual tereis á celebre excellencia
Do Mascarenhas,³⁰⁰ como do Sylveira,³⁰¹
Segurando que estava em contingencia.*

*Seguindo ireis a prateada esteira
Da verdade do Castro,³⁰² que hum cabello
Seu, penhor foy de toda a Asia inteira.*

*Sereis dos dous Noronhas³⁰³ paralelo,
E do Ataide³⁰⁴, tanto vosso, sede
Taõ igual no valor, como no zelo.*

*Nestes retratos dessa sala vede
Hum Barreto,³⁰⁵ hum Furtado³⁰⁶, hum Azevedo³⁰⁷
Como igual, cada qual aos outros mede.*

*Entre estes, e outros taes, vereis bẽ cedo
Collocado tambem vosso retrato,
Que faça aos vossos sucessores medo.*

*E a copia delle servirá de ornato
Ao templo, que coroa o cume ao Emo,
Pois que do vosso nome enche o voato
Do Istmo occulto ao Promōtorio extremo.*

³⁰⁰ D. João de Mascarenhas.

³⁰¹ Antonio da Sylveira.

³⁰² D. João de Castro.

³⁰³ D. Antão, e D. Garcia.

³⁰⁴ D. Luis de Ataide duas vezes Vice-Rey.

³⁰⁵ Francisco Barreto.

³⁰⁶ André Furtado.

³⁰⁷ D. Jeronymo de Azevedo.

Considerações finais

A ideia generalizada que sustenta a desvalorização da quase totalidade da produção escrita resultante das academias seiscentistas e alimenta, em consequência, o desinteresse por ela parece ter contribuído para que a história da literatura portuguesa reduzisse o espaço que lhe consagra a um pequeno resumo em jeito de epitáfio. Por mais que se admita que os académicos possam ter desperdiçado o seu tempo e as suas capacidades artísticas numa espécie de jogos florais enfadonhos e ridículos, não só pelo tom emproado e a temática fútil, mas também pela sujeição a uma estética e a valores considerados caducos, o facto é que tanto umas como outros refletem uma realidade cultural comum a outros países e representam um papel social específico dentro da nova organização advinda com a tomada do poder pela casa de Bragança.

A *Academia dos Generosos* constituiu um espaço de divulgação e difusão das ideias que circulavam nos centros do poder que não esteve sempre restrito aos membros que assistiam às sessões, mas também abriu a sua ação a um público mais amplo, através das manifestações solenes de regozijo por acontecimentos marcantes para a época, como o nascimento de um príncipe ou o casamento de um rei. A academia foi também um ponto de chegada da cultura estrangeira a Portugal por via dos seus membros que tiveram a oportunidade de viajar para o exterior, alguns enquanto representantes da coroa portuguesa nas grandes cidades europeias. À semelhança da universidade, embora sem a sua rigidez, a academia oferecia um plano de estudos humanísticos, alguns com incidência prática – como o estudo das fortificações militares –, tendo para isso mestres devidamente reconhecidos entre os pares como peritos nas matérias estudadas. Correspondia, efetivamente, a um lugar de exercitação de regras aceites social e culturalmente, exercitação essa com carácter lúdico e sem pretensões que não fossem as de ocupar utilmente os tempos de ócio de que dispunham os seus sócios, nos intervalos dos afazeres políticos, diplomáticos ou militares, apesar do código linguístico-social pomposo e enfatuado que utilizavam entre si.

Numa época em que a poesia era uma forma de comunicação vulgarizada, compreende-se que o privilégio dado ao domínio das regras métricas e de composição,

com a ênfase dada ao seu conhecimento teórico e à sua aplicação prática, fosse vivido como um desafio estimulante, independentemente do resultado final.

O académico *Ambicioso* é um exemplo dessa prática poética académica, como acreditamos ter tido oportunidade de demonstrar; no entanto, julgamos que alguns elementos oferecidos pelo *corpus* que pudemos reunir merecem ainda breves comentários. Sendo a poesia de circunstância – entendendo esta categoria como aquela onde se situam composições destinadas a desempenhar uma função prática muito específica ligada à vida quotidiana – tão frequentemente praticada pela generalidade dos seus contemporâneos, não encontramos no decurso da nossa investigação nenhuma composição de sua autoria que comprovasse a utilização desta modalidade comunicacional, ao contrário do que acontece com D. Francisco Manuel de Melo, que a praticou abundantemente e que mereceu, da parte do professor José Adriano de Freitas Carvalho, um clarificador estudo introdutório na edição de 2006 das *Obras Métricas*³⁰⁸. Do mesmo modo, não podemos em rigor considerar que se encontre no *corpus* reunido alguma composição que responda a um assunto académico que mereça ser classificado de fútil e esteja incluído naqueles que são ridicularizados pelos críticos dos exageros barrocos. Para além do encómio às figuras com quem se relacionava, como D. Sancho Manuel, ou de quem dependia, como a família real, é possível destacar duas linhas de força na obra de D. António que apresentamos. São elas a abordagem da complexidade das vivências do ser humano no que diz respeito ao amor, à ascese e ao ideal da vida cortesã, por um lado, e a prática de uma poesia mais sofisticada, subsidiária da literatura emblemática tão difundida à época, e patente duma forma ostensiva na proposta do labirinto – a última obra oferecida neste trabalho – o qual exige o domínio de um conhecimento de descodificação textual, certamente acessível a uma elite muito restrita que estivesse igualmente em condições de produzir este tipo de enigmas.

Ao contrário do obelisco, que pretendia expor claramente o motivo da sua construção numa conjugação das linguagens icónica e verbal, como se de um emblema se tratasse – uma vez que implicitamente a figura desse objeto escultural desenhado com palavras, surge aos olhos de quem lê a obra apoiada na insígnia *MATERIA SUPERAT OPUS* –, o labirinto parece querer limitar a leitura a um pequeno grupo de iniciados. As opções do secretário perpétuo parecem, assim, apontar em sentido oposto

³⁰⁸ CARVALHO, José Adriano de Freitas – **Poesia de circunstância e circunstâncias sociais**, in MELO – Francisco Manuel de – **Obras Métricas**, vol.1 e 2, Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho, Braga, Edições APPACDM, 2006, pp. LI, LXIV.

ao do que geralmente se consideram os caminhos trilhados pelas academias, associações que são globalmente vistas como importantes instrumentos ao serviço da propagação de uma cultura massificada e dirigida, mas que podia, como o nosso autor ilustra, ser também o espaço privilegiado para a produção duma cultura literária restrita e elitista.

O exemplo do académico *Ambicioso* pode, assim, tornar ainda mais pertinente a sugestão de Else Maria Henny Vonk Mathias para que seja levada a cabo a organização de um *arquivo académico* que congregue a atividade desenvolvida neste tipo de agremiações ao longo dos séculos em Portugal, de modo a permitir um acesso mais facilitado à produção resultante da sua atividade e a estimular o seu estudo aprofundado. Quando for possível ter um conhecimento abrangente e sistemático desse património literário e cultural, estaremos em condições de ajuizar com mais segurança e acerto sobre o valor da sua ação e da sua obra, sem cairmos em generalizações que acabam por construir a imagem falsa duma realidade cuja homogeneidade o exemplo de D. António Álvares da Cunha parece contrariar.

Anexo I

Transcrição dos poemas de quatro académicos à volta do tema *Aunq escrivi mis querellas/ en los celestes zafiros/ la causa de mis suspiros/ la ignoraron las estrellas*, glosado por D. António Álvares da Cunha, inseridos no manuscrito 5864, BNP.

João Nunes da Cunha, fl. 13:

*Fenix sy mi adoraçion
ocultar al pecho intento
como publico elemento
da pena del coraçon
no es ofensa, fue razon
discubrir estan sentellas
porq' vean las estrellas
q'en tanto fuego abrazado
no se lee mi cuidado
aunq escreui mis querellas*

*Arde el alma, y mi dolor
en voces e fuego aclama
aquella divina llama
q'es la causa de mi amor:
bien se conoce el rigor,
de las flechas de los tiros
aunq digan mis suspiros
al alma q le responde
q todo mi mal se esconde
en los celestes zafiros.*

*Conociendo el homecida
no puede negar mi suerte
q solo me da la muerte
quien puede darme la vida
sy penetrando la herida
hallo com esos zafiros
y por los celestes giros
se escrevio mi sentimiento
aun ignora el firmamento
la cauza de mis suspiros.*

*De mis ojos los caudales
han calado mis enojos
porq no sepan mis ojos
q pueden llorar mis males:
incêndios seran fatales
mis lagrimas, y querelas
mas amor descubren ellas
la cauza tan recatada
q quando fue aplicada
la ignoraron las estrelas.*

Francisco de Faria Correa, fl. 13v:

*Forçoso aliuiio al dolor
el cielo piedozo ordena
y para descreuir la pena
liçençia conçede Amor
en mis penas mi valor
no culpa la cauza dellas
y aunq siento el padeçellas
no embidio ajenas venturas
ni estimo mis desventuras
aunq escreui mis querellas*

*Mis querellas lastimoso
las refiere el llanto mio
talvez al cielo piedozo
pero sempre respetoso
busco secretos retiros
p^a ocultar mis suspiros
y para escrevir mis malles
en los liquidos cristales
en los celestes zafiros.*

*Tal gloria en mis penas siento
q estoy puesto q offendido
ufano, mas q affligido,
mas q offendido contento:
como amante mi tormento
me atrevo Amor, a deziros
y bien podeis persuadiros
q estimoel mal de q muero
y firme amante
la cauza de mis suspiros.*

*Tormientos desta afición
q'el alma a penas mereçe
sy el coraçon los padeçe
los oculta el coraçon:
cauza destas penas son
de Filis las luzes bellas
mas assy la cauza dellas
mis respectos ocultaron
q aunq estrelas las cauzaron
lo ignoraron las estrellas*

Antonio da Fonseca Soares, fl. 14:

*La deydad mas bella adoro
y bien q' este amor reprimo
vos del alma ao quanto gimo
tinta de amor quando lloro
assi le escrivo, y le imploro
piedad a sus luzes bellas;
mas como no me oyon ellas
bubuo(?) morir de calado
aunq' ausente mi cuidado
aun' escriui mis querellas.*

*Pena, y cielo la afigura
mi decoro, y mi firmeza;
pena sempre en la dureza
cielo sempre en la hermosura:
mas bien q hermosa es tan dura
q hasta en amorosos tiros
sacan fuego mis suspiros;
pues son mis desdichas tales
q allo duros pedernales(?)
en los celestas zafiros.*

*Mas viene me a deleitar
tanto el gemir, y el arder
q'es premio de padeçer
el guto de suspirar:
no sale por se quejar
el alma de sus retiros
sino porq en dulçes giros
muestre q entre los tormentos
que cauza de mis contentos
la cauza de mis suspiros.*

*No es influxo supirior
lo q amando el alma esta;
porq los astros son ya
menos nobles q mi amor:
y como a tan alto ardor
no me enclinan sus centellas
antes la luz de mis huellas
en las estrellas no cupo(?)
bien q'amor la cauza supo
lo ignoraron las estrelas.*

Conde da Torre, fl. 14/14v:

*Siempre el amor offrecido
siempre el amor conçagrado
quando ofendido obligado
quando obligado ofendido:
nunqua ya mas attreuido
exclamando a las estrellas
quando ingrata me atropellas
me senti para dexarte
aunq' propuse oluidarte
aunq' escrui mis querellas*

*Siempre Fily a tus enojos
com modesto attrevimento
respondio el sentimiento
lo q dictavan los ojos:
y sy talves los retiros
fueron polvora a los tiros
puso ingenioso el amor
el alvo de su dolor
en los celestes zafiros.*

*Recatado en los affectos
abrazado en los dezeos
sy obligado a mis empleos
mas attento a tus respectos:
unio el alma a dos sugetos
en mi amor, y tus retiros
tan contrarios q a los tiros
offresco el alma y la vida
porq no ensene la hirida
la cauza de mis suspiros.*

*En la carcel del tormento
y en los grillos del sentimiento
tanto recato el morir
quanto oulto el pençamiento:
callo, gimo, muero y siento
y sy al cielo lasc entellas
van de mis ojos en ellas
que tan attento el dolor
que la cauza de mi ardor
la ignoraron las estrelas.*

Anexo II

Estatutos da Academia dos Ocultos

Ms. ACT 307, VOL1 -fl. 7 (texto impresso) BNP

ESTATUTOS, que a Academia dos Ocultos deve observar para melhor direcção das suas conferências, e duração da mesma Academia.

CAP I

A Assembleia deve conservar o titulo de Congresso dos Ocultos observando sempre o inalterável costume de não admitir entre os seus alumnos pessoa alguma de fora no dia das suas conferencias.

CAP II

Haverá vinte e quatro Academicos, os quaes se juntarão huma tarde cada mez para fazerem as suas conferencias: em cada huma das quaes hade haver hum Prezidente, e dous Problematicos, ou Lentes, que todos serão feitos por sorte. Tirando o Prezidente no fim da conferencia de huma urna o nome do que lhe hade succeder; passara depois a mesma urna aos Lentes, os quaes da mesma sorte tirarão os nomes dos seus successores. E se algum dos Academicos, a quem sahir por sorte fazer o seu papel se não achar presente, e avizado do emprego que lhe tocou se escuzar, o Secretario avizará outro; mas não deixará de tornar a hir o nome do escuzado outra vez ao vazo.

CAP III

Nos discursos dos Prezidentes haverá alternativa, porque hum terá assumpto, e outro não: o que também se hade observar nas matérias sobre que haõ de discorrer os

Problematicos, ou os Lentes; porque huma vez será questaõ problemática; e outra dissertaçoens sobre materias úteis, e curiosas; e assim os assumptos para os discursos dos Prezidentes, como os problemas, e dissertaçoens seraõ tirados por sorte pelos que haõ de fazer os taes papeis.

CAP IV

Havera para primeiro assumpto das Poesias huma vez a acção de algum Heroe, que sempre será Portuguez, e outra hum assumpto heroico Academico; observando-se nisso alternativa, a qual se hade usar no assumpto Lirico, que huam vez será assim, e outra redondilha que cada qual glose ao intento que melhor lhe parecer, e só o terceiro assumpto será sempre jocoserio.

CAP V

Todos os assumptos assim de proza como de verso se ordenaraõ muito depensado para todas as conferencias do anno, e o Secretario terá abrigaçaõ de os dar escritos ao Prezidente daquelle dia para elle os dar para a conferencia futura.

CAP VI

O Secretario lerá somente as obras dos auzentes; as mais leraõ os seus Autores, e seraõ obrigados a Dallas ao secretario no fim da conferencia.

CAP VII

Nenhum Academico sahirá para fora da corte por tempo dilatado sem dar parte ao congresso da sua ausência, e sendo esta por alguns annos, se proverá o seu lugar. E se algum faltar ao congresso em occasiaõ, que tiver emprego sem primeiro o fazer saber, faltando segunda vez se nomeará em seu lugar outro Academico.

CAP VIII

Emcomenda-se muito a uniaõ entre os Alumnos por ser esta a melhor segurança para a subsistência de semelhantes congressos, e se prohibem tantos os politicos cortejos entre os Problematicos, e desculpas de insufficiencia nos Oradores, como toda a casta de criticas, satiras, e termos indecorosos, aos ouvidos de hum auditório grave.

CAP IX

Poderà qualquer Collega fazer ao congresso alguma pergunta fútil e curiosa; e o Prezidente nomeará dous Academicos para na seguinte conferencia responderem a ella em proza, ou verso, advertindo que sejaõ breves os discursos, os quaes se leraõ em ultimo lugar.

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

1. Relativas à *Academia dos Generosos* e a D. António Álvares da Cunha

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Casa de Cadaval, nº 3 – “*Os Lusíadas*” de Luis Vaz de Camões comentados por Manuel Pires de Almeida.

Documentação dos conventos por identificar, cx. 17 – *Genealogias*.

Documentação dos conventos por identificar, cx. 12 – *Ordem dos pregadores de S Domingos de Lisboa*, 1531-1831, 1 maç.

Genealogias manuscritas 1617 a 1818 – *Livro das famílias nobres deste Reino de Portugal dos apelidos que pertencem à letra C*.

Registo Geral de Mercês de D. Pedro II, livro 3, fl. 304 – *Carta. Trinchante com o ordenado que lhe tocar*.

Registo Geral de Mercês, Mercê de Torre do Tombo, livro 19, fls. 200v-201v – *Carta. Uma viagem para a Índia. Filiação Isabel de Aragão*.

Registo Geral de Mercês, Mercê de Torre do Tombo, livro 22, fl. 264 – *Carta. Capitão de uma companhia de cavalos*.

Registo Geral de Mercês, Ordens Militares, livro 15fl. 155v – *Carta. Comenda de S. Miguel de Nogueira*.

Registo Geral de Mercês, Ordens Militares, livro 1, fl. 332v – *Alvará. Para ter em administração por 1 ano a comenda de Santa Maria do Carraço*.

Biblioteca da Ajuda

Manuscrito 49-III-52

Manuscrito 49-III-63

Manuscrito 49-III-66

Manuscrito 49-III-76

Manuscrito 50-I-5

Manuscrito 50-I-8

Manuscrito 50-I-33

Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa

Manuscrito V. 215

Manuscrito 295

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Manuscrito 114

Manuscrito 1324

Manuscrito 1350

Biblioteca Nacional de Portugal

Códice 3181

Códice 5864

Códice 6269

Códice 6374

Arquivo de Tarouca

Códice AT/L 84A

Códice AT/L 285

Códice AT 286

Códice 306 AT/L

Códice ACT 307, vol. 1

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora

Códice CXII / 2 – 2

Biblioteca Pública Municipal do Porto

Manuscrito 1397

Manuscrito 642

The Royal Society of London

Códice DM/5/54

2. Relativas à *Academia Portuguesa de História*

Arquivo dos Arquivos, Avisos e Ordens, mç. 3, nº 93 – *Aviso para o Conde de Tarouca ter livre acesso no Real Arquivo na forma concedida aos académicos da Academia de História Portuguesa.*

Manuscritos de livraria, nº 1096 (93) – *Carta que escreveu José Freire de Monte ao Conde de Ericeira por ocasião da nova Academia de História Portuguesa.*

FONTES IMPRESSAS

1. Relativas à *Academia dos Generosos*

ACADEMIA DOS GENEROSOS – **Vários Versos ao Felix Nascimento, do Sereníssimo Infante Dom Pedro Manuel**, dos Académicos a que preside Dom Affonso de Meneses, Lisboa, Paulo Craesbeek Impressor, 1648.

BLUTEAU, Rafael - **Prosas Portuguesas Recitadas em Differentes Congressos Académicos pelo Padre D. Rafael Bluteau.**, *Preâmbulo Breve na Renovação da Academia dos Generosos, nas casas do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses*, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1726.

MANUEL, Joseph de Faria - **Terpsichore Musa Academica na aula dos Generosos À senhora Isabel Francisca da Silva Dama da Rainha N.S. pello Doutor Joseph de Faria Manuel**, *Em Lisboa, na Officina de Ioam da Costa, anno de 1666.*

MATIAS, Elze Maria Henny - **As Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII**, Lisboa, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 1988.

MATIAS, Elze Maria Henny Vonk - **A Academia dos Generosos. Uma Academia ou uma sequência de academias.** Separata da Revista da Biblioteca Nacional, nº 2, 1982.

MATIAS, Elze Maria Henny Vonk - **Seis Certames Generosos**, Separata da Revista da Biblioteca Nacional, nº 1-2, 1983.

MIRANDA, José da Costa - **Carlo Antonio Paggi, tradutor italiano de Camões: a sua presença na seiscentista Academia dos Generosos de Lisboa**, Sep. Rev. Bibl. Nac., 2, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.

MIRANDA, José da Costa – **Ecos de Torquato Tasso Gerusalemme Liberata na Academia dos Generosos de Lisboa: Achegas para um (lendário) conflito literário seiscentista?**, Sep. Bol. Bibl. Univ. Coimbra, 37, Coimbra, Coimbra Editora, 1982.

PALMA-FERREIRA, João - **Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.

2. Relativas a António Álvares da Cunha

BARCELOS, 3o Conde de – **Cópia de alguns títulos do Nobiliário do Conde D. Pedro que existe na Torre do Tombo**, com comentários de Tomás Caetano de Bem, C. R., Manuscrito datado de 27 de setembro de 1790.

CUNHA, António Álvares da - **Aplauzos academicos e rellação do felice successo da celebre victoria do Ameixial...** / *pello secretario da Academia dos Generosos e Academico Ambicioso*. - Em Amsterdam, em casa de Jacob van Velsen, 1673.

CUNHA, António Álvares da - **Arvores genealogicas da real ascendencia da muito soberana Princesa Maria Sofia Isabel Palatina Raynha de Portugal athe os outavos avós** [Manuscrito] / offerecidas ao muito esclarecido Principe D. Pedro II do nome vigessimo Rey de Portugal por D. Antonio Alvares da Cunha seu trinchante - 1687.

CUNHA, António Álvares da Cunha - **Campanha de Portugal: pella Provincia do Alentejo na Primavera do anno de 1663**. *Governando as armas daquella Provincia Dom Sancho Manoel Conde de Villa Flor. Offerecida á Magestade de ElRey D. Affonso VI...* / na Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor delRey N.S., 1663.

CUNHA, António Álvares da – **Carta a João Nunez da Cunha...quando foi elleito vice-rei da Índia**, in *A fenix renascida ou obras dos melhores engenhos portuguezes* / ed.lit. Mathias Pereyra da Silva. – Lisboa, Off. Antonio Pedrozo Galvão : Off. Miguel Rodrigues, 1746.

CUNHA, António Álvares da - **Certamen epithalamico publicado na Accademia dos Generosos de Lisboa ao... casamento do... Monarcha D. Affonso VI... com a... Princeza Da Maria Franc.a Izabel...** / *pello Academico Ambicioso & Secretario da referida Academia*. Em Lisboa, na officina de Joam da Costa, 1666.

CUNHA, António Álvares da (tradução de) - **Escola das verdades aberta aos princepes / na lingua italiana por o P. Luis Juglaris...**; e patente a todos na portugueza por D. Antonio Alvarez da Cunha. Tít. orig.: "La scuola della veritá aperta a'prencipi" Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello... & à sua custa impressa, 1671.

CUNHA, António Álvares da - **Obelisco portuguez, cronologico, geneologico e panegirico** / *que...* Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1669.

CUNHA, António Álvares da (edição de) - **Rimas / de Luis de Camoens princepe dos poetas portuguezes : primeira, segunda, e terceira parte.** - *Nesta nova impressam emmendadas, e acrescentadas / pello licenciado Joam Franco Barreto.* – Lisboa, na officina de Antonio Craesbeeck de Mello, impressor de Casa Real, 1666-1669.

CUNHA, António Álvares da - **Varias cartas e poesias latinas** [Texto policopiado]: *primeiras e segundas liçoens feitas na Academia de D. António Alveres da Cunha: relação particular do estado do Brasil que vay no fim.* - [Lisboa : Academias Literárias Portuguesas, 1988].

CUNHA, António Álvares da – **Anton, Florence, Pacual /acude a mi sentimento:** (Écloga), in *Memorias funebres sentidas pellos ingenhos portuguezes, na morte da senhora Dona Maria de Attayde* - Em Lisboa, na Officina Craesbekiana, 1650.

CUNHA, António Álvares da – **Despedaçada a voz desata o pranto** (Elegia), in *Memorias funebres sentidas pellos ingenhos portuguezes, na morte da senhora Dona Maria de Attayde* - Em Lisboa, na Officina Craesbekiana, 1650.

CUNHA, António Álvares da – **Agora que Melpomene saudosa** (Elegia), in MENEZES, Dom Luis de, (organizado por) - *Compendio panegirico da vida, e acçoens do Excellentissimo Senhor Luis Alverez de Tavora Conde de S. João, Marquez de Tavora...Governador das Armas da Provincia de Tras os Montes: Oraçam funebre que prérgou nas suas exequias o...Senhor Dom Frey Luis da Sylva...Deão da Capella de S. A.: Varios versos dedicados ao mesmo assumpto*, em Lisboa, por Antonio Rodriguez d' Abreu, 1674.

CUNHA, António Álvares da – **Com tanta erudiçam vossa doutrina** (Soneto), in PEGAS, Emmanuelis Alvarez - *Resolutiones forenses practicabiles...: opus novis auctum quaestionibus circa praxim, in duabus partibus divisum: pars prima.* Ulyssipone, ex typographia Michaelis Deslandes: sumptibus, et expensis Antonij Leyte Pereyra, 1682.

CUNHA, António Álvares da – **A Victoria da pena publicada** (Soneto), in SILVA, João Pereira - *Epinicio lusitano à memoravel victoria de Montes Claros, que alcançou o exercito delRey Nosso Senhor D. Affonso VI. o Victorioso, sendo capitam general o Marquez de Marialva : offerecido ao Serenissimo Infante o Senhor Dom Pedro /* Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira, impressor delRey N.S., 1665.

CUNHA, António Álvares da – **O de celeste Musa accento digno** (Ode), in VASCONCELOS, Manoel Mendez de Barbuda, & - **Virginidos ou Vida da Virgem Senhora Nossa: poema heroico dedicado a Magestade da Rainha Dona Luiza**, Lisboa, na officina de Diogo Soares de Bulhoens, 1667.

Documentos eletrónicos

1- Relativos à *Academia dos Generosos* e à *Academia dos Singulares*

ACADEMIA DOS SINGULARES DE LISBOA - **Academias dos Singulares de Lisboa. Dedicadas a Apollo...** - Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1665-1668.

(último acesso em 24 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://purl.pt/21936/2/>

ACADEMIA DOS SINGULARES DE LISBOA - **Academias dos Singulares de Lisboa. Dedicadas a Apollo...** - Lisboa: na Officina de Manoel Lopes Ferreyra & à sua custa, 1692-1698.

(último acesso em 24 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://purl.pt/21937/2/>

BLUTEAU, Rafael - **Prosas Portuguesas Recitadas em Differentes Congressos Académicos pelo Padre D. Rafael Bluteau**, *Preâmbulo Breve na Renovação da Academia dos Generosos, nas casas do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses*, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, MDCCXXVI.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://purl.pt/79>

2- Relativos a António Álvares da Cunha

CUNHA, António Álvares da – **Terceira Parte das Rimas do Principe dos Poetas Portugueses Luis de Camões**, Lisboa, por Antonio Craesbeek, 1668.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://purl.pt/21931/2/>

Fenix Renascida ou Obras dos Melhores Engenhos Portuguezes, ed.lit. Mathias Pereyra da Silva. – Lisboa, Off. Antonio Pedrozo Galvão: Off. Miguel Rodrigues, 1746.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet <http://purl.pt/261>

3- Relativos às academias seiscentistas

BORRALHO, Maria Luísa Malato – **A Academia de Platão e a Matriz das Academias Modernas**, in Notandum, nº 19, S. Paulo, Jan- Abril de 2009. pp. 5 a 16.

(último acesso em 15 de abril de 2012)

Disponível na Internet: [http://repositorio-](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23056/2/luisamalatoacademia000092661.pdf)

[aberto.up.pt/bitstream/10216/23056/2/luisamalatoacademia000092661.pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23056/2/luisamalatoacademia000092661.pdf)

BORRALHO, Maria Luísa Malato – **Aux Marches du Palais: L’Emblème d’une Académie portugaise du XVIIe siècle**, in Nowhere Somewhere: Writing, Space and the Construction of Utopia, Porto, Editora da Universidade do Porto, 2006. pp. 87 a 108.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://hdl.handle.net/10216/26518>

CARVALHO, José Adriano de Freitas - **La formación del Parnaso portugués en el siglo XVII. Elogio, crítica e imitación**, in Bulletin hispanique [En ligne], 109-2 | 2007, document 8, mis en ligne le 01 décembre 2011.

(último acesso em 13 de novembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://bulletinhispanique.revues.org/274>

DE CRAIM, Alexandre - «Compte rendu de Viala (Alain), **La France galante. Essai historique sur une catégorie culturelle, de ses origines jusqu’à la révolution**, Paris, PUF, coll. «Les Littéraires », 2008, 541 p., *CONTEXTES* [En ligne], Notes de lecture, mis en ligne le 13 août 2009.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://contextes.revues.org/4355>

WAQUET, Françoise - **Accademie e cultura. Aspetti storici tra Sei e Settecento**, *Journal des savants*, 1979, vol. 4, nº 1. pp. 305-307.

(último acesso em 30 de dezembro de 2011)

Disponível na Internet:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jds_00218103_1979_num_4_1_1397_t1_0305_0000_1

4- Outros

Auto do Levantamento e Juramento d' El-Rei Dom João IV.

(último acesso em 5 de maio de 2012)

Disponível na Internet:

http://www.angelfire.com/pq/unica/monumenta_1640_auto_do_levantamento_e_juramento.htm

BLUTEAU, Rafael – **Vocabulário Portuguez e Latino**, Coimbra, no collegio real das artes da Companhia de Jesus, 1718.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet: <http://purl.pt/13969>

CASTRO- João Bautista de – **Mappa de Portugal antigo et moderno**, Tomo I, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763

(último acesso em 15 de novembro de 2012)

Disponível na Internet:

<http://books.google.pt/books?id=w6Ny0SyOIcoC&pg=PA119&lpg=PA119&dq=rio+odigebe&source=bl&ots=g2Uw-FIccX&sig=ysPpGc6vGbHoHg3Enb7GUSJ4v4A&hl=pt>

FERREIRA, António – **Poemas Lusitanos**, Lisboa, por Pedro Craesbeek, 1598.

(último acesso em 23 de novembro de 2012)

Disponível na Internet: http://purl.pt/12117/3/res-200-v_PDF/res-200-v_PDF_01-B-R0300/res-200-v_0000_capa-cap_a_t01-B-R0300.pdf

MACHADO, Diogo Barbosa - **Bibliotheca Lusitana, historica, critica, e cronologica**, tomos I, III, Lisboa, na Officina de Ignacio Rodrigues, 1752.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet:

https://bdigital.sib.uc.pt/bduc/Biblioteca_Digital_UCFL/digicult/UCFL-CF-E-9-1_4/UCFL-CF-E-9-1_4_item1/UCFL-CF-E-9-3/UCFL-CF-E-9-3_item1/P583.html

Relação de tudo o que se passou na Felix aclamação do Mui Alto, e mui Poderoso Rey DOM JOÃO O IV. nosso Senhor, cuja Monarquia prospere Deos por largos Annos, EM LISBOA a custa de Lourenço Anueres e na sua Officina, 1641

(último acesso em 5 de maio de 2012)

Disponível na Internet: <http://archive.org/stream/relaadetudoo00azev#page/n1/mode/2up>

SILVESTRE, João Paulo - **Argumentação no prólogo do Vocabulario Portuguez, e Latino: a defesa da obra e da língua portuguesa**, in Luís Machado de Abreu e António Ribeiro Miranda, *O Discurso em Análise – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001.

(último acesso em 10 de dezembro de 2012)

Disponível na Internet:

http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/argumentacao_prologo_vocabulario.pdf

ZÚQUETE, Afonso - **Tratado de Todos os Vice-Reis e Governadores da Índia**, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1962.

(último acesso em 4 de maio de 2012)

Disponível na Internet:

<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=915>

BIBLIOGRAFIA GERAL

Academias Seiscentistas, in *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Direcção de Albino Forjaz de Sampaio, Aillaud e Bertrand, Paris / Lisboa, 1929, 3 vol.

ALCIATI, Andres – **Emblematum Liber**, 1ª ed., Augsburg, Heinrich Steyner, 1531.

ALMEIDA, Carlos Marques de - **O elogio do intelectual: a figura do "Sabio Christão" nas prosas portuguesas de D. Rafael Bluteau**, Tese mistr. Literatura e Cultura Portuguesas [Texto policopiado], Lisboa, Univ. Nova de Lisboa, 1996.

ALONSO, Dámaso – **Poesia española: ensayo de métodos y limites estilísticos: Garcilaso, Fray Luis de León, San Juan de la Cruz, Góngora, Lope de Vega, Quevedo**, Madrid, Gredos, 1987.

Archivo Pittoresco, Volume IV, Semanário Ilustrado, Editores Proprietarios, Castro e Irmão & Cª, 1861.

BEBIANO, Rui – **A pena de Marte, escrita de guerra em Portugal e na Europa (séculos XVI a XVIII)** Coimbra, Minerva, 2000.

BLUTEAU, Rafael – **Vocabulário Portuguez e Latino**, Coimbra, no collegio real das artes da Companhia de Jesus, 1718.

BORRÕES, Gualdino - **Inventário da biblioteca de D. Manuel II: manuscritos século XII a 1917: impressos século XV a 1834**. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1982.

BOUZA ÁLVARES, Fernando – **Cultura Escrita e História do Livro. A Circulação Manuscrita nos Sécs. XVI e XVII**, Leituras, in *Revista da Biblioteca Nacional*, nº9/10, 2001/2002.

BOUZA ÁLVARES, Fernando Jesús/ HESPANHA, António Manuel – **Portugal no tempo dos Filipes: política, cultura, representações 1580-1668**, Lisboa, Cosmos, 2000.

BRAGA, Teófilo – **Arcádia Lusitana**, Porto, Livraria Chardron, 1899.

BRAGA, Teófilo - **História da Literatura Portuguesa III, Os Seiscentistas**, Porto, Livraria Chardron, 1916.

BRAGA, Theophilo – **Os Seiscentistas**, Porto, Lello & Irmão, 1916.

BRAGA, Theophilo – **Os Árcades, Recapitulação da História da Literatura Portuguesa, Porto**, Livraria Chardron, 1918.

BURCKHARDT, Jakob von – **Der Cicerone**, Leipzig, Alfred Kroner, 1950.

CARVALHO, José Adriano de Freitas – **Poesia de circunstância e circunstâncias sociais**, in MELO – Francisco Manuel de – **Obras Métricas**, vol.1 e 2, Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho, Braga, Edições APPACDM, 2006, pp. LI, LXIV.

CARVALHO, José Adriano de Freitas, compilação, leitura e edição, – **Pais e Nobres I Cartas de Instrução para a Educação de Jovens Nobres, Porto**, Centro Inter-Universitário da História da Espiritualidade, 2009.

CASTELO BRANCO, Fernando - **A Academia Nacional de Belas-Artes e o movimento académico em Portugal**, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1984.

CASTELO BRANCO, Fernando – **Lisboa Seiscentista**, Lisboa, Câmara Municipal, 1956.

CASTELO BRANCO, Fernando – **Lisboa Vista pelos Estrangeiros: até aos fins do séc. XVII**, 2ª Ed. Rev. e aumentada, Lisboa, Câmara Municipal, 1957.

CASTIGLIONE, Baldassare – **El cortesano**, Madrid, Catedra Letras Universales, 2003.

CIDADE, Hernâni - **A poesia lírica cultista e conceptista**, (colecção de poesias do século XVII, principalmente de "Fénix Renascida" / pref. e notas Hernâni Cidade, 2a ed. rev. e ampl, Lisboa : [s.n.], 1958.

CLUNY, Isabel – **D. Luís da Cunha e a ideia de diplomacia em Portugal**, Livros Horizonte, 1999.

COELHO, José Ramos – **O Primeiro Marquês de Nisa, Notícias**, Lisboa, Typ. Calçada de Cabra, 1903.

COSTA, Avelino de Jesus – **Centenários Natalícios dos Arcebispos de Braga D. Frei Baltasar Limpo e D. Rodrigo da Cunha**, Sep. Bracara Augusta, 33 Braga, Of. Gráf. da Livr. Cruz, 1979.

COSTA, Leonor Freire/ CUNHA, Mafalda Soares da – **D. João IV**, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2006.

COSTA, Luís Xavier da - **Quadro histórico das instituições académicas portuguesas**, Lisboa, Imp. Nac., 1932.

CRUZ, Maria Isabel S. Ferreira da - **Novos subsídios para uma edição crítica da lírica de Camões: Os Cancioneiros Manuscritos Inéditos das Bibliotecas da Academia de História de Madrid e do Escorial**. Porto, Ed. do A., 1970.

CUNHA, Luis da/ SILVA, Abílio Dinis da, introd., estudo e ed. crítica - **Instruções políticas / D. Luís da Cunha**, Lisboa, 1ª ed, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

CUNHA, Mafalda Ferin – **Obras Poéticas de António Barbosa Bacelar**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

DICIONÁRIO DE LITERATURA, Dir. de Jacinto do Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, 1960,69,71,73.

FARDILHA, Luís de Sá - **A Nobreza das Letras: Os Sá de Meneses e o Renascimento Português**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2008.

FERREIRA, Francisco Leitão – **Nova Arte dos Conceitos**, Lisboa, Antonio Pedrozo Galram, 1721.

FERREIRA, João Palma - **Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.

FERREIRA, Maria Natália de Frias de Almeida - **Certames poéticos académicos realizados em Lisboa nos séculos XVII e XVIII** [Texto policopiado] Tese maestr. Literatura e Cultura Portuguesas, Univ. Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1992.

FIGUEIREDO, Diogo Gomes de - **Genealogias portuguesas** [Manuscrito] : Cadaval, Casa de,ant. possuidor ANT.POSSUIDOR(ES): Palácio do Correio-Velho, ant. possuidor, 1682-1683.

FIGUEIREDO, Fidelino - **Lope de Vega: alguns elementos portugueses na sua obra**, Santiago: Universidade, Instituto de Estudios Portugueses, 1936.

FIGUEIREDO, Fidelino, - **História da Literatura Clássica**, 2ª época, 1588- 1756, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1922.

FONSECA, Martinho Augusto - **Subsidios para um diccionario de pseudonyms iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes : contribuição para o estudo**

da litteratura portugueza, prólogo de Theophilo Braga, Lisboa, por ordem e na Typografia da Academia Real das Sciencias, 1896.

GAYO, Felgueiras – **Nobiliário das Famílias de Portugal**, Braga, Agostinho de Azevedo Meirelles:Domingos de Araújo Affonso, 1938-1941.

GENETTE, Gerard - **Palimpsestes la littérature au second degré**, Paris : Editions du Seuil, D.L.1992.

GLASER, Edward - **El lusitanismo de Lope de Vega: Portugal y los portugueses como tema literário**, Sep. del Boletín de la Real Academia Española, 34, Madrid, Impr. S. Aguirre Torre, 1955.

GRASIÁN, Baltasar – **Agudeza y Arte de ingenio**, edición de Evaristo Correa Calderón, Madrid, Castalia (col. «Clásicos Castalia»), 1969.

GRACIÁN, Baltasar - **El discreto**, edición, introducción y notas de Aurora Egido, Madrid, Alianza Editorial, 1997.

HATHERLY, Ana – **A casa das Musas: uma releitura crítica da tradição**, Lisboa, Estampa, 1995.

HESPANHA, António Manuel – **As vésperas do Leviathan, Instituições e Poder Político, Portugal, séc. XVII**, Coimbra, Almedina, 1994.

HUTCHEON, Linda - **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**; trad. de Teresa Louro Pérez, Lisboa, Edições 70, 1989.

LÁZARO CARRETER, Fernando – **Estilo barroco y personalida creadora: Góngora, Quevedo, Lope de Vega**, Madrid, Catedra, D.L. 1984.

MACHADO, Diogo Barbosa – **Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica**, tomo. 1 e 3, Lisboa, Na Officina de António Isidoro da Fonseca, 1741.

MARAVALL, José António - **La Cultura del Barroco**, Barcelona, Ariel Letras, 2008.

MARENCO, Franco - **Arcadia puritana : l'uso della tradizione nella prima Arcadia di Sir Philip Sidney**, Adriatica Editrice, 1968.

MARTINS, Oliveira – **D. Afonso VI**, Lisboa, Guimarães Editores, 1989.

MATIAS, Elze Maria Henny - **As Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII**, Lisboa, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 1988.

MELO – Francisco Manuel de – **Obras Métricas**, vol.1 e 2, Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho, Braga, Edições APPACDM, 2006.

MELO, Francisco Manuel de – **Cartas Familiares**, Ed. de Maria da Conceição Moraes Sarmento, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

MELO, Francisco Manuel de – **Le dialogue "Hospital das letras" de D. Francisco Manuel de Melo** / texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes [par] Jean Colomés, Paris, Centro Cultural Português, 1970.

MONTEIRO, Ofélia - **No alvorecer do Iluminismo em Portugal...**, Coimbra, Coimbra Editora, 1963.

OLIVEIRA, António de – **Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino**, Lisboa, Difel, 1991.

OLIVEIRA, Eduardo Freire - **Elementos para a História do Município de Lisboa**, Vol. 1 – XVII, Lisboa, Tipografia Universal, 1904-1911.

PEREIRA, José Fernandes – **O Barroco do séc. XVII: Tradição e Mudança**, in **História da Arte Portuguesa: Do Barroco à Contemporaneidade**, Vol. III, Lisboa, Círculo dos Leitores.

PINTO, Albano da Silveira - **Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal**, Lisboa, Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva, 1991.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves - **A Crítica Camoniana do século XVII**, 1ª edição – Lisboa, Biblioteca Breve, Ministério da Educação e das Universidades, 1982.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves – **Poetas do Período Barroco**, apresentação crítica, antologia e sugestões para análise literária, 2ª ed., Lisboa, Duarte Reis, 2003.

POU- Pablo Jauralde, Edición de - **Antologia de la poesia española del Siglo de Oro**, Madrid, Austral, 2010.

PRESTAGE, Edgar – **As Relações Diplomáticas de Portugal com a França, a Inglaterra e a Holanda, de 1640 a 1668**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.

PRESTAGE, Edgar – **D. Francisco Manuel de Melo**, trad. de António Álvaro Dória, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

PRESTAGE, Edgar- **D. Francisco Manuel de Mello, esboço biográfico**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914.

QUENTAL, Antero de - **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares**, 5ª ed. Lisboa, Ulmeiro, 1987.

RAMOS, Luís A. de Oliveira – **Questões e comentários sobre D. Rodrigo da Cunha**, Separata de: BRACARA AUGUSTA, Vol. 30, fasc. 69(81) Braga, 1976.

RIBEIRO, João Pedro – **Memórias Authenticas para a História do Real Archivo**, por José Feliciano de Castilho, 1843.

RIBEIRO, José Silvestre - **Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia**, Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias 1871-1893.

RIPA Cesare – **Iconologia**, Roma, Per gli Heredi di Glio Gliotti, 1593.

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando - **Emblemas. Lecturas de la imagen simbólica**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando - **Política y fiesta en el Barroco, 1652: descripción, oración y relación de fiestas en Salamanca con motivo de la conquista de Barcelona**, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1994.

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando – **Teatro de la memoria: siete ensayos sobre mnemotecnia española de los siglos XVII y XVIII**, Salamanca, Consejería de Educación y Cultura - Junta de Castilla y León, 1996.

SÁ, Victor de - **Notícia de manuscritos Setecentistas no Arquivo da Biblioteca Pública de Braga**. Braga, Bracara Augusta, 1974.

SÁNCHEZ, José – **Academias literárias del Siglo de Oro español**, Madrid, Editorial Gredos, 1961.

SANTOS, Zulmira – **O conceito de poesia de D. Francisco Manuel de Melo** - in **Obras Métricas de D. Francisco Manuel de Melo**, vol. 1 in MELO – Francisco Manuel de – **Obras Métricas**, vol.1 e 2, Edição coordenada por Maria Lucília Gonçalves Pires e José Adriano de Carvalho, Braga, Edições APPACDM, 2006, pp. XXIX –XXXVI.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – **A historiografia Portuguesa, Doutrina e Crítica**, Lisboa, Ed. Verbo, 1974.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – **O Tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil: 1580-1668: estudos históricos**, Lisboa, Colibri, 1994.

SILVA, Inocêncio Francisco da - **Diccionario bibliographico portuguez: estudos...applicaveis a Portugal e ao Brasil**. Lisboa, Imprensa Nacional, rep. 1972.

SILVA, José Maria da Costa - **Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes**, Volume 9-10, Lisboa, Imprensa Silviana, 1855.

SILVA, Vitor Manuel Aguiar e - **Camões, Labirintos e Fascínios**, Lisboa, Edições Cotovia, 1999.

SILVA, Vitor Manuel Aguiar e – **Teoria da Literatura**, 8ª ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1991.

SOARES, Eduardo de Campos - **Bibliografia Nobiliarquica Portuguesa**, Braga, E.C.C.A. Soares, Typ. De Augusto Costa & Mattos, 1916.

SOUSA, António Caetano de - **História Genealógica da Casa Real Portuguesa**, Nova ed. Revista por M. Lopes de Almeida, César Pegado, Coimbra, Atlântida, 1946.

SOUSA, Manuel de Faria e - tradução de Maria Vitória Garcia Santos Ferreira - **Ásia Portuguesa**, , vol. VI, 4º Parte, cap. VI-VII, Porto, Livraria Civilização, 1947.

TESAURO, Emanuele – **Cannocchiale Aristotelico o sia idea della arguta et ingeniosa elocutione che serve à tutta l'arte oratória, lapidaria et simbólica esaminata co pricipii del divino Aristotele**, Torino, per Bartolomeo Zavatta, 1670.

VALLADARES, Rafael – **Sobre Reis de Invierno, El Diciembre português y los quarenta fidalgos** (o algunos mas ou algunos menos), nº 15, 1995.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de - **Dom Francisco Manuel de Melo : notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra**. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915.

VEGA, Lope de – **La Dorotea**, Madrid, Espasa- Calpe, 1960.

VEGA, Lope de – **Laurel de Apolo, com outras rimas**, Madrid, por Juan González, 1630.

VERNEY, Luís António – **Verdadeiro Método de Estudar**, Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Editorial Presença, 1991.

VIALA Alain - **Les Modèles Académiques, in La France et l'Italie au temps de Mazarin**, Presses universitaires de Grenoble, Actes du 15 e Colloque du C.M.R.17 Grenoble, 25-27 janvier 1985.

WÖLFFLIN, Heinrich – **Renaissance et Baroque**, Paris, Le Livre de Poche, 1967.

XAVIER, Ângela Barreto/ CARDIM, Pedro/ ÁLVARES, Fernando Bouza – **Festas que se fizeram pelo casamento do Rei D. Afonso VI**, Lisboa, Quetzal, 1996.